Memória da imprensa contemporânea da Bahia

Obras de Sérgio Mattos na área de Comunicação

The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil (Tese de Mestrado), 1980.

The Development of Communication Policies Under de Peruvian Government, 1981.

Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A case Study of Brazil (Tese de Doutorado), 1982.

The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television, 1982.

IRDEB – Relatório das atividades de 1983/1984.

Comunicação, Desenvolvimento e Segurança Nacional, 1988.

Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história, 1990.

Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico, 1991.

A Tarde Municípios: uma experiência jornalística voltada para o municipalismo, 1993.

Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo: produção científica, literária e artística, 1994.

O Controle dos Meios de Comunicação, 1996.

A televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha, 1977(org.).

A televisão e as políticas regionais de comunicação, 1977 (org).

Televisão na era da globalização, 1999 (org.).

A televisão no Brasil: 50 anos de história, 2000.

Imparcialidade é Mito, 2001.

História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política, 2002.

Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo, 2005.

Comunicação Plural, 2007 (org.).

Sérgio Mattos (org.)

Memória da imprensa contemporânea da Bahia

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Salvador, 2008

© Sérgio Mattos (organizador), 2008

Direitos para esta edição cedidos ao
INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA
Av. Sete de Setembro, 94A, Piedade
40.060-001 Salvador, Bahia, Brasil
55 71 3329-4463
ighb@ighb.org.br

Consuelo Pondé de Sena
Presidente do IGHB

A publicação deste livro foi patrocinada pelo
SERVIÇO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DA BAHIA - SEBRAE-BA

Edvaldo Passos
Superintendente do Sebrae-Ba

Projeto gráfico e edição *Luis Guilherme Pontes Tavares*
Preparação de texto *Matilde Schnitman*
Ilustração da capa *Ruy Carvalho*
Normatização *Maria Augusta Cardoso*

Outras obras da Coleção Cipriano Barata

Apontamentos para a história da Imprensa na Bahia, 2005; 2. ed., 2008
A primeira gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brazil, 2005
Nome para compor em caixa alta: Arthur Arezio da Fonseca, 2005
Anais da Imprensa da Bahia, 2007

M 533 Memória da imprensa contemporânea da Bahia/ organizador: Sérgio Mattos; prefácio: Consuelo Pondé de Sena. – Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2008.
262 p.

23 entrevistas de jornalistas da Bahia

ISBN 978-85-87780-07-2
1. Imprensa – /Bahia. 2. Jornalismo – História – Bahia. 3. Jornalistas – Entrevistas. I. Título.
CDU 655.11 (813.8)

PREFÁCIO

*Consuelo Pondé de Sena**

Ao aceitar como verdadeiro o conceito de Gorki: "O escritor é o olho, o ouvido e a voz de sua classe", então Sérgio Mattos, jornalista e escritor, é um destacado representante dos profissionais da imprensa em nosso meio.

Com imenso tirocínio exercitado nas páginas dos periódicos, na longa militância como professor dos cursos de Jornalismo da Bahia, é ainda um dos mais produtivos escritores da terra que adotou como se nela houvesse nascido.

Este amor pela profissão levou-o a escrever vários livros de comunicação tendo, por conta dessa apreciada e apreciável produção, adquirido projeção e reconhecimento nacionais.

Para mim, que tive o privilégio de tê-lo como discípulo no curso de Jornalismo da UFBA, nos curtos anos em que ali militei, constitui-se numa elevada honra prefaciar esta *Memória da imprensa contemporânea da Bahia*.

Isto porque a história local se ressente da inexplicável ausência de livros que recontem as trajetórias de vida dos jornalistas da Boa Terra.

Inúmeros deles, cessadas as suas atividades ou vencidos pela morte, foram totalmente esquecidos, apesar da grande popularidade de que desfrutaram nos vários instantes de atuação em nosso Estado.

Nas páginas dos jornais do passado dormem, até hoje, textos de imensa valia, de um Belarmino Barreto, de Silva Campos, de Mário Piva, e por último, de Hildegardes Viana, à espera de uma "operação salvamento" que preserve seus escritos do esquecimento e propicie sua leitura pelas atuais e futuras gerações.

Desse modo, este trabalho representa um marco na história da imprensa da

---

* Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Texto escrito em novembro de 2007.

Bahia, razão pela qual está a exigir continuidade. É que o trabalho tem por objetivo recuperar, por meio de depoimentos pessoais, a ação de 22 profissionais da imprensa, a partir da segunda metade do século XX. Pessoas que militaram, ou ainda se mantêm em atividade, em nossa sociedade que, dessa maneira, ficam perenizadas pelo registro de suas ações. São, por ordem alfabética, os seguintes comunicadores: Agostinho Muniz, Álvaro Henrique, Antonio Carlos Magalhães, Carlos Navarro, Emiliano José, Fernando Rocha, Fernando Vita Souza, Florisvaldo Mattos, Germano Machado, Ivan Pedro, João Falcão, José Olímpio da Rocha, José Valverde, Manoel Ferreira Canário, Nelson Varón Cadena, Pancho Gomes, Paolo Marconi, Perfilino Neto, Raimundo Varella, Reynivaldo Brito, Samuel Celestino, Sérgio Mattos, Tasso Franco.

Ademais disso, Sérgio Mattos fez uso de um instrumento da sua profissão, valendo-se da entrevista, em sua opinião abalizada, "a essência do Jornalismo". Ao utilizar-se dessa técnica transformou o cidadão-jornalista em objeto da sua própria pesquisa, para cujo fim contou com a colaboração de vários estudantes, sob a sua coordenação e supervisão.

Identificados alguns nomes, puderam os estudantes escolher aquele da sua preferência pessoal, tendo o professor avaliado o desempenho de cada discípulo, durante todo o trabalho, conforme está escrito na apresentação do livro. Isso sem falar no exercício prático, convertido em experiência.

No meio de tanta obra destituída de interesse para o conhecimento de alguns dos "atores" principais dos meios da Bahia, o presente trabalho é uma revelação de biografias pouco conhecidas e de propósitos pessoais ignorados.

Talvez se possa dizer, para concluir, que enquanto não se estabelecer, como norma, a pesquisa nos jornais, nas classes de Jornalismo das diversas faculdades do território baiano, não se aferirá o trabalho executado por esses militantes da imprensa em nosso meio.

Este trabalho representa o começo de um inventário sistemático, que deverá ter seguimento, a fim de que se preserve a história contemporânea da imprensa baiana, relatada por cada jornalista, conforme escreve Sérgio Mattos. Este livro tem, pois, o condão de incitar o interesse por tarefa tão importante quanto meritória.

SUMÁRIO

Apresentação
A imprensa baiana em 23 flagrantes
Sérgio Mattos **11**

Agostinho Muniz
"Todo jornal tem e sempre teve função política"
Patrícia Martins e *Marluce Guimarães* **15**

Álvaro Henrique
"Jornalista não pode se omitir"
Cínthya Brandão e *Marina Matos* **36**

Antônio Carlos Magalhães
"Se não fosse o Jornalismo, eu não seria político.
Então eu devo ao Jornalismo o gosto pela política"
Cínthya Brandão **43**

Carlos Navarro
"Eu aprendi a fazer Jornalismo brigando"
Leila Isandra e *Marcel Lima* **51**

Emiliano José
"O Jornalismo é uma coisa tão perigosa e tão potencialmente revolucionária que ele foi cercado historicamente por muitos constrangimentos"
Patrícia Maia e Mônica França **66**

Fernando Rocha
"O Jornal da Bahia revolucionou a imprensa baiana".
Mércia Ribeiro e *Rita Rocha* **81**

Fernando Vita
"O *Jornal da Bahia* representou o grande salto da modernidade da imprensa local"
Andréa Mazza e *Wilma Nascimento* **89**

Florisvaldo Mattos
"Éramos heróis, hoje somos meros coadjuvantes".
Cínthya Brandão e *Marina Matos* **98**

Germano Machado
"O jornalista precisa ser livre e precisa ganhar bem"
Cínthya Brandão e *Marina Matos* **119**

Ivan Pedro
"A televisão, muitas vezes, recorre a uma determinada linha de programação para sobreviver, senão não tem audiência"
Eva Campos e *Lívia Cabral* **128**

João Falcão
"O *Jornal da Bahia* desde sua fundação seguiu uma linha editorial independente, sem donos e sem partidos"
Daniel Chalegre **138**

José Olimpio da Rocha
"Jornalista que não lê, acaba desaprendendo"
Cinthya Brandão e *Marina Matos* **145**

José Valverde
"Imaginei largar o Jornalismo, mas não me adaptei a ficar preso numa cadeira mexendo com estatísticas"
Vanessa de Assis e *Maíra Fixina do Carmo* **150**

Manoel Ferreira Canário
"Eu conseguia me antecipar à proibição da Polícia Federal, divulgava o fato antes que fosse proibido"
Cinthya Brandão e *Marina Matos* **162**

Nelson Varón Cadena
"A comunicação está melhor em todos os sentidos"
Denise Correia, Muriel Teixeira e *Renata Hirsch* **169**

Pancho Gomes
"As notícias que não interessam a um grupo econômico ou que afete os interesses de um jornal, jamais serão publicadas"
Juliana Wândega e *Maria Luiza de Araújo Souza* **177**

Paolo Marconi
"O jornal existe em função do leitor".
Denise Correia e Renata Hirsch **184**

Perfelino Neto
"A censura nos meios de comunicação nunca deixou e nem vai deixar de existir".
Vanessa de Assis e *Maíra Fixina do Carmo* **194**

Raimundo Varela
"Eu acho que a notícia tem que ser verdadeira, esclarecida e explicada, não se pode vetar a informação".
Mércia Ribeiro e *Rita Rocha* **204**

Reynivaldo Brito
"O papel do Jornalismo impresso é publicar texto. Textos consistentes"
José Otávio M. Badaró Santos **213**

Samuel Celestino
"O Jornalismo é uma porta para a política"
Fernanda Carla Chagas da Silva e *Valeria Ibalo Gomes* **226**

Sérgio Mattos
"O profissional do Jornalismo deve ter a ética como guia e a verdade como objetivo".
Eva Campos e *Lívia Cabral* **234**

Tasso Franco
"A Internet é um complemento extraordinário para a profissão"
Andréa Mazza e Wilma Nascimento **254**

Apresentação

A IMPRENSA BAIANA EM 23 FLAGRANTES

*Sérgio Mattos**

A questão do resgate histórico da imprensa e da preservação da memória dos jornalistas perpassa diversos setores da sociedade, trazendo ao debate seu papel na contemporaneidade. Infelizmente, na Bahia em particular, como no Brasil em geral, até os registros históricos oficiais muitas vezes se perdem. Muitos fatos históricos foram, e em muitos casos continuam a ser, apagados da memória nacional, por ter os seus registros destruídos e fragmentados de tal forma que não se consegue mais reconstruí-los plenamente.

Este trabalho visa o registro da memória da imprensa contemporânea da Bahia, referente à segunda metade do século XX, a partir de depoimentos dos profissionais que trabalharam ou que ainda trabalham na imprensa diária. O que se pretende é estimular a preservação da memória da imprensa da Bahia, subsidiar a pesquisa e a reflexão sobre a trajetória da imprensa regional, dos veículos e de sua inserção no contexto histórico nacional. Ao resgatar a dimensão histórica da ação de cada jornalista, o trabalho destaca a importância do conhecimento histórico como recurso estratégico, pois conhecer a história e refletir sobre ela é um passo importante para a elaboração de um projeto sólido que possa contribuir para a transformação social.

Para obter as informações, utilizamos a entrevista, essência do Jornalismo e ferramenta de pesquisa jornalística, para fazer do cidadão-jornalista fonte fundamental para o entendimento da história da imprensa baiana.

As entrevistas aqui reunidas foram realizadas pelos alunos da disciplina Técnica de Entrevista e Reportagem, que ministrei no Curso de Jornalismo

---

* Organizador deste livro. Doutor em Comunicação pela Universidade do Texas/Austin.

das Faculdades Integradas Ipitanga/Unibahia, no período de 2002 a 2004, envolvendo um total de 25 alunos. Os depoimentos coletados, e aqui reunidos, fazem parte da história da imprensa não só sob seu aspecto cultural como também por sua função social. Dois dos entrevistados neste volume já não estão entre nós, José Olimpio da Rocha e Antonio Carlos Magalhães.

O primeiro passo para execução do Projeto Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia foi, juntamente com os alunos, identificar os nomes de jornalistas representativos de nossa cidade, quer estivessem ou não ainda em atuação, que pudessem dar entrevistas. Vale destacar que nem todos os profissionais relacionados foram entrevistados e que nem todos os entrevistados encontram-se neste primeiro volume.

O ato de entrevistar é um exercício praticado diariamente pelo jornalista profissional e exige muito trabalho, dedicação, intuição, delicadeza e perfeito conhecimento do assunto, do entrevistado, de sua vida e de sua obra. Para tanto, os estudantes, além pesquisarem sobre o entrevistado escolhido livremente a partir da relação dos nomes identificados, ouviam do professor em sala de aula informações sobre os entrevistados escolhidos, informações baseadas na memória e na vivência do professor.

Os alunos foram divididos em grupos de dois ou três membros para elaborar as perguntas, marcar as entrevistas e colher os depoimentos. Para que houvesse coerência na coleta das informações, as perguntas básicas foram elaboradas em sala de aula, preservando-se o interesse e a curiosidade de cada aluno. A partir daí – escolher e localizar o possível entrevistado, entrar em contato, marcar a data e realizar a entrevista – a tarefa foi realizada pelos alunos de forma individual ou coletiva. Observe-se que todo o material produzido foi submetido ao professor para avaliação do desempenho prático do aluno na disciplina.

Optamos por apresentar as entrevistas no formato de pergunta e resposta, para preservar a opinião de cada um e a autenticidade do relato. As perguntas previamente elaboradas pelos alunos/entrevistadores concentraram-se em torno dos mesmos elementos a fim de que pudéssemos no final obter um resultado comum e referente a uma mesma época. Naturalmente que a depender de cada entrevistador e ao sabor do conhecimento, humor, inibição e interesse de cada entrevistado, as entrevistas variam de tamanho e profundidade. Todas as entrevistas fluíram naturalmente, o que buscou-se manter na transcrição, e todos os entrevistados reconheceram a importância do projeto. Alguns até se emocionaram com a lembrança de seus nomes como pessoas que ajudaram a construir os veículos nos quais trabalharam e a escrever a história da imprensa baiana.

Como o depoimento de cada profissional é individual, pode-se posteriormente cruzar as informações e ter uma idéia mais completa sobre a época ou veículo a partir da junção das mais variadas informações e depoimentos dados. O depoimento de cada jornalista revela ainda a vida da cidade na época, além de dar uma visão mais completa de como eram as relações entre os jornalistas, entre os veículos e como foi a vivência e a experiência de cada um deles naquele período da nossa história.

Registrar a memória dos jornalistas baianos, através do pensamento e da participação de cada um no processo da construção da realidade, subsidiará, com toda certeza, pesquisas e reflexões sobre a trajetória e inserção dos jornalistas e dos veículos no contexto histórico mais amplo do desenvolvimento da Bahia e do Brasil. Sabemos ser quase impossível, devido à fragmentação, reconstruir plenamente um período, mas estas entrevistas, quando lidas em conjunto, se completam e aos poucos nos permitem recuperar parte de nossa história. Incluir estudantes na realização do Projeto Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia é uma iniciativa inédita entre as escolas de Comunicação e também uma forma de motivar a formação de jovens pesquisadores.

Com a publicação deste primeiro livro, inicia-se a construção de um inventário da história contemporânea da imprensa da Bahia, contada a partir do depoimento de jornalistas. É uma contribuição singular para a memória da imprensa da Bahia que, no ano de 2011, estará completando 200 anos de história contados a partir da fundação, por Manoel Antonio da Silva Serva, do jornal *Idade d'Ouro do Brazil*, cujo primeio número circulou em Salvador no dia 14 de maio de 1811. Ao mesmo tempo, o projeto enriquece a participação da Bahia na recuperação da memória histórica da imprensa brasileira que completa o segundo centenário agora em 2008.

Agostinho Muniz

"Todo jornal tem e sempre teve função política"

Entrevista concedida a Patrícia Martins e Marluce Guimarães no segundo semestre de 2003.

Agostinho Muniz diplomou-se em Direito e em Jornalismo no ano de 1967 pela Universidade Federal da Bahia. Atua na imprensa baiana desde 1968 e envolveu-se com o sindicalismo. Foi diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Bahia, da Federação Nacional dos Jornalistas e da Associação Bahiana de Imprensa. Quando à frente de funções nestas três entidades, fez um levantamento sobre a violência contra o Jornalismo (indivíduos e empresas) e, com sua movimentação, conseguiu constituir a Comissão Interinstitucional de Defesa da Liberdade de Imprensa com ajuda da ABI e dos sindicatos da área. Nesta entrevista ele aborda sua experiência profissional, faz denúncias e levanta questões polêmicas. Fala de jornais, de jornalistas, do Jornalismo boêmio, do Jornalismo investigativo, da atuação das entidades de classe, além de desenvolver conceitos sobre como ele pensa que deve ser a formação e a atuação do jornalista, sobre o estágio dos estudantes de Jornalismo. Para ele, "não se pode falar em estágio como uma concepção de produção profissional". Também tece críticas às escolas de comunicação e reconhece que "Jorge Calmon foi um dos maiores defensores do curso de Jornalismo".

Como o senhor começou no Jornalismo?

Agostinho Muniz – Comecei em 1968, logo depois que me formei bacharel em Jornalismo. A nossa turma foi a segunda do curso regular de Jornalismo da UFBA. O curso tinha funcionado antes, em 1951, com duas turmas de complementação de currículos para pessoas com graduação em outras áreas. Depois foi interrompido e só voltou a funcionar regularmente em 1962. Naquele tempo, tinha duração de três anos e funcionava na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas que oferecia treze cursos dentre os quais o de

Jornalismo. A minha turma foi a última a ter o currículo integralizado em três anos, ou seja, a Universidade entendeu que qualquer curso universitário deveria ser feito em quatro anos e assim, a partir de 1968, as turmas que ingressaram na UFBA tinham que cumprir um currículo de quatro anos. Eu também era formado em Direito e trabalhava em um escritório de advocacia na Rua Chile. Um dia, casualmente passando pelo jornal *A Tarde*, lá na Praça Castro Alves, fui falar com Fernando Rocha, meu professor no curso de Direito, e ele me perguntou: "por que você não vem trabalhar aqui um tempo?" Eu achei que seria uma boa experiência, pois estava bastante desencantado com a profissão de advogado. E assim fui trabalhar no jornal. Cheguei num dia, no outro ele [Fernando Rocha] falou com Jorge Calmon, que era o redator chefe, e eu comecei a trabalhar. Naquele tempo, o jornal *A Tarde* só tinha três bacharéis em Jornalismo na redação além do pessoal que tinha prática profissional, sem nenhuma formação específica na área. Uma grande parte era formada em Direito, outra parte em Medicina e Engenharia. Enfim, era uma variedade de princípios profissionais juntos, fazendo um Jornalismo prático e a experiência é que mostrava os caminhos. Os salários eram bem mais baixos do que deveriam ser. Os salários de hoje também são baixos, mas naquela época (risos) eram bem mais baixos. E os jornalistas não lutavam para melhorar o salário porque a prática desastrosa que havia naquela época é que o profissional começava a trabalhar no jornal, com jornada de 5 horas, e conseguia uma outra atividade fora do jornal. Terminava todo mundo com duas atividades: uma no jornal e uma outra fora, com um salário melhor, e quase sempre numa assessoria de imprensa. Era uma promiscuidade. Não havia nenhuma preocupação ética com o princípio que a gente defende hoje com unhas e dentes e cada vez com mais veemência: um jornalista não pode cobrir o órgão no qual presta assessoria. Isto é, quem faz Jornalismo político, por exemplo, quem trabalha na editoria política, não deve jamais dar assessoria a um político e isso era comum naquela época. Então, os baixos salários do jornal se justificavam dessa forma. Eu mesmo reagi logo que percebi isso, e reagi com veemência. Então, alguém da direção do jornal me conseguiu uma assessoria e quando eu recusei criticaram. Esta situação perdurou por muito tempo dentro da redação. Aí apareceu certo acirramento de relações entre o pessoal diplomado e pessoal não diplomado,

jornalistas experientes que já estavam no jornal há muito tempo. Eu também tinha uma visão crítica quando se dizia que ao sair da escola o bacharel em Jornalismo ia aprender Jornalismo, a fazer Jornalismo mesmo, dentro da redação de jornal. Aí um dia, tive oportunidade de dizer a doutor Jorge Calmon que algumas coisas na prática não tinham nada a ver. Disse duvidar que o bacharel em Jornalismo aprendesse Jornalismo na redação com o pessoal que tinha prática, pois eles tinham muitas deformações a serem corrigidas, caso contrário, o jornal iria praticar o antijornalismo. Doutor Jorge compreendeu e passou a dar mais atenção aos bacharéis de Jornalismo. Justiça seja feita: Jorge Calmon foi um dos maiores defensores do curso de Jornalismo. Ele, que foi professor desde o primeiro instante do curso, era um incentivador. E foi um dos responsáveis pela criação do curso de Jornalismo e pela implantação do curso na Universidade Federal da Bahia.

Qual foi a contribuição de sua turma para o Jornalismo?

Agostinho Muniz - A grande vantagem da nossa turma foi a de mostrar que um bacharel em Jornalismo naquela época tinha consciência profissional. Acho que isso foi muito importante inclusive para o Sindicato dos Jornalistas. Até então, quem começava a fazer Jornalismo, começava quase que por acaso, entrava em um jornal porque era amigo de alguém e quase sempre não tinha o Jornalismo como uma profissão principal e sim como uma possibilidade de se lançar em outra profissão. E tanto isto é verdade que um grande número de jornalistas deixava as redações dos jornais no momento em que se projetavam.

Segundo o professor Sérgio Mattos, o estágio em Jornalismo não é exigido por que as escolas devem ter laboratórios para o exercício prático. Qual a sua opinião?

Agostinho Muniz – O estágio para estudantes do curso de Jornalismo é uma coisa muito discutível. Aliás, essa coisa de parte prática na universidade é também uma contradição ainda a ser resolvida. Alguns cursos consideram como indispensável ter onde fazer a parte prática do curso. A faculdade de Medicina, por exemplo, não abre mão de ter um hospital funcionando dentro da universidade para os privilegiados dos cursos de Medicina fazerem a parte

prática. Ora, se cada curso da universidade for ter de criar uma área para a parte prática, a universidade seria um colosso e não atingiria seus objetivos. Eu sou a favor do estágio, embora, para o estudante de Jornalismo, isso seja muito discutível, por causa das situações que ocorreram, sobretudo, nos anos 1970 e 74, quando a lei admitiu a possibilidade de estágio e não regulamentou. Com isso surgiu uma distorção muito grande no mercado de trabalho. As empresas, além de já pagarem baixos salários, viram aí também a possibilidade de contratar estudantes de Jornalismo como estagiários para substituir os jornalistas profissionais. De fato, cresceu muito do número de estudantes-estagiários nas redações dos grandes jornais da época. O *Jornal da Bahia*, *Tribuna da Bahia, Diário de Notícias* se encheram de estagiários. No jornal *A Tarde*, nem tanto, porque Jorge Calmon preservava o curso e só contratava profissionais. Mas, no caso do *Jornal da Bahia*, por exemplo, a redação foi crescendo com estudantes-estagiários. Isso terminou causando um choque muito grande com os profissionais que, juntamente com o Sindicato, perceberam que o número de jornalistas profissionais contratados pelas empresas estava diminuindo, enquanto o número de estagiários estava aumentando. Aí, então, houve uma grande distorção: ao invés do estágio se caracterizar como estágio acadêmico, como atividade acadêmica com o acompanhamento e a avaliação de um professor e também o acompanhamento de um jornalista profissional em cada redação, as empresas não faziam isso, muito pelo contrário, passaram a cobrar produção do estagiário como se ele fosse um profissional. Não se pode falar em estágio como uma concepção de produção profissional. O estágio é um trabalho acadêmico. Eventualmente eu acho que não tem nada demais um jornal ou qualquer veículo de comunicação aproveitar e divulgar o trabalho do estudante, desde que tenha tido um jornalista profissional responsável pelo acompanhamento dele.

Alguns jornais permitem que o estagiário assine matéria mas, na maioria das vezes, não indicam se a assinatura é de um estagiário ou é de um profissional. O que tem a dizer sobre isso?

Agostinho Muniz – Para mim está havendo um descaminho em relação à presença dos estagiários, estudantes de Jornalismo, nas redações das empresas.

Até o jornal *A Tarde*, que sempre primou por não cometer nenhum erro legal, hoje, já tem vários estudantes como estagiários, indicando nas matérias publicadas. Esta situação é de grande responsabilidade para o Sindicato dos Jornalistas, porque o nosso Sindicato se caracterizou por defender o estágio acadêmico nos congressos nacionais, nos encontros da categoria. Nosso Sindicato tem uma marca muito forte, porque vários professores do Curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da UFBA, já passaram pela diretoria do Sindicato até como presidente, como é o caso da professora Heloísa Sampaio. A gente, que viveu na década de 70 aquele drama do estudante estagiário tomando o lugar dos jornalistas profissionais nas redações, vendo jornalistas sendo despedidos, porque ganhavam mais e estagiários sendo admitidos pois com o salário de um profissional se contratavam três ou quatro estagiários, então, nós não aceitamos, nunca aceitamos aquela situação. O estágio que nós defendemos é o estágio em que o estudante tem o acompanhamento do professor, tem a orientação da escola, e que não cria vínculo empregatício com a empresa. Um estágio assim não pode ultrapassar o limite da proporcionalidade que nós sempre afirmamos que o número de estagiários deve ser em torno de 10% do número de jornalistas empregados.

Mas, o estágio está liberado ou não?

Agostinho Muniz – O estágio ainda é proibido por lei, mas, de um modo geral, as entidades sindicais e a própria Federação Nacional dos Jornalistas estão discutindo a regulamentação do estágio acadêmico. Até agora, temos alguns princípios, como só se admitir 10% de estagiários em relação ao número total de profissionais trabalhando em cada empresa; o estágio limitado a um período definido; o estágio não pode ser renovado na mesma empresa, que deve renovar as turmas de estágio. O estágio deve ser remunerado como bolsa e não como salário. O estágio não pode, em momento algum, assumir características de relação de contrato de trabalho. O período da jornada diária do estágio dentro de uma empresa deve ser menor do que as 5 horas exigidas do profissional. A gente propõe que a jornada de trabalho de um estagiário seja de quatro horas. Essas coisas, entretanto, não estão sendo respeitadas e esta prática vai terminar causando choque, eu prevejo, entre profissionais e estagiários. E isto é ruim, porque a rivalidade pode criar um ambiente hostil

dentro das redações, além de prejudicar o trabalho dos dois.

Como o Sindicato contribui para a formação desses estudantes?
Agostinho Muniz – Olha, eu tenho uma posição pessoal: acho que o Sindicato é para tratar de questões trabalhistas, das questões dos jornalistas profissionais. Em princípio, o Sindicato não tem nenhuma finalidade e objetivo voltados para a questão da formação. A formação é com as escolas. Com os estudantes, acho, o Sindicato só pode se envolver nestas questões de formação de maneira indireta, junto às escolas, junto aos professores. Nós podemos, e devemos, é dar uma grande contribuição sobre a questão da prática do Jornalismo, sobre a necessidade de atualização dos currículos necessários, contribuir com a escola.

Durante o período em que trabalhou em *A Tarde* o senhor vivenciou alguma experiência com a censura?
Agostinho Muniz – Quando eu entrei, em 1968 e até 1975, a repressão contra a liberdade de imprensa era quase que absoluta. Eu conheci e ainda peguei um fenômeno que aconteceu depois de 1964 e que se estendeu por quase 10 anos: a presença de um censor na redação do jornal, exercendo a censura prévia. Era um representante da Polícia Federal que ficava dentro do jornal, para tomar conhecimento previamente do que o jornal ia publicar e impedir a publicação do que não convinha ou do que ele, censor, achava que não convinha ao sistema. Era uma coisa muito estranha: fatos que aconteciam na Bahia, naquela época, eram censurados em Salvador, mas os jornais do sul e as revistas, principalmente a revista *Veja*, publicavam. Isso aconteceu, principalmente, com o noticiário da morte de Lamarca e da mulher dele. Nós estamos participando de uma investigação para provar que ela foi exterminada, foi assassinato e não suicídio. Estes e outros fatos que agora eu não me lembro bem.

Mas o senhor teve alguma experiência pessoal com a censura?
Agostinho Muniz – No jornal *A Tarde* eu acumulava dois cargos: o de reescrevedor (hoje chamado de copidesque) no turno da manhã, e o de sub-editor de internacional à noite. Naquela época, a maior parte do jornal era

fechada no turno matutino, inclusive a primeira página. A reportagem local tinha as páginas internas que eram editadas durante a tarde e à noite eram editadas as páginas nacional e internacional. Trabalhei durante pouco tempo na função de sub-editor internacional e sabia que havia uma proibição expressa de não se divulgar nada sobre a ditadura militar no Brasil. Não se podia usar nem mesmo a expressão. Então, certa feita, quando eu estava editando o jornal à noite, recebi um telegrama de uma agência de notícias informando um golpe na Bolívia. O telegrama narrava o que tinha acontecido: os militares tinham tomado o poder. Até aí se podia falar de golpe e o noticiário foi nesse sentido, mas, no final da matéria, se referia ao fato de que a maioria dos países da América do Sul era dominada por ditaduras militares e apresentava uma lista, se eu não me engano, eram 13 países. Na relação dos países que estavam sob ditadura militar, não sei nem se falava realmente em ditadura, mas o Brasil vinha na relação e eu deixei. Achei que não havia nada demais, pois era notícia internacional. Não tinha porque o jornal *A Tarde* não publicar. No outro dia, casualmente, eu estava na redação à tarde, quando apareceu um agente da Polícia Federal perguntando quem era o responsável pela redação. Na hora, não tinha uma outra pessoa e ele me chamou para acompanhá-lo. Eu disse que não iria no carro dele e ele replicou "o senhor vai é no carro da polícia". Então, perguntei, "eu estou preso?" Aí ele disse: "é, está preso". Passei duas horas na Polícia Federal esperando, evidentemente, por Jorge Calmon que, logo em seguida, foi chamado. Ele responderia pelo jornal. Isto dá uma idéia de como eram as coisas da repressão naquele tempo.

Quais jornais, aqui na Bahia, resistiram a ditadura militar?
Agostinho Muniz – O jornal *A Tarde* não se caracterizou por essa resistência. Nunca pretendeu manter uma linha de independência, de não comprometimento e de luta contra a ditadura, contra a opressão. A coisa mais notável que o jornal *A Tarde* fez foi, num determinado momento, publicar uma nota, dizendo que a partir daquele instante deixava de publicar o noticiário político, já que não havia liberdade. Esta nota foi o que de mais avançado *A Tarde* fez. Agora, é claro que estou falando apenas na grande imprensa local. Se vocês quiserem realmente conhecer os jornais que exerceram a resistência,

vão ter que buscar os jornais alternativos locais que surgiram na época e que tiveram vida muito efêmera. Não chegaram a se firmar aqui na Bahia.

A atuação de alguns profissionais, no período da ditadura, interferiu de alguma forma na profissão?
Agostinho Muniz – A pior atuação era chamada de "dedo-duro". A partir de 1964, começou a aparecer, nas redações de jornais, este tipo de ação nefasta, com alguns jornalistas denunciando companheiros de redação.

Você participou ou esteve envolvido em movimentos contra a censura?
Agostinho Muniz – Eu tinha uma atuação partidária muito à distância. Desde que entrei na faculdade, tive uma aproximação com a Juventude Universitária Católica – JUC, que tinha um apêndice fora da igreja, a AP – Ação Popular. Era a esquerda chamada independente, a esquerda que não era de partido. Tive alguma atuação nela: a gente fazia reunião à noite na casa de alguns companheiros. Apagávamos as luzes e todo mundo sentava no chão. Ninguém podia colocar a cabeça acima do nível da janela. Eu não digo que era uma diversão, porque aquilo não era divertido e a gente fazia com seriedade. Fazia como se tivesse realmente preparando a luta social para derrubar o regime da ditadura. Tive alguma aproximação com o PCB, mas nunca me identifiquei com o PCB. Politicamente, no sindicalismo, eu me aproximei mais do PCdoB do que de qualquer outro partido, mas nunca mantive ação conjugada de grupo para agir.

Você ocupou cargos dentro da redação. Isto era uma coisa muito difícil em sua época?
Agostinho Muniz - Comigo ocorreu um fenômeno curioso. No meu tempo, os editores só chegavam ao cargo depois de 15 a 20 anos trabalhando no jornal. Eles não tinham formação específica e não viam o Jornalismo como um todo. Alguns não tinham nem mesmo o devido preparo cultural e técnico. Comigo, dois anos depois de ter entrado no jornal, passei a editor. Quando cheguei ao jornal, passei seis meses trabalhando na página de polícia. E a página de polícia, no meu entendimento, é a mais difícil de ser feita, a mais problemática e a de maior responsabilidade. Acontece que, naquela época, quem entrava

para o jornal tinha de começar como repórter policial, era o aprendiz, era o foca da redação. Qualquer pessoa que chegasse ao jornal começava como repórter de polícia, por que chegava sem qualquer preparo. Como eu já tinha experiência e formação universitária e tive até um bom desempenho nas atividades práticas do curso, a primeira matéria que fiz impressionou à editoria de polícia. É que a página de polícia tinha uma deformação que ocorre até hoje, pois só se preocupa com o fato do crime, com o escândalo, com a coisa chocante, a aberração e, aí, enchem as páginas de jornal com detalhes. Os repórteres de polícia estão atrás de quem matou, onde morreu, aonde está o corpo e lá vai, usam a fotografia e não se preocupam com o aspecto humano da informação. Quando cheguei, logo nos primeiros dias, fazendo cobertura de polícia, vi o registro de um atropelamento: uma bicicleta de um adolescente que atingiu uma criança. Fui atrás e fiz uma história em torno disso. A minha matéria, apesar de pequenininha, ganhou o alto da página como uma notícia excepcional, simplesmente porque valorizei, jornalisticamente, o lado humano da informação. Minhas matérias transmitiam a dor das pessoas. Essa é a expressão maior que você pode usar. Os editores, como eu estava contando, eram assim improvisados depois de 15 a 20 anos de trabalho no jornal. Menos de dois anos depois que estava trabalhando no jornal e de ter sido repórter de polícia, repórter de educação, fui convidado para assumir a editoria de educação. Como eu era o mais novo de todos os editores, este fato despertou certa reação, certo ciúme dentro do corpo de redatores.

Existe uma outra área do jornal tão árida quanto polícia? Economia?
Agostinho Muniz – Economia sempre foi considerado como uma área árida nos jornais. Os editores nunca olharam com bons olhos os jornalistas de economia. Naquela época, isso era verdade, mas hoje não. A situação já mudou um pouco. Percebeu-se que existem determinadas funções dentro da redação dos jornais que só devem ser desempenhadas depois que o jornalista fizer um curso de especialização na área. E uma dessas funções é a de editor de economia. Em princípio, estes cursos de especialização deveriam ser dados, no meu entendimento, na própria faculdade de comunicação. Uma pós-graduação na área de comunicação social que tivesse um enfoque jornalístico

com um conteúdo mais dirigido à área de economia. E estes cursos não seriam apenas para economia, mas para atender outras editorias, tais como educação, polícia e política. As páginas policiais de hoje em dia estão sendo questionadas, pois não é apenas o fato que nos importa, o que importa é o aspecto humano do fato. Há quem defenda que ao invés de uma página de polícia os jornais deveriam ter uma página de cidadania, de defesa dos direitos da cidadania. Isto, porque, muitas vezes, as pessoas que se envolvem com o crime são mais vítimas do que propriamente autores. Assim, essa página de defesa dos direitos do cidadão deve é combater as causas da criminalidade.

E quanto a editoria política?

Agostinho Muniz – A página ou a editoria de política sempre foi considerada como uma das mais nobres do jornal. Diz-se que um jornal está centrado em esporte, polícia e política. Por mais que um jornal queira, fica muito difícil dizer que ele é apolítico, que não tem função política. Todo jornal tem e sempre teve função política, mesmo durante os anos da ditadura. Mesmo sob controle, a imprensa, de um modo geral, era instrumento do poder dominante, para servir a ditadura. Aí está o maior pecado da imprensa no Brasil: ela foi incapaz de reagir contra as maiores violações que se praticou neste país contra os direitos humanos, porque ela era parte desse poder, parte dessa ditadura: ela integrava a ditadura. Quando se fala que a imprensa é o 4º poder, isso é uma balela. Não existe quarto poder, coisa nenhuma. Os poderes constituídos são: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. A imprensa é parte de uma minoria da elite que domina o país e continua dominando, até hoje. A imprensa serve a esse poder, porque ela está dentro do poder. Não se constitui em poder separado, como se fosse isento, independente dos outros. Não existe independência dos poderes constituídos, todos eles são interdependentes e controlados pela mesma elite. Então, a imprensa nunca reagiu contra os absurdos que se pratica e se praticou no Brasil, durante a ditadura militar. E a coisa que achei notável, foi no dia em que o jornal *A Tarde* publicou a nota dizendo que deixaria de fazer cobertura política. Nesse ponto, o jornal *A Tarde* deu desconto, porque era um entendimento de Jorge Calmon. Ele uma vez, inclusive, chegou a me advertir disso: "se a gente não pode denunciar os

fatos mais graves, que importância tem denunciar coisas menores?"

Antonio Carlos Magalhães era repórter político e fez carreira política. Que outros fizeram o mesmo?

Agostinho Muniz – ACM trabalhou, quando estudante, fazendo cobertura da Assembléia Legislativa e conta-se que, como jornalista presente a uma sessão da Assembléia ,ouviu um deputado fazer críticas, não sei se ao pai dele ou ao reitor Edgar Santos. Pediu um aparte para responder e o fato acabou em briga. Luiz Viana Filho foi outro jornalista que virou político. No livreto *Anotações preliminares para uma história da imprensa na Bahia* ele confessa que entrou na política depois de ter entrado no Jornalismo. Antes já tinha trabalhado em pequenos jornais e, em 1928, foi trabalhar no jornal *A Tarde*, onde permaneceu até 1934. Segundo ele, quase todos os intelectuais, na década de 1920, faziam Jornalismo com a pretensão de entrar na política e cita vários nomes, tais como Nestor Duarte e Aluísio de Carvalho. Viana Filho disse que o único jornalista daquela época que entrou na política fazendo Jornalismo, que chegou a ministro mas retornou ao Jornalismo (porque, geralmente, o jornalista entrava na política e não mais retornava ao Jornalismo) foi Simões Filho. Como se pode ver, a política se misturava com Jornalismo. Aliomar Baleeiro foi outro que também começou no Jornalismo e terminou fazendo política, exclusivamente.

Então o Jornalismo é ou era o caminho para quem queria seguir a carreira política?

Agostinho Muniz – Era, no tempo de Luiz Viana, nas décadas de 30 e 40. Não no meu tempo, pois, quando entrei no jornal, já não havia isso. Eu não me lembro, mas alguns poucos jornalistas que conheci, como Fernando Presídio e Sebastião Nery, viraram políticos. A partir da década de 60 para cá, o que acontecia muito era o jornalista ganhar destaque e importância ao chegar à editoria de política e isso, muitas vezes, o levava a ocupar cargos no governo. Jorge Calmon mesmo foi chamado para ser secretário da Justiça. Acredito que tenha sido por causa da competência dele como bacharel em Direito, além dele ter sido, antes, deputado constituinte.

A ocupação de cargos públicos por jornalistas prejudicou ou ajudou o Jornalismo baiano?

Agostinho Muniz – Prejudicou. Não ajudou em nada a reportagem política que só não é mais promíscua que a reportagem esportiva. Lembro bem, que certa feita, fui fazer a cobertura de uma convenção do MDB, em Vitória da Conquista, onde passei uns dois ou três dias mandando matérias para o jornal da forma mais independente possível, pois eu não era vinculado a nenhum partido. Acho que esta outra coisa é extremamente polêmica: um jornalista fazer cobertura política sendo vinculado a um partido. Quando a convenção acabou, fui pagar a conta do hotel e a recepção informou que já estava paga. O então deputado Ney Ferreira tinha pagado a minha hospedagem. E eu disse: "não, não aceito. Mande devolver o dinheiro dele. Vou pagar novamente, pois vim aqui pelo jornal *A Tarde* e vou pagar com o dinheiro do jornal". Então, uma situação dessas fica parecendo cortesia do deputado para o jornalista, mas, na verdade, ele estava querendo era me aliciar; logo em seguida, passou a me elogiar e a dizer que eu era uns dos poucos repórteres que mantinha a autenticidade das entrevistas com ele. Aí eu disse que isso não me impediria de vir a fazer matéria contra ele. Naquela época, vivíamos tempos difíceis e o jornal não tinha muita liberdade. Ser correto e independente era uma maneira de se fazer o possível, diante da repressão. Também, quando editor de educação, fui ameaçado de ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Fiz uma matéria criticando o Premem – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio. Era um programa de educação voltado para as escolas de 1º e 2º graus, mas os professores se sentiam coagidos. Os militares que estavam no Ministério da Educação tinham uma postura tão violenta que chegavam a promover reuniões com os professores nos quartéis. Quando faziam e promoviam qualquer atividade com professores de outros Estados, os professores tinham que fazer ordem unida, todos os dias, nos quartéis. Então, quando percebi que o Premem tinha uma conotação militar exagerada, fiz uma matéria denunciando os desvios que estavam ocorrendo e, por isso, fui ameaçado de ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

E sua experiência sindicalista? Como foi sua atuação no Sinjorba?

Agostinho Muniz – O Sinjorba sofreu um período de intervenção da Delegacia Regional do Trabalho, no final da década de 1960 e no início de 1970. Eu hoje faço uma revisão crítica da gestão de Antonio Roberto Pelegrino. Achava que Pelegrino integrava o grupo carlista pelo fato de ter sido colega de turma e de estar sempre muito próximo de Antonio Carlos Magalhães. Pelegrino foi um desses jornalistas que tentou entrar para a política. Por duas vezes candidatou-se, mas não se elegeu, e sempre negou ser protegido de Antonio Carlos. Só depois de muito tempo percebi que as duas vezes que ele se candidatou a deputado foi pelo PSB – Partido Socialista Brasileiro. Quando ele foi presidente do Sindicato, eu sabia que ele tinha uma atuação muito forte na Igreja Católica. Pelo fato de não ser um homem de esquerda é que ele não conseguiu, talvez, o apoio da chamada esquerda da Igreja Católica. Acredito que sua atuação na igreja acabou contribuindo muito para o crescimento político do filho, Nelson Pelegrino. Contei esses fatos de Roberto Pelegrino para mostrar que tipo de atuação ele deve ter tido no Sindicato, convivendo com Antonio Carlos. Contava ele que quando o Sindicato quis comprar a sede na Rua Chile, tinha metade dos recursos necessários. Ele foi até Antonio Carlos Magalhães e disse: "Prefeito, o Sindicato está querendo comprar uma sede. Temos vinte mil e nós já temos uma sala em vista [no edificio Bráulio Xavier, Rua Chile], que custa quarenta mil." E Antonio Carlos teria mandado preparar um cheque de vinte mil Réis. Foi com esse dinheiro que Pelegrino comprou a sede. Ora, esse fato ficou marcado como negativo. Contradizendo esse raciocínio, o Sindicato sofreu intervenção da ditadura militar, quando o Ministério do Trabalho colocou uma junta diretiva composta por três jornalistas indicados pelo governo Médici. Essa junta ficou no Sindicato de 1971 até 1976. Na verdade, foram duas juntas interventoras naquele período, integradas, dentre outros, pelos jornalistas Jorge Vital de Lima, Alírio Damasceno, Nelsino Pastor e Edgard Nonato. Eles conduziram o Sindicato de uma forma acomodada, sem criar problemas. Não tinham interesse realmente de deixar o período da intervenção nem de convocar eleição direta. A gente procurava, de todos os meios, bombardear essa direção. Quando, enfim, fizeram a primeira eleição, a oposição se organizou. Foi formada uma chapa de consenso, com todas as correntes. A chapa era liderada por Isidro

Otávio do Amaral Duarte, que ficou pouco tempo no Sindicato. Roberto Santos, eleito governador, o convidou para ser secretário de Comunicação. Isidro deixou o Sindicato e quem assumiu foi o então vice-presidente, Anísio Felix, que completou o mandato de Isidro. Anísio, então, resolveu se candidatar à reeleição. Novamente, nos articulamos e fizemos uma chapa única. Foi a primeira vez que eu entrei na diretoria do Sindicato, como tesoureiro. O Sindicato tem, até hoje, um pecado administrativo: é muito amadorista. Ninguém se dedicava com muito empenho. O grande momento político e de ação sindical era quando colhia as assinaturas para o acordo coletivo. Era uma briga pouco elegante entre o Sindicato e os representantes das empresas.

Quando começou a listar os casos de violência contra os jornalistas?
Agostinho Muniz – Quando eu já estava na diretoria da ABI – Associação Bahiana de Imprensa.. Comecei a acompanhar o interior, até porque, como sou de Juazeiro, sempre me liguei muito a qualquer atividade no interior, não só quando estive no Sindicato como na ABI. Em 1995, fiz pronunciamento na ABI chamando a atenção para o fato de, na Bahia, ocorrer, com certa freqüência, assassinatos de pessoas ligadas aos meios de comunicação (rádio, jornal e televisão). Para minha surpresa, seis meses depois houve mais um assassinato de jornalista. Aí, a coisa passou dos limites. Propus a ABI a realização de um seminário sobre "Violência contra a liberdade de imprensa na Bahia". Jornalistas estavam sendo assassinados também em outros Estados, mas de forma espaçada. Naquela época, começou a surgir e a se desenvolver o chamado Jornalismo investigativo, logo após a cassação de Collor em 1992. Os jornalistas produziam matérias investigativas para denunciar os crimes e toda forma de corrupção existente, sobretudo, no serviço público aqui na Bahia. Mas estava ocorrendo um desvio de comportamento profissional. O pessoal do interior, por não ter uma formação adequada, estava exercendo uma prática profissional comprometedora. Faziam denúncias que atingiam a honra das pessoas, como se estivessem defendendo dos interesses da sociedade. Mas, na verdade, estavam defendendo os interesses de grupos políticos locais. Para punir os abusos de imprensa e os crimes de imprensa existe o Código Penal, que trata de calúnia, injúria e difamação. Quando o jornalista, por desvio

de formação, distorce uma notícia transmitida, comete um delito de imprensa, mas, de maneira alguma, isso não justifica matar o jornalista. Para nós, o jornalista ou veículo de comunicação que abusa do seu poder deve ser processado. O jornalista que comete delitos de imprensa tem que sofrer processo judicial e ser condenado, se for o caso. Mas assassinato é inaceitável. Aí, quando a freqüência dessas mortes de jornalistas aumentou, fizemos o primeiro seminário contra a violência, em 1996. E já deixamos mais ou menos encaminhadas as bases para o segundo seminário. No primeiro seminário a ABI, o Sindicato dos Jornalistas e o Sindicato dos Radialistas constituíram uma Comissão Interdisciplinar de Defesa da Liberdade de Imprensa para atuar em conjunto. Este fato é muito importante para a imprensa daqui da Bahia, pois serviu de exemplo para a impressa nacional e de outros Estados. Os trabalhadores de comunicação não conseguiram esse avanço em lugar nenhum. Do ponto de vista organizacional, Pernambuco reclama que ele foi o primeiro Estado do país em que os jornalistas, radialistas e gráficos conseguiram viabilizar uma ação conjunta. Acontece que lá, em Recife, eles não passaram de um movimento para as negociações de acordo coletivo. Chegaram a fazer um documento único de negociação salarial das três categorias (jornalistas, radialistas e gráficos). Aqui na Bahia, criamos uma instância para promover a defesa de liberdade de imprensa, reunindo não só profissionais como também representantes das empresas e percebemos que, naquele momento, politicamente era muito importante, no âmbito da ABI, a gente ter uma atuação conjunta para defender a liberdade de imprensa. Só fizemos o segundo seminário no inicio de 1998. Aí, já tinham sido assassinados nove jornalistas entre 1991 e 1998. Quando estávamos preparando o seminário, foi assassinado Manuel Leal. Em 1996, firmamos um termo de compromisso, na verdade um contrato no qual a ABI e a OAB – Ordem dos Advogados da Bahia – se comprometiam a assumir a defesa de profissionais e de pessoas ligadas aos meios de comunicação. Caso se pressentisse alguma ameaça à liberdade de imprensa, ou alguma ação contra um profissional, a OAB, imediatamente, assumiria a causa e tomava as providências legais junto às autoridades competentes, para evitar que as ameaças se concretizassem. Quando o novo presidente da OAB assumiu, houve

mudança no termo de compromisso. No entendimento do novo presidente, não cabia à OAB a defesa de empresas. Adotamos a tática de dar repercussão a tudo que aconteça na Bahia, mantendo contatos com as entidades nacionais da área de comunicação: ANJ – Associação Nacional de Jornais; ABERT – Associação Brasileira de Empresas de Rádio e Televisão; evidentemente, FENAJ – Federação Nacional de Jornalistas; e também passamos a ter uma ligação direta com a SIP – Sociedade Interamericana de Periodismo, na América Latina. Depois disso, começamos a fazer contatos com as entidades internacionais, tais como: Comitê de Defesa dos Jornalistas; com a FIJ – Federação Internacional dos Jornalistas; Jornalistas sem Fronteira; com a Sociedade Internacional de Direitos Humanos, enfim, com várias entidades internacionais. A partir de então, quando tem uma ocorrência, imediatamente mandamos correspondência eletrônica para essas entidades. Em 1998, quando Manuel Leal morreu, cerca de 20 entidades internacionais encaminharam um documento ao então presidente Fernando Henrique Cardoso e ao governador Paulo Souto, atribuindo a eles dois a responsabilidade pela violência que estava acontecendo na Bahia. E, de fato, eles são responsáveis porque a liberdade de imprensa é garantida pela Constituição e é dever do chefe de Estado garantir a liberdade de imprensa. Ao final das contas, a Comissão de Defesa de Liberdade de Imprensa teve uma grande vitória, embora a gente não possa nem contabilizar isso como sucesso, mas o fato é que o último assassinato na Bahia ocorreu em 1998. De lá para cá, não ocorreu mais nenhum assassinato de jornalista, demonstrando que foi importante a atuação das entidades. Outras ameaças contra a vida de jornalistas ocorreram, mas não se concretizaram, como no caso de Jeremias Macário, ameaçado de morte em Vitória da Conquista. O jornalista, ligado ao jornal *A Tarde*, colhia informações sobre o comportamento de um delegado truculento que usava os presos da cadeia local para trabalhar, praticamente como escravos, na fazenda dele. Em Barreiras, Jessé Olimpio, outro repórter do jornal *A Tarde*, também recebeu ameaça semelhante do MST, por denunciar irregularidade no assentamento dos sem-terra na região. Muitos outros jornalistas foram ameaçados e as ameaças talvez tivessem se concretizado, se o comportamento no Estado não tivesse mudado. É claro que a gente não atribui ao poder público, ao

governo, ao poder político, a violência se generalizando no Estado. A gente atribui ao crime organizado. Nivanildo Lima foi assassinado em Paulo Afonso, no início de 1994. Ele trabalhava para o jornal *Ponto de Encontro,* da Igreja Católica. Estava fazendo uma reportagem sobre grupo de extermínio, que era integrado por policiais militares e civis da Bahia, Pernambuco e Alagoas, na região de fronteira desses estados. Ele foi encontrado morto por afogamento, numa das barragens de Paulo Afonso. Este é tipicamente um crime que não tem relação direta com o Estado.

A impunidade faz aumentar a violência contra os jornalistas?

Agostinho Muniz – A impunidade é realmente o maior incentivo para a ação violenta. Agora, a outra forma de violência cometida contra a imprensa, não tenha dúvidas, a pior de todas, é a econômica. E isto é o que mais acontece na Bahia, principalmente no interior. Se o veículo de comunicação não estiver afinado com o prefeito, não estiver afinado com o governo do Estado, é discriminado e perseguido.

O que senhor acha do relacionamento do governo do Estado com a imprensa na Bahia, no que refere as verbas publicitárias?

Agostinho Muniz – Olha, eu não tenho convicção muito segura de que um veículo de comunicação possa viver exclusivamente de verbas oficiais. Certamente, a publicidade oficial ajuda. No caso do jornal *A Tarde,* a informação que Silvio Simões passou para a gente, numa reunião de diretoria conjunta do Sindicato e da ABI, é que a suspensão da publicação das comunicações oficiais do governo e da prefeitura representaram um prejuízo 10% sobre o faturamento do jornal. Mas, numa ação civil que o jornal *A Tarde* está movendo contra o governo do Estado, foi feito um cálculo – e essa fonte é indiscutível do ponto de vista legal – em torno de R$ 3 milhões por ano de indenização relativa ao prejuízo da não publicação de anúncios oficiais. Com um faturamento como o de *A Tarde*, isso não é grande coisa. Creio que este valor represente menos de 10% do faturamento geral do jornal. Mesmo assim, continua sendo uma quantia importante. É difícil manter a liberdade de imprensa com o veículo dependente de verbas de publicidade

e não precisa ser do governo não, das empresas de um modo geral.

Poderia traçar um panorama das escolas de comunicação da Bahia e dizer como elas contribuíram para o desenvolvimento do Jornalismo?
Agostinho Muniz – O que estou vendo é que a irresponsabilidade da política de Educação no Brasil chegou a um ponto máximo. Claro que a gente não pode falar muito com base neste governo [primeiro governo de Lula], que tem pouco tempo, mas do governo passado, que foi o maior desastre de administração pública no Brasil nos últimos 50 anos. Nunca vi uma coisa tão irresponsável quanto esta política neoliberal de dizer que tudo é livre, que o mercado é que determina. Deixar que os cursos fossem abertos de uma forma irresponsável, sem planejamento, sem uma definição estratégica... Foi uma atitude criminosa e desonesta. Surgiram empreendimentos, empresas e grupos empresariais para ganhar dinheiro com Educação. Perceberam que o Jornalismo e a Comunicação Social, de um modo geral, atraem muita gente. Criaram vários cursos de Jornalismo, copiando currículos de cursos que já existiam, há 50 anos. E pior é que estes cursos não inovam nada, e vão formar pessoas que não vão ter colocação no mercado de trabalho.

Quando surgiu, a *Tribuna da Bahia* teve algum impacto no *A Tarde*?
Agostinho Muniz – O que foi a *Tribuna da Bahia* no início e o que é hoje, não tem nenhuma comparação. Eu acompanhei os primeiros dias da *Tribuna* e me impressionou a preocupação que provocou no *A Tarde* que tentou se reformular, se atualizar, se modernizar por conta do Jornalismo que a *Tribuna* começou a mostrar: um Jornalismo competente, descomprometido, analisador, indo ao fundo das questões. Claro que não chegava a ser lá essa perfeição toda, mas pelo menos tinha uma linha de avanço, de modernização, de competência jornalística. Enquanto *A Tarde* mantinha os títulos conservadores, tradicionais e sisudos, a *Tribuna* fazia uma coisa mais descontraída, mais aberta. Foi um grande avanço, não tenho dúvida.

Há comparação entre o Jornalismo de antes e o de hoje?
Agostinho Muniz – É difícil fazer isto sem cair no saudosismo, tipo no

meu tempo era melhor... No meu tempo, tinha grandes mazelas, grandes defeitos, grandes deformações. Alguns jornalistas escreviam de acordo com conveniências de interesses fora da redação. Conheci um jornalista que escrevia sistematicamente no jornal só para atender os interesses do governo do Estado. Mas, este tipo de deformação sempre existiu e sempre existirá. Agora, num julgamento, não digo superficial, mas num julgamento menos engajado, acho que o Jornalismo de 30 a 40 anos atrás era mais poético, mais literário. Havia preocupação com a elaboração da frase, das mensagens, com o uso da técnica adequada. Era um Jornalismo que procurava usar uma linguagem acessível ao grande público, uma linguagem universal. O jornalista tinha, em princípio, mais tempo para checar a informação, de ir atrás da informação. Naquele tempo, o jornalista lutava com muito mais dificuldades do que hoje, mas, em compensação, o empenho profissional do meu tempo, acho, era maior. O jornalista saia para fazer uma reportagem e, se ele achasse uma situação interessante, era capaz de passar 24 horas sem dormir, sem ir a redação, perseguindo a informação. Hoje em dia, vejo os jornalistas com uma preocupação excessiva com relação ao horário. Acho que isso é falta de espírito profissional, falta de vocação. Há 30, 40 anos atrás, não se via ninguém fazer isso. Via-se sim, um jornalista sair para fazer a cobertura de um júri, de um julgamento no fórum com a previsão de terminar em torno de oito ou dez horas da noite, mas como o júri é imprevisível, podia até virar a noite. O jornalista ficava no Fórum até o outro dia de manhã. Só deixava o local quando saía a sentença. Naquele tempo, era diferente. Hoje, quem ficar depois das oito horas fazendo uma cobertura, quando chegar à redação trazendo a matéria, o jornal já fechou.

O professor Sérgio Mattos comentou a falta de empenho dos profissionais de hoje que desistem com muita facilidade.
Agostinho Muniz – Acho que a diferença básica era essa. Os jornalistas tinham a capacidade de superar as limitações, as próprias necessidades financeiras. Estavam mais interessados em ter um bom desempenho na atividade. Hoje, isso já não acontece, por causa da jornada de trabalho, das normas para o cumprimento da jornada e isso é importante. Se você passar

do seu horário tem direito à compensação: ou lhe pagam hora extra ou lhe dão uma folga, não é? O que não pode acontecer é como o Sindicato está agindo hoje, brigando com a direção do jornal *A Tarde*, ao querer alterar a jornada de trabalho de cinco para sete horas e não estabelecer normas para o cumprimento da jornada. Aí, quando o jornalista estiver fazendo uma cobertura e sua jornada de trabalho tiver sido completada, não posso dizer que ele está errado por não dar continuidade à cobertura de um tema. É difícil julgar, prefiro não julgar.

O jornalista e professor Wellington Aragão diz: "você é considerado jornalista quando é aprovado no vestibular; mas se passar num semáforo e não se indignar ao ver uma criança pedindo esmola, você não presta para ser jornalista". O senhor concorda?

Agostinho Muniz – Acho que o espírito do jornalista pode estar nascendo até mesmo antes de você entrar na universidade. O fato de você ter escolhido o Jornalismo como uma profissão é porque você já deve sentir alguma vocação e essa vocação, esse espírito profissional, vem mesmo antes de você entrar na escola. Na escola, você só vai desenvolver mais este espírito.

As décadas entre 50, 60 e 70 são identificadas com o Jornalismo boêmio na Bahia. O que era esse Jornalismo e quem eram os boêmios?

Agostinho Muniz – Confesso que tive dificuldade de me integrar nessa turma, a turma do comer e beber à vontade. De ser capaz de emendar o dia com a noite, a noite com o dia seguinte. Eu ficava estarrecido com alguns colegas que faziam isso e, depois, iam para a redação trabalhar. Nunca fui resistente a bebidas, embora gostasse muito de tomar cerveja, mas, quando bebia em um dia, no outro estava de ressaca e sem disposição para escrever, para trabalhar. Essa boemia era uma característica da profissão, com uma tendência, a gente tem que ser honesto e dizer, com uma acentuada tendência para o alcoolismo. O Jornalismo é uma das categorias com índice de alcoolismo muito alto. Isso era associado à boêmia, com a figura de um jornalista bem mais à vontade e mais relaxado. Acho que hoje tem muita neurose também. Na Rua Ruy Barbosa, *O Abaixadinho* era o bar freqüentado

pelos companheiros jornalistas. Para entrar, tínhamos que baixar a cabeça, daí o nome. Mas, os boêmios desapareceram, boêmios como Jeová de Carvalho e Fernando Rocha (professor da Escola de Jornalismo), que gostavam de uma noitada. Mesmo não trabalhando no *Jornal da Bahia*, algumas vezes acompanhei o grupo de Joca, que tinha como ponto de encontro um restaurante na Ladeira da Barra. Era um pessoal que saía à noite, por volta das onze horas ou meia noite, depois de fechar o jornal, e ia para este restaurante jantar, mas ficavam bebendo até o outro dia de manhã. Eu não conseguia acompanhar muito aquela turma.

Para finalizar, cite alguns dos grandes jornalistas da época em que o senhor começou no Jornalismo. Cite nomes e o porquê.

Agostinho Muniz – Eu acho que com paixão pelo Jornalismo: João Carlos Teixeira Gomes, o Joca. Ele sustentou, no *Jornal da Bahia,* uma luta que está consagrada no livro dele *Memória das Trevas*. Ele realmente assumiu a grande luta do Jornalismo baiano. Eu tinha também muita admiração por outro jornalista que se dedicava mais à administração do jornal, da empresa jornal, do que propriamente da produção da notícia: Milton Cayres de Brito. Era de uma competência excepcional na área de publicidade, da comunicação publicitária. Fernando Rocha é outro que admirei muito, também pela dedicação, pela seriedade com que encarava o trabalho do dia-a-dia no jornal, bem como o trabalho como professor, sempre disposto a ensinar, transmitir alguma coisa mais. Tive também grande admiração por um repórter que tinha o espírito da reportagem, da investigação, o dom de ir atrás e de procurar informações. Este repórter se chama Judélio Carmo, que terminou como prefeito de Alagoinhas. Agora, colabora eventualmente no jornal *A Tarde*. Ele tinha a sensibilidade sobre o que era notícia, o que era informação. Lembro da campanha que ele fez sobre a erradicação dos cafezais na Bahia. Eu gostava também do estilo agressivo de Sebastião Nery, a maneira com que ele denunciava, a veemência dele no jornal semanal que ele tornou um jornal disputado nas bancas. Sebastião Nery depois, se tornou um jornalista folclórico, assim de contar casos da política de antigamente, casos curiosos. Mas nas décadas de 50, 60 e 70 era um jornalista de muita combatividade.

Alvaro Henrique

"Jornalista não pode se omitir"

Entrevista concedida a Cínthya Brandão e Marina Matos no segundo semestre de 2002.

Álvaro Henrique Lima Dias é jornalista do Jornal *A Tarde* há 63 anos. Iniciou a carreira aos 18 anos e hoje aos 82 anos continua desempenhando suas atividades na redação. É especialista em automobilismo, criou uma coluna de ritmos e melodias, escreveu sobre a vida católica e fez horóscopo. A maior influência profissional que sofreu foi a de seu próprio pai, o jornalista Ranulpho Oliveira, que é personagem importante da história da imprensa baiana do século passado. Ranulpho foi um dos fundadores da ABI – *Associação Bahiana de Imprensa,* e foi diretor, durante muitos anos, do *A Tarde*.

Sabemos que senhor está no jornal *A Tarde* desde 1939. Gostaria que contasse sua trajetória e a influência paterna na sua escolha profissional.
Álvaro Henrique – A escolha foi solução, quase sem opção. Quem estudava não tinha muitos meios de remuneração. Então vim para a revisão do jornal, que funcionava na Praça Castro Alves. Meu pai, na época, era o redator-chefe. Ele assinava Ranulpho Oliveira e eu sempre assinei Álvaro Henrique, impedindo assim que alguns colegas soubessem da relação familiar. A influência dele, portanto, foi decisiva no início da minha atividade profissional. Em termos de descendência, tive uma filha, já falecida, Marlene Beatriz, que trabalhou algum tempo na redação. Tinha uma página de variedades sobre mulheres e moda. E um neto, Bóris Araújo Dias, que trabalhou algum tempo no jornal e depois foi se dedicar aos seus alunos. É professor de inglês. Em termos de influência na minha formação, há um destaque inquestionável: Doutor Simões Filho, proprietário fundador do jornal *A Tarde*. Certa feita, eu ouvi doutor Simões dizer a Otávio Mangabeira que ele se preocupasse em fazer reformas na Bahia quando assumisse o governo do Estado; reformas

no *A Tarde* ele mesmo faria. Literalmente, ele disse: "No meu jornal mando eu". Isto porque Otávio cometeu o lapso de aconselhar doutor Simões a fazer algumas reformas no jornal. Doutor Simões era muito autoritário e respeitado. Eu posso citar um caso em que ele foi desrespeitado e deu o troco de imediato. Foi uma resposta a Getúlio Vargas que o demitiu do Ministério da Educação quando ele se encontrava em Roma, no Vaticano, em visita oficial. Um jornalista perguntou: "Doutor Simões, que resposta o senhor dá ao doutor Getúlio?" Ele disse: "Meu filho, diga ao doutor Getúlio que eu perdi o Ministério, mas não perdi a educação". Isso é um fato sabido, como também, aquele outro do grito de um adversário político, na Rua Chile, que disse: "Morra Simões". E ele respondeu: "Morra Simões, mas viva a Bahia". Isso está em todas as biografias dele. Em termos de passado, vamos abrir mão um pouco da nossa área de trabalho para falar de outros profissionais. Eu vou escolher, particularmente, o fotógrafo. O fotógrafo é importantíssimo por que a imagem destacada valoriza os textos. Atualmente, em *A Tarde*, nós temos uma página chamada Zoom na qual os fotógrafos mostram o cotidiano com a eloqüência que só a imagem tem. Na década de 1940, nós tínhamos três fotógrafos: Miguel Martins (do jornal *A Tarde*), baixinho e gordinho; tinha um outro, gordo e alto, dos Diários Associados, chamado Brito; e um terceiro, d'*O Imparcial* que era Oscar Freire de Carvalho. Oscar merece uma citação especial. Doutor Otávio Mangabeira esteve doente e não tinha como acompanhar a administração pública, principalmente fiscalizar as obras da prefeitura da capital. Então pediu a Oscar que levasse fotografias para ele comparar, de uma semana para outra, o andamento de cada obra. E o Oscar me confidenciou que estava dando um jeito de Doutor Otávio não perceber que a obra estava parada, mas não deu certo. Doutor Otávio disse: "Oscar eu estou vendo aqui uma fotografia onde há um trecho nessa avenida que a obra está parada, o poste é o mesmo em todas as fotos. É sinal de que a obra não avançou". É uma coisa curiosa. Eu quero também fazer uma referência especial ao fotografo Brito, dos Diários Associados. Ele criou um dos maiores fotógrafos do Brasil, o Gervásio Batista, que fez coberturas internacionais para revistas e jornais, tais como *Manchete*, *Última Hora*. Foi até ferido numa mão com estilhaços de granada. Gervásio tem um

filho que trabalha aqui em *A Tarde*, chama-se Aristides Batista, que é também um fotógrafo profissional muito competente. Voltando aos Diários Associados [o grupo de Assis Chateaubriand publicava dois jornais diários em Salvador: o *Diário de Notícias* e o *Estado da Bahia*], vamos destacar três personalidades pertinentes à redação: Odorico Tavares, a quem meu pai chamava de *gentleman* pernambucano, relacionava-se muito bem com a sociedade. Tinha um repórter de alto coturno, o Raimundo Matta, cujas reportagens amplas eram repetidas duas, três vezes a pedido dos leitores. Era um pesquisador. Tinha um outro mais novo na redação, o Antônio Carlos Magalhães, que fazia reportagens na área política, demonstrando assim, sua vocação. Sobre Odorico, temos uma fase dos Associados que escapava da orientação dele, a publicação dos textos publicitários de determinadas empresas. E depois, o setor comercial ia recolher a cobrança. Normalmente havia um preço acertado abaixo da tabela e as empresas pagavam. Uma delas, a loja Duas Américas, localizada na Rua Chile que tinha como proprietário, me parece, o Sr. Armando Almeida. O português era duro na queda, disse que não pagava. Em reação, os jornais dos Diários Associados publicaram uma notícia informando que as lojas Duas Américas estariam a partir de tal data distribuindo benefícios à população. Eu não me lembro que tipo de benefício, mas considerando a população pobre da Bahia, houve uma corrida à loja em busca dos benefícios. Foi um horror. Era tanta gente que a Rua Chile fechou. O Armando foi à forra publicando nos outros jornais que, por conveniência da loja Duas Américas, o benefício seria dado através dos Diários Associados na sede deles. No que se refere ao *O Imparcial*, lá teve um jornalista de destaque: Edgar Curvelo, pai de José Curvelo e avô de André, também jornalistas e que trabalharam em *A Tarde*. *O Imparcial* funcionava na Rua Ruy Barbosa, junto do cinema Tamoio, que ficava em baixo do prédio do jornal *A Tarde*. O José Curvelo, que faleceu recentemente, não trabalhou no *O Imparcial* porque não o alcançou, mas trabalhou no *A Tarde* e foi um dos nossos principais redatores. Dessa época, nós temos outros jornalistas importantes no cenário estadual que são: Jorge Calmon e Cruz Rios. Mas nenhum deles teve descendência seguindo seus passos. Então, eu citei o *A Tarde*, *O Imparcial*, o *Diário de Notícias*. Além desses jornalistas, eu podia citar também Luiz Viana Filho, Oscar Viana e Aliomar Baleeiro, que formavam uma elite cultural. Para

não ser injusto, é preciso falar também daqueles que não apareciam tanto. Aqueles que chegavam ao jornal no primeiro horário e saiam no último, trabalhadores assíduos e altamente competentes, tais como: Aristóteles Gomes, que foi secretário, e o professor Marques Pinto, que trabalhava na sessão de notícias estrangeiras. Esses dois homens eram conhecedores profundos do vernáculo e eram de uma dedicação integral ao jornal, mas como nunca assinaram coluna alguma, não eram conhecidos do público, mas se destacaram de alguma forma. O Aristóteles Gomes, antes de ser secretário do jornal, foi redator de esporte e deu ao Esporte Clube Bahia o título de Esquadrão de Aço. Na época não havia ainda nas redações a classificação/divisão dos assuntos temáticos por editorias. Outro jornalista de destaque em *A Tarde* foi o colega Adroaldo Ribeiro Costa, que fez a letra do hino tricolor. Já Marques Pinto não teve notoriedade alguma, a não ser por um episódio engraçado. Todos nós desejávamos muito que o exército alemão morresse para acabar logo com a guerra. O Marques, como disse antes, trabalhava na sessão de notícias estrangeiras e, diariamente, era um tal de matar soldado alemão que não acabava mais. Há leitores que fazem coisas incríveis. Um deles resolveu contar o número de soldados que nós matávamos. Pelas contas deles, já tínhamos alcançado a população que ainda estava tomando leite de mamadeira.

Como era a relação pessoal na redação?

Álvaro Henrique - Isso aí é uma coisa curiosa. Tenho que ver os dois lados da questão. Primeiro o meu particular, pois meu relacionamento é excelente com esses duzentos amigos que estão e estiveram aqui e nos outros jornais, e foi excelente com os que já morreram. Lembro deles, mas não sinto falta. Fiz outros tantos amigos aqui. Mas, infelizmente, não é esse o clima generalizado por que a época é outra. Naquela época se dizia "cachorro se amarrava com lingüiça". A coisa era mais fácil, mais simples, hoje a luta pela sobrevivência na sociedade de consumo é uma loucura.

Qual a maior contribuição desses jornalistas para sociedade?

Álvaro Henrique - O jornalista não pode se omitir, tem que registrar o que vê, mesmo que contrarie a um amigo. Uma vez, um companheiro de trabalho

me disse: "Você registrou esse fato? Você não sabia que eu sou o responsável por essa repartição?" E eu disse: "Eu sabia e fiz o possível para livrar sua cara, mas eu não podia deixar de noticiar por que foi um fato público. Um caminhão da repartição causou um acidente com vítimas e eu não posso omitir pelo fato de você trabalhar aqui e ser meu amigo. As pessoas viram que eu estava lá. Eu não tenho nem desculpa". O jornalista tem que ter essa participação, por que se ele não tiver não será um bom profissional. Se o jornalista trabalhar numa área social, por exemplo, ele pode esquecer de noticiar uma festa, mas se ele trabalhar na geral, tem que estar atento a tudo, do calçamento das ruas à coleta de lixo e à iluminação pública. Se ele trabalhar na área política, tem que estar atento ao comportamento dos homens públicos.

O senhor é especializado em automóveis. Como surgiu esse interesse?
Álvaro Henrique - Esse interesse por automóveis eu não sei definir bem como surgiu. Procurava atingir áreas que o jornal não dava cobertura. Um exemplo, o jornal não tinha e eu criei uma coluna chamada "Ritmos e Melodias" e assinava RPM - rotações por minuto. Nessa coluna eu fazia pesquisa sobre as músicas mais preferidas, vendas de discos. No caso de automóveis, o jornal pretendia ter um caderno de automobilismo e um caderno de turismo. Eu sugeri que fosse turismo e automobilismo por que eu sabia que turismo seria o carro chefe em termos de retorno publicitário. Tanto que das oito páginas que o caderno tinha inicialmente, eram seis de turismo e duas de automobilismo. Automobilismo entrava com a participação na primeira página, na contra-capa, na penúltima e na última página. Daí nasceu. Depois, com o desenvolvimento da parte técnica do jornal e com o crescimento das cidades, houve desdobramento e passamos a ter cadernos específicos: um para Auto e Moto e outro de Turismo.

O senhor acha que não deve haver censura? Toda notícia deve ser divulgada?
Álvaro Henrique - Eu acho que deve haver uma censura externa por que todos nós nos censuramos. Quando vai a um espelho você escolhe não só a tonalidade, mas também a quantidade do batom que usa, do perfume que usa. Isso já é autocensura.

Fale sobre o Jornalismo na época da censura. Há algum fato interessante que o senhor possa contar?
Álvaro Henrique - Tivemos um censor no *A Tarde*, um médico conhecido como doutor Enéas. Apesar de exercer uma função antipática, ele não criou arestas maiores até por que sabíamos das nossas limitações, falando em termos genéricos. Os que faziam colunas opinativas sabiam até onde ir, porque o Jornalismo faz, ele próprio, sua autocensura, não publicando determinadas fotos ou textos. Com relação ao trabalho dele, não me lembro de nada que seja digno de registro, a não ser o comportamento. Não era um homem arrogante, não aparecia aqui fardado. A farda poderia estabelecer um clima de intimidação.

E no jornal, havia disputa pelo poder?
Álvaro Henrique - Não. Em função de um relacionamento especial. Doutor Simões nos tratava como se fossemos a família dele, a família de *A Tarde*. Meu pai, Ranulpho Oliveira, tinha um relacionamento de amizade muito grande com seus colegas inclusive com Aristóteles Gomes que passava a matéria, exercendo o que seria hoje a função de um copidesque, naquele tempo não havia essa nomenclatura. Ele era uma pessoa paciente e tinha um ar professoral. Pegava o original e dizia: "você quer que pontue?" E aí era um desastre. Ele fazia toda aquela pontuação, pois nem sempre um funcionário tinha qualificação para redigir um texto e mandar direto para a composição. Não havia disputa pelo poder porque aqui em *A Tarde* existia um clima de amizade muito grande entre todos. Poderia até haver alguma coisa que pudesse se enquadrar nessa adjetivação, mas muito leve. Tínhamos e temos uma hierarquia bem definida: diretor é diretor, redator-chefe é redator-chefe... A escolha de Jorge Calmon como redator-chefe, por exemplo, na época, não provocou nenhuma reação contrária no quadro. Nem mesmo de Cruz Rios, que seria uma outra pessoa que poderia ter sido indicada. Era um redator altamente qualificado e passou a ser secretário. Havia sempre comunicação uns com os outros sobre o tipo de comportamento e orientação política que o jornal deveria seguir.

As novas tecnologias ajudam a prática jornalística hoje? Como era em décadas passadas?

Álvaro Henrique - O Jornalismo continua sendo opinativo, porém muito mais fácil de produzir com os novos equipamentos. É muito mais fácil trabalhar com teclado de um computador do que com o teclado de uma máquina de escrever. Também é mais fácil nos outros setores do jornal como na linotipia a quente, que tinha que dissolver chumbo para fazer a composição, e foi também substituída pelos computadores. Esses acessórios ajudaram muito no trabalho. O Jornalismo de décadas passadas, tinha o mesmo desejo de servir uma coletividade na qual nós estamos inseridos. Mas hoje é muito mais fácil trabalhar com a digitação. Era um cansaço bater à maquina, pegar papel, botar papel. Hoje é tudo simples: corrige, faz e desfaz.

Tem alguma coisa no Jornalismo da qual o senhor se arrependa?
Álvaro Henrique - Isso é um exame de consciência, não é? (risos). Quando tomava conta da chamada "Opinião do Leitor", publiquei uma carta que censurava o comportamento da direção do jornal. Foi uma coisa que eu não deveria ter feito. Fiz aquilo sem maldade. Achei que era uma coisa que nós poderíamos começar na intenção de consertar algumas coisas. Isso quase me custou a cabeça, mas dona Regina Simões de Melo Leitão, a quem meu pai tinha como filha, e é minha amiga até hoje, garantiu a barra.

Como foi a passagem pelos vários setores do jornal?
Álvaro Henrique - Eu escrevi sobre vida católica, então aprendi que havia seminário maior, seminário menor e outras coisas mais. Eu fiz horóscopo, preparava o horóscopo a ser composto. Quem o fazia era um professor do Rio de Janeiro, Ernesto Fisher. Certa feita ele viajou e deixou vários horóscopos prontos, mas não foram suficientes para cobrir o período de sua ausência e então eu mesmo tive que elaborar alguns. Este fato tornou-se público e de vez em quanto chegava uma mulher a quem eu não podia negar nada (risos) e dizia assim:
– Bote umas coisas boas aí pra mim!
– Em qual dia?
– Amanhã.
– Então eu colocava.

Antônio Carlos Magalhães

**"Se não fosse o jornalismo, eu não seria político.
Então, eu devo ao jornalismo o gosto pela política"**

Entrevista concedida a Cinthya Brandão dia 14 de novembro de 2002.

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães nasceu em Salvador, no dia 4 de setembro de 1927, filho de Francisco Peixoto de Magalhães Neto e Helena Celestina de Magalhães. Casou-se com Arlette Maron de Magalhães, com quem teve quatro filhos. Em 1952, formou-se médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Em sua vida estudantil, foi presidente do grêmio do Ginásio da Bahia, representante de série no diretório acadêmico da Faculdade de Medicina durante os seis anos do curso e ainda presidente do Diretório Central dos Estudantes da Bahia. Antes de ingressar na Faculdade de Medicina, aos 17 anos começou a trabalhar em Jornalismo. Iniciou fazendo coberturas de jogos de futebol no jornal *Estado da Bahia*, depois passou a ser repórter auxiliar. Foi para o *Diário de Notícias* onde, depois de formado em Medicina, continuou a escrever artigos. Trabalhou na Assembléia Legislativa como redator de debates até 1954, quando se elegeu deputado estadual. Exerceu a função de médico do Serviço Público Estadual e foi professor adjunto da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Eleito deputado estadual em 1954, pela UDN (União Democrática Nacional), foi líder do partido e membro de várias comissões, inclusive presidente da Comissão de Finanças e Orçamentos. Em 1958 se candidatou à Câmara Federal e conquistou o seu primeiro mandato de deputado federal. Foi reeleito sucessivamente em 1962 e 1966. Ainda durante o seu terceiro mandato, em 1967, foi nomeado Prefeito de Salvador, para o período 1967-1970. Em 1971 foi nomeado governador do Estado da Bahia pela primeira vez com mandato até 1975. Foi presidente da Eletrobrás - Centrais Elétricas Brasileiras SA, e membro do Conselho de Administração da Itaipu Binacional no biênio 1976-1978. Eleito governador da Bahia pela segunda vez, cumpriu mandato

de 1979 a 1983. Foi presidente da Fundação Baiana para Estudos Econômicos e Sociais (1983) e desde 1983 ocupa a Cadeira 37 da Academia de Letras da Bahia. Foi ministro de Estado das Comunicações durante o governo do presidente José Sarney, de 1985 a 1990. Em março de 1991 assumiu pela terceira vez o governo do Estado da Bahia. Foi eleito senador da República para o período 1995-2003. Foi presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional no biênio 1995-1996 e ocupou a presidência do Senado Federal e do Congresso Nacional. Após a renúncia ao Senado em 2001, retornou ao Senado em 2003 com expressiva votação. Entre outras obras, publicou *Não era fácil ser revolucionário* e *Meu compromisso com o Nordeste*. Nesta entrevista concedida a Cinthya Brandão dia 14 de novembro de 2002 em seu gabinete do jornal *Correio da Bahia*, o senador Antônio Carlos Magalhães relembrou o seu tempo de jornalista político e afirmou que deve ao Jornalismo o seu gosto pela política. [O senador ACM faleceu aos 79 anos de idade no dia 20 de julho de 2007].

Quando o senhor começou a exercer a profissão de jornalista?
Antônio Carlos Magalhães - Eu tinha 17 anos quando iniciei a carreira de jornalista. No ano de 1945, entrei para o *Estado da Bahia*, um órgão dos Diários Associados. Naquele tempo, quem começava a trabalhar num jornal era chamado de "foca". Eu fui foca do setor esportivo do jornal. E fazia cobertura dos jogos de futebol, dos piores, porque os melhores redatores cobriam os melhores jogos. Depois passei a ser repórter auxiliar do *Estado da Bahia* que, na ocasião, tinha muito prestígio como veículo de comunicação. Posteriormente, entrei para a coluna política. Tinha muito gosto pela política por ser bom estudante e bom político, fosse na faculdade fosse no Colégio da Bahia. Fui presidente do diretório acadêmico do ginásio e da faculdade, fui orador da turma, enfim, fiz parte de todas as lideranças. Mas tenho que admitir que nunca fui um bom aluno de Medicina. Era um aluno que passava. Optei por esse curso, principalmente por causa do meu pai que era catedrático da Faculdade de Medicina e como tal era um incentivo para eu estudar. Inclusive farei 50 anos de formado no dia 15 de dezembro deste ano. Nem gosto de pensar nisso...

Quais foram os veículos de o senhor trabalhou?
ACM - Trabalhei no *Diário de Notícias* e no *Estado da Bahia* que eram órgãos da cadeia dos Diários Associados.

E por que a opção pelo jornalismo?
ACM - O jornalismo veio primeiro, eu ainda estava no ginásio. A Medicina veio depois. Naquela época, muitos médicos eram importantes jornalistas na Bahia. Por exemplo, Rui Santos nos Associados, Giovani Guimarães no *A Tarde*. Eu, realmente, depois de formado em Medicina continuei escrevendo e trabalhando para o jornal e, ao mesmo tempo, era redator de debates na Assembléia Legislativa.

Quantos anos o senhor exerceu a profissão de jornalista?
ACM - Passei exercendo a profissão, efetivamente, uns 25 anos.

Sabe-se que o senhor foi repórter político do *Diário de Notícias*. Acredita que isso o impulsionou para a carreira política?
ACM - Foi fundamental. O diretor do jornal era um intelectual brilhante a quem a Bahia muito deve, sobretudo, no setor das artes – o doutor Odorico Tavares. Ele era um chefe muito rigoroso. Depois nos tornamos amigos e as coisas ficaram mais fáceis. E através do jornal, eu lidei com muitos políticos, principalmente, Juracy Magalhães. E fiz carreira jornalística na Assembléia Legislativa até 1954 quando, de redator de debates, passei a deputado estadual. Em 1958, fui eleito deputado federal. Em 1962 me reelegi deputado federal, em 1966 me reelegi. Depois fui nomeado prefeito, naquela época, o prefeito era indicado. Minha vida administrativa começou quando fui prefeito da capital baiana onde pude realizar um grande trabalho na prefeitura, modéstia à parte. Fui inclusive nomeado o prefeito do século.

Tem alguma crítica ao jornalismo político praticado na Bahia na época em que o senhor era jornalista? E ao atual?
ACM - Naquela época o número de jornalistas era diminuto e não havia escolas de Jornalismo. A primeira turma de Jornalismo formou-se em 1952.

O Jornalismo era coisa de poucos. Hoje é uma profissão de muitos, a redação é enorme. Com o advento da Internet, o jornalismo mudou totalmente.

Acredita que as especializações limitam o trabalho do jornalista?
ACM - Isso não é um mal apenas da profissão de jornalista, é um mal de todas as profissões. As especialidades levam as pessoas a ficarem limitadas àquele âmbito. Seja no Direito, na Medicina, enfim, o profissional perde a cultura geral. As especializações estão presentes em todas as profissões. Valorizam o profissional que se destaca em algumas áreas e, no entanto, comprometem a cultura geral que é importante em todas as profissões, principalmente, no jornalismo. A vida levou os profissionais a se especializarem e com isso adquiriram destaque, porém tem menos conhecimento do todo.

Fale sobre o ACM jornalista político.
ACM - O ACM jornalista era um tanto faccioso, não era um jornalista imparcial. Naquele tempo, nós pertencíamos a uma facção política que lutava contra uma outra facção, os chamados autonomistas dirigidos pelo dono do *A Tarde*, Simões Filho. Cada um fazia o seu jornalismo de acordo com o seu interesse político. Claro que havia fatos que não se podia negar a evidência, mas sempre que era possível, puxava para a sua corrente política. Hoje ainda acontece isso. O nosso *Correio da Bahia*, por exemplo, é muito governista. *A Tarde* é muito oposicionista. Nem um nem o outro deveria estar nessa posição.

Conta-se que o senhor como jornalista político, certa feita, pediu um aparte para um deputado e debateu com ele. Como se deu esse fato?
ACM - Eu era um funcionário, o que era mais grave. Eu apartei sem pedi. Um deputado que ainda está vivo (não vou revelar o nome) falou qualquer coisa que eu não gostei. Como eu já comandava a bancada, mesmo sem ser deputado, falei que ele estava dizendo uma bobagem, uma tolice. Aquilo foi um escândalo! Eu estava em baixo como redator de debates da Assembléia, não era jornalista. Como conseqüência do episódio, fui suspenso por quinze dias. Depois a suspensão foi retirada graças a um trabalho que eu fiz com toda a bancada, inclusive com o próprio deputado envolvido. E eles foram favoráveis à retirada da punição.

Como jornalista o senhor se envolveu em grandes debates com suas fontes. Poderia lembrar algum desses fatos?
ACM - Com as fontes, não. Eu sempre disse que há três tipos de jornalista. O jornalista que quer o emprego, o que gosta de emprego e o bom jornalista, aquele que quer ter boas fontes. Quem tem boas fontes, faz um bom jornal. E hoje, eu apareço nos jornais porque sou fonte. Muitos jornalistas, principalmente os do Sul, sempre me telefonam para saber notícias da Bahia. É necessário distinguir o jornalista que gosta de emprego e o verdadeiro jornalista, o que gosta de boas notícias. Essa é que é a verdade.

O senhor é a favor do diploma para o jornalista?
ACM - Hoje você tem que ser formado em Jornalismo. Se eu for honesto, digo que não. Entretanto, hoje isso é uma determinação difícil de extinguir. As escolas de Jornalismo estão aí, mas os melhores jornalistas do Brasil não têm diploma. Eu duvido que o Cony tenha diploma, Cláudio Abramo (já falecido), os Mesquita mais velhos tivessem diploma, Roberto Marinho não tem diploma. Odorico Tavares e Simões Filho nunca tiveram diploma. Nem existia o curso de Jornalismo. Para ser jornalista tem que ter vocação e, mais do que isso, vontade de esmiuçar. Daí porque certas mulheres estão fazendo jornalismo.

Como o senhor analisa a participação das mulheres no jornalismo?
ACM - Eu vejo muito bem. Na Bahia, há muitas mulheres no jornalismo. Em nível nacional, há várias outras excelentes jornalistas. Em Brasília, São Paulo, eu tenho muitas amigas jornalistas.

Qual a experiência mais positiva da época em exerceu o jornalismo?
ACM - Se não fosse o jornalismo, eu não seria político. Então, eu devo ao jornalismo o gosto pela política. A vocação que tive na política, juntamente com o conhecimento das pessoas que eu tive no jornalismo fez com que eu me relacionasse bem com todos os proprietários de jornais de todo o Brasil. Seja de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília. Eu já fui injustiçado por alguns jornais, na época da violação do painel. Foi a maior tristeza que eu já tive, mas

voltei ao Senado com 3 milhões de votos, acredito que o fato está superado.

Como o senhor analisa o papel do jornalista? Qual a importância desse profissional para a sociedade?
ACM - O jornalista tem fundamental importância na sociedade. Agora, para que ele seja influente, deve agir com seriedade, tem que buscar ser imparcial. Essa é a condição indispensável para que ele se projete na sociedade. Não deve mexer com recursos de empresas porque ficará degradado, principalmente, com os colegas. A sociedade precisa ter jornalistas e jornais muito bons para que possa, inclusive, viver a verdadeira democracia. Sem uma imprensa livre não há democracia verdadeira. Daí porque eu acredito que, a cada dia, os jornalistas se credenciem mais pelo seu trabalho, pela sua inteligência, pelo seu valor, pela sua honestidade.

O senhor poderia destacar alguns nomes que marcaram o jornalismo baiano e qual a contribuição deles para o desenvolvimento da imprensa?
ACM - Eu vivi uma época de bons jornalistas e trabalhei com muitos deles. Temos que salientar que no *A Tarde* nunca tive intimidade com Simões Filho, mas tive muita amizade com Ranulpho Oliveira e com Jorge Calmon, de quem sou amigo pessoal. Jorge Calmon, apesar da idade, é um homem muito sensato e soube conduzir o jornal *A Tarde* de maneira excelente. Ele realmente superou todos os confrontos internos do jornal e tinha muito mais prestígio que os atuais diretores. Jorge Calmon foi um ponto muito importante no jornalismo baiano e fez do *A Tarde* o maior, não digo melhor jornal do Estado. Evidentemente, ele pontificou muitos anos no jornal, mas há também outros bons jornalistas do *A Tarde* que assinam colunas.
Ariovaldo Matos foi um excelente jornalista, começou sua carreira no jornal *O Momento* com o irmão Almir Matos que era dos Associados e também de *O Momento*. *O Momento* foi um jornal comunista muito importante na época, foi empastelado pelo Exército entre 1947 e 1950. Ariovaldo Matos era uma figura de destaque. Em 1964, foi preso e eu ia visitá-lo toda a semana. Inclusive, no aniversário dele levei um bolo para comemorarmos. Na época do Exército era uma coisa terrível! Ariovaldo morreu cedo. Florisvaldo Matos, que continua

atuando no *A Tarde*, sempre foi um bom jornalista, mas não é atuante, é redator de matérias mais literárias. Um outro jornalista muito importante foi Victor do Espírito Santo, dos Diários Associados, e depois foi para o Rio de Janeiro. Odorico Tavares foi a pessoa que mais ajudou a cultura na Bahia. Ele veio de Pernambuco para a Bahia com 28 anos de idade, em 1945. Eu o conheci por intermédio de Rui Santos que era médico, assistente de meu pai e redator do jornal por muitos anos; também foi um excelente jornalista. Outro jornalista de destaque foi Wilter Santiago, que morreu cedo. Eu era fonte para todos eles. Deixei de ser jornalista para ser fonte. O melhor cronista político que eu conheci foi Carlos Castelo Branco. Ele foi um jornalista notável, foi também assessor no governo de Jânio Quadros. Otacílio Lopes, baiano, também morreu bem moço. Havia uma série de jornalistas maravilhosos como Vilas Boas Correa, Marcos Sá Correa, Elio Gaspari. Elio Gaspari, excelente jornalista e amigo fraternal, escreve às quartas-feiras um artigo e aos domingos uma página inteira nos jornais *Folha de S. Paulo* e no *O Globo*. Foi ele quem fez o melhor "Informe JB" dos últimos tempos. Nesse tempo, eu era fonte dele, nós almoçávamos e jantávamos praticamente todos os dias, com isso eu passei a ser colunista informal. No Sul e Sudeste, há bons jornalistas.

Como o senhor vê a situação dos jornais hoje?
ACM - Os jornais, hoje, estão passando por uma grande crise financeira que está levando a muitas demissões. Isso também irá refletir na abertura de novos cursos de jornalismo por que esses novos profissionais não terão mercado de trabalho. O mercado já é restrito, além de não poder pagar bem. Essa crise afeta todos os jornais do Brasil, sem exceção.

A que se deve essa crise?
ACM - A crise econômica do país afetou todos os veículos impressos. Com o dólar alto, o papel importado está com um custo alto obrigando, assim, uma redução no quadro de funcionários de muitos jornais. Isso é uma maneira errada, mas é uma medida necessária.

O senhor faria um paralelo entre Assis Chateaubriand e Roberto Marinho?

ACM - O doutor Assis, como nós o chamávamos, eu tive o prazer de conhecer. Em 1960, ele sofreu um AVC – acidente vascular cerebral –, e ficou oito anos, praticamente, fora de combate. Foi o maior poder no Brasil e fez grandes realizações para o desenvolvimento do país, forçando os ricos a gastarem. Ele comprava maravilhosos quadros para o Museu de Arte de São Paulo – MASP – e telefonava para os banqueiros dizendo: "Olha, eu comprei um quadro e você vai pagar!" Era uma chantagem terrível, mas benéfica para a cultura brasileira. Já Roberto Marinho tem um outro estilo. Era um homem organizado, hoje está com 97 anos, já não é mais o mesmo. Eu fui um dos melhores amigos de sua vida, talvez o maior amigo. Acredito que ele mesmo me considera como o melhor amigo dele, sou até suspeito em dizer isso... Roberto Marinho foi o grande criador da televisão brasileira que é a terceira do mundo graças a ele que soube contratar os melhores talentos. Hoje, os filhos estão bem unidos trabalhando na Rede Globo. Mas a Globo também enfrenta sérios problemas financeiros. Com a nova medida que permite que o capital estrangeiro participe da imprensa brasileira talvez venha a melhorar um pouco essa situação. Roberto Marinho como organizador foi muito melhor que Chateaubriand. Como jornalista e batalhador, o Chateaubriand foi melhor.

E amanhã, quando olharmos para a história da imprensa nacional quem será destacado como o mais significativo para a história do jornalismo?
ACM - Cada um na sua época. Em relação a Chateaubriand, Roberto Marinho cresceu mais. Roberto pegou o jornal com 23 para 24 anos quando o pai dele, Irineu Marinho, morreu. Roberto comandou esse processo e construiu um império no jornalismo brasileiro. O Chateaubriand também teve um império, mas de uma maneira diferente, menos rigorosa nos preceitos da honestidade. Era um homem terrível! Isso pode ser lido no livro *Chatô: O rei do Brasil*, de Fernando Moraes, que também será o meu biógrafo.

Carlos Navarro

"Eu aprendi a fazer jornalismo, brigando!"

Entrevista concedida a Leila Isandra e Marcel Lima em novembro de 2003.

Natural de Iaçu, Bahia, e nascido no dia 07 de fevereiro de 1945, Carlos Navarro Filho já mostrava seu interesse por comunicação quando criança. Naquela época, devorava os livros de Malba Tahan, autor que escrevia sobre o Oriente, mas seu afã por informação não deixava que se concentrasse em apenas um autor: lia tudo. Seu espírito de liderança sempre foi muito forte e o encaminhou para a comunicação. Ainda garoto, dirigiu o grêmio estudantil e fez jornalzinhos para a escola. Aos 14 anos, já fazia um noticiário na Rádio Emissora de Alagoinhas. Logo que entrou para a Universidade Federal da Bahia – UFBA –, em 1969, onde se formou em Jornalismo, Navarro começou a trabalhar no *Jornal da Bahia*. Aproveitando-se do seu dom de comunicador, foi também vereador em Alagoinhas. Atualmente, trabalha na Revista *Negócios Agrícolas* e acredita que o empreendedorismo é a receita do sucesso profissional. Carlos Navarro abriu as portas de seu escritório e gentilmente nos recebeu, em um bate-papo descontraído, num fim de tarde, que durou cerca de uma hora e meia. E, depois, ele nos atendeu por telefone, com paciência e boa vontade, para a confirmação e a coleta de mais informações.

Qual motivo levou o senhor a escolher o Jornalismo?
Carlos Navarro - Eu faço comunicação desde garoto. Com 14 anos, eu comecei a trabalhar na Rádio Emissora de Alagoinhas, cidade do interior da Bahia. Fiz o primeiro programa jornalístico da rádio, *O Noticiário de 26*. Depois, criamos a revista *Cometa*, da qual eu era articulista. Naquele tempo, por volta dos anos 60/70, imitava-se bastante Sérgio Porto, famoso cronista carioca mais conhecido como Stanislaw Ponte Preta. No caso da revista *Cometa*, eu imitava o Stanislaw, claro que sem o talento dele. Na época, também fazia

política: era líder estudantil, fui chefe de gabinete – na verdade fui, de fato, secretário da prefeitura. Depois, me elegi vereador. Nesse meio tempo, fiz vestibular em dezembro de 1968, aqui em Salvador, para Jornalismo e, em 1969, portanto, comecei a cursar Comunicação. No fim de 1968, entrei no *Jornal da Bahia* por ter sido aprovado no vestibular. Para ser mais exato, só fui contratado no meio do ano seguinte. Assim, iniciei a faculdade trabalhando no jornal. No *JBa*, fui um dos primeiros repórteres do turno matutino. Até então, só havia o turno da tarde. Nesse período estava acontecendo a regulamentação da profissão. Em princípio, estabeleceu-se uma cota para profissionais não formados. Uns cinco meses mais tarde, eu já era repórter e também fazia hora extra como copidesque.

Na época em que o senhor estava ingressando na faculdade havia censura. Como foi esse período?

Carlos Navarro - Foi uma época difícil, pois se vivia a fase mais crucial da ditadura. Eu era vereador, em Alagoinhas, e o vestibular de Jornalismo coincidiu com a edição do AI-5 [Ato Institucional de nº 5]. Ainda era garoto, mas fui um dos fundadores do MDB – Movimento Democrático Brasileiro – e fiz um pronunciamento na Câmara criticando o AI-5 e o presidente da época. Com isso, eu levei um processo, o que coincidiu com o vestibular. Então, precisei me afastar de Alagoinhas. Mas o processo não foi adiante. Um colega meu de Câmara, que também foi processado, era cunhado de um dos diretores do SNI – Serviço Nacional de Informação – e acabou conseguindo engavetar o processo. Com o meu ingresso na faculdade, deixei de lado a militância política e passei para a trincheira do jornal. Então, decidi que a minha briga com a ditadura seria apenas no Jornalismo, tentando mostrar, enquanto desse, o que estava acontecendo: as prisões, as torturas, a corrupção, em suma, tudo de ruim que a ditadura resultava.

Ocorreu algo de inusitado que o senhor presenciou?

Carlos Navarro - Houve vários fatos curiosos. Existiu, aqui em Salvador, um diretor da Polícia Federal chamado Luís Artur de Carvalho que, normalmente, chegava à redação do *Jornal da Bahia* no final da tarde com uns

papeizinhos na mão e dizia: "Este assunto aqui está proibido!" Então, ninguém publicava. O papel não tinha timbre, nem assinatura de ninguém. O jornal não poderia provar que a Polícia Federal solicitava a suspensão daquelas matérias. Aconteceram, também, nesse período, alguns fatos interessantes. Lembro que, um dia, eu estava de plantão no jornal – o plantonista entrava no fim da tarde. Eu chegava da escola no anoitecer e, então, começava o plantão, que cobria, na verdade, nada, a não ser eventos sociais, recepções. O plantão era boa vida, não havia serviço. Aconteceu que, certo dia, nós íamos para uma dessas recepções, no Iate Clube, e já estava escurecendo. Quando passamos pelo Dique do Tororó, vimos um corpo na pista, nas proximidades de onde há hoje um posto de combustível. Resolvemos parar. O fotógrafo que estava conosco fez a foto do morto, mas não havia ninguém por perto, como sempre acontece nesses casos. Como nós estávamos atrasados, fomos embora. Ao voltarmos para a redação do *Jornal da Bahia*, por volta das 9h da noite, descobrimos que o corpo era do sargento da Aeronáutica Valder Xavier de Lima. Era agente da 2ª Seção que combatia o que, na época, era chamado de terrorismo. Numa de suas investidas, ele e dois outros abordaram Paulo Pontes e Theodomiro Romeiro dos Santos, que era menor de idade. Prenderam os dois rapazes ali pelas imediações do Dique, região de brejo. Não havia ainda a Avenida Vasco da Gama. Os dois rapazes atravessavam uma pinguela quando foram cercados. Theodomiro era tão garoto que seus captores sequer se preocuparam em ver o que ele tinha na bolsinha preta pendurada no pulso do braço esquerdo. Algemados, um preso ao braço do outro, foram colocados no banco de trás de um jipe. Na bolsinha havia um revólver e Theodomiro, logo depois de o jipe partir, saiu atirando em todo mundo. No banco da frente, ao lado da porta, estava o sargento, no meio outro agente e ao volante um negro forte, se não me engano, cabo do Exército. Theodomiro atirou no sargento, na nuca. Deu o segundo tiro no policial que viajava no meio, mas a arma picotou, e o terceiro disparo, foi no motorista. A primeira reação do homem do meio foi se voltar para tomar o revólver de Theodomiro, o que fez sem muita dificuldade. A segunda, jogar o sargento, que caíra debruçado sobre a porta, fora do carro. O jipe nem parou. O motorista, mesmo ferido e ensangüentado, disparou até a Polícia Federal que, na época, ficava em frente

ao Mercado Modelo. Nesse meio tempo, na redação, ainda não sabíamos direito o que acontecera com o corpo encontrado no Dique do Tororó a não ser que o corpo tinha sumido. Na mesma noite, contudo, descobrimos que havia alguma coisa ligada aos órgãos de segurança, mas obviamente não fomos checar. O fato é que o *Jornal da Bahia* foi o único jornal do País a publicar a foto do sargento assassinado. Aí foi a maior confusão, pois veio gente para saber como é que tínhamos feito a foto, que outras informações dispúnhamos, coisa e tal. Desnecessário dizer que levaram também a foto, proibiram republicação ou que fosse cedida a outro jornal. O que acontecia, naquela época, eram coisas desse tipo, além de muitas prisões. Eu, por exemplo, no exercício da profissão fui preso várias vezes: era preso pela manhã e solto à tarde; preso à tarde e solto à noite. Isso ocorria quando a gente abordava a pessoa errada, o oficial errado ou entrava em locais proibidos. Eles, simplesmente, queriam exibir força e poder. Quando estava no *Estadão* [*O Estado de S. Paulo*] e chefiava a redação da sucursal, era freqüente ter de ir à delegacia soltar repórteres do jornal, presos em passeatas. Os policias prendiam todo mundo: estudantes, repórteres, fotógrafos. Não pediam identidade.

E o que aconteceu com Theodomiro?

Carlos Navarro - O resultado para Theodomiro foi a sua condenação à morte. Depois, a pena foi comutada em prisão perpétua e ele acabou cumprindo uns doze anos. Ainda preso, ele desconfiou ou foi informado que as Forças Armadas o matariam, pois foi condenado à prisão perpétua e teve a pena reduzida. Em verdade não lembro se cumpriu 12 anos ou menos, talvez seis ou sete. Desconfiando que sua vida corria perigo ele fugiu e, durante meses, andou sumido. Certo dia, o repórter Emiliano José que, atualmente, é deputado estadual na Bahia, me disse: "Olha, Navarro, nós podemos chegar até Theodomiro e fazer uma matéria com ele. Ele está no Brasil e nós temos de garantir que não diremos onde ele está". Eu aceitei a proposta e fui a São Paulo, às pressas, e falei com Júlio Mesquita Neto, o dono do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ele concordou e me pediu que tomasse cuidado, para que o Theodomiro não fosse preso por causa da nossa matéria. Emiliano e eu montamos, então, uma verdadeira operação, com direito a mochila-kit de

sobrevivência (escova de dente, cueca e outras coisas), como nos tempos de militância, pois o trabalho poderia demorar. Ficamos uns três ou quatro dias aqui na Bahia, alguns dias no Rio de Janeiro. O sistema de informação e contra-informação funcionando a mil, com senha e tudo. Chegava o aviso de um ponto marcado no Paraná. Depois era mudado para o Rio, ou São Paulo. No Rio, depois de vários pontos furados, finalmente fizemos contato. Ao final, fizemos a matéria com Theodomiro. Foi matéria da última página do *Estadão*, a segunda mais importante do jornal. Só que, sem saber, terminei engajado no esquema de libertação de Theodomiro, pois demos a notícia de que ele estava em São Paulo e, em realidade, quando voávamos do Rio para São Paulo para redigir a matéria, ele iniciava a viagem de carro, naquela madrugada, do Rio para Brasília. Nós não sabíamos, mas já estava tudo combinado. E, ao meio-dia, ele entrou na Nunciatura Apostólica e, depois, saiu do País com destino ao México.

Na época da ditadura, qual era a linha editorial dos jornais?

Carlos Navarro - O *Estadão*, que foi onde eu trabalhei, foi contra. Ou melhor, o jornal ajudou a fazer o golpe. Logo depois rompeu com os militares e combateu a ditadura até o fim. O *Jornal da Bahia* e a *Tribuna da Bahia* também combatiam. Mas houve jornais que apoiaram a ditadura, *O Globo* era o mais conhecido de todos.

Em sua opinião, o que a ditadura trouxe de positivo para o país?

Carlos Navarro – Nada. Houve um período da ditadura em que se divulgou muito o chamado "milagre brasileiro", no qual o País experimentou crescimento econômico. As primeiras multinacionais começaram a surgir, houve o crescimento da indústria automobilística, da construção civil e a ascensão das grandes empreiteiras, grandes rodovias como a Transamazônica, a Belém-Brasília, a Ponte Rio-Niterói. Esse crescimento econômico, veríamos mais tarde, nos custou muito caro. Pagamos um preço muito alto por ele. No governo Sarney, na transição, a inflação chegou a 80% ao mês. No aspecto econômico-financeiro, eu não diria que a ditadura foi ruim para os grandes jornais porque eles faturaram muito com publicidade.

Que época o senhor considera mais estimulante para se fazer jornalismo: naquela época ou atualmente?

Carlos Navarro - Na ditadura era mais estimulante. Todo mundo que não compactuava com o regime o combatia. Cada um combatendo do seu jeito, com seus meios. Nenhuma ditadura é boa. E havia o anseio de liberdade, a coisa latente na população, em todas as categorias, em todas as camadas. Daí o que eu queria, o que todos queríamos, era acabar com aquilo, era denunciar o que estava acontecendo. As artes, por exemplo, eram censuradas, reprimidas. Nunca o teatro brasileiro foi tão rico como no período da ditadura. Há vários grandes artistas que ainda estão aí, para provar isso. A mesma coisa aconteceu com a música; ela nunca foi tão rica. A Tropicália, Os Novos Baianos, a Bossa Nova. Tantos movimentos que surgiram com disposição de combater, de protestar...

O que o senhor acha do estilo de música da Jovem Guarda em comparação à Tropicália?

Carlos Navarro - Jovem Guarda era um contraponto, tanto que, naquela época, fazia-se uma clara distinção. Havia certa injustiça, em minha opinião, com artistas famosos, ou jogadores de futebol, quando eles não se engajavam na luta contra a ditadura. Obrigação eles não tinham – podiam fazer ou não –, mas quem não fazia não era bem visto. A Jovem Guarda era vanguarda, em alguns aspectos até meio direitista para o nosso conceito da época, embora também fosse uma coisa nova, moderna. Sempre houve o conceito de que arte não tem cor, nem partido, mas sempre se via com um pouco de desconfiança. É como acontece com o Jornalismo.

O *Jornal da Bahia* sofreu censura?

Carlos Navarro - Sofreu a perseguição implacável de Antonio Carlos Magalhães, quando ele era prefeito e, depois, quando governador. Ele representava a ditadura. Por isso, boa parte do nosso trabalho era voltado para denunciar essas coisas. Quando havia brecha, claro. Agora, no *Jornal da Bahia* nunca houve autocensura. Havia censura externa, de Luís Arthur, da Polícia Federal. Censura na boca da máquina eu sofri no *Estadão*. Lá havia um

censor que olhava o jornal na hora de ser impresso. Quer dizer: quando descia para gravar a chapa e ir pra máquina, o sujeito estava lá para ler todo o material e cortava muita coisa, tanto que, na época, ficaram famosas as receitas de bolo e os poemas de Camões. Foi uma forma de denunciar a censura que notabilizou o *Estadão*. Quando a ditadura amenizou, já no final do governo Geisel, época da abertura lenta e gradual, aí se retirou a censura prévia nos jornais. Toda a imprensa brasileira ficou meio que desnorteada, sem saber o que fazer. A partir de então, passou a ocorrer a autocensura. As pessoas não sabiam até onde podiam ir. Quando a repressão cessou, a gente não sabia muito aonde pisar. Ficou a lei de imprensa que nos deixava na seguinte situação: "Você agora pode dizer o que quiser, mas se extrapolar vai ser processado, vai ser punido". A lei de imprensa é um resquício da ditadura. Nós já temos punição a jornalistas na Constituição e no Código Penal, não há necessidade de uma lei de imprensa.

Naquela época, como era a relação dos jornalistas com a ética?

Carlos Navarro – Pensando politicamente, ninguém, em tese, infringia a ética jornalística, mas havia os casos de picaretagem, muito comuns em determinados tipos de colegas. Quanto ao problema de termos ficado sem saber o que fazer com o fim da censura prévia isso não durou muito. Foi um período de seis meses a um ano a depender do jornalista, ou do jornal. O que surgiu daí em diante foi outro tipo de censura, a econômica. Os jornais, enquanto empresas que visam o lucro, tinham e têm seus interesses. Isso tem influência na redação, é claro. Veja a luta dos jornais contra o diploma, quer dizer tiravam a nossa mais valia e ainda queriam nossas cabeças.

E o senhor sentiu esse tipo de dificuldade?

Carlos Navarro – Não sofri muito, não. Apesar de ser um cara ainda novo, tinha certa maturidade e já era um profissional um tanto experiente. No Jornalismo, eu sabia exatamente o que queria. Eu estudava a lei de imprensa, fui obrigado, desde o tempo do *Jornal da Bahia*, por conta da luta contra Antonio Carlos, que quase matou Joca, o editor, do coração, de tanta aporrinhação. ACM não fechou o jornal por pouco e nos prejudicou muito,

porque além da demissão de quase todos os jornalistas, os que ficaram não tinham aumento de salário. João Falcão chegava e dizia "como é que podemos falar em aumento se o jornal está prestes a sucumbir". A gente saía da reunião conformado, se ele pedisse um dinheiro emprestado garanto que a gente ajudaria. Voltando ao assunto, quando você trabalha com a realidade do fato as coisas ocorrem sem problemas. Eu mesmo fiz inúmeras denúncias sérias aqui na Bahia e nunca me aconteceu nada, por que as denúncias estavam baseadas em provas. A sede do *Estadão* na Bahia tem até hoje um dos maiores arquivos de problemas fundiários do Estado. Anos a fio, cobrimos grilagem, a posse ilegal de terras mediante documentos falsos. Cobrimos muitos problemas de poluição. Já não vivíamos a pior das fases, mas ainda havia resquícios. Nós sempre denunciamos, mas era tudo documentado. Quando não havia documento escrito, havia testemunhas que confirmavam. Vou repetir o óbvio: jornal é uma empresa como outra qualquer, que tem seus interesses. Não pense que você vai sair da escola e vai fazer o Jornalismo que você quer, pois, chegando lá, você encontrará uma linha editorial; você vai encontrar normas que precisam ser seguidas. Eu dei sorte, peguei o *Jornal da Bahia* numa fase de briga. Era um jornal que tentava sobreviver. E peguei um outro jornal, que é um jornal conservador que todo mundo conhece, o *Estadão*. Trabalhei a minha vida inteira no *Estadão* [quase 30 anos]. Mesmo sendo conservador, o jornal dava liberdade para trabalhar. Podia publicar ou não publicar a matéria. Mas não a modificava em seu interesse, como era comum em algumas revistas e jornais. Esse posicionamento nos dava muita força.

Como era o convívio na redação da sucursal de *O Estado de S. Paulo*?
Carlos Navarro - Acredito que foi a melhor equipe de Jornalismo que se fez aqui na Bahia. Nós éramos de oito a dez pessoas e todos pensavam da mesma forma, todos tinham muita garra. Claro que a gente estava na ditadura. Mas, quando acabou, todo mundo continuou, pois nós descobrimos grilagem, casos de corrupção e outros problemas para denunciar. Agora, havia uma regra básica no *Estadão*: ele não retificava matéria. É uma das suas regras básicas há cem anos. Então, a sucursal não podia mandar matéria se tinha alguma dúvida. Era assim: se você tiver certeza, faça sua matéria; se não tiver, não faça. É melhor tomar o furo

do que ter de retificar. Claro que, com os tempos modernos e a velocidade da informação e do nosso trabalho, esta regra hoje não é mais tão rígida.

Quais as diferenças entre trabalhar em um jornal local e uma sucursal, como a do *Estadão*?
Carlos Navarro - A diferença, basicamente, é a seleção que se faz dos assuntos tratados. No noticiário, ainda hoje, há uma hierarquia da notícia: local, regional ou nacional. Na época em que havia dez pessoas na sucursal, para cobrir Bahia e Sergipe, o jornal *A Tarde* tinha quase cem jornalistas, o *Jornal da Bahia* e a *Tribuna da Bahia* entre 40 e 50. Então, não dava para se tentar cobrir tudo que os jornais locais cobriam. Era necessário, portanto, ter essa noção de valoração da notícia: qual a notícia que interessa à Bahia, mas interessa também ao paulista, ao carioca, ao País? O foco é saber o que é notícia local e notícia nacional. Para isso, é preciso ter um repórter mais qualificado. Não que ele seja diferente, melhor do que os outros, mas é preciso que tenha uma certa experiência, um bom texto. Em um jornal local, há cinco anos ou mais, uma matéria poderia ser escrita com 50 a 60 linhas, havia espaço fácil. No entanto, a mesma matéria, sendo de interesse nacional, não podia passar de 15 a 20 linhas, no *Estadão*, na *Folha de S. Paulo*. Isso porque, todo mundo sabe que a grande imprensa nacional dá 80% do seu espaço ao eixo Rio-São Paulo-Brasília. O resto do País é periferia. Além de a Bahia não ser tão importante para esses estados, ainda é necessário competir com o mesmo padrão de notícia vindo de outros lugares fora do eixo político-econômico principal. Daí, o texto tem de ser conciso, o que era chamado de "matéria redonda", poucas linhas com o máximo de informações. Fora dessa competição, a boa notícia se garante. Se for realmente importante não precisa competir, tem espaço certo. Para isso tudo é preciso ter, nas funções de editor e subeditor, profissionais mais qualificados.

Quais as principais diferenças entre trabalhar em jornal impresso e em outros meios de comunicação?
Carlos Navarro - Antes de falar disso, eu queria falar uma outra coisa: hoje, não se faz mais o Jornalismo que se fazia antes. Antigamente, não havia a

Internet. No início dos anos 70 falava-se de aldeia global, mas não havia os avanços de hoje. O ritmo das pessoas era diferente. As pessoas tinham mais tempo para ler jornal. A vida era diferente. Até prefiro aquele tempo, um tempo mais manso. As pessoas tinham mais prazer em viver, tínhamos tempo para jogar conversa fora, beber em botequim. Então, fazia-se um jornal no qual era possível escrever grandes matérias, reportagens de página inteira. O jornal fechava à meia-noite, uma hora da manhã. O plantão da sucursal ia até as 23 horas. Com essa mudança de ritmo, com o advento dessas novas tecnologias, o tamanho das matérias e os espaços foram reduzidos. Com isso, o jornal passou a ser uma coisa apressada. O Jornalismo de hoje é diferente. Antes, você punha um repórter uma semana, 15 dias, um mês viajando. Eu fiz viagens de um mês ou mais, trabalhando aqui e fora do Brasil. Hoje, quase não há mais isso; só uma casta muito especial de grandes repórteres, os chamados repórteres especiais, que ainda fazem isso, e em poucos jornais. Atualmente, nos grandes jornais, vê-se uma coisa quase que massificada. As agências de notícias distribuem o mesmo material noticioso que se vê em quase todos os jornais. O Jornalismo em si é igual em todos os veículos. Porém, o que muda é a forma de se fazer, a formatação que se dá ao trabalho. A linguagem de televisão, por exemplo, é muito mais rápida, mais precisa, mais superficial. É por isso que o jornal sobrevive, por que, mesmo com o problema de espaço, ainda dá mais detalhes da notícia.

Em que se baseou a modernização dos jornais baianos?

Carlos Navarro - No fim dos anos 1960, foi criado, em São Paulo, o *Jornal da Tarde*, que inspirou a formatação de vários jornais no País inteiro. Para se ter uma idéia da dimensão da importância do *JT*, os jornais atuais de Salvador, exceto o *A Tarde*, têm a cara do *Jornal da Tarde*. E, no resto do País, eu diria que uns 80% dos jornais também têm a cara do *JT*, que, por sua vez, tem a cara do *US Today*, um jornal americano que sempre explorou mais a fotografia do que o texto. A revolução gráfica foi interessante. Deixou o jornal mais palatável. As pessoas começaram a parar nas bancas para olhar os jornais, por causa das fotos ou de uma grande manchete. Os jornais tradicionais, como o *Estadão* e o *A Tarde*, eram jornais pesados, com muito preto, muito

texto. *O Estadão* só começou a colocar foto na página de economia nos anos 70. Antes disso, colocava apenas gráficos. Só que o *Estadão* não seguiu o *Jornal da Tarde*, tem a cara do *Washington Post*, que não é o maior, mas é o mais importante jornal americano. E o *Estadão* segue isso, no Brasil: ele não é o maior jornal, mas é o mais importante, o que tem mais influência. Os jornais mais tradicionais demoraram a se modernizar, a exemplo do *A Tarde*, que mudou há muito pouco tempo, também sob influência do *Jornal da Tarde*, pois [Ricardo] Noblat veio do *Correio Brasiliense*, que tinha a cara do *JT*. Mas, antes disso, o *A Tarde* fez uma reformulação gráfica que deve ter uns dez a quinze anos. Assim, com a revolução gráfica, veio um texto novo – não tão formal quanto antes. Mais aberto – às vezes, até mais coloquial do que acredito que deveria ser, pois eu penso que o jornal, além de informar, deve formar. E, na medida em que o jornal começa a colocar termos como "a nível de", ele deseduca, não ajudando muito ao jovem que está lendo.

Com quais outros grandes jornalistas o senhor trabalhou?

Carlos Navarro - Tentarei lembrar alguns. Aqui na Bahia, trabalhei com Jorge Calmon, João Carlos Teixeira Gomes, Gilson Nascimento, Paolo Marconi, Fernando Vita, Pedro Formigli, Mariluce Moura, Oldemar Vítor, Rino Marconi, Emiliano José, Jadson Oliveira, José de Jesus Barreto, Carlos Gonzáles e muitos outros grandes profissionais. Quanto aos mortos abrirei uma exceção para citar Fernando Escariz.

Aconteceu alguma situação inusitada com um desses jornalistas?

Carlos Navarro - Aconteceu um caso engraçado, quando eu estava com o fotógrafo Oldemar Vítor, que, atualmente, é professor universitário. Na época da ditadura, houve um episódio, aqui em Salvador, no qual a polícia invadiu um "aparelho" (como eles chamavam). Houve um tiroteio e um rapaz do SNI e um delegado chamado Elísio Medeiros foram alvejados. As pessoas que dispararam os tiros fugiram, mas, cerca de quatro dias depois, foram presas, em Belo Horizonte, e foram recambiados. O jornal me escalou para fazer a cobertura. Fomos para o aeroporto civil e ficamos lá durante um bom tempo, até começar a anoitecer. Já era muito tarde, quando chegou a informação de

que eles iriam descer na Base Aérea. Oldemar Vítor e eu ficamos escondidos num matagal próximo ao local onde o avião desceria com os presos. Passava das duas horas da manhã, quando eu disse a ele: "Se você fotografar, nós vamos ser metralhados, por que a foto vai ter de ser com flash". Aí caiu a ficha. E, quando os presos chegaram, nós estávamos deitados no mato, com medo de levarmos um tiro. Casos deste tipo há vários.

Quais veículos existiam na Bahia na época da ditadura?

Carlos Navarro - Havia os Diários Associados, que mantinham, aqui na Bahia, na época da ditadura, um canal de televisão, que era a TV Itapoan, da Rede Tupi, e dois jornais: o *Diário de Notícias* e o *Estado da Bahia*. Duas emissoras de televisão, a outra era a TV Aratu. Tinha mais o *Jornal da Bahia*, o jornal *A Tarde* e o jornal *Tribuna da Bahia*. Então, existia um mercado. A imprensa baiana tinha alguma força. A "grande revolução" dessa época foi a chegada do *offset*. A partir daí, começou a morrer a fase da impressão a quente, cedendo espaço para a impressão a frio. Paulatinamente, o *A Tarde* começou a utilizar esse tipo de impressão e o *Correio da Bahia*, que surgiu algum tempo depois, já veio com o maquinário moderno. Mais recentemente, nos anos 1980, surgiu o jornal *Bahia Hoje*. Porém, quando esse periódico surgiu, o *Tribuna* e o *Correio* já estavam em decadência. O *Correio da Bahia* nunca foi um grande jornal e, provavelmente, não será, por ser um jornal de dono. Isso porque o Jornalismo precisa ser feito para atingir o maior número de pessoas, o que não é possível quando se expressa a voz do dono, ou de um partido político ou de alguma ideologia. Nesses casos ele será lido apenas por pessoas que pensam da mesma forma. E esse é um dos motivos pelos quais o *Correio* nunca foi um grande jornal, mesmo tendo sido privilegiado pelo governo que mandou na Bahia durante mais de trinta anos. Hoje, está bem melhor: o *Correio* está mais avançado, tem um número maior de assinantes, como nunca teve, mas nunca vai chegar a ser o *A Tarde*. Mas a briga do *Correio* é inteligente, pois ele busca se firmar como o segundo jornal da Bahia.

Qual foi a grande participação do *Estadão* na promoção dos movimentos musicais baianos?

Carlos Navarro - Nós, do *Estadão*, ajudamos muito e isso não é gabolice barata. É apenas um registro. Por exemplo: o movimento negro era um e, depois do *Estadão*, passou a ser outro, muito mais forte. Quem primeiro falou do Olodum, na imprensa nacional, fomos nós do *Estadão*. Inclusive, a primeira vez foi quando surgiu uma pauta vinda de São Paulo. Até então, a Bahia não conhecia o Olodum. Ocorreu da mesma forma com Carlinhos Brown, que só começou a aparecer, depois que ganhou um prêmio *Grammy,* por ter duas de suas músicas num dos discos de Sérgio Mendes, um brasileiro que tinha uma orquestra nos Estados Unidos. Coisa semelhante aconteceu com os Filhos de Gandhi, Ilê Ayê, pois demos muita força ao movimento da negritude.

O senhor trabalhou em algum jornal alternativo?

Carlos Navarro - Nos anos 1970, houve uma proliferação de jornais alternativos. E eu trabalhei para alguns, não profissionalmente. Na época, o trabalho nesses jornais era em colaboração, pois eram jornais que não tinham dinheiro para se manter. Havia o *Movimento,* o *Ex* e outros. Além disso, tinham vida muito curta; duravam seis meses, um ano. Então, nós contribuíamos, fazíamos matérias, análises, mas não assinávamos os textos.

O que o senhor pensa da proliferação de cursos de Jornalismo em Salvador?

Carlos Navarro - Eu sou defensor do diploma. Eu acho que o diploma foi a maneira de controlar a qualidade do Jornalismo. Quase todo jornal começa com um objetivo específico: comercial, político etc. As pessoas se uniam com o mesmo pensamento e faziam um jornal. Naquele tempo, não se privilegiava tanto a notícia, até porque o tráfego da informação era muito lento. O jornal era, portanto, usado para opinar; servia para grandes embates. Quando surgiu a regulamentação da profissão, os donos dos jornais perderam um pouco esse controle. Mas, uma coisa é haver escolas aparelhadas com laboratórios, com bons professores, que formem bons profissionais. Outra coisa é haver a exploração comercial do ensino, pelo fato de o Jornalismo ser uma profissão que concede status, já que os apresentadores de telejornais ficam conhecidos, repórteres de TV e rádio ficam conhecidos. Isso atrai os jovens para o Jornalismo. Eu diria que boa parte das escolas não forma

jornalistas; apenas dá um diploma ao estudante. Existe uma coisa no Jornalismo que está um pouco fora de moda – mas que eu vejo como algo de extrema importância – que é o aspecto social da profissão, o compromisso social. O jornal é o reflexo da sociedade. É possível conhecer um país através do jornal que ele tem. Não há a devida preocupação de se informar corretamente, com as conseqüências que uma notícia pode causar ao ser publicada. Digamos que os cursos formem 100 jornalistas por ano, em Salvador. A cidade tem três jornais, uma rádio jornalística, algumas emissoras e assessorias de imprensa. Não há espaço para todos. Por isso, a proliferação dessas escolas é algo meramente comercial. O jornal impresso, por alguns fatores, continua vivo, mas há muitos jornalistas que vão para a Internet produzir notas. Um estudante sai da escola, vai para uma agência de notícias, passa o dia inteiro sentado, com um telefone, levanta quatro, cinco, dez assuntos que o chefe manda, escreve cinco linhas de cada um e vai embora feliz da vida, achando que fez um belíssimo trabalho jornalístico. A culpa dessa situação não é exclusivamente do aumento do número de escolas de Jornalismo. Porém, enche-se o mercado de profissionais que vão trabalhar barato, porque o mercado não comporta.

Atualmente, o senhor trabalha na revista *Negócios Agrícolas*. Como é o Jornalismo feito por essa revista?

Carlos Navarro - A revista *Negócios Agrícolas* surgiu em 1997, fruto de um convênio da Secretaria de Agricultura com o Banco do Nordeste, com apoio dos produtores de soja (no oeste baiano) e dos produtores de cacau (no sul do estado). Foi criada, principalmente, para atrair investimentos para a Bahia. O Estado avançou nessa área, especialmente, em alguns pólos, como o Oeste e o Sul, o pólo cafeeiro e a Chapada Diamantina. A revista trabalha em cima dessa diversidade de possibilidades de investimentos agrícolas. Inclusive, circula em outros países, na Europa, além de Japão e Canadá. É uma revista dirigida, com assinatura gratuita, que tem feito sucesso e cumprido bem o seu papel.

Para finalizar, qual a dica que o senhor deixaria para os futuros jornalistas, aqueles que pretendem seguir uma carreira de sucesso como a sua?

Carlos Navarro - Eu diria o seguinte: no mundo inteiro, a atividade econômica

está suprimindo, cada vez mais, a chamada relação de emprego. Só haverá emprego para profissionais altamente especializados e para carreiras muito específicas. E o mundo atual tende ao empreendedorismo. Em vista disso, o jornalista que está entrando no mercado deve ter algumas coisas em mente. Ele deve se especializar e ir, aos poucos, preparando-se para ser empreendedor, montar sua própria empresa de marketing, assessoria de imprensa, de produção de textos e Imagens, ou seja qual for. Comunicação tem um grande futuro. Mas o futuro profissional da área não pode sair achando que vai sobreviver, fazer carreira e brilhar trabalhando no Jornalismo da forma tradicional, empregado de um jornal na Bahia, ou da TV baiana. Está enganado quem pensa dessa forma. Eu estava trabalhando em São Paulo com web e, de vez em quando, via casos de jovens que criavam um site diferente, coisas novas, e pouco depois vendiam por R$10 ou R$15 milhões a empresários do setor. Isso porque o que dá dinheiro, na Internet, é a audiência. Os grandes talentos e as pessoas empreendedoras têm futuro no Jornalismo. Para o jornalista que espera trabalhar a vida inteira como repórter, empregado de um jornal ou outro tipo de mídia, um futuro de sucesso será mais difícil. É como os cantores, por exemplo: há, no Brasil, um grande número de pessoas talentosas, voz melodiosa e afinada, mas são poucas as que fazem sucesso. A grande maioria trabalha na noite, fazendo bicos. Dá-se o mesmo com o jornalista novato. Mesmo que seja bom, aqui na Bahia, vai ter de contar ainda com o fator sorte, para fazer uma bela carreira. O primordial é ter talento e ser empreendedor. Sendo empreendedor, o profissional vai garimpar o seu espaço e, tendo talento, vai brilhar em algum lugar e ser feliz.

Emiliano José

"O Jornalismo é uma coisa tão perigosa [...] que ele foi cercado historicamente por muitos constrangimentos".

Entrevista concedida a Patrícia Maia e Mônica França em outubro de 2003.

Emiliano José é jornalista e deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores. Viveu intensamente o movimento estudantil secundarista na década de 1960, em São Paulo. Foi um dos diretores da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e pertenceu à Ação Popular, organização revolucionária que enfrentou a ditadura militar de 1964. Com a edição do AI-5, em dezembro de 1968, perseguido, tornou-se clandestino e acabou preso e torturado na Bahia. No início dos anos 70, foi julgado e condenado a oito anos de prisão, mas saiu quatro anos depois, em liberdade condicional. Começou a carreira jornalística na *Tribuna da Bahia*, passou pelo *Jornal da Bahia*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, e pelas revistas *Afinal* e *Visão*. Foi um ativo integrante da imprensa alternativa nos tempos da ditadura. Colaborou com os jornais *Opinião* e *Movimento* e foi um dos fundadores do *Em Tempo*. Emiliano é diplomado em Jornalismo pela UFBA, onde também obteve o título de Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, vice-presidente do Partido dos Trabalhadores, na Bahia, e já integrou a assessoria política do Corregedor Geral da União, o ministro Waldir Pires. Também é autor dos seguintes livros, já lançados: *Lamarca, o capitão da guerrilha*, em parceria com o jornalista Oldack de Miranda; *Narciso no fundo das galés – combate político através da Imprensa*; *Imprensa e poder: ligações perigosas*; *Marighela — o inimigo número um da Ditadura Militar; Galeria F — lembranças do mar cinzento,* partes I e II, e *As asas invisíveis do padre Renzo*.

Fale um pouco da época da ditadura militar. O senhor foi preso e torturado, não foi?

Emiliano José – Bom, eu sou militante político desde 1967, portanto, lá se vão coisa de 36 anos de militância. A primeira fase se deu entre 1967 e 1970.

Eu era militante no movimento estudantil, quando me aproximei da Ação Popular (AP), uma organização revolucionária que nasceu muito próxima da Igreja Católica e depois se tornou uma organização marxista. Passei a militar na Ação Popular no ano de 1968 e, a partir daí, me dediquei inteiramente à militância política revolucionária. No final de 1970, exatamente no dia 23 de novembro de 1970, fui preso e só sai dali depois de quase quatro anos, em setembro de 1974. Quando fui preso, fui torturado pelos que comandavam naquele momento a repressão política na Bahia, sob as ordens do coronel Luís Arthur de Carvalho. A minha tortura foi dirigida e acompanhada pelo capitão Emetério Chaves Filho, da Polícia do Exército. Fui torturado no pau-de-arara, sofri choques elétricos, afogamento e tudo que era curiosamente cotidiano na época, "normal" nos porões da ditadura. Hoje é possível visitar o quartel onde então fui torturado, o Quartel do Barbalho. Depois, em outra fase e já tendo respondido inquérito na Polícia Federal, fui transferido para a Penitenciária Lemos de Brito, no final de janeiro e, mais tarde, julgado e condenado a oito anos de prisão. Depois, baixaram para sete e eu cumpri quatro anos. Saí em liberdade condicional no final de 1974. Só então se inicia a minha carreira jornalística. "Só então", é maneira de dizer, porque, embora não fosse jornalista antes de ser preso, na prisão vivi a experiência de fazer um jornalzinho clandestino enquanto as celas não se abriam. Explico-me. Houve uma fase de quase um ano em que nós vivíamos em regime completamente fechado, cada um na sua cela e cela fechada. Tranca dura, como costumávamos dizer. Então, para termos informações, fizemos entrar clandestinamente um radinho de pilha. Eu ouvia todos os noticiários e anotava tudo para, no final do dia, fazer para todos os presos um jornalzinho em meio papel ofício, frente e verso escrito à mão, o *Jornal de Notícias*, era como a gente chamava a nossa versão do *Jornal Nacional*. Aproximadamente de 15 a 20 pequenas notícias de duas linhas. Dobrava o papel, enrolava e colocava num canudinho que era passado de cela em cela. De um lado, o informativo da ditadura, o *Jornal Nacional*, de outro, o nosso, com a nossa visão dos acontecimentos do dia. Circulava por 20 celas, passando pelo buraco do interruptor de luz. Era o nosso noticiário por que não tínhamos nem rádio e nem televisão. Apenas aquele rádio na minha mão. Saí da prisão em 1974 e

tinha que me sustentar. Minha mulher estava grávida. Nós tínhamos conquistado o direito a visitas conjugais. Eu precisava ganhar a vida, ter mecanismos de sobrevivência. Fui dar aulas em um cursinho, embora ainda não tivesse nível universitário. Quando fui preso, tinha apenas terminado o curso secundário. Mesmo assim, fui convidado para dar aula de História. Era um curso que funcionava ali no Mosteiro de São Bento. Creio que um dos donos era João Henrique Coutinho, companheiro de prisão. E ali, no meio das aulas de História do Brasil, recebi o convite da *Tribuna da Bahia*. Um amigo ligado ao curso perguntou se eu queria ser jornalista e me colocou em contato com José de Jesus Barreto, jornalista e hoje subsecretário de Comunicação Social da Prefeitura de Salvador. E assim, eu fui para a *Tribuna*, sem saber nada de Jornalismo, sem nunca ter estado em uma redação de jornal. No entanto, eu gostava muito de escrever e isso certamente facilitou as coisas. A minha aventura na *Tribuna da Bahia* iniciou-se, no final de 1974.

O senhor se arrependeu de ter sido um militante?

Emiliano José – Eu não me arrependi em nenhum momento. Não tenho aquela sensação de tempo perdido, de juventude que me tenha escapado das mãos, nada disso. Eu fiquei preso dos 24 aos 28 anos, portanto em uma idade considerada essencial. Mas eu não tinha nenhuma dúvida das minhas idéias, das idéias que eu defendia, da necessidade de combater a ditadura, de me envolver naquela luta. Tenho, sim, absoluta convicção de ter me jogado nas paixões que eu me envolvi. Não tenho nenhuma tristeza. Pelo contrário, foram momentos de vida muito bem vividos embora, é claro, isso não elimine o sofrimento, a dureza da prisão, da tortura e a dureza dos dias de prisão passados daquela maneira rotineira, cinzenta e tal.

No que mais o senhor pensava quando na prisão?

Emiliano José – Aí só um psicanalista, um pouco mais dedicado, é que poderia descobrir. Nem eu mesmo sei (risos). O meu maior objetivo enquanto estava preso era ver a ditadura cair. Ao contrário do que as pessoas possam imaginar, nós tínhamos uma vida muito intensa na prisão, de discussão, de debates intensos. Tínhamos o "coletivo" que funcionava regularmente, com

democracia direta. As decisões eram tomadas sempre coletivamente. A Galeria F, onde estávamos presos, só abrigava presos políticos. O coletivo era nossa instância máxima. Depois que ele tomasse uma decisão, não havia mais apelação, não havia mais possibilidade de recuo. Era uma democracia direta, uma assembléia de todos, sempre. Não havia um chefe político ou um líder denominado como tal. Era sempre uma decisão do coletivo. Nós tínhamos comissões para cuidar da cozinha, por exemplo, que era coletiva; comissão para cuidar de esporte, pois nós jogávamos futebol; comissão para cuidar dos casos disciplinares. No nosso time suspendemos dois companheiros por seis meses porque trocaram tapas entre si no meio de um dos nossos jogos. Havia uma comissão de artesanato para cuidar, para dirigir o artesanato, uma maneira que a gente tinha para fazer finanças. Fazíamos bolsas, carteiras e colares de couro para vender e conseguir dinheiro para aqueles que não podiam pagar advogados. Organizávamos cursos: os que sabiam mais ou tinham conhecimentos específicos diferentes dos demais ensinavam para os outros. Tínhamos cursos de inglês, filosofia, de economia política. Era uma espécie de Universidade Popular. Renato da Silveira ensinava Antropologia; Theodomiro, Inglês; Pery, Economia Política. Seguíamos nossa vida de estudantes na prisão, a gente mesmo escolhendo o currículo. No primeiro semestre de 1974, abril, fizemos uma greve de fome de 11 dias. Foram 11 dias em que nós só tomávamos água para protestar contra o fato de um diretor fechar as nossas celas. A greve foi motivada por mim. Estava com uma otite muito grave, uma dor de ouvido muito violenta, tomando analgésicos, de meia em meia hora, e sempre acompanhado por Theodomiro. Solicitamos ajuda da direção da penitenciária e o diretor mandou dizer que aquilo se curava com óleo quente. Aí os companheiros mandaram uma carta muito dura para o diretor e ele mandou trancar a todos, menos a mim. Fui transferido para a enfermaria, lugar muito pior que a cela. Lá, recebi um bilhete dos companheiros dizendo que eles entrariam em greve de fome por conta do fechamento das celas e que eu, por estar doente e tomando remédios, tinha a liberdade de não entrar em greve. Eu, no entanto, decidi também entrar em greve de fome e aí curei a minha otite. Os médicos naturalistas dizem que o jejum cura muita coisa, eu de fato curei a minha otite com um

jejum de 11 dias. Parei de tomar antibiótico e entrei em um jejum completo, sem comer nada. Como que por encanto, a otite desapareceu. O juiz auditor, que tinha características legalistas, interveio, chegou a nos visitar, e nós acabamos com a vitória nessa luta. E a vida continuou na cadeia, sempre cinzenta.

Como o senhor definiria ditadura?

Emiliano José – A ditadura se define por ela mesma. É ditadura. Ela mata, tortura e reprime. Castra as pessoas e reprime a sociedade. No caso da ditadura militar no Brasil, ela matou muita gente. Matou mais de 400 pessoas e cometeu atrocidades que nós ainda desconhecemos. Todo o arsenal de atrocidades da ditadura de tortura, de matar dezenas de pessoas na tortura – porque não se trata apenas de matar em combate, mas na tortura, pessoas que foram torturadas de forma tal que nem a imaginação mais sádica pode conceber. Pessoas que tiveram seus olhos arrancados antes de morrer, pessoas que morreram empaladas como Mário Alves, por exemplo, quer dizer um cano enfiado no ânus até perfurar os intestinos. Crianças que eram torturadas de certa forma vendo seus pais serem torturados, ou mulheres parindo sob a ameaça de perder o filho ali na cadeia. Eu conto algumas dessas coisas nos livros *Lamarca – o capitão da guerrilha, Marighela – o inimigo número um da Ditadura Militar*, *Galeria F — lembranças do mar cinzento,* todos esses livros são parte da análise da história da ditadura e registro das atrocidades e barbaridades que a ditadura cometeu. Então, a ditadura não precisa muita definição, ditadura é ditadura e pronto. Suprimem-se as liberdades e um grupo de pessoas decide a vida e a morte das outras.

Seria capaz de fazer tudo outra vez?

Emiliano José – Essa é uma pergunta um pouco usual. Teríamos que responder sim, se mantidas as nossas convicções. Entretanto, se fosse possível o milagre de uma viagem no tempo, e se nessa viagem eu levasse a experiência que adquiri, certamente eu teria outra visão para determinados procedimentos. Mas isso não é possível. Nós aprendemos a lutar, lutando. E a luta tem um final pré-determinado. Ao longo de tantas batalhas, a gente perde e ganha. Acerta e erra. É por isso que a gente diz que faria tudo outra vez. É porque

lutar por um outro mundo, mais justo, é algo que faz a vida valer a pena.

É verdade que o senhor foi despedido do *Jornal da Bahia* por ter liderado um ensaio de greve?

Emiliano José – O *Jornal da Bahia* foi para mim uma experiência muito interessante. Primeiro, a minha vida profissional começou na *Tribuna da Bahia*. Lembro com muita alegria e com muito respeito profissional pela *Tribuna da Bahia* porque foi quem me acolheu quando eu saí da prisão. Não era fácil, naquele momento, para um jornal acolher um quase refugiado político dentro da própria terra, um preso sob liberdade condicional. Eu era um proscrito dentro da minha pátria, dentro do meu país e, ainda assim, a *Tribuna* me acolheu. Eu também devo registrar a generosidade da *Tribuna* e do próprio Joaci Góes, que era o proprietário ou diretor-presidente, não sei bem o cargo. Dos que estavam à frente da redação, no momento, lembro até hoje do José de Jesus Barreto, que era chefe de reportagem. Logo depois que entreguei a primeira matéria, e a primeira matéria a gente nunca esquece, Barreto disse: o bom jogador a gente conhece no arriar das malas. Repetia Neném Prancha, e isso me deu um orgulho danado, uma vontade imensa de seguir adiante. Um novato receber logo de cara um reconhecimento desses, não é brincadeira. Lembro-me, ainda de José de Castro Leal Valverde, de Sérgio Gomes. Lá, tive a satisfação imensa de trabalhar com profissionais da melhor qualidade. De ter um copidesque como Ruy Espinheira Filho, um poeta de nome nacional, romancista, um extraordinário escritor. Ruy foi meu colega na *Tribuna* e depois meu professor na Faculdade de Comunicação. Ele foi meu copidesque. As minhas primeiras matérias foram passadas por ele. Otto Freitas também era um grande copidesque ou Gustavo Falcón que é um grande jornalista e publicou o livro *Os coronéis do cacau*. Todos eles trabalhavam na *Tribuna*. Ou, Estevam Dulci que é irmão do Luis Dulci, ministro do presidente Lula. Tive a satisfação de tê-lo como secretário da *Tribuna da Bahia*. Também trabalhei com João Ubaldo Ribeiro, Cid Teixeira, para você ter uma idéia. Mestres que eu conheci na *Tribuna*, além, é claro, dos meus colegas de reportagem: Lula, Zé Fernandes, Jadson Oliveira, Silveira, Paulo Tavares, tantos outros que vão me escapar. A *Tribuna* foi uma escola extraordinariamente importante, e importante para todo o

Jornalismo baiano, pela qualidade da cobertura, pelo esmero com o texto, pela sofisticação gráfica, pela edição sempre bem cuidada. Logo que eu me destaquei na *Tribuna da Bahia*, fui chamado para o *Jornal da Bahia*. Lembro que o destaque foi decorrente de uma série de reportagens que fiz sobre a libertação das colônias africanas do coronelismo português – Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau. Fiz uma série de página inteira. Essa libertação, depois de longas guerras de guerrilhas, se deu entre 1974 e 1976. Isso eu fiz em 1974, quando estava chegando ao Jornalismo. Tinha um mês e estava fazendo isso, uma série de página inteira. Isso chamou atenção. Eu não assinei as matérias na época, mas perguntaram quem as tinha feito. Quem perguntou foi Césio Oliveira, então chefe de reportagem do *Jornal da Bahia* que disse: "Epa, venha cá, que eu quero você como repórter aqui do *Jornal da Bahia*". Creio que no início de 1975 eu já estava no *Jornal da Bahia*. Ainda era o tempo de Joca – João Carlos Teixeira Gomes –, de Gustavo Tapioca, Rafael Pastore, Rêmulo Pastori. O dono era João Falcão.

É curioso registrar (talvez seja uma característica daquele momento), que vários jornalistas que estavam nos jornais eram egressos das prisões. No *Jornal da Bahia*, pelo menos do que eu possa me lembrar, além de mim, tínhamos na Editoria de Economia o Tibério Canuto de Queiroz Portela, que foi meu companheiro de prisão. Oldack Miranda, que escreveu junto comigo o livro *Lamarca – o capitão da guerrilha*. Outro ex-preso também foi Dalton Godinho. O José Carlos Zenetti. O Denílson Vasconcellos, creio que este na *Tribuna*. Só para lembrar de alguns. Ainda posso falar do próprio Gustavo Falcón, que tinha sido preso rapidamente, na *Tribuna*. Então, o *JBa* acabou sendo um refúgio, um local onde tínhamos que ganhar a vida e foi uma experiência muito rica também. O secretário do *Jornal da Bahia*, na época, era o Rafael Pastore que depois veio a morrer em um acidente de carro. Um dos colegas mais famosos da época, pela ligação com a vida cultural e boêmia de Salvador, era o Rêmulo Pastore – irmão de Rafael que também morreu em um acidente de carro. No copidesque do *JBa* nós tínhamos Gilson Nascimento, um grande estilo, grande texto. Tínhamos, ainda, Luís Augusto (Eliá) que trabalha na Secom até hoje, ainda Fernando Vita que hoje é secretário de Comunicação do governo Paulo Souto. É um jornalista de grande qualidade. Logo depois,

eu saí do *Jornal da Bahia* e fui para *O Estado de S. Paulo*. No *Jornal da Bahia*, houve alguns episódios para mim revoltantes. Um deles foi eu ter feito uma matéria ouvindo o então deputado federal pelo Rio de Janeiro Lysâneas Maciel (morreu há pouco tempo), pastor protestante, um grande deputado de esquerda da ala autêntica do MDB, e a matéria não saiu. Eu fiquei muito puto. Os caras disseram que não dava para publicar por que tinha problema e eu era um simples repórter. Depois, o então secretário de Segurança do governo Roberto Santos, Luís Arthur de Carvalho, o mesmo que ordenou a minha tortura, pediu que eu fosse demitido. Uma parte da direção do *Jornal da Bahia* sugeriu que eu fosse conversar com ele, para que ele não pedisse a minha cabeça. Eu me recusei terminantemente. E disse: "se quiserem me mandar embora me mandem. Preso eu estava antes, agora eu não estou mais. Ou continuo exercendo a minha profissão ou vocês me mandam embora". Não fui mandado embora apesar disso. Foram momentos difíceis. Não é difícil entender as vacilações da própria direção, por que era um momento de ditadura mesmo. A gente se revoltava por que havia razões para se revoltar com esse tipo de acontecimento. A partir daí, eu fui convidado e aceitei ir para *O Estado de S. Paulo*. Trabalhei um ano no *Estadão*. Depois, fizeram alguns cortes e o critério era começar pelos que tinham menos tempo no jornal. Eu aprendi muito no jornal *O Estado de S. Paulo* e ao sair retornei para o *Jornal da Bahia*. Fui chefe de reportagem, pauteiro e depois repórter especial. Mais tarde voltei para a *Tribuna da Bahia*. A sucursal do *Estadão* em Salvador me chamou novamente em 1979, e lá permaneci por três anos. O chefe da Sucursal era Carlos Navarro, extraordinário profissional, um grande companheiro, um exemplo de correção. Aprendi muito com ele, devo muito a ele. No início dos anos 80, voltei ao *Jornal da Bahia*, onde fiquei até 1984. Tive colegas n'*O Estado de S. Paulo* como Fernando Escariz; Pedro Formigli, hoje assessor do ministro Waldir Pires, lá em Brasília; o José Carlos Teixeira, o Teixeirinha, um grande profissional; o Jadson Oliveira; o grande fotógrafo Agliberto Correia Lima; Carlos Gonzalez, que fazia esportes; José de Jesus Barreto. Uma redação de muita qualidade. As sucursais daqui eram grandes, faziam coberturas memoráveis dos acontecimentos baianos. O panorama de hoje é completamente diverso. Já faz algum tempo que os grandes jornais nacionais

mantêm apenas um profissional para cobrir a Bahia. O que evidencia que o Jornalismo brasileiro não cobre o País. Limita-se ao Centro-Sul, como se o País fosse apenas São Paulo, como centro econômico, e Brasília, como centro político. E o Brasil é muito mais. E isso, claro, teve impacto sobre o mercado de trabalho, bem mais reduzido nos dias de hoje. Entre os anos de 1975 e 1979, podemos falar de uma vivência na imprensa alternativa. Eu não só trabalhei na grande imprensa como também nos jornais alternativos. Trabalhei no jornal *O Movimento* e fui fundador do jornal *Em Tempo*. Trabalhei nesse jornal e isso está registrado no livro *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. É um livro da editora Scritta [há uma edição mais recente da Edusp] que registra nossa participação, a participação do chamado grupo baiano no jornal *Em Tempo*. O grupo baiano era constituído, posso tentar me lembrar, por Tibério Canuto, que foi redator-chefe; Oldack Miranda, José Carlos Zanetti, Linalva Maria de Souza, entre outros.

Na imprensa alternativa brasileira, chegamos a fundar também aqui o jornal *Invasão,* de grande repercussão, mas de apenas um número. Nesse solitário exemplar, há a matéria sobre os efeitos criminosos da Cobrac, em Santo Amaro. A manchete era "Chumbo neles!" e demonstrava que o chumbo, o cádmio e outros metais pesados estavam envenenando o sangue dos operários e tornando o meio ambiente irrespirável em Santo Amaro. Recentemente, o assunto voltou a ganhar relevância. Depois de 30 anos a matéria continua atual. A reportagem foi feita por mim, por Linalva Maria de Souza e contou, ainda, com a colaboração de Carlos Navarro Filho e fotos, creio, de Milton Mendes Filho. A entrevista com Murilo Leite, então vereador, feita por mim e pelo Tibério Canuto, provocou um bafafá danado na Câmara. Ney Ferreira invadiu a Câmara Municipal de revólver em punho, queria matar Murilo pelas declarações dele contra o adesismo. Não matou, não houve sangue por que Murilo não estava na sessão naquele instante. Tudo isso evidencia o papel do jornalismo quando exercido com seriedade e paixão. Eu não só fazia matérias. Ia atrás, também, de assinaturas para garantir financeiramente o jornal, no caso do *Em Tempo*. Eu participava do conselho do *Em Tempo*, tínhamos reuniões freqüentes em São Paulo para discutir a linha editorial, a pauta, tudo. Foi na esteira da vida jornalística que eu acabei por produzir o

primeiro livro. Eu e Oldack Miranda. Em 1980: *Lamarca – o capitão da guerrilha*, um livro que agora vai para a 16ª edição e que já suscitou três filmes: *Lamarca,* de Sérgio Resende; *Portas de fogo,* do Edgar Navarro; e outro chamado *A Ordem*, que não lembro o nome do diretor. Mais tarde eu escrevi outros livros, tudo em decorrência da minha experiência jornalística. Escrevi *Carlos Marighela – o inimigo número um da ditadura militar*, que também provocou um documentário do Silvio Tendler. Escrevi também *Asas invisíveis do padre Renzo*, que é uma biografia de um padre muito solidário aos presos políticos. O *Galeria F - lembrança do mar cinzento,* que diz respeito à repressão política na Bahia e devo fazer o segundo volume agora desta série e fiz ainda *Imprensa e poder: ligações perigosas*, que diz respeito a uma análise do Jornalismo e do papel do jornalista na época da CPI do Collor. Esse é a minha dissertação de mestrado; e fiz o *Narciso no fundo das galés*, um livro que reúne crônicas e ensaios publicados nos diversos jornais brasileiros. É uma vida intensa a minha vida de produtor de textos, pra dizer de uma forma simplificada.

Qual a contribuição do *JBa* e da *Tribuna* para a imprensa baiana?

Emiliano José - Os dois, cada um a seu modo representam momentos revolucionários da imprensa baiana. O *Jornal da Bahia* e a *Tribuna da Bahia* deram uma sacudidela na imprensa baiana. O *Jornal da Bahia*, quando surgiu no final da década de 50, era um jornal com ares bastante inovadores que contava com a contribuição de uma intelectualidade muito instigante, figuras como Glauber Rocha, enfim não era pouca coisa, não é? E teve a presença importante de uma intelectualidade próxima ao Partido Comunista Brasileiro. Até ali o jornal *A Tarde* era um jornal mais conservador. A história do *Jornal da Bahia*, eu diria ser a crônica de uma morte anunciada. Começou com a perseguição perversa, cruel, ditatorial, pequena, mesquinha e sórdida do "coronel" Antonio Carlos Magalhães, que decidiu perseguir e o jornal foi definhando, acabou. A *Tribuna da Bahia*, quando surgiu no final dos anos 1960, foi outro momento de revolução gráfica moderníssima e foi uma autêntica escola de Jornalismo. Sacudiu os dois: o *Jornal da Bahia* e *A Tarde*. A *Tribuna* era uma escola de texto, absolutamente inovadora na forma. Inteligente e inovadora no conteúdo. Recrutou o melhor da *intelligentsia* jornalística baiana.

Formou vários jornalistas. A *Tribuna* foi isso. No momento que surgiu também tem uma história muito bonita pela ousadia. Hoje, tem uma posição um pouco mais eqüidistante. Já foi um jornal muito mais combativo.

O que o senhor diria sobre a atual situação da *Tribuna da Bahia*?
Emiliano José – Eu, com toda sinceridade, face até a minha relação de amor e de carinho com a *Tribuna da Bahia* – pois a gente tem essas coisas e o primeiro jornal a gente nunca esquece – cultivo a esperança de que a *Tribuna* se recupere, volte a crescer, volte a trazer sensação e sentimento de esperança ao povo da Bahia. Eu gostei muito dessa nova reforma. Eventualmente ela expressa posições com as quais eu não concordo, mas isso não retira de mim a esperança de vê-la revigorada. Eu não quero apostar que ela vá se perder ou que vá morrer. Quero apostar que ela vai continuar. Aposto, desejo que a *Tribuna* cresça, se desenvolva e possa ser mais um jornal independente na Bahia, livre, procurando cobrir os acontecimentos de forma inteligente, plural, como recomenda o bom Jornalismo. É isso que eu quero para a *Tribuna da Bahia*.

Os profissionais de comunicação ainda sofrem censura nos veículos?
Emiliano José – A censura direta, não. Nós vivemos um estado democrático, em princípio. Um estado livre em que as empresas de comunicação e os jornalistas atuam livremente. Mas qualquer estudo sobre comunicação vai analisar os constrangimentos a que estão submetidos os jornalistas. Você tem rotinas produtivas que já limitam a intervenção do repórter; você tem uma pauta que limita a sua criatividade. A pauta, em geral feita pelos editores, já nasce com uma perspectiva, com um rumo prévio, e isso tem se acentuado de uma forma perigosa para o Jornalismo brasileiro. Lamentavelmente, o Jornalismo que "testa hipóteses" tem ganhado espaço. Isso significa dar a hipótese sem que haja a necessária confirmação. Há o pecado original do Jornalismo: fundar-se quase que exclusivamente em fontes oficiais, o que deixa de lado a maior parte das coisas ou pelo menos deixa de lado uma visão essencial da sociedade, que são aquelas fontes não enquadradas como fontes oficiais. E, além disso tudo, você tem os poderes. Os meios de comunicação são partes do Estado. Não são entes desvinculados do Estado.

São partes da dominação política e ideológica do Estado. Os meios de comunicação têm interesses a defender. Qualquer análise, por mais rápida que seja sobre o papel dos meios de comunicação, sobre os acontecimentos políticos recentes do Brasil – falo recente de 1964 para cá – você vai encontrar os meios de comunicação sempre como um projeto político. E eu diria que um projeto político de direita. Projeto político vinculado à tradição perversa da sociedade brasileira. A tradição de exclusão e de dominação do povo. Em 1964, os meios de comunicação apoiaram, trabalharam e participaram da derrubada do governo Goulart. Mais para frente, a mídia tem uma atitude complacente com a ditadura. Quando vem o movimento das Diretas, os meios de comunicação, especialmente a Rede Globo, ignoram o fenômeno da maior mobilização de massa do País no início dos anos 1980. Quando vem a primeira disputa Lula e Collor, a Rede Globo se coloca claramente ao lado de Collor. Mais tarde se coloca claramente ao lado de Fernando Henrique, nas duas vezes contra Lula. Então, os meios de comunicação têm lado, têm um ponto de vista que orienta os jornalistas. Os jornalistas não são tão livres assim para fazer o que querem e bem entendem. Isso não quer dizer que não haja, e há, espaço de manobra na atuação do jornalista, do repórter, que afinal é quem vai lá a campo para ver o que está acontecendo no mundo. Os milagres do Jornalismo e a vida do Jornalismo estão nas mãos do *reportariado*, daquele que, com visão de mundo própria, vai à rua em busca do acontecimento, que deveria ser sempre olhado de modo diverso, sem o preconceito da hipótese previamente imaginada pelos que vivem nos "aquários".

O que pensa da postura do *Correio da Bahia,* envolvido em escândalos políticos relacionados à ACM e aos integrantes do PFL baiano?
Emiliano José – Eu já me envolvi em muitas polêmicas com o *Correio da Bahia*. Sou *persona non grata*, para minha grata satisfação. Eu sempre disse que o *Correio da Bahia*, em cobertura política e de modo geral, não faz jornalismo e nem a Rede Bahia faz. Fazem propaganda política de uma única corrente, ordenada por um único chefe chamado Antônio Carlos Magalhães. O *Correio* não tem compromisso com o Jornalismo, se tivesse teria que dar notícia de

todo mundo e não dá. Eu só figuro nas páginas do *Correio da Bahia* para ser criticado. Ainda bem. Se fosse elogiado, alguma coisa estaria errada comigo. Eu digo que a cobertura, sobretudo a parte política do *Correio da Bahia*, é uma cobertura orientada por ordens vindas de cima. É a cobertura que Antônio Carlos manda fazer e se faz do jeito que ele quer. Pode ser que o *Correio da Bahia* um dia se torne um jornal, pelo menos nos padrões ocidentais de ouvir os dois lados, mas até hoje não é.

Diria que os jornalistas desse veículo sofrem censura?

Emiliano José – O *Correio da Bahia* tem excelentes jornalistas – jornalistas de qualidade, jornalistas sérios também. Eventualmente há matérias interessantes. Podem acontecer matérias interessantes na editoria geral, na de cultura etc. Não estou criticando os jornalistas que estão lá. Eles estão trabalhando, dando duro, e tentam contribuir para a existência de um jornal, mas o fato é que há uma orientação impositiva vinda de cima. Sem nenhuma dúvida, muitos deles são tolhidos na sua vontade de fazer Jornalismo.

Como o senhor vê o futuro da comunicação?

Emiliano José – Eu creio que o nosso Jornalismo tem futuro, é claro que tem. É preciso, no entanto, repensar toda a idéia do mercado profissional. Veja: nós tínhamos aqui a *Tribuna da Bahia* muito forte, tínhamos o *A Tarde*, o *Jornal da Bahia*, o *Diário de Notícias* depois, o *Bahia Hoje*. Tínhamos um mercado de trabalho na área de impresso muito grande além, claro, das emissoras de rádio, das emissoras de TV. Além de sucursais muito fortes, sucursais de jornais do sul, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*... Tínhamos tudo isso. Hoje, as sucursais estão reduzidas a, no máximo, um correspondente. Temos o jornal *A Tarde*, o *Correio da Bahia* e a *Tribuna* com algumas dificuldades – quem sabe agora se recuperando – e claro, as emissoras. O mercado de trabalho enxugou, mas amplia-se por outros ângulos. O mercado virtual, do Jornalismo virtual está crescendo. Quando penso que tenho um site na Internet, um site que vai crescendo em progressão muito grande e que atinge num mês, este mês [outubro de 2003], 10 mil visitas, eu visualizo um novo tipo de Jornalismo. Há o mundo da assessoria de imprensa que inclui tudo isso

também, que hoje cresceu bastante. Ainda tem o mundo das rádios comunitárias que deverá crescer muito no País. Então, não tenho nenhuma atitude saudosista de "naquele tempo é que era bom", essa mania boba de pensar assim. Acho que há modificações fortes e elas não são necessariamente negativas. O mundo gira e vamos adiante, nada será como antes, mas creio que há mercado de trabalho. O que é preciso é formação, é consistência de atuação do novo profissional, é formação cidadã, é um pouco de formação geral, de humanidades e história, de compreensão filosófica, de compreensão do mundo, além das técnicas. O duro é formar cidadãos completos e conscientes do País em que vivem, da cidade em que moram, da realidade que os cerca. Esses não se apertarão nas diversas situações se tiverem uma formação global. Se tiverem uma formação exclusivamente técnica, ficam muito empobrecidos. Eu tenho uma confiança muito grande no Jornalismo. E mais do que isso: o Jornalismo é uma coisa tão perigosa e tão potencialmente revolucionária que ele foi cercado historicamente por muitos constrangimentos. Desde o cerco das rotinas produtivas até o cerco do *lead* propriamente dito, o cerco da tecnologia da construção da matéria. Tudo isso é uma maneira de aprisionar um pouco o Jornalismo. Mas ele é potencialmente revolucionário. Por ter compromisso com a verdade, é potencialmente revolucionário. Infelizmente, o Jornalismo é domesticado pelos poderes, mas sempre há o *reportariado*, que corresponde ao nosso proletariado. É o *reportariado* que faz as revoluções no Jornalismo e que faz vir à tona muitas verdades, apesar dos constrangimentos a que me referi.

O senhor é a favor da obrigatoriedade do diploma de jornalista?

Emiliano José – Eu fui um dos que, no movimento sindical dos jornalistas, briguei muito pela obrigatoriedade do diploma. Eu creio que o Jornalismo brasileiro deu passos adiante na sua qualificação ao exigir o diploma porque levou à formação de profissionais mais conscientes, menos dóceis, com mais formação, com mais consistência. Penso, no entanto, que nós não podemos tomar isso ao pé da letra. Acho que, no campo da expansão das rádios comunitárias, será muito difícil exigir que cada rádio comunitária funcione com um profissional. Tem que manter a obrigatoriedade do diploma, mas

tem que haver mecanismos que garantam à comunidade fazer também o seu Jornalismo. Caso contrário, como é que você garante a existência de uma rede, de milhares de redes de rádios comunitárias pelo país? Isso é uma coisa sobre a qual eu venho pensando, refletindo – não com qualquer vacilação em relação à obrigatoriedade do diploma, mas pensando de uma maneira mais ampla, mesmo porque também esse mundo virtual complicou bastante as coisas. Complicou positivamente, porque muita gente se mete pelo Jornalismo agora. De alguma forma, isso é Jornalismo ou tem parentesco, tem similitude como Jornalismo. Mas eu não abro mão da idéia de que a obrigatoriedade do diploma, sobretudo nos grandes e médios centros do País, é uma coisa de crescimento e de valorização da profissão.

No seu caso, o Jornalismo o ajudou na política ou a política o ajudou no Jornalismo?
Emiliano José – Essa é uma discussão que sempre se pôs para o jornalista. Os jornalistas têm uma noção aparentemente asséptica do mundo. É como se não pudessem ou não devessem se ter vida política por que isso atrapalharia a atuação profissional. Eu sempre fui jornalista e militante. O fato de ser militante político nunca me impediu de fazer o bom Jornalismo, inclusive sendo fiel e honesto com os fatos, mais cuidadosamente ainda quando se tratava de pessoas com as quais eu não concordava. Muitas vezes, na época da ditadura, tive que entrevistar Antônio Carlos Magalhães e refleti exatamente aquilo o que ele disse. Eu não podia ser desonesto. Ou outras vezes eu tive que entrevistar Delfim Neto, ou Mário Henrique Simonsen. Fosse quem que fosse, tinha que fazer aquilo a sério. Então, não sou daqueles que acreditam que o jornalista não tem que ter posição política. O jornalista é um cidadão como outro qualquer e pode ter militância. Eu defendo que ele tem o direito de ter militância, inclusive, partidária contanto que no seu exercício profissional saiba distinguir as coisas e não queira fazer do seu exercício profissional militância partidária. Que ele seja capaz de exercitar com competência aquelas regras elementares da sua profissão: máximo de rigor com a verdade e com os fatos, ouvir os diversos lados. É um bom caminho para fazer um bom Jornalismo.

Fernando Rocha

"O Jornal da Bahia revolucionou a imprensa baiana"

Entrevista concedida a Mércia Ribeiro e Rita Rocha no primeiro semestre de 2003.

Fernando Rocha, jornalista e professor da Facom/UFBA hoje aposentado, teve papel importante na renovação gráfica com a introdução da diagramação e do Manual de Redação no jornal *A Tarde*, onde trabalhou por 16 anos. Formado em Direito pela UFBA, iniciou suas atividades como jornalista no *Jornal da Bahia*, ao lado de grandes nomes do Jornalismo baiano. Pouco depois, começou também a ensinar na então Escola de Jornalismo, contribuindo para a formação prática e orientação ética de várias gerações de jornalistas. Foi responsável pela renovação do pessoal da redação de *A Tarde*, pois estava sempre convidando seus melhores alunos para trabalhar lá. Era amigo pessoal de Glauber Rocha e o substituiu como chefe da página de polícia no *Jornal da Bahia*. Revela que, depois de Jeová de Carvalho, ele e João Carlos Teixeira Gomes, o Joca, foram os dois maiores boêmios do Jornalismo.

Quem é Fernando Rocha? Quem é Fernando Rocha?
Fernando Rocha: Eu comecei a trabalhar no *Jornal da Bahia* levado por um amigo meu que vocês conhecem de nome, Glauber Rocha, que levou também Florisvaldo Matos e João Carlos Teixeira Gomes, o Joca. O primeiro número do jornal circulou no dia 21 de setembro de 1958. Lá nós encontramos jornalistas como João Batista de Lima e Silva, que era o redator-chefe, Heron de Alencar, que foi o primeiro secretário de redação, Ariovaldo Matos, chefe de reportagem, e ainda Flávio Costa, Nelson Araújo e José Gorender.

Quais as funções que o senhor exerceu no jornalismo?
Fernando Rocha - No *Jornal da Bahia*, fui repórter e fui chefe de página, da página policial. Quando o jornal começou, o que hoje chamamos de editor

era chamado chefe de página. Quem primeiro foi chefe de página lá foi Glauber Rocha, depois ele saiu e eu entrei no lugar dele. Naquela época aconteceram homicídios famosos aqui na Bahia. Um deles foi o "Eloi do Gantois" que matou Lélis Adam, no Clube Baiano de Tênis. Houve também o crime da Casa de Chá do Palace Hotel: o engenheiro Almir Bezerra matou Helmo Ribeiro Costa, que era da turma de Antonio Carlos Magalhães, do Campo da Pólvora. Depois de um ano no *Jornal da Bahia*, me transferi para *A Tarde*.

Como chefe de página também?
Fernando Rocha - Não. Lá eu introduzi a diagramação. *A Tarde* não tinha diagramação, era tudo no olhômetro. Não havia cálculo de matéria, não havia nada, era tudo no olhômetro: você escreve até o editor falar "chega de matéria, não dá mais não". Depois, com a diagramação veio o tipômetro, uma régua que servia para calcular o tamanho dos textos.

Durante quanto tempo o senhor exerceu o Jornalismo?
Fernando Rocha - Exerci o Jornalismo durante 19 anos, depois fui professor na Universidade Federal da Bahia. Ensinei disciplinas como Diagramação, Jornalismo Impresso, Jornalismo e Relações Públicas, Técnicas de Reportagens etc.

Como era o jornalismo daquela época?
Fernando Rocha - O *Jornal da Bahia*, inegavelmente, foi o jornal que revolucionou a imprensa baiana, disso eu não tenho a menor dúvida. Para você ter uma idéia, o *Jornal da Bahia* foi o jornal que implantou o manual de redação. Até então ninguém nem imaginava o que era isso. O Manual ensinava todas as técnicas jornalísticas. Explicava, por exemplo, o que é um lide, como se deve escrever um texto, o que é o editorial, como se deve escrever um editorial e assim sucessivamente. Eu implantei o manual de redação do jornal *A Tarde*. (Pausa. Fernando foi até a sua biblioteca e trouxe o primeiro manual de redação do jornal *A Tarde* feito por ele). Bom, quando eu me transferi para o jornal *A Tarde*, Jorge Calmon era o redator-chefe. Ele foi meu professor de Direito Constitucional na Faculdade de Direito. Eu me formei em Direito. Antes de concluir o curso, ele me perguntou se eu gostaria de trabalhar no *A Tarde* e aí eu fui. Lá, eu introduzi o sistema de diagramação, o manual de redação, isso na primeira fase. Fui repórter e depois voltei para a redação. Jorge Calmom disse gostar de mim na redação. Fiquei como copidesque na redação. Em *A Tarde* fui editorialista, chefe de reportagem, secretário de redação, editor e editor-geral. Deixei o jornal como editor-geral.

O que o senhor acha das mudanças gráficas no jornal *A Tarde?*
Fernando Rocha - Não gostei muito não. A maior característica do jornal é a sua página editorial, ela tem que conter as opiniões do jornal e até o último dia de circulação não deve sair daquele local, daquela página. Eu me recordo uma vez que eu fiz duas reformas no *A Tarde*. A primeira reforma foi na Praça Castro Alves, quando Jorge Calmon me chamou e disse que poderíamos reformar o jornal todo, mas que não poderíamos mudar de página o editorial e os comentários.

Por quê?
Fernando Rocha - O editorial é o jornal. É a opinião do jornal perante a sociedade, então não pode mudar de local, não podemos ficar mudando o editorial de página. Na página editorial não pode ter publicidade, pode sim, ter artigos assinados e a charge. A charge deve ser uma sátira ao tema que o editorial estiver abordando.

O que diria sobre o jornal atualmente?
Fernando Rocha - O jornal hoje é mais visto do que lido, é como um jornal-revista, com muito mais fotografias e reportagens do que notícia propriamente dita. Agora noticiário ainda existe alguns bons, como a sessão Tempo Presente do jornal *A Tarde*.

O que assinalaria como diferença entre o Jornalismo exercido na década de 60 e o de hoje?
Fernando Rocha - O Jornalismo na década de 1960 era muito mais técnico, tinha as suas páginas e suas seções. No *Jornal da Bahia* havia página econômica, página política, reportagem local, nacional, internacional e página policial. *A*

Tarde não tinha divisão em páginas. Havia, na terceira página a seção *Política e Políticos* e, de vez em quando, uma "tripazinha" no canto da página, uma coluna chamada Ocorrências Policiais. Não havia página de polícia, mas havia página de esporte. Depois foi que *A Tarde* adotou a divisão em páginas.

O senhor concorda com obrigatoriedade do diploma de jornalismo?
Fernando Rocha - Sou inteiramente a favor da obrigatoriedade do diploma. Na época do Ministro da Educação, Clemente Mariani, criou-se o curso de Jornalismo para aqueles jornalistas que já tivessem concluído o curso secundário. Genésio Ramos e José Olímpio da Rocha se formaram nessa época. Por incrível que pareça, foi a Junta Militar que tornou obrigatório o diploma de jornalista. Com a morte de Costa e Silva, os militares assumiram o poder e passaram a exigir o diploma de jornalista.

Qual o papel do curso e sua importância na prática jornalística?
Fernando Rocha - Uma coisa muito importante que gostaria de ressaltar é que, um jornalista não diplomado leva oito anos numa redação de jornal, passando por diversos setores, enquanto um estudante leva apenas quatro anos e saí da Universidade com um nível cultural muito mais elevado, cheio de embasamento teórico. Os jornalistas mais antigos, os que não eram diplomados, não tinham, necessariamente, hábito de leitura. Tinha um, que trabalhava no jornal *A Tarde*, que escreveu, no *Diário de Notícias*, o nome do instrumento saxofone, como sendo "saco-sofone".

Ainda hoje encontra-se erros gravíssimos nos jornais. E em sua época?
Fernando Rocha - Antigamente nós tínhamos o revisor, que era um jornalista que revisava todos os textos que iriam ser publicados. Então, o jornalista não tinha lá muita preocupação. Não sei se hoje ainda tem revisores nas redações dos jornais. Havia no jornal *A Tarde* um articulista e editorialista, Adroaldo Ribeiro Costa, fundador da Hora da Criança, que escreveu um artigo sobre Luís XV e disse que Luís XV era gotoso - sofria de "gota" (ácido úrico). A revisão do jornal não sabia o que era gotoso e emendou para gostoso. No outro dia saiu no jornal que Luís XV era gostoso.

Por quanto tempo o senhor foi professor?
Fernando Rocha - Fui professor da Escola de Comunicação da UFBA por 30 anos. Quando comecei, o curso de Jornalismo funcionava na Escola de Filosofia. Com a Reforma Universitária, mudamos para a Escola de Biblioteconomia e Comunicação. Depois, quando alunos e professores de Comunicação invadiram o prédio da Casa da França, que estava vago, o curso passou a ser independente. A partir daí que o Jornalismo se tornou um curso independente. Fomos nós que separamos Biblioteconomia de Comunicação.

O que mudou na Faculdade de Comunicação daquela época para atual?
Fernando Rocha – A essa pergunta não posso responder. Tem muito tempo que eu não atuo, há muito tempo que eu não vou por lá. Eu soube que há alguns cursos novos como Produção Cultural, entre outros, o que na minha época não havia.

Como foi exercer o Jornalismo na época da censura e da ditadura?
Fernando Rocha - Essa época não foi moleza, principalmente depois do Ato Institucional nº 5, o falado AI-5. Fui censurado e cheguei a trabalhar com dois censores junto a mim. Os militares censuravam as cópias das páginas, os originais eles não pediam. Uma vez, um militar se aproximou e disse:
– Posso falar com o senhor?
– Pode, diga.
O militar pegou o caderno de Classificados e perguntou:
– Aqui sai notícia?
– Eu não sei. Não costumo ler esse caderno.
– Há, então eu vou ler.
– Tá bom, leia, mas o jornal tem que sair cedo, viu?
No dia seguinte o tal militar retornou dizendo que não leria mais Classificados:
– Eu queria pedir um favor ao senhor.
– O que você tiver de falar tem que falar rápido; eu não estou pra conversa. Você sabe que eu sou contra a censura?
– Eu queria que o senhor me fizesse um favor.
– E o que é?
– Nessa matéria aqui. Onde estão as entrelinhas?

Imagino que depois de levar o caderno Classificados tomou um esporro e alguém mandou ele ir atrás das entrelinhas. Agora vê se pode?

Conta-se que, na época da ditadura, muitos jornalistas do *A Tarde* foram trancados na redação pelos militares. Houve, realmente, esse fato?
Fernando Rocha - Não, não, não. Quando saiu o AI-5, em 1968, no dia seguinte o jornal *A Tarde* colocou um quadrinho na primeira página do jornal dizendo: "A partir de hoje não publicaremos mais nossos editoriais em nossa seção política". Há semelhança no que fizemos durante a ditadura no Estado Novo. Depois do AI-5, o jornal *A Tarde* foi censurado abertamente.

De que forma o golpe de 1964 influenciou na prática jornalística?
Fernando Rocha - Por incrível que pareça, melhorou. Exigiu de nós, jornalistas, agir com astúcia para driblar a censura. Por exemplo, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicava receita de comida, poema de Camões na primeira página. Com esse indício, todos sabiam que o jornal estava sob censura.

Quais eram os grandes jornalistas da sua época?
Fernando Rocha - João Carlos Teixeira Gomes. Esse, para mim, foi o maior jornalista da minha época. O Joca, que fez uma campanha terrível contra o atual senador Antonio Carlos Magalhães. Lançou um livro sobre os escândalos que aconteciam em Salvador envolvendo a família de Antonio Carlos.

O senhor é considerado primo-irmão de Glauber Rocha. Como foi trabalhar com Glauber?
Fernando Rocha - Glauber era meu amigo pessoal, mas nós não temos nenhum parentesco. Éramos amigos demais, como irmãos. Conheci Glauber em 1955, no segundo ano clássico do Colégio Central. No terceiro ano, continuamos juntos e fizemos um movimento no Central chamado de "Jogralesca", encenação de poesias modernas. Eu interpretei um poema de Frederico Garcia Lorca, sobre a morte de um toureiro. No po ema, o toureiro morria às 5 horas da tarde e eu fazia toda uma encenação sobre a tortura e caía no chão morto, dizendo: "De la cinco, de la tarde, de la cinco, de la tarde!". E assim fazíamos várias encenações.

O Jornalismo influenciou as obras de Glauber Rocha?
Fernando Rocha - Sinceramente, não influenciou tanto não. Glauber foi mais influenciado, em seu trabalho no cinema, pelos cineastas da época.

O senhor viveu a época do Jornalismo boêmio. Como foi viver essa época?
Fernando Rocha - Foi espetacular. Nós saíamos do jornal, aproximadamente às 11 horas da noite. Íamos, eu e o Joca, para o Tabaris. Antes tomávamos chope num restaurante ao lado do hoje cinema Glauber Rocha. Meia-noite o restaurante fechava e o Tabaris abria. Era um *dancing* que ficava ali, logo atrás do cinema, onde hoje funciona o Teatro Gregório de Matos. Esses ambientes eram freqüentados principalmente pelos jornalistas da época.

Quem eram esses jornalistas boêmios?
Fernando Rocha - Eu, Virgílio de Sá e Joca. Agora onde nós, jornalistas, gostávamos muito de ir era para a Boate Clock, que ficava atrás do Hotel Paraíso, na Gamboa. Era muito bem freqüentada. Lá, um dia, Zé Coió, comediante baiano da época, declamou "Essa nêga fulô", poema de Jorge de Lima.

Jeová de Carvalho é considerado o jornalista mais boêmio dessa época?
Fernando Rocha - Jeová de Carvalho foi o jornalista mais boêmio de toda Bahia. Depois dele, só eu e Joca.

O que era, de fato, esse Jornalismo boêmio?
Fernando Rocha - Nada mais do que pura farra. Era um motivo para nos encontrarmos e bater-papo nos barzinhos da época.
Quais eram os locais mais freqüentados pela boêmia?
Fernando Rocha - Além do Tabaris e da Boate Clock, tinha o Rumba Dancing.

A Televisão influenciou a prática jornalística aqui na Bahia?
Fernando Rocha - Nem a TV nem o rádio tiveram influência sobre o Jornalismo praticado na Bahia. A não ser o jornal da noite que assistíamos

para verificar se teria alguma sugestão para uma pauta do dia seguinte.

Dizem que o Jornalismo daquela época era cheio de picaretas. A "imprensa marrom" ainda existe?
Fernando Rocha - O funcionalismo acabou com os picaretas no Jornalismo e com a "imprensa marrom" daquela época. Hoje eu não sei se ainda existe esse tipo de Jornalismo. Naquela época dizia-se o seguinte: passe essa notícia que eu te dou tanto, então tinham certos jornalistas que faturavam, ganhavam viagens e hospedagem em hotéis cinco estrelas em troca da publicação de notícias.

E os jabás pagos aos radialistas ainda acontecem?
Fernando Rocha - Naquela época existiam muitos jabás. Hoje eu não sei como anda o mercado, pois há muito tempo estou sem exercer o Jornalismo.

Fale um pouco sobre os jornalistas Ranulpho Oliveira, Simões Filho e Jorge Calmon?
Fernando Rocha - Simões Filho foi o fundador do jornal *A Tarde*, que funcionava na Preguiça, depois veio para a Praça Castro Alves. Simões Filho é pai de Renato Simões Filho e Regina Simões que são, respectivamente, o superintendente e a presidente do jornal. Ranulpho Oliveira foi redator-chefe e depois diretor. Jorge Calmon também foi redator-chefe e depois diretor do jornal. Todos esses nomes são de extrema importância para o Jornalismo baiano. Compõem um pouco da história do Jornalismo, principalmente em Salvador.

Nós jornalistas, recém-formados ou prestes a sair da escola, ouvimos falar sobre a decadência do Jornalismo. O que o senhor tem a dizer?
Fernando Rocha - Eu desconheço a história de decadência no Jornalismo. Inclusive, li outro dia uma matéria no jornal elogiando muito as Escolas de Comunicação, inclusive a Escola de Comunicação da Bahia. A matéria dizia que os estudantes estavam saindo da Universidade bem preparados. Eu fui membro julgador, durante dois anos consecutivos, do Prêmio Esso de Jornalismo e tive oportunidade de ler matérias excelentes. Inclusive muitos profissionais baianos foram elogiados e ganharam prêmios.

Fernando Vita Souza

"O *Jornal da Bahia* representou o grande salto da modernidade da imprensa local"

Entrevista concedida a Andréa Mazza e Wilma Nascimento no segundo semestre de 2003.

Fernando Vita chega aos *54* anos com muita energia, bom humor, inteligência e a sagacidade de sempre. "Fiz o que quis sempre, faço o que gosto da melhor maneira. Sempre fiz tudo com muita seriedade e dedicação". A afirmação foi feita ao final de duas horas de conversa muito descontraída e envolvente. Entrevistar Vita foi uma aventura. Ele fala muito rápido. No momento em que está contextualizando alguma época, lembra logo de algo relacionado e faz digressões para acrescentar comentários. Hoje secretário de Comunicação do Estado da Bahia, Fernando Vita Souza nos recebeu em seu gabinete, no Centro Administrativo da Bahia – CAB –, no prédio da Governadoria. O que deveria ser uma entrevista formal, transformou-se numa conversa envolvente, repleta de informações.

Por que a escolha por Comunicação, por Jornalismo?
Fernando Vita – Para começar, não escolhi fazer Jornalismo. Prestei o vestibular para Direito na UFBA, fui aprovado e iniciei a faculdade. Fiz Direito por dois anos e depois mudei para Jornalismo. Era algo muito comum, naquela época, advogado virar jornalista. Todo jornalista tem um pouco de advogado e todo advogado tem um pouco de jornalista. E jornalista tem um pouco de tudo, de advogado, de policial, de sociólogo... Normalmente, Jornalismo é uma profissão que, pelo ceticismo com que é exercida, leva o sujeito a incorporar um bocado de coisas que ele não é. Inclusive achar ser mais importante do que realmente é. O jornalista se acha mais importante e acima do bem e do mal. Um colega meu, Paolo Marconi, ouviu de Lula quando ainda era sindicalista no ABC, que "jornalista come peru e arrota pavão" (risos). Mas no fundo, no fundo, eu comecei a me interessar pelo Jornalismo, porque eu tinha um tio, Alberto Vita, que era um jornalista muito conceituado e foi

um dos fundadores do *Jornal da Bahia*. Era ligado ao Partido Comunista Brasileiro, origem do núcleo fundador do *Jornal da Bahia*. Alberto morreu precocemente de uma forma estúpida. Foi fazer uma operação de apendicite, deu lá uma complicação qualquer e ele morreu. E morrer de apendicite, mesmo nos anos 50, era uma estupidez. Alberto foi também um dos primeiros presidentes do então recém-criado Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia. Como todo comunista, vez por outra, tinha que correr e se esconder. Desaparecer por uns tempos. E ele costumava desaparecer em minha casa, na casa dos meus pais, em Santo Antônio de Jesus, interior do estado da Bahia. Eu, meninote, achava muito interessante aquele camarada que desaparecia e aparecia lá. Pela pouca idade, a gente não sabia o porquê de ele ter chegado, mas minha mãe, que era irmã dele, sabia. Ficava lá em casa o tempo inteiro, no fundo do quintal, lendo, escrevendo e a gente sem entender direito o que ele estava fazendo ali. Só mais tarde entendemos que ele era perseguido político e que vez por outra tinha que fugir da perseguição política e da polícia baianas. Isso ainda antes da ditadura de 64. Ele não viveu tanto. Mais adiante, um outro tio me deu uma máquina fotográfica antiga e quebrada, daquelas que tinham uma espécie de sanfona, um fole na frente. E eu brincava de tirar retratos em casa de toda e qualquer confusão. Colocava aquele troço no pescoço e fingia fotografar. Depois desenhava e contava a história do que imaginava ter fotografado. Assim, meu caderno virou uma espécie de jornal doméstico, das coisas que aconteciam em casa, das brigas de empregado com empregado, de irmão com irmão, acontecimentos envolvendo vizinhos, parentes etc. No jornalismo, talvez eu seja um caso raro, comecei pelo final do processo: vendendo jornal. Lá em Santo Antônio de Jesus, fui o que eles chamavam de "agente correspondente do *Jornal da Bahia*". Recebia diariamente uma determinada quantidade de jornais para vender e, ao mesmo, tempo mandava notícias da cidade para o jornal. Era comum os jornais terem uma página com notícias dos municípios e eu tinha uma coluna semanal com notícias de Santo Antônio de Jesus. Vendi jornais por uns dois anos. Quando completei o curso ginasial, vim para Salvador. Naquela época, depois do ginásio, o jovem do interior só tinha duas opções: ir para o Seminário de Amargosa, para ser padre, ou para Cruz das Almas, ser agrônomo. Como eu não queria ser nem padre nem agrônomo, vim para Salvador, para o Colégio Estadual da Bahia, o Central, que era na época o *top* de linha dos colégios públicos. E fui trabalhar no

*JB*a me valendo do prestígio que meu tio tinha com o dono do jornal, João Falcão, que já empregara meu irmão mais velho. Foi então que conheci uma outra área desse negócio de jornal, a área administrativa. Comecei no almoxarifado.

Como foi essa experiência no almoxarifado?

Fernando Vita – O almoxarifado era uma sessão e eu era responsável, aos 15 anos, por esta sessão onde estava tudo o que o jornal consumia: da bobina de papel à mais sofisticada peça da linotipo ou da impressora. Era uma sala imensa e ali ficavam todos os insumos e suprimentos que as pessoas necessitavam e requisitavam para fazer o jornal, fosse do ponto de vista industrial ou editorial. Passei um tempo no almoxarifado, depois trabalhei também na área de publicidade, na assinatura, na circulação... Enquanto eu cursava o 1° e 2° anos clássico* no Central, tive a chance de conhecer o universo administrativo e operacional do *Jornal da Bahia*.

E o ingresso na redação do jornal, como se deu?

Fernando Vita – Quando eu fui fazer o terceiro ano clássico*, solicitei ao pessoal para trabalhar à noite. Queria me preparar para ingressar na Faculdade de Direito fazendo um cursinho pré-vestibular em línguas. Naquela época, o candidato tinha que fazer quatro provas. Primeiro Português; se passasse, fazia História; se passasse, fazia Sociologia; se passasse, fazia a prova de línguas escolhendo inglês, espanhol ou francês. Todas as provas eram eliminatórias. Como eu precisava fazer o cursinho, fui trabalhar à noite, na revisão do jornal.

Como era esse mundo da revisão?

Fernando Vita – Entrávamos às oito da noite e a saída dependia do horário de fechamento do jornal, em geral lá pelas duas ou três horas da manhã quando o jornal ia para a máquina. Corrigíamos o que os outros escreviam. Tanto o que o jornalista escrevia no papel quanto a prova de página, aquilo que o linotipista passava do papel para o chumbo das linotipos. Líamos aquilo tudo. Imagine você, revisar

* N.E. Alguns entrevistados mantém a nomenclatura da época, quando o ensino fundamental era dividido em primário e ginásio, e o ensino médio em clássico (com ênfase nas ciências humanas) e científico (com ênfase nas ciências exatas).

textos de Glauber Rocha, de João Ubaldo Ribeiro, Antônio Torres, de Joca, o famoso João Carlos Teixeira Gomes, e de tantos outros que hoje são grandes escritores, com vários livros publicados. A gente aprendia a escrever, através dos textos dos outros. Aprendia como escrever e aprendia português. Você não podia ser revisor se não soubesse, no mínimo, a ortografia das palavras, o emprego da vírgula, o uso da crase etc. A gente trabalhava ali, cada um com uma gramática de um lado e um dicionário do outro. Era uma bateria de oito revisores sentados em círculo, numa sala. Quando alguém tinha dúvida se uma palavra deveria ser escrita com ç ou com ss, a resposta não era apenas ç ou ss. Se, por exemplo, alguém perguntasse se Conceição se escreve com "ç" ou com "s", o cara explicava o porquê do uso do ç a partir do Latim, da raiz etimológica da palavra e acabava dando ao grupo uma aula de etimologia da língua portuguesa. A dúvida abria uma discussão que, quando não havia concordância, acabava numa aposta: "aposto tantas cervejas que Conceição é com "ç" e não com "s". O trabalho na revisão deixava a cabeça da gente cheia de letras. No dia seguinte, eu ia para o Central assistir aula até o meio-dia e, três vezes por semana, pela tarde, ia para o cursinho de francês. Nos dias livres, eu fazia hora extra a tarde na própria revisão, para ganhar mais um pouquinho e ir tocando a vida. A revisão era, naquela época, mais ou menos uma passagem para chegar à redação. Ou seja, não era obrigatório que todos tivessem que passar pela revisão para chegar à redação. Mas, se tivesse passado pela revisão, o sujeito chegava a redação com muito mais bagagem e mais prestígio. Quando passei no vestibular de Direito, meu horário no *JBa* inverteu. Consegui vaga no curso noturno, então eu precisava trabalhar de dia para cursar Direito à noite. Então Joca, João Carlos Teixeira Gomes, abriu vagas na redação para duas pessoas da revisão: eu e Luiz Augusto, o popularíssimo Eliá. Era a oportunidade de passar um período na redação e de descobrirem se a gente "daria para repórter", como se dizia então. Fomos, eu e Eliá, para a reportagem sob a chefia o Gilson Nascimento, talvez um dos mais exigentes descobridores de novos talentos que o jornalismo baiano já produziu. Como chefe de reportagem, Gilson dizia que repórter era repórter mesmo, não era um mero catador de notícias. Era o sujeito que sabia apurar, que tinha uma bagagem cultural relativamente boa. Que sabia escrever. Quando um camarada chegava à redação e não dava conta do recado, ele logo dizia "é melhor você amadurecer mais um pouco; volte para a revisão, fique mais

um tempo por lá, leia um pouquinho mais". Fiquei um bom tempo na reportagem. Foi bom, porque, como repórter, viajava muito pelo interior da Bahia, fazendo matérias de campo. Viajava para entrevistar a mãe de João Gilberto, lá em Juazeiro; para conhecer e reportar sobre as esmeraldas, nas minas de Caraíba, sobre o candomblé dos Malês, na Ilha de Itaparica. Como repórter saía muito daqui da cidade. Quando ficava na cidade, fui repórter volante, aquele que saía com o fotógrafo para cobrir uma, duas, três ou quatro coisas. Assim, Gilson Nascimento foi meu primeiro chefe de reportagem, o sujeito que preparava pauta, soltava os repórteres para fazer a cobertura de rua, conferia o texto do repórter na volta e mandava reescrever o que ele não gostasse.

Além de repórter, que outra função o senhor desempenhou na redação?
Fernando Vita – Na época se chamava de copidesque, ou redator. Era o caminho natural e perverso do bom repórter. Matava-se o bom repórter transformando-o em redator. Depois repórter B, repórter C, repórter especial me transformaram em redator, copidesque. A tarefa era trabalhar os textos dos outros, reescrever as matérias, sentar com o repórter e tirar mais um pouco do que ele tinha apurado etc. Depois fui Chefe de Reportagem no mesmo *Jornal da Bahia*, onde fiquei 15 anos. Deixei o jornal quando apareceram os primeiros sintomas da crise empresarial que veio a matá-lo anos depois.

Os jornalistas de então eram bem remunerados?
Fernando Vita – Jornalista nunca foi bem remunerado. Eu diria que o jornalista recebia um salário de acordo com os padrões da época, razoável para aqueles que tinham mais tempo na profissão. Mas era uma atividade muito prazerosa, uma cachaça. Você entrava naquilo e não queria sair. Agora, a maioria tinha outro emprego além do jornal. Um era professor universitário, outro advogado etc. Eu mesmo trabalhei, simultaneamente em jornal, em agência de publicidade como redator, fui professor...

Na época, ainda havia muitos jornalistas que não tinham diploma?
Fernando Vita – Existiam vários jornalistas que não eram formados na área, pois não era obrigatório ser formado em Jornalismo para trabalhar na

área. A grande maioria, eu diria, não tinha o diploma. A partir da minha geração e da geração de Sérgio Mattos é que as redações começaram a ter jornalistas formados em Jornalismo.

Por que o senhor deixou o jornalismo diário?

Fernando Vita – Três coisas me fizeram largar o jornalismo diário: primeiro, eu já estava com dois filhos e tinha um outro emprego. Trabalhava o dia inteiro na Assessoria de Comunicação Social da Telebahia, hoje Telemar. Na Telebahia implantei a assessoria, formei a equipe. Fiquei alguns anos lá. Trabalhava de dia e a noite eu me dividia muito entre a assessoria e o jornal. Então, descobri que minha filha e meu filho estavam crescendo e eu não os via crescer. O segundo motivo foi a crise do jornal. Como diziam na época, os salários começaram a sair no 41º dia, no 42º dia, ou seja, no dia 12 do mês seguinte. O corte de pessoal foi o terceiro motivo que me levou a deixar o *Jornal da Bahia*. No começo do fim, ouvi ordens vindas de cima para cortar de imediato dois repórteres e no mês seguinte mais três. Num sábado à noite, falaram que iam demitir três repórteres na segunda-feira. Eu pensei que os três precisavam muito mais do emprego do que eu. Eles só tinham o emprego no jornal e eu já trabalhava em outros lugares. Procurei Rafael Pastore Neto, já falecido, e propus: vocês vão demitir fulano, beltrano e cicrano, três pais de famílias. Não façam isso. Demitam-me e poupem os três. A proposta foi aceita e fui demitido.

Só voltei ao *Jornal da Bahia* a passeio, anos depois. O *JBa* revolucionou a imprensa baiana. Estabeleceu novos padrões, padrões de modernidade na imprensa do ponto de vista de conceito de jornal, técnicas de redação, técnicas de paginação. Os jornais da época – *A Tarde* (era um dos mais antigos), o *Diário de Notícias* e o *Estado da Bahia* – eram jornais feitos por processos editoriais muito provincianos. O *Jornal da Bahia* trouxe as novas técnicas que o jornalismo empregava naquela época.

E a *Tribuna da Bahia*?

Fernando Vita – Quando o *Tribuna da Bahia* apareceu, em 1969, o *Jornal da Bahia* estava a mil, ainda não estava decadente. Traçando um parâmetro histórico do jornalismo baiano, diria que *A Tarde* foi – e ainda é – o jornal de maior

influência ao longo do tempo na Bahia. O *Jornal da Bahia* representou o grande salto para modernidade da imprensa local, inovando com as técnicas de editoração, com a arte de fazer jornal, fazendo um melhor aproveitamento dos textos e das fotos, da paginação etc. A *Tribuna da Bahia* representou o salto tecnológico. Trouxe a impressão a frio como eles chamavam o sistema de impressão off-set.

A ditadura interferiu de alguma forma na atuação dos jornalistas?

Fernando Vita – Alguns jornalistas sofreram muito. Alguns perderam a vida e outros foram fazer os jornais alternativos. Todos nós tínhamos um senso crítico e político profundamente aguçado.

O senhor chegou a sofrer ou presenciar alguma ação da censura?

Fernando Vita – Claro. Eu entrei no jornal no dia 07 de janeiro de 1965 e sai de lá em 1970. No final dos anos 60 e início dos anos 70, a gente recebia papéis dizendo para não tratar de tal assunto, não pode escrever sobre tal assunto. O período da censura prévia, da censura dentro da redação, esse eu não alcancei.

Trace um paralelo entre o jornalismo de antes e o jornalismo de agora?

Fernando Vita – Antes o Jornalismo era mais aprofundado. Ainda não tínhamos a informação veloz da televisão, não tínhamos esses meio de hoje, como a Internet. Então, cabia aos jornais aprofundar, dar ao consumidor aquilo que o rádio não dava, nem na televisão. O grande veículo de notícias imediatas era o rádio, com noticiários tipo o "Repórter Esso", "Rádio Repórter PRA-4". Sentíamos obrigação de, todo dia, ouvir o "Rádio Repórter PRA-4", na voz de Manoel Canário. Antes era "Rádio Repórter Petrobrás". Nos noticiários radiofônicos se encontrava tudo: o governador fez isto, o governador fez aquilo, mataram, morreram, viveram, chegaram, era tudo ali. Cabia aos jornais, no dia seguinte, dar mais profundidade àquelas informações. Então, os jornais eram menos superficiais, detalhavam o que o rádio e a televisão davam sobre um crime, por exemplo. Isto porque, no outro dia, o leitor queria saber até a cor do cabelo do cara que era primo do sujeito que matou. O jornalista tinha que aprofundar os assuntos. Hoje está tudo em tempo real e as prioridades do consumidor de notícias são outras. O sujeito

não tem tempo para absorver tantas informações simultâneas e o que se quer saber é apenas o essencial. Antigamente, o jornalista escrevia um texto objetivo, mas longo, porque tinha muitas informações a dar. Desenvolvia o poder de síntese, pois dispunha de muitas informações. Hoje, antes mesmo de um repórter deixar a redação para fazer uma matéria, já sabe que só poderá escrever 38 linhas e tantos toques, que correspondem ao espaço reservado para aquela notícia na edição do dia seguinte. O jornal hoje é pré-concebido, e nem sempre sem pecado original! Antes, os jornais não tinham que competir com outros meios. Hoje os jornais têm que estar nas bancas o mais cedo possível. O *A Tarde,* que circulava no fim da tarde, por isso o nome *A Tarde,* passou a circular de manhã. Ou seja, passou de vespertino a matutino. Naquela época tínhamos os jornais matutinos, os vespertinos e os jornais da noite. Então, cada um saía na sua hora, de maneira que não tinha briga. Quando esses veículos tiveram que competir com os outros meios e entre si, todos viraram matutinos. Se o jornal tem que sair mais cedo, ele tem que ser planejado e craneado para sair mais cedo. Os jornais de antigamente nasciam um pouco ao sabor da emoção, do vai e vem da maré dos fatos.

Com quais grandes jornalistas o senhor trabalhou no *JBa?*
Fernando Vita – Jeová de Carvalho, grande jornalista, grande boêmio. Tinha texto irrepreensível e faro de repórter. Uma grande leveza para escrever. Trabalhou também no *Diário de Notícias* e em *A Tarde*. Samuel Celestino, como repórter, no início de sua careira. Hoje, está no jornal *A Tarde*. Era um repórter com texto muito elegante, conciso e seguro. Gilson Nascimento, Gustavo Tapioca, Carlos Navarro e vários outros cujos nomes não lembro agora, não por injustiça, mas por que são muitos. Todos eles foram repórteres, porque ser repórter era o rito de iniciação. Você terminava sendo um cara razoavelmente conhecido, porque assinava matérias, por que tinha mais habilidade de entrevistar pessoas.

Na sua opinião, o que está faltando ao jornalismo praticado hoje?
Fernando Vita – Sobram algumas coisas importantes, faltam outras. Não há dúvidas que, tanto o Jornalismo como os profissionais que chegam hoje

ao mercado, evoluíram. Chegam mais preparados, dominando as técnicas do jornalismo e da informática, e dominando outros idiomas, o que antes era raro. Por outro lado, as pessoas daquela época liam muito mais e, por isso, chegavam às redações com uma bagagem intelectual muito maior do que o da meninada de hoje.

O senhor considera a Internet um desafio para a Comunicação?
Fernando Vita – A Internet é uma grande ferramenta de trabalho para o jornalista. Com ela se consegue mais informações num espaço de tempo menor e com maior comodidade. O jornalista pode, por exemplo, fazer uma matéria sem sair da redação. Mas, a Internet inibe muito o repórter, pois o ir para a rua, não é a mesma coisa que conseguir informações via e-mail, sites e tudo mais.

Concorda com a exigência do diploma de Jornalismo?
Fernando Vita – Acho correta a exigência. Jornalista hoje deve possuir o diploma.

Quais as empresas nas quais você já trabalhou?
Fernando Vita – O *Jornal da Bahia*, que para mim foi uma escola. Trabalhei também, editando programa, na TV Aratu, no *Pasquim*, na *Tribuna da Bahia*, na Telebahia (Departamento de Comunicação Social), na Telebrás (Departamento de Comunicação Social – Brasília). No Governo do Estado, fui diretor do IRDEB e da Empresa Gráfica da Bahia e também Assessor Geral de Comunicação.

Como o senhor definiria o profissional Fernando Vita?
Fernando Vita – Da maneira mais tranqüila possível. Fiz o que quis fazer e estou fazendo da melhor maneira que posso. Não tenho aquele orgulho ufanista de dizer que modifiquei o mundo, que movi montanhas. Nada disso. Tudo o que fiz, acho, foi dentro dos meus conceitos e padrões de qualidade, profissionalismo e ética. Sou muito exigente comigo mesmo e sempre procurei fazer tudo com competência e serenidade. Dedico-me muito ao que faço e, se tivesse que recomeçar, faria tudo de novo.

Florisvaldo Mattos

A fluidez faz da notícia uma coisa abstrata

Entrevista concedida a Cinthya Brandão e Marina Matos, na tarde do dia 16 de outubro de 2002.

O jornalista e poeta Florisvaldo Moreira de Mattos nasceu no dia 08 de abril de 1932. Filho de Oscar Moreira de Mattos e Gertrudes Ferreira de Freitas, é pai de três filhos: Elza Coutinho de Mattos, Mauro Vieira de Mattos e Joana Vieira de Mattos. Formou-se em Direito em 1958 pela Universidade Federal da Bahia, mas desistiu da carreira de advogado para se dedicar à sua verdadeira paixão, o Jornalismo. No início da carreira, Florisvaldo Mattos integrou a equipe de reportagem do *Jornal da Bahia*, que tinha um quadro de grandes e experientes jornalistas. Logo de início, conviveu com um grupo de jovens intelectuais que sabiam escrever, entre os quais Glauber Rocha, Paulo Gil Soares e João Carlos Teixeira Gomes. Lecionou na Faculdade de Comunicação de 1962 até 1994 e, nesta entrevista, avaliou o progresso do ensino de Jornalismo nos seus 33 anos de atividade. Para ele, o sonho de transformar o jornalista profissional em profissional liberal levava os professores a assumir um compromisso muito grande com a formação do aluno que visava não só transmitir experiência, mas também conteúdos capazes de formar bons jornalistas. Foi, primeiro, correspondente e, depois, chefe da sucursal do *Jornal do Brasil* [1961-1982] em Salvador. Considera muito grande a diferença entre trabalhar numa sucursal e num jornal local. Sua primeira reportagem, "Brasil em tempo de azulejos", foi escrita em 1958. Além de reportagens, escreveu livros de poesia e ensaios. Obras publicadas: *Reverdor*, 1965; *Fábula civil*, 1975; *A caligrafia do soluço & Poesia anterior*, 1996; *Mares anoitecido*, 2000; e *Galope amarelo e outros poemas* (todos de poesia). *Estação de prosa & Diversos* (coletânea de ensaios, ficção e teatro, 1997); *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates*, 1998; *Travessia de oásis – a sensualidade na poesia de Sosígenes Costa*, 2004 (ensaios). Entre 1987-89 exerceu a presidência da

Fundação Cultural do Estado; desde 1995, ocupa a Cadeira 31, da Academia de Letras da Bahia. Na época desta entrevista, em 2002, Florisvaldo era editor do Caderno Cultural do jornal *A Tarde*. Desde outubro de 2003 exerce a função de editor-chefe do mesmo jornal, substituindo Joaquim Alves da Cruz Rios. Com um discurso agradável e tranqüilo, o jornalista disse estar vivendo a era do Jornalismo na sociedade do espetáculo. Concedeu esta entrevista na tarde do dia 16 de outubro de 2002, no Laboratório de Radiojornalismo das Faculdades Integradas Ipitanga – Unibahia. Ao contar sobre sua vida profissional, lembrou fatos que marcaram sua carreira e revelou histórias curiosas sobre outros importantes jornalistas baianos.

Por que optou pelo Jornalismo, se cursou a Faculdade de Direito?
Florisvaldo Mattos – Para a época em que optei pelo Jornalismo, não é uma história tão incomum assim. Hoje foge ao senso comum. Estava no último ano da Faculdade de Direito com outros amigos – Glauber Rocha, João Carlos Teixeira Gomes, Fernando Rocha e mais alguns decididos a ser também jornalistas – quando começou, aqui na Bahia, o esforço para a fundação de um novo jornal. O *Jornal da Bahia* se propunha ser um veículo atuante, trazer inovações técnicas e uma equipe de peso, experiente. Glauber Rocha, que já estava trabalhando lá, me convidou e fui integrar a primeira equipe de reportagem. Estavam compondo a redação para fazer o número zero, quando me engajei na equipe. Na verdade, só fiz completar o curso de Direito. A partir daí, optei por ser jornalista para toda a vida.

Qual o papel do jornalista na época em que iniciou sua carreira? E hoje?
Florisvaldo Mattos - É difícil refletir dessa forma por que o Jornalismo da minha época tinha mais peso do que o de hoje. O jornalista era um profissional que exercia um tipo de atividade de forte repercussão no meio social. Apesar de ser um meio social ainda restrito, e exatamente por causa disso, era maior a expressão do jornalista. Hoje, eu acho que a profissão está muito diluída. Primeiro, pela interferência de outros canais de comunicação; segundo, por que o Jornalismo faz parte de toda uma estrutura socioeconômica e tem uma dimensão maior que é a própria empresa jornalística. Na verdade, antes éramos heróis, hoje somos meros coadjuvantes.

O que mudou no Jornalismo desde o início de sua carreira? Melhorou? Piorou?
Florisvaldo Mattos – É difícil fazer comparação. Estamos vivendo em plena época da cultura do espetáculo, do culto à aparência, ao descartável, tempo em que as coisas quanto mais velozes, mais rápidas, mais surtem efeito. O Jornalismo tem uma influência significativa e o conteúdo com que trabalha tem uma dimensão muito relativa por que outros fatores que marcam a comunicação social na nossa época atuam para o conteúdo surtir efeito. Quando comecei minha carreira, a gente podia fazer uma reportagem na certeza de que, sendo um *furo*, alcançaria repercussão. Hoje há uma diferença grande para mim: ninguém mais persegue o furo de reportagem.

Por que foi lecionar na Faculdade de Comunicação?
Florisvaldo Mattos – Era considerado um jornalista com algumas outras qualidades. Era formado em Direito, tinha uma carreira literária que estava em começo e a época permitia conciliar o exercício do Jornalismo profissional com a vida intelectual do jovem. Mostrava ter responsabilidade. O início da minha carreira coincidiu com a criação do Curso de Jornalismo, inicialmente como parte da Faculdade de Filosofia. Jorge Calmon, que era jornalista redator-chefe do jornal *A Tarde*, para meu orgulho, me escolheu entre os jornalistas militantes para compor o quadro inicial de professores. Então, fui me virar para corresponder à escolha. Desse tempo, tenho histórias interessantes para contar. Eu namorava uma moça que sabia inglês; eu conseguia muitos livros norte-americanos sobre Jornalismo, ela os traduzia para mim. Eu estudava e passava esse conteúdo pouco conhecido aqui para meus alunos. Fiquei até com certa fama de professor que informava coisas novas com muita competência.

O que mudou nos cursos desde a época em que o senhor lecionava?
Florisvaldo Mattos – Eu estou afastado da Universidade desde 1994 e não posso fazer uma avaliação precisa. No meu tempo havia muito romantismo. Pretendia-se fazer do jornalista profissional um profissional liberal do nível de outros profissionais liberais, como os médicos, advogados ou engenheiros. Com esse sonho, os professores assumiram um compromisso muito grande

de formação do aluno. Implicava não só transmitir experiência, como também conteúdos com potencial para formar jornalistas capazes. A partir de um determinado momento, por força mesmo do crescimento da população e do desenvolvimento da sociedade, outras preocupações passaram a ter espaço no Curso de Jornalismo. A importância que a Comunicação adquiriu levou a pensar mais no vasto campo da Comunicação do que na profissão de jornalista. A tendência à teoria passou a ser uma preocupação dominante nos cursos de Comunicação, pelo menos naquele ao qual eu pertencia. Na verdade, essa teorização desviou em grande parte o Curso de Comunicação que é de Jornalismo para um Curso de Filosofia da Cultura aplicado à Comunicação.

Qual a sua posição em relação à obrigatoriedade do diploma?
Florisvaldo Mattos – Eu sou a favor do diploma. Porém, já fui mais do que sou hoje. Defendo o diploma porque acho essencial que o jornalista tenha uma profissão de nível superior. Mas acho que não se deve fechar a porta a outros que querem seguir o Jornalismo e têm formação universitária em outras áreas, principalmente em Ciências Humanas. Estaríamos travando vocações e interditando quem possa oferecer uma contribuição positiva ao exercício do Jornalismo. Na verdade o que se poderia exigir é que essas pessoas fizessem um curso de especialização, desde que estabelecidas certas exigências para completar a formação jornalística. Um exemplo: nós não temos jornalistas especializados para trabalhar com notícias científicas. Eu sei disso porque trabalho em redação de jornal. Se a notícia científica não chegar no Jornalismo local já debulhada pelas agências internacionais ou pelas agências nacionais – que também são deficientes nisto – não há jornalistas preparados para produzir um texto ou dissecar uma temática científica com competência. Nós podemos constatar isso nas matérias que se publicam sobre saúde, ligadas a certas áreas de ciências exatas. Nas entrevistas, percebe-se que o jornalista está sendo meramente conduzido pelo entrevistado e não conduzindo o diálogo. São deficiências visíveis nos jornalistas de hoje. Então, se você tem um cara que tem diploma de engenheiro, mas quer ser jornalista, ou um cientista atuante em laboratório que quer fazer Jornalismo científico, acho que não se pode fechar a porta.

Como convivem o poeta e o jornalista?

Florisvaldo Mattos – Numa batalha. É muito difícil fazer este tipo de avaliação. Eu, que fui professor de Jornalismo durante 33 anos, tenho consciência muito nítida disso, consciência baseada justamente em fundamentos da própria história do Jornalismo no Brasil, e da cultura brasileira. O Jornalismo no Brasil do passado – eu tenho essa experiência no *Jornal da Bahia* – sempre buscou nos meios intelectuais, seja na literatura ou nas artes, pessoas para integrar as suas redações, uma tradição que veio do século XIX e permaneceu por boa parte do século XX. Vejo essa inter-relação da literatura, da cultura com o Jornalismo em duas ordens: uma, fornecer mão-de-obra para compor as redações; a outra, impulsionar a produção intelectual. Hoje, com a criação dos Cursos de Comunicação, esse campo se fechou. Houve uma barreira que ensejou grande diferença. Em certos momentos, no jornal *A Tarde*, olho a redação e percebo que 90% dos que estão ali, sentados diante de computadores, foram meus alunos. Eu acho que a presença dos Cursos de Jornalismo criou uma faixa mais universalmente profissionalizante, com um traço profissional maior que no tempo em que o recrutamento era empírico. Na verdade, era por isso, por esse lado empírico, que os jornais buscavam nas universidades as pessoas que iam compor as suas redações. Isso facilitava.

Fale sobre Calazans Neto, Fernando da Rocha, Glauber Rocha e Joca.

Florisvaldo Mattos – Nós fazíamos parte de um grupo que passou a ser chamado de Geração Mapa, que produzia e editava uma revista chamada *Mapa*. A revista deu nome à geração. Foi aí que o *Jornal da Bahia*, matreiramente, buscou o pelotão de jovens que, ansiosos por aparecer e consolidar uma reputação sociocultural, se engajou nessa coisa chamada jornal. Éramos da Faculdade de Direito eu, João Carlos Teixeira Gomes e Glauber Rocha, que também foi estudante de Direito, Fernando Rocha e Antônio Guerra Lima, que se afastou para ser um grande advogado. Essa turma foi compor a redação do *Jornal da Bahia***,** a equipe de reportagem chefiada por um grande jornalista, Ariovaldo Matos. Quando Ariovaldo deixou a chefia, eu e João Carlos Teixeira Gomes disputamos o cargo. Como eu tinha um desempenho mais desenvolto na reportagem e um texto mais apropriado, ele foi escolhido

por ter um senso de organização maior que o meu. Calasans Neto também fez parte da equipe do *Jornal da Bahia*. Foi seu primeiro diagramador e programador visual. Levou para lá a experiência que tinha como desenhista e com a xilogravura, a experiência de artista plástico. A secretaria da redação era ocupada por um grande profissional, o jornalista Inácio Alencar.

Qual a importância do *Jornal da Bahia* para a imprensa baiana?

Florisvaldo Mattos – Grande demais. Para dizer qual foi a importância do *Jornal da Bahia* vou dar somente um exemplo. *A Tarde* foi fundada em 1912 e o *Jornal da Bahia* em 1958. Foi por causa do *Jornal da Bahia* que *A Tarde,* então com 46 anos de idade, contratou seu primeiro chefe de reportagem. O *Jornal da Bahia* já chegou com uma redação organizada em cargos, inclusive chefe de reportagem. Isso marca uma diferença. Mas o *JBa* teve um papel importante em outros aspectos. Primeiro, pensando a informação jornalística com mais concretude. Foi o *Jornal da Bahia* que acabou na Bahia com o que na técnica jornalística se chama de "nariz de cera". Ou seja, o jornalista ao invés de narrar diretamente o fato faz uma digressão literária em torno do tema para exibir cultura e então, depois, tratar diretamente do assunto. O *Jornal da Bahia*, ao adotar o modelo americano do lide e do sublide na composição da narrativa, já chegou preparado. Seus principais jornalistas eram profissionais experientes, alguns vindos do Rio de Janeiro, onde houve, no curso dos anos 50, a implantação dessa fórmula. Primeiro no *Diário Carioca* e depois no *Jornal do Brasil*. Esse novo enquadramento da informação, da notícia precisa e concisa, constituiu um grande passo. Outra contribuição foi a distribuição das matérias por editorias nas páginas e o planejamento das reportagens através de pautas. Na imprensa baiana não existia editorias temáticas nem a prática de pautas. Atuava-se da seguinte maneira: pegava-se o jornal do dia, recortava uma notícia e solicitava ao repórter que fizesse uma suíte de um fato. O *Jornal da Bahia* introduziu a pauta e a figura do pauteiro. A pauta era estruturada e o repórter saía da redação com sua missão e roteiro de trabalho para produzir a matéria, e não com um pedaço de notícia.

Destaque nomes de profissionais do *Jornal da Bahia*.

Florisvaldo Mattos - Eram jovens e estavam obtendo sucesso naquilo que faziam. Glauber Rocha criou com seus companheiros e foi o principal mentor da Jogralesca quando estudava no Colégio da Bahia. A Jogralesca era poesia dramatizada, teatralizada. Vingou por uns três anos. Na época, foi sucesso estrondoso no meio estudantil. Quando ele chegou ao jornal já era conhecido e prestigiado como jovem talentoso, mesmo sendo iniciante. Os outros também eram reconhecidos, embora não tanto quanto Glauber que, desde o início, era uma figura ímpar e intelectualmente precoce. Logo seria conhecido no Brasil. Eu o conheci no *hall* do Cine Guarani quando ele tinha 14 anos. Nessa época, os filmes que iam passar durante a semana faziam pré-estréia no domingo em sessões matinais. E Glauber, com 14 anos, estava ali para discutir cinema. Foi sempre uma pessoa muito irrequieta e especulativa. Muito debatedor e com uma curiosidade imensa. Por causa do seu interesse por cinema, perguntaram o que ele queria fazer no *Jornal da Bahia* e ele respondeu: "eu quero ser editor de polícia". E foi ser editor da página policial. Na época, fez uma inovação muito interessante. Quando havia fatos policiais que exigiam tratamento mais elaborado, Glauber chamava alguém da reportagem geral. Um dia ele me chamou. Lembro que era sobre um suicídio na Cidade Baixa. A notícia ficou rolando sem que ninguém soubesse o motivo do gesto desesperado daquele jovem empregado de um bar. Glauber Rocha, com a idéia de cinema na cabeça e pensando na dramaticidade do caso, me pediu para descobrir o motivo do suicídio. Eu passei uma tarde inteira na Cidade Baixa correndo bares e pontos de ônibus. Na casa onde o cara se suicidou, descobri a namorada, o motivo do gesto extremo do rapaz. Ela era caixa de uma farmácia. Narrei a história a partir desse personagem e do amor dele pela moça.

Há traços do jornalista na obra cinematográfica de Glauber?

Florisvaldo Mattos - Glauber fez *Deus e o diabo na terra do sol* porque era jornalista. Tinha intuição jornalística. Sertão, messianismo e cangaço eram temas do seu interesse e agrado. Percorreu todo o Nordeste, descobriu lugares onde os cangaceiros viveram e por onde Antônio Conselheiro transitou. Conseguiu reunir um acervo de informações sobre cultura nordestina e fatos

da vida do nordestino que, junto com a história do cangaço e do coronelismo, lhe permitiram fazer uma reportagem em forma de ensaio. Com base nela, fez o roteiro do filme.

Qual a diferença entre trabalhar numa sucursal e num jornal local?

Florisvaldo Mattos - Muito grande. Primeiro nos aspectos de síntese e seletividade. Nem tudo o que os jornais locais tratam serve para consumo de outro público. Uma regra básica do Jornalismo, até hoje seguida, é a da proximidade. As notícias interessam às pessoas que estão próximas do fato, são muito importantes no lugar onde ocorrem. Para que uma notícia de interesse da população próxima do fato também seja de interesse de uma população distante, é preciso depurar o conteúdo e manter a significação original. Uma sucursal trabalha com seletividade, escolhendo conteúdos capazes de interessar às pessoas que vivem no Rio de Janeiro, por exemplo. Ou seja, entre os fatos que os jornais locais cobrem, procura-se identificar aqueles com conteúdo capaz de interessar às pessoas que vivem distante com a mesma intensidade que interessam àquelas próximas ao local onde o fato ocorreu.

Por que, a partir dos anos 90, jornais fecharam as sucursais nas principais capitais do país?

Florisvaldo Mattos - Eu acho que em grande parte os jornais viveram uma época de prosperidade e de ânimo produtivo intenso, mas foram surpreendidos com o surgimento de outros meios de comunicação, principalmente a televisão. Com o desenvolvimento tecnológico e a expansão da televisão, muitos desses esforços que os jornais faziam, criando sucursais, foram perdendo substância e sentido. Fui chefe da sucursal do *Jornal do Brasil* aqui em Salvador e posso afirmar que os jornais superdimensionaram poder e influência. Abriram sucursais com estrutura custosa que dependia cada vez mais da publicidade, ainda incipiente na Bahia. Muitas vezes um jornal abria a sucursal e obtinha resultados, achando que ali estava a galinha dos ovos de ouro. Outros veículos vinham e abriam também sucursais, passando a disputar um bolo publicitário limitado. Se para um cabia bem, para cinco ou seis se transformava em fonte de dificuldades. Primeiro, a atração pela televisão; depois, essas questões de ordem material.

Qual a importância e influência dos jornais do sul na imprensa baiana nas décadas de 70, 80 e 90?

Florisvaldo Mattos - Não posso falar de todas, mas de uma que julgo ter sido uma boa sucursal, a que eu dirigi. É até uma imodéstia falar de algo que foi um sucesso do qual participei. Mas havia um diferencial. Os jornalistas das sucursais eram melhor remunerados e eram mais prestigiados. Trabalhar numa dessas sucursais era o sonho de todo jornalista das redações locais. Não só por ganhar mais, também por trabalhar com um tipo de notícias normalmente não sujeita a pressões locais. É um fato muito importante. O jornalista tinha condição de fazer um trabalho com muito mais empenho pessoal e entusiasmo sem as pressões de interesses locais. As sucursais contratavam os jornalistas que eram a nata das redações locais e, por isso, compunham suas redações com os bem mais preparados, já com certo nome na praça ou então querendo fazer nome nacional. Como isso influenciava nas redações locais? As sucursais eram paradigmáticas, pois produziam um melhor Jornalismo. Havia injunções locais que punham uma camisa de força no processo de produção de alguns jornalistas. O jornalista de um jornal local ia fazer uma matéria, tratar de um assunto que, no contexto local implicava em mil influências, em geral de cunho político ou econômico que refletiam no jornal. Isso condicionava o trabalho do jornalista. As sucursais ficavam mais livres para tratar desses temas e, por isso, tinham condições de esgotar o assunto.

O senhor acredita que o fechamento das sucursais proporcionou maior cuidado na elaboração das notícias locais?

Florisvaldo Mattos - Eu acho que essa discussão passa por outros aspectos. Já existia uma influência natural pela melhora na escolha e no tratamento de conteúdos. A pessoa aprende muito com o vizinho ou com o concorrente. Você imita o vizinho no que ele tem de bom e com isso você se aprimora e passa a fazer coisas melhores. Quando o vizinho é ruim, você prefere não imitar. Com a sucursal era assim: os jornalistas das redações locais liam as matérias produzidas pelo jornalista de sucursal e passavam a defender internamente mais liberdade no processo de trabalho. Esse trabalho do jornalista hoje em dia, não posso avaliar de uma maneira muito precisa, mas

a experiência e a observação demonstram que há um desinteresse muito grande em esgotar a apuração da informação. Isso é a influência negativa da televisão. Como a televisão é espetáculo e, grosso modo, se fixa apenas nos exteriores da notícia, os jornalistas passam a imitar equivocadamente o vizinho televisivo e correm atrás de brilho que é próprio de outro meio. Por isso não penetram no fato, na constituição, na extensão e profundidade do fato. Satisfazem-se com os exteriores. Isso é um aspecto negativo. Acho que os cursos de comunicação prepararam melhor o jornalista e dão maior estofo cultural mas, apesar disso, o Jornalismo atualmente ganhou moldura de atividade desinteressante, burocrática, sem motivação. Com isso perde o jornal e perde o leitor. Hoje, exige-se mais quantidade do que qualidade. O repórter que sai para fazer quatro pautas é muito diferente do repórter que sai para fazer apenas duas. O que faz duas tem mais tempo e tem mais empenho na apuração do fato. O que vai fazer quatro se esgota no superficial. Na primeira barreira, desiste ou encontra uma desculpa. Com isso, mais pautas se frustram e, na hora do fechamento, mais matérias são derrubadas.

O que o senhor tem a dizer sobre o estrelismo de alguns jornalistas, especialmente os que atuam na TV, a exemplo de Alexandre Garcia, Fátima Bernardes, William Bonner?

Florisvaldo Mattos - É aquela história do vizinho. A televisão para o Jornalismo é um péssimo vizinho por ser, justamente ela, o grande fenômeno da cultura do espetáculo, como os franceses a definiram. A televisão faz de tudo um espetáculo e a notícia, hoje, é transformada em espetáculo. O indivíduo que está na televisão começa a absorver hábitos e comportamentos idênticos aos dos atores de novelas, dos azes do esporte. É o Olimpo da aparência. Na década de 70, Alexandre Garcia apareceu na reportagem de uma revista nacional deitado numa cama exibindo todos os supostos atributos de um conquistador de mulheres. Esse tipo de estrelismo vem de longe, vem do cinema de Hollywood. O estrelismo no Jornalismo segue o mesmo *script*. Além de capacidade, é preciso exibir sucesso, êxito. O estrelismo é decorrência do próprio meio de comunicação, que trabalha com símbolos, com abstrações. A fluidez faz da notícia uma coisa abstrata. O jornalista de TV quer influenciar, persuadir pessoas com as abstrações que difunde.

Ele se vê como um semideus, com o poder de magnetizar e emocionar audiências. É por aí que chega ao estrelismo.

Como se pode dar brilho à notícia no impresso sem imitar a televisão?

Florisvaldo Mattos - O Jornalismo é basicamente linguagem, pois é narração de fatos. O fato é o elemento propulsor da informação, mas ele se constrói para o leitor como linguagem. Dominar a linguagem e saber desenvolver a história de um fato produz a narrativa. O Jornalismo é narração com linguagem estruturada, lúcida, consciente, mostrando capacidade de esgotar o assunto. É claro que isso vai resultar num brilho por que a linguagem se apropria de valores da literatura, da poesia, das artes. Boa linguagem é essencial. Se você não a domina, não é um bom literato, nem bom poeta, nem bom artista. Se você não domina a linguagem no Jornalismo, nunca será um bom jornalista. O bom uso da linguagem é importante por que prova como você sabe trabalhar as potencialidades da língua, no caso a língua portuguesa. Não que você seja um "gramaticóide", um conhecedor do uso de regras. É saber como narrar uma história, um acontecimento. É fazer uma pessoa se interessar pelo que você está narrando e ler tudo, até o final. Que não ache aquilo maçante e desista. Associada a outros recursos gráficos, a linguagem é a grande arma do jornalista. Alguns jornais do sul, por que são fortes, se diferenciam, e seus jornalistas, por que mais bem treinados, idem. Uns mais do que outros, mas tem paradigmas por épocas. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, foi o paradigma das décadas de 50 e 60. A *Folha de S. Paulo* é o paradigma de hoje, todos querem imitá-la. Para se editar bem uma informação, uma notícia jornalística, há vários fatores que influenciam para dar brilho. Não se pode largar um texto solto, tem que dar um bom título, uma boa abertura, ter complementos, até visuais. Não é só sentar e começar a digitar que vai dar certo. O jornalista tem que pensar, conceber como aquilo pode sair. Fazendo assim vai ter um resultado capaz de recompensar o seu esforço.

Fale sobre Odorico Tavares e sobre os Diários Associados.

Florisvaldo Mattos - Os Associados, na época em que eu trabalhei lá, representavam, creio, até mais do que representa hoje o sistema Globo que

envolve jornais, rádios e televisões. O grupo dos Diários Associados possuía 23 jornais e cinco emissoras. Mas, para a época, isso era algo formidável. Chateaubriand, o dono dos Diários Associados, era considerado um deus no Brasil. Metaforicamente, parecia ter a força cósmica capaz de movimentar tudo. O Museu de Arte de São Paulo se deve ao esforço de Chateaubriand, que fez com que os burgueses paulistas e outros abrissem o cofre para que ele pudesse comprar quadros na Itália, na França e em outros lugares. Eu testemunhei a época em que havia um homem poderoso como ele. Como a gente ainda vivia um momento romântico no Jornalismo, era interessante trabalhar e participar desse cenário. Em fins dos anos 50, os Diários Associados, em Salvador, precisavam competir com um jornal novo que era o *Jornal da Bahia*. E foram suficientemente malandros para cogitar: "O que fazer para tirar deste jornal o que ele tem de melhor?" Odorico Tavares, que era o diretor-geral dos Associados na Bahia, olhou para a equipe de reportagem do *Jornal da Bahia* e, por meio de Inácio Alencar, puxou Glauber Rocha e outros mais, entre eles eu, e levou para o grupo dos Diários Associados [que publicava dois jornais: o *Diário de Notícias* e o *Estado da Bahia*]. Mas os Diários Associados não faziam um Jornalismo tão bem concebido, para a época, como o *Jornal da Bahia* fazia. Porém concedia aos jornalistas uma liberdade de trabalho bem maior, apesar dos envolvimentos da direção e da empresa com a ordem local. Os Associados deixavam que a gente pensasse e produzisse as edições, e, por aí, o jornal começou a deslanchar. Odorico Tavares, que era um poeta, um admirador e incentivador das artes na Bahia, via aquilo como uma comodidade, para ele útil. O importante era que aqueles jovens sob o comando de Inácio Alencar, que era chefe da Redação do *Diário de Notícias*, trabalhassem para produzir Jornalismo com idéias e com brilho. Glauber Rocha era o chefe do copidesque, eu o chefe de reportagem, e Paulo Gil Soares, cineasta que morreu há pouco tempo e também foi do *Jornal da Bahia*, era repórter e redator. Nós fazíamos o jornal com Odorico Tavares nos tratando como filhos. Ganhava-se pouco, como acontece normalmente no Jornalismo baiano, mas era uma curtição. O Jornalismo não torna rico nenhum jornalista, mas tem as suas compensações como experiência de vida.

Qual a participação dos jornais *O Momento* e O *Imparcial* na história

da imprensa baiana?

Florisvaldo Mattos - *O Momento* era um jornal do Partido Comunista. Nunca integrei o Partido Comunista, embora tenha tido certa simpatia pela esquerda, mas não pertenci à equipe d'*O Momento*. No meu tempo de faculdade, *O Momento* circulava. Havia atividades de esquerda nas faculdades de Direito, Medicina e Engenharia, que eram os núcleos politicamente fortes da então apenas Universidade da Bahia, com o reitor Edgar Santos à frente. *O Momento* era muito lido pelos jovens de esquerda. Mas eu nunca trabalhei nele. Soube de *O Momento*, como veículo de comunicação impressa, através dos jornalistas que foram para o *Jornal da Bahia*, principalmente de Ariovaldo Matos, um dos homens fortes de *O Momento*, do qual o dono do *Jornal da Bahia*, João Falcão, foi diretor. A grande influência de *O Momento* no *Jornal da Bahia* foi fornecer boa base técnica e consciência profissional. De lá saíram Ariovaldo Matos, José Gorender, Alberto Vita, Flávio Costa e outros bons profissionais Quando comecei no Jornalismo, *O Imparcial* já não existia. *O Imparcial* foi comprado por um grande coronel da Bahia, o coronel Franklin Lins de Albuquerque, chefe político da região do médio São Francisco. O filho dele, Wilson Lins, que era político, intelectual e escritor, foi o chefe de redação, cargo dado pelo pai. *O Imparcial* teve um momento de brilho durante o tempo da guerra com a participação de Jorge Amado.

Algum outro jornal dos Anos 20 teve papel importante para a imprensa local?

Florisvaldo Mattos - A *Tribuna da Bahia* foi o único jornal que trouxe real inovação depois do *Jornal da Bahia*. Eu não digo que *A Tarde* não tenha inovado. *A Tarde* tem uma tradição que desfila por todo o século passado. Tem identidade com determinadas épocas, com conceitos predominantes de uma época e esse caráter é mantido até hoje. Os outros não, os outros vinham com ansiedade, com vontade de inovar logo. *A Tarde* sempre teve consciência de sua estabilidade. O *Jornal da Bahia* veio para inovar e criou um problema para *A Tarde*. Depois foi vencido porque *A Tarde* é uma instituição muito forte. O *Jornal da Bahia* teve certo sucesso inicial, repetido depois em razão do enfrentamento com a ditadura. Mas o certo é que, na época, o *Jornal da Bahia* inovou. Depois viria A *Tribuna da Bahia* em 1969, onze anos depois do *Jornal da Bahia*. A *Tribuna da Bahia* foi o primeiro

jornal baiano impresso em off-set. Trouxe um jornalista de primeira linha, Quintino de Carvalho, que trabalhou no *Jornal do Brasil*. Quintino trouxe o Jornalismo que estava em voga no Rio de Janeiro. A *Tribuna da Bahia* era um jornal vespertino, exigia mais dinamismo na construção e apresentação das notícias, e vinha para disputar espaço com o *Jornal da Bahia* e com *A Tarde*, que concorriam entre si. Foi um jornal repleto de jovens de talento com um brilho inicial muito grande. Valorizou enormemente a imagem e o espaço em branco, ou seja, fez um jornal com uma apresentação gráfica mais arejada, enquanto os outros, eram mais compactos com a mancha gráfica maior. Conferiu informalidade à narrativa. O *Correio da Bahia* tem certa qualidade. Se você abstrai que existe o político Antônio Carlos Magalhães como dono dele, vê coisas boas.

Gostaríamos que o senhor falasse sobre Maurício Naiberg, Heron de Alencar e Ariovaldo Matos, considerados grandes figuras do Jornalismo baiano.

Florisvaldo Mattos – Permita-me tirar Heron de Alencar desta relação. Embora seja um grande nome, um grande intelectual, viveu mais tempo na França do que na Bahia. Partiu em 1952 e só voltou no princípio da década de 60, e aqui permaneceu por pouquíssimo tempo. Trouxe idéias inovadoras para *A Tarde* e criou uma página literária na época muito boa pela qualidade dos colaboradores e pelas novidades de pensamento. Heron era um conceituado homem de literatura. Por muitos anos foi professor da Universidade de Sorbonne, na França. Lembro mais de seu irmão, Inácio de Alencar, que hoje vive no Rio de Janeiro. Inácio afastou-se do Jornalismo diário por causa da ditadura. Grande programador visual e também jornalista de texto, levou boa parte da redação do *Jornal da Bahia* para o *Diário de Notícias* em 1959. Mas, confesso, o grande jornalista que vi atuar, e não conheço igual ainda hoje, foi João Batista de Lima e Silva, redator-chefe do *Jornal da Bahia*. Chegou à Bahia como dissidente do Partido Comunista, na trilha do racha de 1956, quando saíram de lá Agildo Barata e outros. João Batista era, então, redator-chefe do *Imprensa Popular,* principal jornal do Partido Comunista no Brasil, embora houvesse também *Novos Rumos*, outro importante veículo da esquerda. Era um homem de formação, de inteligência, um intelectual raro de se encontrar. Era formado em Sociologia e professor da Faculdade

de Filosofia da Universidade da Bahia. Eu não conheço até hoje, com mais de 40 anos de Jornalismo, quem escreva um editorial melhor do que ele, João Batista de Lima e Silva. Digo isso por ver, na imprensa local, editoriais meio alinhavados. Ele não. Escrevia um editorial de estrutura e opinião consistentes, com pensamento, com linguagem de editorial, distribuídos nas três faixas estruturais clássicas: primeiro uma síntese do fato motivador, depois a argumentação e finalmente a conclusão. Ele construía o editorial com tão grande capacidade por que era formado em Filosofia. Foi um jornalista brilhante, morreu cedo, em 1979, mas bastante tempo depois de deixar o *Jornal da Bahia*. Ariovaldo Matos foi outro grande jornalista. Casava a profissão de jornalista com a condição de escritor. Era também romancista e contista. Levou a linguagem do Jornalismo para o conto. Fazia literatura com linguagem de jornal. Tinha uma capacidade extraordinária de redigir uma reportagem. Foi um esteio na redação do *Jornal da Bahia,* mas brigou, saiu e foi fundar um jornal chamado *IC (Indústria & Comércio) shopping news*, primeiro jornal de mala direta, de entrega gratuita, com circulação dirigida da Bahia. Mas enquanto esteve no Jornalismo diário, foi um exemplo de profissional. Maurício Naiberg era homem de publicidade, daqueles personagens da publicidade que viviam nas redações por que tinha vocação para ser jornalista, mas não tinha a formação adequada para escrever e atuar no Jornalismo.

Para o senhor, já não se faz jornalistas como antigamente?

Florisvaldo Mattos - A tradição do Jornalismo, até a época em que eu comecei, seguia em outra direção. Era uma profissão cujos protagonistas derivavam de outros ramos; vinham da literatura ou das profissões liberais. Esses jornalistas já vinham munidos de conhecimentos variados. As técnicas jornalísticas eram, para eles, um tipo de procedimento aos quais, pela formação, se adaptavam com muita rapidez e, quase sempre, com competência. Tornavam-se bons jornalistas por que seriam bons em qualquer outra profissão que assumissem. Advogados promissores deixavam de ser bons advogados para serem bons jornalistas. Eu por exemplo, fui um [bom] aluno de Direito Civil; Orlando Gomes foi meu professor e fui convidado para ensinar na Faculdade de Direito, mas meu destino era ser jornalista.

Qual a contribuição de Simões Filho e João Falcão para a imprensa baiana?

Florisvaldo Mattos - Simões Filho foi um pioneiro. Tinha vocação para o Jornalismo e a idéia de produzir um jornal. As condições que se delinearam no princípio do século passado na Bahia impulsionaram a vontade não só de praticar Jornalismo como de fundar um jornal. Hoje grande parte das características mais fortes de *A Tarde* – a identidade com a Bahia, principalmente com a cidade do Salvador – ainda se deve a ele. Naquela época, o governo de J. J. Seabra, a quem Simões Filho era vinculado politicamente, estava reformando a capital: abriu a avenida Sete, construiu o cais do porto, abriu a ladeira da Montanha para dar um novo acesso a Cidade Baixa. Guardadas as devidas proporções, Seabra pensava fazer em Salvador o que fora feito em Paris, no século XIX, com a construção dos grandes bulevares. *A Tarde* é um produto da ousadia desse pensamento, da reforma e modernização da cidade do Salvador. Surgiu integrada a esse clima de animação e de evolução da cidade. Simões Filho percebeu isso e fez um jornal dirigido à classe social urbana que estava em ascensão, a classe média. Até hoje é um jornal dirigido à classe média. Houve momentos de altos e baixos, mas o jornal se formou com um conceito que mantém até hoje: o conceito que Simões Filho firmou. O risco que o jornal *A Tarde* enfrenta é o de ser um jornal urbano, muito vinculado à cidade do Salvador. Na periferia, acontecem mil coisas, mas o jornal toma pouco conhecimento. Está voltado para o núcleo urbano, onde estão sediados os poderes, o comércio e a cultura. Esse é o mundo de *A Tarde*, um mundo que não se estende para o Estado, apesar de ser o único jornal que vai a todos os municípios. Essa é uma deformação da imprensa brasileira. Se você pega os jornais do Sul, vai perceber que eles destacam mais São Paulo e Rio de Janeiro. São jornais nacionais com certa limitação. Em São Paulo, por ser um Estado mais desenvolvido, o jornal traz notícias de Piracicaba, de Ribeirão Preto. Aqui, por causa do caderno de Municípios [o caderno *A Tarde Municípios* deixou de circular em fevereiro de 2003] você dá notícias de Feira de Santana e de outras cidades da Bahia, mas não é política do jornal se interessar pela problemática regional.

Desde Simões Filho?

Florisvaldo Mattos - Não é que ele fosse desinteressado. É que o jornal sempre esteve mais voltado para a cidade de Salvador do que para outros lugares.

Como foi exercida a censura e como os jornalistas lidavam com os censores?
Florisvaldo Mattos - Eu não trabalhei na época mais difícil. Por coincidência, quando rompeu a chamada revolução, o golpe de estado, eu estava fazendo um curso de especialização na Espanha, em Madri. Quando voltei, as coisas tinham serenado bastante. Existe uma pessoa que poderia falar a esse respeito, Paolo Marconi. Ele colecionou aqueles bilhetinhos que vinham da Polícia Federal, todos os dias, com as proibições, os assuntos que não deveriam ser publicados. Fez um livro sobre isso. Houve momentos em que era proibido publicar até mesmo a descoberta de um poço de petróleo. Nos primeiros dias que se seguiram ao golpe, o *Jornal da Bahia* viveu com um censor militar dentro da redação durante uns três ou quatro meses. Quando retornei, ele já era uma figura folclórica na redação, com todos fazendo brincadeiras, dando tapinhas nas costas dele. Houve censura realmente em dois momentos: logo quando eclodiu o movimento militar, em 1964, a censura foi direta com dois censores nas redações; e no momento do AI-5, a fase mais crítica, a da autocensura. O fato fundamental foi que se estabeleceu um clima de forte repressão no início da ditadura e as proibições propiciaram um ambiente de autocensura nas redações. Pode-se dizer que, a partir de um determinado momento, prosperou nas redações mais autocensura que censura direta.

O que o senhor tem a dizer sobre os jornais alternativos que surgiram no período de censura?
Florisvaldo Mattos - A Bahia, como população leitora de jornais alternativos, teve um momento extraordinário. Os jornais alternativos do Rio de Janeiro e de São Paulo, tais como *Pasquim, Mais, Opinião, Movimento*, aqui faziam um sucesso enorme. Mas tentativas de se fazer Jornalismo alternativo na Bahia não deram certo. A população sempre foi conservadora. Os jornalistas costumam se equivocar quando optam por mudanças radicais. A população baiana, desde a época da colônia, é encabrestada, resistente a mudanças. Isso também é efeito do movimento militar aqui na Bahia, por que favoreceu um sistema em que grupos se fortaleceram e alcançaram uma liderança que se mantém até hoje. O melhor do Jornalismo alternativo da época vinha do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. A Bahia ficou produzindo leitores, principalmente a massa estudantil e uma parte dos profissionais liberais, bancários, entre outros. As experiências tentadas aqui fracassaram totalmente. Jornais como *Boca do Inferno* não conquistaram leitores. Por aqui, o Jornalismo alternativo não funcionou mas foi importante para o Jornalismo no Brasil. Quando o sistema político da ditadura se esfacelou, o Jornalismo alternativo começou a perder terreno. A saída dos militares permitiu que os jornais se soltassem e os jornalistas foram se prevalecendo de mais liberdade. Com isso, começou a recuar o interesse pelo Jornalismo alternativo. Se os jornais já podiam tratar de assuntos que eram privilégio dos jornais alternativos, esses perderam razão de existir. Mas é fato que o contingente de jornalistas que fazia o Jornalismo alternativo influenciou os jornais. Por exemplo, a *Folha de S. Paulo*, o folhetim que foi um dos melhores suplementos culturais do Brasil, foi criado e implantado com mão-de-obra do Jornalismo alternativo – Rui Castro e Paulo de Tarso, que eram do *Pasquim*. A mesma coisa aconteceu n'*O Estado de S. Paulo* com o suplemento cultural. Intelectuais e jornalistas que serviam ao Jornalismo alternativo foram arregimentados para o Jornalismo regular e criaram grandes produtos, principalmente na área de cultura.

O que o senhor mais gostou ou gosta de fazer no Jornalismo?
Florisvaldo Mattos - Eu sou uma espécie de "pau-para-toda-obra", na área de impresso. Faço qualquer coisa em jornal. Lógico que, não só pela formação cultural como também pela experiência profissional, me interesso mais por linguagem e conteúdos de maior elaboração. Por isso, há mais de uma década, atuo no Jornalismo cultural. Há duas linhas no Jornalismo cultural: a que trabalha com os fatos de natureza imediata, de atualidade, como o Caderno 2, de *A Tarde*, o Folha do *Correio da Bahia*, Ilustrada da *Folha de S. Paulo,* Caderno 2 do *Estado de S. Paulo,* Segundo Caderno, de *O Globo*. Esses cadernos cobrem a programação cultural, as várias linguagens artísticas. Na outra linha, o Jornalismo cultural que trabalha com conteúdo de reflexão, de construção mais pensada e de abertura de canais para que os criadores de cultura se expressem. Por isso são produtos jornalísticos semanais. No meu caso, é *A Tarde Cultural*. Gosto de trabalhar nessa linha por ser uma forma de captar o

fluxo da produção cultural de caráter mais permanente. A idéia é possibilitar um canal de expressão para os que produzem literatura, ensaio e poesia.

Qual a sua experiência profissional mais positiva e mais negativa?

Florisvaldo Mattos - Mais positiva é realmente ter cometido a "loucura" de deixar a carreira de advogado, que parecia promissora, para ser jornalista. Essa opção não me fez um homem rico, mas me fez uma pessoa capaz de viver a vida com uma energia maior de humanismo. Sou partidário irredutível do humanismo democrático. Meu pai, um médio produtor de cacau, devia me considerar um louco por desistir da advocacia. Outra experiência positiva foi ter sido chefe da sucursal do *Jornal do Brasil* na Bahia. Ajudei a criar um paradigma para os jornais locais e para outras sucursais também, por ser professor da Faculdade de Comunicação. Como a maioria dos jornalistas, que iam para os jornais locais, vinha da faculdade onde eu ensinava, essa experiência oferecia a oportunidade de um diálogo dos estudantes de Jornalismo com o mercado. Depois fui também responsável por uma emissora FM, a *Rádio Jornal do Brasil,* cujo formato englobava noticiário com música selecionada. Uma experiência negativa é ver o quanto o Jornalismo impresso vem perdendo substância e marchando quase impotente diante da concorrência de outros meios de comunicação. A prática do Jornalismo perdeu aquele sentido de um sacrifício glorioso, de uma profissão na qual se trabalhava na intenção de contribuir para a melhoria do ser humano. Vejo com tristeza que este sentimento desapareceu, o companheirismo que sempre marcou as redações de jornais, a troca de experiências. Hoje é cada um vivendo o seu mundo, recluso nas suas perplexidades, ou disputando interesses materiais. Há 20 anos atrás, os jornalistas costumavam se reunir em lugares diversos para discutir jornal e Jornalismo. Havia uma boêmia muito própria do Jornalismo. A profissão ficou humanisticamente mais empobrecida, creio.

As novas tecnologias são importantes para o Jornalismo?

Florisvaldo Mattos – Até o momento considero que a grande influência das novas tecnologias para o Jornalismo reside na maior acessibilidade aos conteúdos. Torna possível um produto mais bem acabado pela velocidade

de transmissão e rapidez de manejo. Com a informação mais disponível, o jornalista pode narrar os fatos com muito mais precisão e síntese. Acho que a tecnologia pela tecnologia não resolve nada, mas ajuda. Por isso eu digo que esse manuseio permite você trabalhar os conteúdos com mais dinamismo. Há poucos dias eu participei de um debate sobre Jornalismo cultural. Lá surgiu uma pergunta: com toda essa movimentação, com esse mar de informação que se produz na atualidade, a Internet constitui uma ameaça ao Jornalismo impresso? Eu disse não saber responder. Acho que a Internet é um grande instrumento de armazenamento de informação. Com ela, a pessoa mobiliza uma quantidade grande de informação quase instantaneamente. Entretanto, o Jornalismo produzido na Internet, seja pela *A Tarde On Line*, *Folha on-line* ou *Estadão on-line*, para mim, até agora, é uma decepção. Trás pouca inovação: agrega o que o Jornalismo impresso tem de positivo e carrega o que tem de vícios. *A Tarde* tem uma considerável área com computadores e gente trabalhando em *A Tarde online*, mas outro dia fiquei decepcionado; fui em busca de um fato e vi que as notícias do site eram as mesmas de 12 horas antes. Assim, a Internet não está competindo nem com o rádio. O Jornalismo impresso foi quem ensinou a todos: ao rádio e à televisão, e está ensinando à Internet como fazer Jornalismo. Mas a Internet está contribuindo muito pouco para ao Jornalismo impresso. Pode ser que mais adiante venha a contribuir. Até agora não inovou na forma, não analisa os fatos com profundidade, e a linguagem é a mesma do Jornalismo impresso. Tudo que a Internet teria para introduzir como novidade não chegou ainda. Pode ser que nos EUA, o Jornalismo on-line tenha significado uma mudança, mas aqui no Brasil, pelo que eu posso perceber, não está havendo transformação substancial.

Há alguma coisa que o senhor queira acrescentar?

Florisvaldo Mattos - Uma das melhores experiências que eu tive na vida foi ser professor de Jornalismo, ter contribuído para a formação de muitos jornalistas que povoaram e povoam as redações. O Jornalismo não se esgota nem no diploma, nem no registro profissional, nem no exercício cotidiano da profissão. O jornalista tem que investir em si mesmo para desenvolver a sua capacidade, evoluir culturalmente, para se tornar positivamente atuante

na sociedade. Uma das grandes frustrações do curso de Comunicação é não ter se preocupado (e eu posso até ser uma pessoa que tenha pecado quanto a isso, poderia ter interferido, mas não interferi), em preparar jornalistas para o momento que se vive hoje com especializações significativas. A teorização desviou um pouco para a especulação intelectual filosófica e deixou de formar pessoas com um conjunto de conhecimentos capaz de dar um espaço em determinadas áreas carentes. Sou editor de um caderno de cultura e, para mim, é triste saber que na Bahia não se produzem, nos cursos de comunicação, críticos de arte, críticos literários. Os críticos de cinema ainda em atividade são pessoas que se interessavam por cinema antes de entrar na faculdade, muitas vezes entendendo mais de cinema do que os professores que estão lá. Eu disse isso numa palestra, e uma mulher me interrompeu para dizer que houve cursos de iniciação artística no curso de Jornalismo, mas que deixou de existir por que os alunos fizeram um abaixo assinado pedindo que fosse cancelado, e a universidade, numa atitude equivocada, aceitou a exigência dos alunos. O curso de Comunicação da UFBA ficou sem nenhuma disciplina que tratasse de arte. Existe estética na pós-graduação, mas, ora, estética é filosofia, deveria haver pelo menos história da arte. Os alunos saem da universidade tendo passado por professores que estudam muito, saem bem equipados de idéias, porém, com raras exceções, não são capazes de transpor o pensamento para o texto.

Que personalidade o senhor destacaria: Assis Chateaubriand ou Ruy Barbosa?

Florisvaldo Mattos - O Brasil precisa mais de Ruy Barbosa, mas não o Ruy Barbosa jurista, mas o Ruy Barbosa jornalista. Ele foi um dos maiores juristas do país, mas quando perguntavam a ele o que ele na verdade era, dizia: "eu quero ser sempre jornalista". Ele era um jornalista que escrevia, era um humanista que fazia vigorosas pregações em defesa de princípios fundamentais para a humanidade e para a vida em sociedade, como liberdade, democracia, igualdade, fraternidade. Se você incluísse Roberto Marinho, eu mais ainda continuaria com Ruy Barbosa.

Germano Dias Machado

"O jornalista precisa ser livre e precisa ganhar bem"

Entrevista concedida a Cinthya Brandão e Marina Matos, durante o segundo semestre de 2002.

Germano Dias Machado nasceu na Bahia no dia 28 de maio de 1926. Filho de José Dias Machado (português de nascimento) e Maria Philomena da Glória Gouveia Machado (brasileira e baiana), casou-se com Miriam Ribeiro Machado e com ela teve cinco filhos: Luís Germano, Paulo Emanuel, Míriam Rita, Davi Bernardo e Raquel Maria. Em 1949, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Bahia, até então um reduto de mulheres, criou a primeira turma de Jornalismo da qual Germano Machado foi aluno até 1952. No último ano da faculdade, foi diretor da *Revista Cultura*, editada pelo Diretório Acadêmico. Trabalhou como colaborador dos jornais *A Tarde*, *Diário de Notícias*, *Jornal da Bahia* e mantinha colunas no *Jornal da Bahia* e no *Diário de Notícias*. Foi também colaborador permanente do jornal *Bahia Hoje*. Foi colaborador de *A Semana Católica,* posteriormente denominada apenas *A Semana*. Em 1970 assumiu a direção do jornal, nomeado pelo então administrador-apostólico dom Eugênio de Araújo Sales. Em 1953, Germano Machado foi redator parlamentar da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia. Em 1948, fundou a JOC (Juventude Operária Católica) na Bahia. Germano orgulha-se de ter participado ativamente de todas as Seliba – Semana Baiana do Livro – organizada por Hermano Gouveia. Foi membro da UDN, 1959/64; colaborador das campanhas presidenciais do brigadeiro Eduardo Gomes e Juarez Távora; da campanha presidencial de Jânio Quadros; da campanha para o governo do estado do general Juracy Magalhães e de Lomanto Júnior, além de ter sido candidato em 1962 pelo PDC, à Câmara Estadual. Não eleito. Exerceu funções na Assembléia Legislativa durante o período das presidências dos deputados Jutahy Magalhães e Sacramento Neto; chefiou a seção de divulgação no governo do general Juracy Magalhães em

1960; entre 1961 e 1963, foi Oficial de Gabinete do mesmo governador. É autor de vários livros, entre eles: *Os Dois Brasis – Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha* – 1962-63; *A verdadeira revolução* – 1965; *Igreja humana e divina* – 1967, entre outras obras. Foi nomeado suplente de conselheiro de Cultura pelo então governador Antônio Carlos Magalhães, em 1979. Em 1981, reabre o espaço cultural Cepa – Círculo de Estudo Pensamento e Ação –, onde criou um núcleo de editoração que lançou inicialmente a publicação mensal *Grande Salvador* e depois a revista *Cepa Cultural*, em 1987. O Cepa, até o ano de 2001, publicou cerca de 100 livros de Filosofia, Teologia, Poesia, Educação e outras ciências. Durante esse período, Germano ministrou 25 cursos de Filosofia Integrativa, entre 1981/1998, em Salvador.

Qual a sua formação profissional?

Germano Machado - Eu tenho duas formações. A primeira é a do Seminário Capuchinho, onde estudei por seis anos. Quando sai em 1949, eu já trabalhava numa revista da ordem capuchinha, chamada *Vida Franciscana*. Foi lá que eu escrevi o meu primeiro artigo, chamado "Brilho da Mocidade". *Brilho da Mocidade* era o título do livro de um grande escritor húngaro da época chamado Diamertotti. Li o livro que me foi dado pelo frei Boaventura e fiz o artigo. Foi a minha primeira atividade de jornalista. Em 1949, publicaram no jornal *A Tarde* uma nota dizendo que quem tivesse cinco anos de trabalho em jornal poderia entrar para o primeiro curso de Jornalismo da Universidade da Bahia, curso que foi viabilizado pelo então Ministro Clemente Mariano, baiano, proprietário do Banco da Bahia. Eu trabalhava na *Semana Católica*, jornal da Arquidiocese do Salvador e escrevia semanalmente. Escrevia também para o jornal *Juventude Trabalhadora*, publicado em São Paulo pelo Partido Socialista. Então providenciei os documentos solicitados e me inscrevi no curso de Jornalismo de 1949 a 1952. O curso funcionava na Faculdade de Filosofia. Era uma faculdade de mulheres. Com o curso de Jornalismo entrou um grupo de homens, a chamada "invasão dos bárbaros". O reitor da Universidade era o protótipo do grande reitor, Edgar Santos, que não era apenas um reitor, era um grande homem, fora do comum. O diretor da faculdade era Isaías Alves que fazia parte da direita, mas uma direita grandiosa.

Do outro lado estava Anísio Teixeira, que fazia parte da esquerda, também uma esquerda grandiosa. Depois criei o curso de Jornalismo de curta duração na Faculdade de Direito da UFBA, em 1958, graças a Gabino Kruchevisk. Quem ministrava aulas nesse curso era Jorge Calmon. Depois, fiz um curso de especialização em Jornalismo no Cecosne – Centro Educativo de Comunicação Social do Nordeste –, que funcionava na Faculdade de Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco. Eu, Hermano Gouveia e Antônio Virgilio Sobrinho fundamos também o Instituto de Jornalismo da Bahia por que o curso da Federal parou em 1952 e não reabriram por quatro anos. Era um curso técnico de Jornalismo e funcionava na Faculdade de Economia da UFBA. Nesse curso eu ensinei Sociologia e História de 1959 a 1961. Depois, a Universidade reabriu o curso oficial.

Quais os veículos de comunicação que o senhor trabalhou?

Germano Machado - Colaborei em todos os jornais da Bahia, principalmente em *A Tarde* que é o jornal fundamental da Bahia. Comecei a trabalhar em jornal aos 30 anos, sempre como colaborador. Não tive uma vida de militância jornalística, propriamente dita. A vocação destacável não era propriamente o estar no Jornalismo, mas fazer colaboração. Colaborei com *A Tarde*, *Estado da Bahia, Diário de Notícias, Jornal da Bahia*, e fui colaborador permanente do jornal *Bahia Hoje,* que eu acompanhei até o último dia. Fui colaborador do *A Semana Católica* de 1943 a 1973, e também diretor, no tempo do cardeal dom Eugênio de Araújo Sales. *A Semana Católica* estava no fim, no chão. Foi nesse momento que apareceu Sérgio Mattos, magro e alto, que conquistou uma coluna no jornal. Eu sempre digo que Sérgio é um jornalista típico. Numa dessas viagens a trabalho, ele conseguiu uma entrevista com dom Helder Câmara, sobre quem, à época, o sistema militar proibiu de falar. dom Eugênio tinha confiança nas pessoas subordinadas a ele. Como eu era o diretor do jornal, assumi a responsabilidade e a reportagem de Sérgio Mattos foi publicada.

De 1948 a 1960, fui colaborador do jornal do Círculo Operário da Bahia, eu também me metia no Círculo Operário. Eu era metido! Escrevi para a revista *Boa Terra*, em 1961. Quando entrei para a Imprensa Oficial [hoje denominada

de Empresa Gráfica do estado da Bahia – EGBA], da qual fui diretor no governo de Lomanto Júnior, havia um número muito pobre da *Revista da Bahia*. Chamei um técnico argentino para dar um visual novo à revista. Portanto, fui inovador e renovador da *Revista da Bahia*, de 1963 a 1965. O modelo da revista ficou, até hoje. Nas últimas edições foi mantido o mesmo padrão. Todos esses escritores e jornalistas modernos passaram por essa revista e os artigos eram publicados por mim. Hoje, muitos não dizem por esquerdismo, por antipatia. Pouco me incomoda. É a verdade!

O senhor prestou assessoria em que governo? Como foi a experiência?
Germano Machado – Eu trabalhei como assessor no governo de Régis Pacheco. Dividia trabalho de redação parlamentar com outros colegas para ter tempo para dar aulas e para as minhas outras atividades. Também fui chefe da sessão de divulgação de imprensa no governo do general Juracy Montenegro Magalhães, um homem fora de série. De 1932 a 2002, ele foi o único político completo que a Bahia teve. Antônio Carlos Magalhães é uma decorrência de Juracy Magalhães. A sessão de divulgação hoje é a Secretaria de Comunicação do Governo.

Como foi trabalhar com Juracy Magalhães?
Germano Machado – Foi muito bom. Ele era parecido com dom Eugênio Sales. Dava liberdade e confiança nos colaboradores e tinha responsabilidade com suas atitudes. Ao contrário de dom Avelar Brandão, que era um homem muito santo, muito bom, cordial, mas oscilava. E para pessoas do meu temperamento, tem que ser "pão-pão, queijo-queijo", como dom Eugênio Sales e Juracy Magalhães. Dei-me muito bem no serviço de divulgação do governo.

Fale um pouco sobre Lomanto Júnior?
Germano Machado – Lomanto Júnior é a mesma coisa que dom Avelar Brandão. Uma pessoa ótima, um coração grande, mas também oscilava. Faça, não faça. Era conciliador. Há uma história engraçadíssima, talvez contada agora pela primeira vez. No dia da revolução de 31 de março, o *Diário Oficial* saiu com um artigo meu, assinado como se fosse do governador, na primeira página,

apoiando a revolução. De madrugada, Lomanto tinha dado uma declaração de apoio a João Goulart no *Jornal da Bahia*. Só que a revolução venceu mesmo e, no dia 06, na missa de aniversário do governo, ele me disse: "Você me salvou! Aquele seu artigo eu mostrei ao general". E antes tinha me dado esporro.

Por que a opção pelo Jornalismo?
Germano Machado – Escrever. Talvez fosse mais a vocação de escritor do que mesmo de jornalista. O fascínio pela escrita. Até hoje, eu tenho duas agendas diárias. Não basta uma.

Como o senhor vê o papel do jornalista na sociedade?
Germano Machado – Primeiro: o jornalista precisa ganhar bem. Segundo: ele precisa ser bem tratado pelo dono do jornal. Terceiro: ele merece confiança. Quarto: ele não pode fazer parte da corrupção nacional, direta ou indiretamente, o que, infelizmente, faz parte do Jornalismo brasileiro. O jornalista precisa ser livre e para ele ser livre precisa ganhar bem. Porque ganhar do jornal e de mais sete ou oito empregos, não dá! Não é jornalista. Eu estou dizendo a verdade. Não tenho porque dizer palavras doces.

Quanto ao Jornalismo, evoluiu? Melhorou?
Germano Machado – É claro! É só ver a *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, o próprio *O Globo*. Pode-se perceber uma modificação fantástica. É o predomínio da máquina, assim como na Medicina e em todos os outros setores. O avanço tecnológico não pode deixar de existir.

Os cursos de Comunicação contribuem para aperfeiçoar o Jornalismo?
Germano Machado – Contribuem, sim. Agora é preciso que os cursos sejam mais livres do ponto de vista de idéias. Não devem limitar-se à parte técnica, mecânica, em suma, a revolução industrial, mas também a cultura geral. Eu acho que a cultura geral é importante.

Acredita que as especializações limitam o trabalho do jornalista?
Germano Machado – Não deve limitar. É por isso que o jornalista deve buscar

a cultura geral. O jornalista é um profissional de cultura geral. É claro que se deve especializar para dividir o jornal e, com isso, dividir a responsabilidade de cada setor. Um vai para municípios, outra para reportagem geral. Mas é necessário que se tenha uma cultura diversificada, de modo que ele não encare apenas um aspecto, o de sua especialização, sem analisar as conotações sociais e comunitárias. Ele deve ser especialista, ou seja, conhecer a sua área, mas precisa ter uma visão da realidade política, social e econômica. É um profissional que não pode ser bitolado. Na minha idade, 76 anos, quantas periferias eu visitei? Muito poucas. Isso não é bom para um jornalista. Não se pode ser aquele "velho jornalista" que só sabia escrever sobre a coluna da qual fazia parte.

Como se deu a criação do Centro de Estudo de Pensamento e Ação?
Germano Machado – O CEPA sempre foi uma paixão minha. Foi fundado em 1951. Eu pertencia à Ação Católica e nas reuniões falava-se sobre o Evangelho. Observei que os rapazes e moças que participavam – como Edna Souza, Leão Gomes Júnior, José Carlos, Wanderley Guimarães – queriam algo mais. Então fiz uma reuniãozinha, numa sala do Palácio, graças a Dona Anita Tourinho. Nós discutíamos sobre Maritain que era considerado, na época, um socialista. Tratávamos de política nacional, do combate à ditadura de Vargas e assuntos semelhantes. Até que um dia, numa segunda-feira, dona Anita Tourinho disse que monsenhor Aníbal Mata mandou tirar meus livros e minha estante da sala por que eu estava praticando comunismo. Foi um movimento cultural. O CEPA tem 50 anos e não tem uma sede porque não bateu palmas para os donos do poder, não se vendeu nem se rendeu também. E até hoje se mantém, sabe Deus como.

O senhor poderia destacar alguns jornalistas que, a seu ver, mais contribuíram para a imprensa baiana?
Germano Machado – Nós temos um modelo de jornalista, que é Jorge Calmon. Os demais ficam apenas como os demais. Eu não falarei deles. Jorge Calmon é uma espécie de modelo.

E em nível nacional, quem o senhor destacaria como jornalista?

Germano Machado – Para mim, os maiores jornalistas do passado, da época da ditadura de Vargas para cá, foram Carlos Lacerda e Samuel Wainer. Eles inovaram, renovaram e revolucionaram o Jornalismo brasileiro. Principalmente, o Samuel Wainer, na parte técnica, e Lacerda na parte das idéias. Lacerda derrubou presidente e derrubava qualquer um com a língua. Era um homem maravilhoso, admirável. Fez uma palestra na primeira sede do CEPA. Ele já conhecia o CEPA por meio das cartas que eu enviava.

No período da ditadura militar de 1964, como foi sua relação com a censura?
Germano Machado – Nunca sofri restrição alguma, mesmo na *Semana Católica*, onde eu falava muito do social, sobre temas humanos. Não houve censura nem interna, nem externa. Engraçado, dom Eugênio Sales nos dava total liberdade. Mesmo as duas entrevistas de Sérgio Mattos, que causaram essa polêmica toda, foram publicadas. Eu mantive a palavra. Agora eu tenho um arrependimento. Uma vez na vida nós temos momentos de burrice. Arrependo-me de não ter guardado as cartas Humberto Rolden com quem eu me correspondia. Do regime militar recebi muitas notas de censura, muitos bilhetinhos, mas não os guardei.

E quanto à militância política nos jornais, o senhor tem algum fato para nos revelar?
Germano Machado – Não tenho porque, como eu disse, eu só colaborava. Não estava lá no dia-a-dia.

O senhor é contra ou a favor da obrigatoriedade do diploma para exercer o Jornalismo?
Germano Machado – É muito polêmico. É uma profissão que tem peso e seriedade. Se o farmacêutico vai para uma farmácia formado, o médico vai para o hospital formado, o jornalista também tem que ir para o jornal formado. Agora, bem formado. Como qualquer outro profissional deve ser bem formado. Eu sou favorável ao curso de Jornalismo desde que ele não seja ideologizado. Muitos acreditam que só o pensamento deles é o correto. Aí de quem cair nas malhas e no ódio ideológico de um jornalista.

O senhor fez parte da primeira turma de Jornalismo da UFBA. Como era o curso daquela época?

Germano Machado – Foi um curso de emergência. Uma vontade de Clemente Mariani de ter na Bahia o curso de Jornalismo. Tanto que depois foi suspenso por quatro anos. Foi quando eu, Hermano Gouveia Neto e Antônio Virgilio Sobrinho lançamos o Instituto de Jornalismo da Bahia. Era um curso à parte de prática jornalística. Depois dessa iniciativa, o curso de Jornalismo voltou a funcionar.

O senhor conviveu com Glauber Rocha?

Germano Machado – Eu diria que Glauber Rocha não sobreviveria sem mim. É vaidade! Por que quando o Cepa começou, em 1951, nós tínhamos uma equipe que trabalhava com filmagem. Quando Glauber soube da existência do Cepa foi integrar-se ao grupo de teatro que existia. Foi aí que eu percebi que ele tinha muito jeito para cinema. Glauber tinha um grande senso de oportunidade. Era possuidor de um talento fora do comum. O Glauber Rocha era um homem de cinema, a vocação estava dentro dele. E o Cepa apenas o provocou. A primeira máquina filmadora do Cepa foi dada pelo meu sogro. Glauber aprendeu a parte prática de cinema dentro do Cepa .

O que o senhor mais gostou de fazer no Jornalismo?

Germano Machado – Na verdade eu sou uma pessoa que gosta de escrever, um escritor. Eu gostava de passar as idéias políticas, sociais, humanísticas, religiosas. Eu não tinha uma especialidade particular. Jornalismo policial estava fora do meu espírito, eu nunca escrevi para a coluna policial.

Fale sobre as editoras de jornais da época aqui em Salvador.

Germano Machado – Eu trabalhava na Editora Era Nova que publicava *A Semana Católica*. Era uma gráfica, uma tipografia como se dizia na época, onde era impresso o jornal *Mensageiro da Fé*. Foi um jornal muito interessante por que circulava em todo o Nordeste. Era uma publicação dos frades Franciscanos, aqui de Salvador. Trabalhei nele escrevendo vários artigos. Havia também o jornal *Sete Dias* que, assim como o *Mensageiros da Fé*, não há nenhum edição guardada. Eu fui revisor da Editora dos Beneditinos, logo que eu saí do seminário com dom Rafael, um homem notável. Depois dos capuchinhos, os beneditinos são notáveis! O jornal *Sete Dias*, de Ariovaldo Matos, saía dia de domingo, depois do jogo de futebol. Já *O Progresso*, não foi da minha época.

Nós sabemos que o senhor não trabalhava diretamente na redação, mas como o senhor via o relacionamento entre os jornalistas?

Germano Machado – Eu vou te dizer uma coisa que você vai se escandalizar. No fundo, eu sou um tímido. Eu preciso gritar, preciso falar, preciso brigar, preciso polemizar. Porque na verdade, no diálogo comum, eu tinha vergonha das pessoas, principalmente, aquelas consideradas superiores, chefes. Então eu preferi lutar sozinho. Engraçado, eu não pareço tímido, mas sou. Sérgio Mattos deve perceber ou deve ter percebido. Ele é um homem inteligente, muito perspicaz. Eu sempre tratava meus colegas com muita discrição, muita diplomacia. Afinal sou geminiano, dizem que é o signo mais diplomático.

Ivan Pedro

"A televisão, muitas vezes, recorre a uma determinada linha de programação para sobreviver, senão não tem audiência."

Entrevista concedida a Eva Campos e Lívia Cabral em maio de 2003.

Ivan Pedro Santângelo e Santos, baiano, 68 anos, casado, três filhos, formado em Direito, abandonou a advocacia para fazer jornalismo e se apaixonou pela profissão. Atua como jornalista esportivo há 46 anos. Sua trajetória na imprensa esportiva começou em 1957 na Rádio Cultura. Trabalhou na Rádio Sociedade da Bahia, no *Diário de Notícias*, jornal dos Diários Associados. Trabalhou também na TV Itapoan durante muitos anos. Fez programas de esportes, de entrevistas, narrou futebol no rádio e na televisão. Atualmente, é comentarista esportivo e editor de esportes da TV Bahia. Muito gentil e bem humorado, Ivan Pedro, nos recebeu para essa entrevista na TV Bahia, após a gravação de um programa. Entre lembranças, risos e momentos de emoção, falou sobre sua vida e sua trajetória como jornalista.

Defina quem é Ivan Pedro.
Ivan Pedro – Minha mãe era italiana. Tenho 68 anos e nasci em Salvador, sou baiano da gema. Era muito pobre e estudei com muita dificuldade. Durante um período, para ajudar minha família, fui baleiro de porta de cinema. Vendia as balas que minha mãe fazia: balas de jenipapo, paçoca, bolachinha de goma. Tenho por princípio não falar palavrão, principalmente na frente de mulher. Até hoje, quando ouço uma mulher falar palavrão, me sinto agredido. Eu sempre vi a mulher como uma flor. Por isso sou chamado de quadrado, velho, mas continuo assim.

Por que escolheu o Jornalismo como profissão?
Ivan Pedro – Fiz o ginásio no antigo Instituto Normal da Bahia, hoje ICEIA – Instituto Central de Educação Isaias Alves. Normalmente não tinha dinheiro

para ir a escola, então ia pongando no bonde, o transporte daquela época. Muitas vezes era perseguido pelo cobrador, mas eu não tinha como pagar. Fiz o curso clássico no Colégio Central que então era um dos mais credenciados de Salvador e prestei vestibular para Direito. Estudei com muita dificuldade. Como necessitava de um emprego para ajudar a sustentar minha família, entrei para o rádio, para o Jornalismo esportivo. Deixei a profissão de advogado para fazer Jornalismo. Apaixonei-me pela função.

Quando começou atuar na imprensa esportiva?
Ivan Pedro – Tenho cerca de 46 anos na imprensa esportiva. Entrei em 1957, pelas mãos de Antonio Sampaio Ribeiro. Naquela época, para você entrar na rádio, precisava concorrer com outros candidatos. Participei do primeiro concurso que houve juntamente com Genésio Ramos, do jornal *A Tarde*. Foi na antiga Rádio Cultura da Bahia. Nós ganhamos o concurso e a partir daí comecei a fazer Jornalismo esportivo. Tive outras funções na minha vida: fui redator de debates na Câmara Municipal, redator de atas, até cheguei a diretor da Câmara Municipal.

Quem você considera os grandes jornalistas de sua época?
Ivan Pedro – Eu não quero fazer julgamento de pessoas com as quais não trabalhei, eu não as conheço de perto. A Bahia tem grandes jornalistas, grandes redatores, homens efetivamente muito capazes. Sempre fui um grande admirador de doutor Odorico Tavares – ele foi o meu primeiro grande diretor – pela capacidade profissional, pela integridade e pelo homem que eu conheci de perto. No *Diário de Notícias*, onde trabalhei, tive ótimos colegas e companheiros como Virgílio de Sá, que tinha uma coluna política e foi um dos grandes cronistas dessa terra. Luís Sampaio da Silva, que já nos deixou como o próprio Virgílio. Jeová de Carvalho, Clementino Heitor de Carvalho, professor Raimundo Matta, um grande jornalista e também professor da universidade, da Escola de Comunicação durante muito tempo; e tantos e tantos que tem por aí. Uma outra pessoa que adoro é um amigo, um jornalista espetacular, Demóstenes de Castro, um excelente redator. Também tivemos jornalistas na Bahia como Ranulpho Oliveira, Antonio Sampaio Ribeiro,

radialista, o homem que me ajudou e me ensinou quase tudo sobre o rádio. Tenho uma admiração pessoal muito grande por ele. E Carlos Elísio Souza Libório, meu companheiro até hoje. Conhecemos-nos há uns quarenta anos. Sempre trabalhamos juntos. Ele é um homem de uma responsabilidade, de uma competência muito grande. Tanto assim que há dezoito anos ele é diretor de Jornalismo da TV Bahia, e desde que ele assumiu essa função, a TV lidera a audiência em Salvador. Hoje sou um dos poucos que ainda restam na imprensa esportiva daquele tempo.

Fale-nos sobre sua trajetória profissional.

Ivan Pedro – Trabalhei muitos anos na Rádio Sociedade da Bahia. Também trabalhei no antigo *Diário de Notícias*, que era dos Diários Associados, um jornal que já se foi no tempo. Depois trabalhei na TV Itapoan durante muitos anos e, um dia, vim para a TV Bahia trazido pelo meu amigo-irmão Carlos Elísio de Souza Libório, que é outra pessoa a quem devo muito por estar ainda por aqui. Fiz programas de esportes, de entrevistas. Eu tive um programa na TV Itapoan chamado *Participação*. Era um programa popular que começava às 13h e terminava às 18h, na hora da Ave Maria. Esse programa visava ajudar as pessoas mais necessitadas e criticar aqueles que mereciam a crítica. Esse programa teve um dos maiores índices de audiência entre os programas locais da TV baiana. Também fiz programa de entrevista à noite na TV Itapoan que foi o *Temas e Debates* em que nós entrevistávamos personalidades e debatíamos assuntos de interesse popular. Também apresentei jornais. Fiz um programa esportivo na TV Itapoan, ao vivo com entrevistados, não tinha vt (vídeo tape). Começava 12h e terminava às 13h. Aconteceu um episódio interessante nesse programa, que eu apresentava sozinho aos sábados. Um dia, chovia torrencialmente em Salvador e, por causa da chuva, não foi nenhum entrevistado. Não tive outra solução, entrevistei o pessoal que fazia o programa comigo: cameraman, iluminador, diretor de TV, assistente de estúdio e fizemos um debate sobre futebol. Mostramos ao público que não tinha condições de fazer o programa naquele dia – abrimos a porta principal de estúdio e mostramos a chuva inundando a TV. O programa foi ao ar e saímos daquela fria. Narrei futebol em rádio e na televisão também. Hoje

faço apenas comentários. Deixei de fazer o Globo Esporte, programa que eu fazia com muito amor e dedicação, por que meu rosto não cabe mais num programa de esportes. Os cabelos brancos e a feiúra da minha face me tiraram do ar. Tem que ser cara bonita e jovem.

A Itapoan foi líder de audiência por quase uma década. Conte-nos essa história.

Ivan Pedro – Eu vi a TV Itapoan nascer, vi o lançamento da pedra fundamental. Vi a inauguração com doutor Assis Chateaubriand. Vi pegar fogo em 71/72. Chorei sentado na escada vendo ela queimar. Vi cair a torre de aço em cima do estúdio quando eu estava gravando um programa. Vi a construção da atual torre de cimento. Vi a decadência e a passagem para mãos de Pedro Irujo, no [segundo] governo de Antonio Carlos Magalhães [1979-1983]. Irujo salvou a TV Itapoan. A TV Itapoan não tinha como disputar audiência com a TV Aratu que, na época, era afiliada à Rede Globo. Eu fui, inclusive, coordenador de programação durante muitos anos e também diretor por algum tempo, na época de Pedro Irujo. Para manter a TV viva, com audiência, procuramos montar um modelo popular de programação. Buscávamos trazer o telespectador para dentro da televisão e fazíamos programas populares com cantores como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bathânia e tantas e tantas figuras extraordinárias dessa Bahia de cultura vasta. Vi surgirem cantores, artistas, poetas.

Dizem que o Jornalismo esportivo é menos estressante. Concorda?

Ivan Pedro – Há um ligeiro equívoco. É só mudar de posição e vir para o lado de cá para ver. Cronista, jornalista esportivo e comentarista esportivo trabalham uma paixão, o futebol. Todo torcedor é um apaixonado, não aceita nenhuma crítica ao clube dele e entende que seu clube tem que ganhar todas. É como se não existissem derrotas e empates. Torcedores não admitem fracasso. Quando o profissional faz um comentário nesse sentido, é odiado. Todo torcedor acha que o jornalista é parcial, torce por um clube. Busquei isenção em toda minha vida de cronista e jornalista esportivo. Posso ser Bahia, ser Vitória, o que eu não posso é usar o veículo para desfraldar a bandeira de quem quer que seja. Tem que ter isenção, ser justo e isso é difícil. Já sofri

muitas críticas, mas o importante para mim é que quem julga o meu caráter sou eu. Quem julga o meu trabalho sou eu. Sei quando faço um bom ou um mau trabalho pela responsabilidade que eu tenho como profissional. Agora as críticas vêm e o profissional tem de aceitá-las. Crítica só é crítica dependendo de onde ela parte. Se ela parte de um espírito pequeno ela não é nada.

Qual a visão que tem do esporte brasileiro/baiano atual?
Ivan Pedro – Estamos limitados. Lembro que quando comecei nessa profissão tinham cinco ou seis grandes clubes. Galícia, Ipiranga, Botafogo e tantos outros que dividiam a torcida. Hoje estamos limitados a dois, os outros sumiram, desapareceram pela irresponsabilidade de alguns e pela falta de capacidade de muitos.

O senhor trabalhou nos Diários Associados por muitos anos. Como era a relação dos funcionários com Chateaubriand, Odorico Tavares e outros? Que histórias interessantes contava-se sobre eles nos veículos?
Ivan Pedro – Eu trabalhei com um dos maiores jornalistas desse país na época. doutor Odorico Tavares, para mim foi um exemplo. Trabalhei também com doutor Paulo Nacif, superintendente dos Diários Associados na minha época. Com ele aprendi muita coisa. É um homem de muito caráter e responsabilidade, um grande administrador. Eu vi doutor Assis Chateaubriand inaugurar uma nova rotativa do *Diário de Notícias*. Eu lembro de doutor Odorico Tavares virando-se para ele no ato de inauguração e perguntando: "Doutor Chateaubriand, estou preocupado; como é que nós vamos pagar isso?" Ele disse: "Meu filho, eles que devem ficar preocupados como vão receber". Eu não tenho palavras para expressar o que Chateaubriand representa no Jornalismo brasileiro. Foi um homem extraordinário, de uma dinâmica fabulosa, o homem que teve a coragem de trazer a televisão para o Brasil. Quando a Tupi foi inaugurada, em São Paulo, praticamente não havia televisores. A Itapoan foi lançada por Luís Sampaio, que fez um programa de televisão para o público conhecer o que era TV. O baiano não sabia o que era. O carro de reportagem, que a TV Itapoan comprou nos Estados Unidos, e veio de navio, desfilou pela cidade para que todos vissem e soubessem o

que era aquilo. Sou de uma época em que você não tinha câmeras para trabalhar. José Raimundo, companheiro daquela época e que hoje trabalha aqui conosco, saía com pauta para fazer oito ou nove matérias. Só chegava no final da tarde para um programa de jornalismo que a gente tinha na TV Itapoan, o *Aqui Bahia*. Eu era o editor de *vt* e de texto. Nas faltas do apresentador eu também apresentava o programa. Hoje, que me perdoem os novos profissionais, saem com uma pauta e olhe lá. Tínhamos uma repórter pela manhã, Lúcia Almeida, e um pela tarde, o José Raimundo. Não fazíamos edição por que não havia ilhas de edição. Colávamos. Colocava-se um dedo no *rec* outro no *play* e apertavam-se os dois de vez. Eu era craque nisso. Nós emendávamos, não editávamos. A televisão naquela época era muito artesanal, dependia fundamentalmente da disposição de trabalho e capacidade de criação. Nós fizemos muita coisa na televisão que surpreendeu. Lembro-me que um dia disse para o diretor técnico da TV Itapoan, José Maria, que estava querendo fazer uma transmissão ao vivo da festa do Rio Vermelho e ele disse que não havia problema. Então eu disse: "Mas é de dentro d'água. Mostrar ao vivo ao telespectador como é esse ritual". Ele respondeu: "Como é que vai fazer uma loucura dessa, rapaz?" Expliquei: "Vamos pegar a lancha de *seo* Pedro e amarrar no mastro um funcionário nosso, Cristóvão [Rodrigues), para ele segurar microondas e estas vem de lá até o nosso caminhão que capta essa imagem e vai jogar para a torre. Assim vamos fazer a transmissão". José Maria achou que era loucura, mas insistimos em fazer a experiência no programa *Participação*. Ele concordou. Na hora do programa informamos aos telespectadores que tentaríamos transmitir ao vivo o presente de Iemanjá, que era uma experiência e que, se falhasse, nos perdoassem. Pelo menos valeria a nossa vontade de realizar. Então chamamos ao vivo. Só de lembrar, chego até a chorar. Sou muito emotivo.

Conte-nos outros momentos de emoção durante sua carreira na TV.
Ivan Pedro – Tive um momento de grande alegria. Estávamos apresentando o programa *Participação* quando chegou um gari querendo falar comigo. Eu disse que comigo, naquele momento, só se falava no ar. E ele aceitou. Disse que tinha ido até lá pedir uma roupa para ele se casar, disse que tinha seis filhos e

queria se casar, mas não tinha a roupa. "Então vamos pedir ao povo uma roupa para você e vamos aproveitar e pedir um vestido de noiva para sua mulher", eu falei no ar. Choveu roupa e vestido de noiva. Na hora me ocorreu a idéia de fazer o casamento dele na TV e tentar conseguir roupas para os filhos serem os guardas de honra. E assim fizemos. Chamei o padre, o mesmo que realizou meu casamento, e ele veio para casar o gari. Providenciamos o bolo de noiva. Arrumamos o estúdio. Foi tanta gente que não tinha lugar para todos. Esse foi um momento de grande emoção que eu tive na televisão. Tive também uma grande decepção na minha vida de jornalismo esportivo. Na copa do mundo de 1982, quando o Brasil perdeu para Itália. Estava em campo umas das melhores seleções que este país já montou e nós terminamos perdendo apesar de estarmos com tudo para ganhar.

Com tantos anos de profissão, o senhor deve ter passado por situações difíceis. Cite algumas.

Ivan Pedro – Tive momentos dificílimos na minha vida. Certa vez fui transmitir em Maceió uma partida de futebol pela Rádio Sociedade da Bahia. A cabine de transmissão do estádio era de madeira. Quando terminou o jogo tive de ficar em cima da cabine por que o Bahia ganhou de 5 X 0 e a torcida queria me bater. É que o estádio só ouvia a Rádio Sociedade e eu comecei a gritar: gol do Bahia. Tive que sair com a ajuda da Polícia.

Numa de suas entrevistas o senhor afirmou que o trunfo da sua trajetória é ser independente. O que significa ser independente?

Ivan Pedro – A profissão de jornalista é muito ingrata. Ela marca muito as pessoas. Muitas vezes o profissional é acusado daquilo que nem pensou em fazer. Se for apresentador de televisão, há muita gente que tem inveja. A maioria das pessoas só vê os defeitos, não vê, de maneira nenhuma, as qualidades do jornalista apresentador. É próprio do ser humano, o egoísmo que nos domina. A gente tem de ter muito cuidado em relação a isso. Para alguém se sustentar numa função como a minha, editor responsável pelo esporte da TV Bahia, tem de ter independência, acima de qualquer coisa. Eu sempre marquei a minha vida por isso e sempre lutei por isso. O que é essa

independência? É, como diz a palavra, não depender de quem quer que seja. Evitar, acima de qualquer coisa, pedir um favor a quem tem qualquer ligação com um clube. Eu sou amigo irmão de Paulo Souto. Trabalhamos juntos durante muitos e muitos anos na Rádio Sociedade. Eu, como narrador, ele, como comentarista esportivo. Mantivemos uma independência completa. Ele foi governador, eu nunca o procurei para coisa alguma. Pode ser até um erro meu, produto de vaidade ou de orgulho, mas é bom manter distância. Dirigente de clube eu trato como senhor. Recentemente alguém disse: "Você é mais velho do que eu, por que você me chama de senhor?" Para manter distância. Então, quando se conversa com esses homens deve-se fazê-lo apenas para tratar de assunto esportivo, não entrar em outros.

Existe corrupção na prática do Jornalismo esportivo? Os clubes pagam jabá para ter espaço e enaltecer seus presidentes?

Ivan Pedro – Alguns presidentes dos clubes usam os homens de imprensa. Por exemplo, um jornalista viaja com o clube e o clube paga sua passagem e hospedagem. No dia em que este profissional criticar um dirigente ou o presidente de um desses clubes, não há a menor dúvida que ele vai espalhar: "Está me criticando, mas viaja por conta do meu clube. Eu lhe dou passagem, lhe dou hospedagem, senão ele não teria como ir". Então é bom evitar isso. Eu aprendi isso com Paulo Nacif, que não gostava que os seus funcionários viajassem com os clubes. Por quê? Para evitar essa dependência. Esses homens, com raríssimas exceções, não têm escrúpulos. Você perde a sua independência. Procuro os homens do esporte por telefone ou pessoalmente para tratar de assuntos exclusivamente de esporte. Daí porque sempre disse e continuo dizendo: faço isso com honestidade; faço isso com independência, no dia que eu não tiver mais isso eu me afasto, não tenho a menor dúvida. Eu desafio, nos 46 anos que tenho de homem de imprensa, quem me acuse disso ou daquilo. Todo o tempo em que desempenhei essa função, jamais sofri qualquer crítica, qualquer ameaça ou qualquer denúncia de desonestidade. Procuro trilhar o caminho correto, da dignidade. Nós vivemos hoje em um momento muito difícil. Se a pessoa cumpre as suas obrigações; se age com honestidade na sua função, passa a ser exceção. Quando o jornalista está

apenas no desempenho da sua obrigação profissional, não é nada além de um homem que tem a responsabilidade de transmitir ao público a notícia. É a esse público que o jornalista deve obrigações, a esse público que ele deve a responsabilidade da profissão mesmo que, muitas vezes, esse próprio público seja ingrato. Pelo menos há tranqüilidade de consciência.

As equipes da TV Bahia viajam independentemente dos clubes?
Ivan Pedro – Totalmente. Nós temos 18 anos na TV Bahia e em todas as transmissões que a nossa emissora fez, de futebol ou qualquer outro esporte, sempre viajamos com assistência ampla e total das emissoras, não dependemos de ninguém.

Para o senhor, como fica o Jornalismo impresso, televisivo e radiofônico diante das novas tecnologias?
Ivan Pedro – O jornalismo impresso tem um público, tem uma linha. No rádio é a mesma coisa. A televisão enriqueceu a imprensa com o advento dos satélites etc. Essa comunicação que você tem aí. Você liga o seu televisor, soltaram uma bomba lá no Iraque, você vê de imediato, ao vivo. Quando eu era garoto a notícia só chegava através do rádio horas ou dias depois. A televisão enriqueceu o noticiário. Sempre digo que a TV materializou o noticiário. Mostrar o fato no momento ao vivo, na hora que está ali ocorrendo, isso é de uma agilidade imensa como eu nunca pensei em minha vida algum dia acontecer. Dentro de minha casa, com um simples toque no meu controle remoto, posso captar uma imagem que está sendo gerada do outro lado do mundo. Eu ligo a minha televisão as 6 ou 7 horas da noite e vejo os japoneses fazendo o noticiário deles. Independentemente disso, a tecnologia atrasou um pouco a nossa agilidade mental. No tempo que não existia tudo isso, você tinha que trabalhar mais, tinha que criar mais. Hoje você é dominado pela tecnologia. Você se planta ali, sendo que muitas vezes poderia avançar um pouco mais. Agora o que me entristece, muitas vezes, é você levar essa potência que representa a televisão para mostrar coisas que nós deveríamos combater. Muitas vezes os programas exageram um pouco e levam o que não deveria ser levado ao conhecimento público.

Para o senhor, qual o poder da televisão sobre a sociedade?
Ivan Pedro – Hoje eu acho que a mentalidade humana está se perdendo também um pouco em virtude daquilo que a televisão lhe transmite, especialmente se você não tem uma formação cultural, se você não sabe discernir as coisas. Não gosto de sensacionalismos. De obter audiência, pouco importando a qualidade do que coloca no ar. Eu acho isso terrível, por que com isso você agride, você começa a dar exemplos para uma sociedade que não está suficientemente preparada. Nós que temos algum conhecimento resistimos, criticamos e condenamos, mas nem todos fazem isso. As emissoras educativas têm o mais baixo índice de audiência por que elas educam. Você assiste a um programa e fala "Está muito chato, mude para a outra onde o cara esteja xingando alguém". A televisão tem grandes virtudes. Sou um apaixonado por ela, mas acho que em determinados momentos levam coisas pra a nossa casa que não deveriam ser levadas. Nossos filhos muitas vezes estão assistindo. Nós hoje somos enganados mais facilmente por políticos inescrupulosos, porque a TV os coloca dentro da sua casa, você acredita neles demais, mas a decepção vai ser na mesma dimensão do que você acreditou.

O que mais mudou no Jornalismo atual em relação ao antigo?
Ivan Pedro – Hoje, uma das páginas mais lidas dos jornais é a página policial. A pesquisa diz isso. Se você colocar uma página escrito *educação*, a pessoa vira para página policial. No meu tempo não havia tanta agressividade. Hoje você faz imprensa, faz o jornal para vender, o rádio para ter audiência e a televisão também. Se a cultura do nosso povo exige isso, vamos fazer isso, senão a gente não sobrevive. Temos que fazer uma imprensa agressiva, senão ninguém assiste. A televisão, muitas vezes, recorre a uma determinada linha de programação para sobreviver, senão não tem audiência. O culpado disso é o telespectador. Se ele não os assistisse, determinados programas saíriam do ar, mas esses são os programas de maior audiência. É o povo que escolhe o que a televisão vai veicular. As emissoras educativas têm os chamados programas chatos. A TV Cultura de São Paulo tem uma programação extraordinária, mas os índices de audiência são mínimos. Mas aqueles programas agressivos de outras emissoras, que utilizam uma linguagem chula são os de maior

audiência. Veja a briga que ocorre entre as próprias emissoras em busca desse tipo de profissional. São os melhores salários de hoje. Se alguém chegar à televisão e fizer um programa de esclarecimento ao telespectador, daquilo que ele deve apreciar, daquilo que lhe é mais indicado, para se educar e, em conseqüência, educar os seus filhos... Não tem audiência, consequentemente, o salário é mínimo. Analisando-se até um noticiário de peso, concluímos que o maior destaque é o policial. É certo que ele existe e precisa ser noticiado, mas tudo depende da ênfase que se dá.

Como era o Jornalismo nos tempos de censura?

Ivan Pedro - Censurado. Comigo, aconteceu um episódio na TV Itapoan. Eu era editor de Jornalismo e divulguei uma notícia, que, para mim, não estava proibida por que eu não havia recebido nenhum tipo de comunicação. Logo depois da transmissão, fui chamado à Polícia Federal. Eu tive que me justificar. Essas coisas aconteciam.

Com mais de 40 anos de profissão o senhor não pensa em aposentadoria? Qual o segredo para continuar tão devoto ao Jornalismo, depois de tanto tempo?

Ivan Pedro – Eu durmo entre oito e nove horas da noite todos os dias. Só passo desse horário quando estou trabalhando. Acordo todos os dias às cinco da manhã para fazer ginástica com a turma do coronel Cabral, a "turma da madruga". É uma turma que existe desde 1972. Tenho 68 anos de idade e me sinto como se tivesse trinta. Não como carne vermelha há mais de vinte anos. À noite, como frutas, não fumo, não bebo. Nunca fui boêmio. Tenho cuidados com a minha saúde porque cheguei a uma conclusão de que o único patrimônio que tenho é a vida. Nunca levei para casa as minhas preocupações de trabalho. Tenho uma vida saudável, me sinto bem, por isso tenho uma disposição extraordinária para trabalhar e gosto do que faço. Sou aposentado e continuo trabalhando. E estarei até o dia que eles me quiserem. Hoje eu trabalho por prazer, não mais por necessidade. E essa sempre foi uma das grandes preocupações da minha vida.

João Falcão

"O *Jornal da Bahia* desde sua fundação seguiu uma linha editorial independente, sem donos e sem partidos"

Entrevista concedida a Daniel Chalegre em 17 de junho de 2003.

João Falcão, bacharel em Direito, teve atuação intensa e marcante na vida política na Bahia. Foi jornalista e destacou-se também pela militância no Partido Comunista, de 1938 a 1957. Fundou em 1938 a revista *Seiva*; em 1945, o matutino *O Momento*, e, em 1958, o *Jornal da Bahia*, que dirigiu até 1982. Afastando-se das atividades jornalística e empresarial, iniciou aos 69 anos sua vida literária, com a publicação do livro *O Partido Comunista que eu conheci* e de duas biografias: *A vida de João Marinho Falcão* e *Giocondo Dias – A vida de um revolucionário.*

Quem é João Falcão?

João Falcão – Eu nasci em 24 de novembro de 1919, na cidade de Feira de Santana, filho de João Marinho Falcão, comerciário, e de Adenil Costa Falcão, dona de casa. Depois de concluir o curso primário, fiz o ginasial na Cidade do Salvador, no Ginásio da Bahia. Depois ingressei na Faculdade Livre de Direito da Bahia e me formei no ano de 1942. Ao entrar para a faculdade, ingressei no Partido Comunista do Brasil, na época, 1938, clandestino. Depois de formado, fui trabalhar no comércio, como diretor da Empresa de Carnes Verdes da Bahia Ltda, sucessora da Empresa Amado Bahia SA, grande empório que atendia o mercado de bois e açougues do estado. Possuía aproximadamente cem açougues na capital. Ao mesmo tempo, e às escondidas, fui dirigente do Partido Comunista na Bahia. Em 1945, o partido passou a atuar legalmente, com a anistia geral concedida pela ditadura do Estado Novo. Em maio de 1947, o partido foi novamente banido pelo governo. Continuei militando na clandestinidade, como chefe do aparelho de Luis Carlos Prestes. Em 1954, fui eleito suplente de deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB –, e assumi uma cadeira na Câmara Federal em 1955. Ao

lado dessa militância, exerci a profissão de jornalista, advogado, comerciante, diretor presidente da empresa Imobiliária Antônio Ferreira de Souza Ltda., de 1951 a 1957, e do Banco Bahiano de Produção SA, de 1960 a 1970, ambos por mim fundados.

Quando o senhor começou no Jornalismo?
João Falcão – Em 1938, com a fundação da revista *Seiva*. Era uma revista do Partido Comunista, mas que não podia aparecer vinculada a ele em razão da ilegalidade. A pedido do Partido, fundei e dirigi a revista até 1943, quando foi fechada pela ditadura de Vargas. Fui preso e condenado a cinco anos de prisão. Depois fui absolvido pelo Tribunal de Segurança Nacional. Em 1945 fui um dos fundadores e diretor do jornal *O Momento*, também do PCB, que circulou até o ano de 1957. Em 1958, fui um dos fundadores e até 1982 dirigi o *Jornal da Bahia* , que circulou até 1994.

Quando surgiu a idéia de fazer um jornal?
João Falcão – Desde o momento em que decidi deixar o Partido Comunista do Brasil, em 1957. Senti um vazio muito grande, depois de vinte anos de dedicação exclusiva àquela organização política. Tive a convicção de que um jornal era a melhor forma de continuar aquele ideal de luta pelo socialismo no Brasil. Mas, aquela vontade não tinha um prazo certo para realizar-se. Foi quando surgiu uma figura muito importante no meu caminho, o meu professor na Faculdade de Direito. Nestor Duarte Guimarães ofereceu-me uma máquina rotativa, impressora de jornal, para eu comprar. A intenção era evitar que fosse vendida para fora da Bahia. Com a idéia de fundar um jornal, a máquina fora adquirida por um grupo de políticos baianos. Além do próprio Nestor, os doutores Octavio Mangabeira, (governador da Bahia de 1947 a 1951), e Luís Viana Filho ambos, à época, deputados federais. Como não conseguiram realizar o projeto, precisavam vender a rotativa para pagar o débito junto ao Banco da Bahia, que havia financiado a compra. Nestor Duarte não só queria manter a máquina na Bahia como me incentivou a fazer jornal. Combinado o pagamento ao banco, adquiri a rotativa, porque era esse o meu desejo, minha obsessão. Os vendedores abriram mão de qualquer lucro.

Quem o senhor convidou para participar do *Jornal da Bahia*?
João Falcão – Antes de concluir a compra da rotativa, que era um passo irreversível, reuni amigos que alimentavam o mesmo sonho: Heron de Alencar, Zitelman de Oliva, Milton Cayres de Brito e Virgílio da Motta Leal Júnior. Decidimos pela compra da máquina e do título do *Jornal da Bahia*, que estava registrado no nome do deputado Luís Viana Filho. E com eles nós realizamos esse grande empreendimento. Somente Heron não participou diretamente nos primeiros anos, porque viajou para a França, onde realizou um curso de literatura na universidade Sorbonne.

Glauber Rocha trabalhou na redação do *Jornal da Bahia*? Como era o Glauber Rocha repórter?
João Falcão – Glauber era um repórter talentoso e muito atuante. Inicialmente foi repórter de polícia, desempenhando esta função muito bem. Não parecia ser novo na função, nunca foi um foca. Era repórter policial e ao mesmo tempo escrevia a seção *Jornal do Cinema*. Depois de algum tempo, passou a colaborar no suplemento literário que circulava aos domingos. Pelo seu temperamento e talento, era um repórter muito interessante. Tivemos pouco contato pessoal. Trabalhávamos em setores diferentes: ele era repórter e eu era diretor do jornal. Quando ele pediu demissão, dirigiu-me uma longa carta, gentil, criticando construtivamente certos aspectos da vida do jornal e se despedindo. Foi a primeira vez que um jornalista comportou-se dessa maneira. Infelizmente, essa carta extraviou-se entre os meus documentos.

Antes não se exigia diploma para exercer o Jornalismo. Hoje existem inúmeras faculdades em todo o Brasil e discute-se a exigência do diploma. O senhor é a favor ou contra?
João Falcão – Eu sou a favor do diploma para jornalista. Se há uma profissão que exige uma boa preparação para ser executada é a de jornalista, pela sua complexidade e pelo papel essencial da imprensa nas sociedades democráticas.

Em 1964, o senhor já atuava como jornalista, e o *JBa* também foi censurado. Sofreu algum tipo de agressão física por causa da ditadura?

João Falcão – Em 1964 eu estava no sexto ano como diretor do *Jornal da Bahia*. Não sofri agressão física. Sofri agressões morais. Fui o único diretor de jornal, em nosso Estado, a suportar censura militar dentro do jornal, durante vários meses, e a ter que me submeter ao constrangimento de comparecer ao Quartel General para explicar matérias divulgadas pelo jornal. Felizmente poucas vezes.

O golpe de 1964 influenciou a vida jornalística?
João Falcão – A ditadura exerceu uma pressão muito forte sobre toda a imprensa brasileira, mais do que qualquer outra atividade. Você já imaginou o que foi os jornais suportarem vinte anos a pressão de um governo ditatorial? Nos primeiros meses, o *Jornal da Bahia* vivia sob a ameaça de fechamento e depois sistematicamente sob a censura de um regime faccioso e antidemocrático. O nosso jornal sofreu a mais vergonhosa e despudorada perseguição do delegado da ditadura, o interventor Antônio Carlos Magalhães. De 1971 a 1975, pressionou de tal maneira os nossos anunciantes que o jornal chegou a perder 90% da publicidade. Sobreviveu à custa do apoio dos leitores, que ajudaram a aumentar a circulação, e de empréstimos bancários que endividou bastante o jornal.

Que linha editorial seguia o *Jornal da Bahia?*
João Falcão – O *Jornal da Bahia*, desde sua fundação, seguiu uma linha editorial independente, sem donos e sem partidos. Sem donos por que pertencia a uma empresa, Editora Jornal da Bahia SA, com mais de uma centena de acionistas de todas as camadas sociais, e a diretoria não possuía a maioria de ações. Ninguém era dono da empresa, como acontecia com os demais jornais locais. Sem partidos, por que seus diretores haviam deixado o Partido Comunista e não se filiaram a nenhum outro. Como todos estavam imbuídos de forte idealismo ao se congregarem para organizar o jornal, predominou uma orientação independente, tendo em vista exclusivamente servir à verdade, à liberdade, à democracia e os interesses do povo brasileiro.

A Bahia não possui um livro sobre a história da imprensa local. Já pensou em escrever sobre isto? Que livros o senhor já escreveu?

João Falcão – De fato, não conheço nenhum livro sobre a história da imprensa baiana. De modo que recebo com alegria a proposta desta turma de Jornalismo da Unibahia de começar a escrevê-la a partir de depoimentos colhidos. O livro que escrevi, *O Partido Comunista que eu conheci*, faz interessantes referências a revista *Seiva*, fundada em dezembro de 1938, e sobre o jornal *O Momento,* fundado em março de 1945. Pode ser excelente contribuição para a história da imprensa da Bahia. Atualmente, estou escrevendo as minhas memórias e nelas me refiro aos dois órgãos de imprensa acima citados. Mais especialmente ao *Jornal da Bahia*, desse eu escreverei a história.

Qual a importância de João Batista de Lima e Silva para o Jornalismo baiano?
João Falcão – Batista, como eu o chamava, teve uma importância muito grande para o Jornalismo baiano. Seus editoriais e sua atuação na chefia da redação, seu talento, sua coerência e seu idealismo muito contribuíram para o rápido êxito do *Jornal da Bahia* e para o prestigio da imprensa baiana. Seu nome é uma referência obrigatória para a história da imprensa brasileira do século XX.

Que jornalistas profissionais trabalharam com o senhor n' *O Momento?*
João Falcão – Foram muitos. É sempre perigoso, nestes casos, o esquecimento de algum nome, passados 58 anos de sua fundação. Ao nome que for omitido peço, desde já, minhas desculpas. Respondendo sua pergunta: João Batista de Lima e Silva, Mário Alves, Alberto Vita, Almir Mattos, Ariston de Andrade, Darwin Brandão, Luis Henrique Dias Tavares, Jafé Borges, Carlos Aníbal Correia, Nilo Pinto, James Amado, Ariovaldo Matos, Quintino de Carvalho, Henrique Lima Santos, Arquimedes Gonzaga, Alice Gonzáles, Pedro Domiense, José Marroco de Morais, Inácio Alencar, Boris Tabacof, Arari Muricy, Manoel Alves Dias, Dilton Jacobina, Misael Peixoto, José Gorender, Laura Austregésilo, Hélio Aguiar, Aloísio Sampaio, Aurélio Rocha Filho, José Augusto Lobão, Newton Sobral, Hélio Oliveira, Simão Schnitman e Fernando Rocha, entre outros.

O que o senhor fez pelo Jornalismo já o coloca na história. Quais os erros, quais os acertos? Que conselho dá aos jornalistas do 3º milênio?

João Falcão – A pergunta é muito complexa. Agradeço a sua generosidade ao colocar-me na história do Jornalismo baiano. Prefiro referir-me somente aos meus erros. Eu não faria novamente duas coisas: primeiro, dedicar-me a outras atividades, em prejuízo da minha dedicação exclusiva ao jornal, isso não aconselho aos jornalistas. Segundo, não teria vendido o jornal e estaria até hoje fazendo parte dele, que me faz muita falta. Gostaria de ajudar a revivê-lo. Prezado jornalista que me entrevista: eu não recomendo nada, nem dou conselhos. O Jornalismo do 3º milênio é muito diferente de minha época. Mudou muito e para melhor.

José Olímpio da Rocha

"Jornalista que não lê, acaba desaprendendo"

Entrevista concedida a Cinthya Brandão e Marina Matos no segundo semestre de 2002

José Olímpio da Rocha Neto, filho de Elvira Alencar da Rocha e José Olímpio da Rocha, nasceu em 2 de março de 1930 e morreu no segundo semestre de 2002, meses após ter concedido esta entrevista. Casado com Iracê Ribeiro da Rocha, teve cinco filhos: Antônio, Silvana, Maria da Conceição, Maria Cristina e Andréa. Trabalhou nos jornais *O Momento, Diário de Notícias, Tribuna da Bahia* e *A Tarde* como repórter, copidesque e editor. Diz que não gostava de ler mas, forçado pela profissão, acabou se transformando num profundo conhecedor da literatura brasileira, acumulando bagagem para escrever e assinar nos jornais colunas de crítica de cinema, de bebidas e literárias. Entretanto admite que, em sua juventude, entre um bom disco e um livro, ele ficava com a primeira opção. José Olímpio, que acompanhou momentos importantes do Jornalismo baiano, resgata, nesta entrevista, histórias e episódios de valor histórico sobre a censura pós-1964 e sobre o Jornalismo romântico, além de citar nomes de profissionais de sua época que contribuíram para o desenvolvimento do Jornalismo na Bahia.

O que mudou no Jornalismo com a inauguração da TV Itapoan?
José Olímpio da Rocha - Quando a TV Itapoan foi inaugurada, em 1960, a imprensa baiana estava em greve. Pesquisar os jornais da época e analisar a cobertura dos jornais sobre a inauguração da TV Itapoan resultaria numa pesquisa muito pobre por que não tinha jornal, eles estavam parados. Com a inauguração da TV Itapoan (primeira emissora de TV da Bahia), inúmeras portas se abriram para a profissão. A chegada da televisão refletiu também no Jornalismo impresso. Os noticiários que assistimos, atualmente, pela Globo News ou mesmo pela TV Bahia, sugerem que o jornalista vá às ruas para

produzir a matéria, tomando a paternidade do fato. Naquele tempo, o noticiário na TV começou copiando os jornais, ou seja, reescrevendo o que era publicado nos jornais para noticiar na televisão. Francisco Aguiar, hoje na *Tribuna da Bahia,* foi o primeiro a praticar este tipo de Jornalismo. Sabe-se que a notícia do jornal é muito grande, na televisão ela tem que ser sintetizada. Aos poucos a televisão foi se estabelecendo e hoje ela é capaz de fazer as maravilhas que assistimos. Quando a televisão começou, diziam que era certa a morte do rádio, por ser ela uma imitação com imagem. A televisão ganhou maturidade, andou com as próprias pernas e esqueceu-se do rádio que, por sua vez, continuou a viver e vive até hoje, bem ou mal. Atualmente, qualquer pessoa pode ter uma rádio repetidora, uma FM e o conteúdo transmitido é cultura de almanaque, diferente do que acontecia antigamente. O rádio tinha maioridade, não era como a televisão. Antes de a televisão nascer, por exemplo, o rádio tinha orquestra, um elenco de artistas de radionovela. Tudo ao vivo. A televisão começou como essas repetidoras daqui que compravam um pacote. Hoje está bem melhor. Com programa de cultura, programa local e já não é mais estagnado como era.

Na época da censura, o jornalista conseguia contorná-la?

José Olímpio da Rocha – Eu acho que existe muito romantismo nisso. Na realidade, para ser sincero, pouco me importa se vou agradar ou desagradar, afinal estou aposentado. Vou dizer o que testemunhei. Era muito mais conveniente que todos os jornalistas, sem exceção, se agachassem junto à censura. Eu vi, na redação do jornal *A Tarde*, o censor da Polícia Federal chegar, todas as noites, com as ordens de Luís Arthur de Carvalho, e era tratado na base do abraço e do cafezinho. Os jornais de fora deram muita mais testa à censura. Na Bahia, eu não me lembro de episódios heróicos. Quando aconteceu o Golpe Militar de 1964, a primeira providência tomada, no *Diário de Notícias,* por Odorico Tavares, foi pedir as ordens na 6ª Região Militar: o que eles quisessem fazer, seria feito. Quanto ao jornal *A Tarde,* eu não me lembro se fazia isso. O que eu sei é que os censores da Polícia Federal iam à redação de *A Tarde* e todos eles eram recebidos com educação. Nunca vi ninguém botar um censor da Polícia Federal para fora. Também não me

lembro de ter sido apreendida nenhuma edição de algum jornal baiano por ter desobedecido a censura. Apesar de eu não conhecer, imagino que deva ter havido reações, mas não como aquela famosa do *Jornal do Brasil* que deixou de publicar a notícia para publicar o espaço em branco. Aquilo eu nunca vi aqui na Bahia. O que o jornalista queria era preservar o seu ganha pão, ou seja, a empresa em que ele trabalhava e que sustentava a família dele. Não havia nenhum ato de bravura, eles tinham medo e respeitavam a censura.

Que tipo de trabalho o senhor fez nas redações? O que mudava de um jornal para o outro?

José Olímpio da Rocha - Eu comecei como repórter da geral. Quando saí de *O Momento* e fui para o *Diário de Notícias* além de reportagem geral, entrevistei pessoas em diversos locais para os quais o secretário da redação me mandava. Não existia a pauta como existe hoje. O jornalista chegava e recebia a indicação para ir a um lugar para fazer um assunto específico. Sempre acompanhado do fotógrafo. Em *A Tarde,* eu comecei como *free-lancer*, fazendo reportagens sobre economia, depois substitui Sérgio Mattos como editor num suplemento que ele tinha criado, o *Jornal de Utilidades*. Também fui copidesque, ocupação que considero a pior função do jornal, a mais cansativa de todas, além de ser a mais ingrata. Diminuir, reescrever e cortar trechos da matéria desagrada ao autor e ao patrão. Fui redator do noticiário nacional e internacional, que se recebia pelo telégrafo. Hoje é tudo via Internet. Eu não sei manipular um computador, ainda escrevo numa máquina portátil manual. Nem em máquina elétrica eu escrevo. No meu tempo as pessoas escreviam à mão e havia apenas algumas máquinas para escrever. Quando comecei a trabalhar em jornal, eu escrevia na máquina, mas os redatores mais antigos escreviam a mão, inclusive o major Cosme de Farias e Oscar Cordeiro.

O que o senhor mais gostou de fazer no Jornalismo além da crítica literária e da coluna sobre bebidas?

José Olímpio da Rocha - Eu gosto de ser repórter. Essas colunas foram a fase final da minha carreira. Eu sempre gostei de ir às ruas. Hoje, a hepatite C me impede de continuar sendo um admirador da boa bebida. No período

em que escrevia essas colunas, eu aprendi que numa província, como a que nós vivemos, é muito ingrata a atividade de escrever crítica. A melhor lição do mestre é "o que não presta você não escreve por que se você escreve desagrada ao autor, ao pai do autor, a mãe do autor, aos parentes do autor..." Como dizia Emílio de Menezes, a gente deve tentar conviver bem nessas províncias. Quando eu me aposentei, queria começar tudo outra vez. Três meses depois de eu ter me aposentado, *A Tarde* me dispensou e eu fiquei sem emprego. Então a *Tribuna da Bahia* me ofereceu reportagens como *free-lancer*, o mesmo que *A Tarde* tinha feito há quinze, dez anos atrás. Aceitei fazer, gostaram e me contrataram. Eu voltei a fazer tudo outra vez, inclusive trabalhar à noite, retornando à posição de copidesque. Enfim, o que eu não gostava, mas fiz por que eu sempre gostei de jornal. Nos meus últimos dias na *Tribuna da Bahia*, tinha uma coluna de bebidas. A coluna de bebidas gerou um livro. Este livro está inédito porque ninguém quis patrocinar. A obra chegou a ser diagramada, mas nunca saiu porque eu não pago um centavo para publicar um livro meu. Eu não tenho vaidade de escritor.

Como foi despertado o interesse por bebidas?

José Olímpio da Rocha – Antigamente, na cidade de Salvador, as principais fontes de informação eram as delegacias de Polícia, gabinetes oficiais, secretarias e o cais do porto. O Porto de Salvador recebia navios internacionais quase diariamente. Nós não tínhamos aviação de longo curso, portanto, quando se precisava sair do país, ir à França, Alemanha, Inglaterra, ou para vir desses países para o Brasil, o transporte era o navio. Tanto *A Tarde* como o *Diário de Notícias* tinham um repórter que ia a bordo, onde ofereciam bebidas para que nós jornalistas experimentássemos. Foi aí que eu comecei a conviver com cervejas e bebidas destiladas estrangeiras. Acabei me tornando um *expert* ocasional em boas comidas e boas bebidas. Talvez meus atuais problemas de saúde sejam conseqüências dos meus exageros. Além da hepatite C, sou uma pessoa condenada a não comer sal e estou tentando resistir a uma vida cheia de restrições. Os repórteres de porto de *A Tarde* e do *Diário de Notícias* já morreram. Da minha época de redação no *Diário de Notícias*, ainda estão vivos, além de mim, Kléber Pacheco – que foi secretário de Antônio Carlos

Magalhães – e Antônio Pelegrino, pai do atual deputado Nelson Pelegrino.[1] Em *A Tarde* tem ainda gente mais velha do que eu, como Junot Silveira[2] e Álvaro Henrique. O grande boêmio da época, Jeová de Carvalho, está hoje hemiplégico numa cadeira de rodas, sofreu um derrame há três anos.[3] Que eu me lembre, não há mais ninguém vivo.

Sabe-se que o senhor lê muito. Quais histórias envolvendo escritores baianos eram notícia na época?

José Olímpio da Rocha – Eu nem sempre gostei de ler. Quando eu entrei em jornal, com 18 anos, não existiam cursos de Jornalismo, eu apenas queria trabalhar. Um jornalista me perguntou por que eu queria trabalhar em jornal e eu respondi que apenas queria ser jornalista. Ele me perguntou se eu gostava de ler, eu respondi que não. "Eu não suporto ler, gosto de ouvir música". Ele então me aconselhou: "Quem não lê, não escreve. Se você quer ser jornalista, passe a gostar de ler a partir de hoje. Leia até bula de remédio". Eu não costumava ler jornal. Mas ia trabalhar no *Diário de Notícias,* e o mínimo que eu devia fazer era ler diariamente o jornal em que eu trabalhava, não só para ver como saiu as matérias por mim escritas, como para saber o que saiu no jornal. Não gostar de ler, para um jornalista, era e é um fato imperdoável. Então passei a ler como sacrifício, depois, como tudo na vida, a gente se acostuma. Então eu passei a ler e a gostar de ler. Quando eu comecei a trabalhar em jornal, no *Diário de Notícias*, desde o início, fiz crítica de cinema. Todo jornalista gostaria de escrever e opinar. Então me tornei casualmente um crítico de cinema por que era a única coisa em que eu podia opinar. Eu não podia opinar em política, por que não entendia de política além não ter maturidade para isso. Também não era formado em nada que me possibilitasse falar, de economia por exemplo. A vocação que eu tenho de observar as coisas começou daí. Eu passei a ler muito também. Gostaram do que eu escrevia e até hoje eu escrevo para *A Tarde*, faço resenhas de livros para

1 Falecido em 2005.
2 Faleceu, aos 80 anos de idade no dia 08 de maio de 2003.
3 Jornalista e poeta, falecido em 11 de julho de 2004.

Florisvaldo Matos, editor de *A Tarde Cultural*.[4] Sempre leio muito, por que se o jornalista não lê, acaba desaprendendo. Quando esta entrevista se encerrar, vou ler durante uma hora. Este meu hábito é diário.

Diria que o papel do jornalista mudou das décadas de 40 e 50 do século passado para a atual?
José Olímpio da Rocha - O jornalista tornou-se mais responsável não por que ele queira, mas ele tem o dever de garantir o emprego dele. O jornal como o *A Tarde* não perdoa certas coisas.

O senhor não afirmaria que as especializações no Jornalismo limitam o profissional?
José Olímpio da Rocha - Se o profissional está acostumado a fazer entrevistas e matérias de várias naturezas, assimila uma cultura mais diversificada. A especialização limita. Hoje não é possível conversar sobre esporte com um jornalista especialista em economia.

Então o senhor diria que os jornalistas da década de 40 e 50 eram mais completos?
José Olímpio da Rocha - Ele só não era mais completo porque entendia de tudo um pouco. Hoje, ele entende muito de pouco. Antigamente, todos gostavam de conversar com jornalistas porque eram pessoas consideradas cultas.

4 Atualmente, 2008, Florisvaldo é redator-chefe do jornal.

José Valverde

"Imaginei largar o Jornalismo, mas não me adaptei a ficar preso numa cadeira mexendo com estatísticas"

Entrevista concedida a Vanessa de Assis e Maíra Fixina do Carmo, no dia 31 de outubro de 2003.

Formado em Economia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), José de Castro Leal Valverde, 54 anos, participou das mudanças ocorridas na imprensa baiana, no final dos anos 1960. Ao completar 34 anos de Jornalismo, desenvolve o Jornalismo empresarial, na Bahia, e aposta alto nos jornalistas que estão sendo preparados nas escolas de Comunicação, responsáveis pela formação da mão-de-obra que vai atuar no mercado, formando profissionais capazes de explorar, investigar e trazer de volta o jornalismo como prestador e serviço à sociedade.

Como se deu sua opção pelo jornalismo?
José Valverde - Eu nem sei. Estava cursando Economia e prevalecia, naquela época, a impressão de que se aprendia Jornalismo dentro das redações de jornais. Fazia política estudantil quando o projeto da *Tribuna da Bahia* começou a ser implantado, sob o comando de Quintino de Carvalho, vindo do *Jornal do Brasil*. Começou a circular a notícia de que estavam selecionando estudantes que pretendessem ser jornalistas, que iriam renovar a imprensa baiana. Fui levado por um amigo que já estava lá. Acabei ficando e ele não. Houve uma interação com o Jornalismo e eu me adaptei à atividade. Não imaginava ser jornalista, quando criança. Na verdade, quando eu comecei a me imaginar dentro de uma profissão foi me preparando para o vestibular de Economia. Justamente porque tinha um sentimento político e o que aprofundava mais essa situação de militante político era estudar Economia e entender a realidade da política econômica brasileira. Assim, para muita gente que tinha atividade de esquerda como estudante, uma das opções preferenciais era a Faculdade de Economia da UFBA.

Na época em que iniciou carreira, como era praticado o Jornalismo?
José Valverde - Na época em que comecei a fazer Jornalismo, a profissão ainda não era regulamentada. A maior parte dos jornalistas era procedente de outras profissões. O profissional de Jornalismo que tinha nível superior, geralmente, era advogado, era formado em Filosofia ou na área de humanas. Existia uma distância muito grande entre a redação de jornal, a prática do Jornalismo do dia-a-dia e o que se ensina nas escolas, a teoria da comunicação. Os estudantes de Jornalismo faziam muitas suposições teóricas e, quando chegavam às redações, queriam começar a ser jornalistas logo. Aprendia-se a fazer o lide, que pensamos ser uma coisa simples. Mas, até hoje, eu conheço jornalistas com 20 anos de profissão que não sabem fazer um lide, a cabeça da matéria. Quando o jornalista aprende a fazer, é um sintoma de que já tem uma percepção acima do razoável do que é notícia e de como deve comunicá-la. Depois do lide, se observarmos, vem o desdobrando do próprio lide, o sublide. Existe um livro chamado *Quem tem medo do sublide?*, de um jornalista brasileiro que expõe, disseca e apresenta muitas teorias sobre o lide. O Jornalismo, naquele tempo, era meio amadorista. O salário era baixíssimo. Não significa que os jornalistas não ganhavam dinheiro. Os jornalistas tinham muitos expedientes, trabalhavam em assessoria de imprensa. Alguns enveredavam por esquemas não muito elogiáveis. Existia Jornalismo de tudo quanto é tipo. O jornal *Tribuna da Bahia* veio para romper com isso, foi um divisor de águas. Esse jornal, por exemplo, não admitia que o jornalista tivesse emprego em assessorias de imprensa. Exigia exclusividade. Tanto assim que alguns saíram, porque achavam que o que o jornal oferecia não era suficiente.

Descreva sua trajetória profissional como jornalista.
José Valverde - Comecei no *Tribuna da Bahia*, em 1970. A *Tribuna da Bahia*, internamente, foi audaciosa ao implantar o *Manual de Redação* e criar a Escolinha TB de Jornalismo. Uma parte da equipe era composta por alunos da Escola de Comunicação da UFBA, a exemplo de Sérgio Mattos, e a outra, da escola de Economia. Deixei a *Tribuna* depois de dois anos. Fui convidado para ser correspondente de *O Globo* na Bahia. Houve, em abril de 1971, uma

tempestade na Bahia que matou 150 pessoas. O jornal *O Globo* tinha como correspondente um senhor que não tinha mais pique de trabalho. A equipe de *O Globo* solicitou ao Quintino que indicasse um jornalista para fazer a cobertura, porque o jornal estava sem correspondente. Ele me indicou e acabei coordenando e cobrindo o fato com fotos, reportagens e enviei tudo pelo telex. Foi o primeiro *free-lance* que ganhei em minha vida. Uns oito meses depois, *O Globo* mandou um representante para a Bahia que me contratou para ser o correspondente do jornal, com base na cobertura que eu tinha feito. Fui correspondente de *O Globo* por apenas dois anos, porque o *Tribuna da Bahia*, em 1974, me contratou, juntamente com Sérgio Gomes, para reformar o jornal. Sérgio Gomes era editor-chefe e eu, secretário de redação. Fizemos o projeto do jornal, transformando-o num jornal revista, noticioso, mas que, infelizmente, não deu certo. Em seguida, saí, novamente, desse jornal. Trabalhei, posteriormente, em vários lugares. Já tinha me demitido d'*O Globo*. Passei a ser correspondente da revista *Visão*. Fui colaborador da revista *Realidade*, que também não existe mais, e colaborador da *Veja*. Minha vida foi assim, nunca parei em lugar nenhum.

Qual era a linha editorial do *Tribuna da Bahia*, na época?
José Valverde - O *Tribuna da Bahia* começou a ser publicado em plena época da ditadura militar. Então, era melhor não ter linha editorial, uma vez que não se podia dizer nada. Só era relatado aquilo que agradasse à ditadura. Então, todos os jornais brasileiros da época eram jornais que arrefeciam o lado editorial por causa dos militares. Algum tempo depois, *O Estado de S. Paulo*, um jornal de resistência liberal, foi o primeiro a divergir do governo, a resistir às pressões. A censura estava sempre alerta. Até hoje, afirmo que a minha geração de jornalistas foi vítima da ditadura, resultando num Jornalismo empobrecido. Os grandes intelectuais foram afastados do Jornalismo brasileiro. Os jornalistas que se modelaram, geralmente, não tinham expectativa política e crítica. Eram pessoas que queriam apenas fazer uma carreira. E a ditadura empregou muita gente, principalmente em Brasília, os "jornalistas chapa-branca", aquele jornalista que trabalhava no jornal e na repartição pública. Não os estou chamando de maus jornalistas, as opções que existiam

eram essas. O lado mais crítico e aguçado ficou sempre em segundo plano.

Quintino de Carvalho influenciou sua vida profissional?
José Valverde - Quintino foi um mestre. Ele criou uma nova geração de jornalistas no Brasil. Foi o primeiro jornalista, na Bahia, que colocou as questões éticas como fundamentais. Estabeleceu regras morais com o propósito de preservar a pureza do Jornalismo e quem as descumprisse era demitido imediatamente. Ele alertou e ensinou o Jornalismo de caráter social para todos que pertenciam à Escola do *Tribuna*. Tanto é assim, que, até hoje, sou jornalista e trabalho para pagar minhas contas.

Com quais outros jornalistas você trabalhou no jornal *Tribuna da Bahia*?
José Valverde - Quando comecei no *Tribuna da Bahia*, Sérgio Mattos era repórter e depois foi meu chefe-de-reportagem. Havia, na época, muitos jornalistas: Tasso Franco, que hoje é secretário de imprensa do prefeito; Paolo Marconi, que, atualmente, é conselheiro do Tribunal de Contas. Alguns deixaram o Jornalismo, a exemplo de José Sérgio Gabrielli, atual diretor financeiro da Petrobrás [atualmente, 2008, é presidente da estatal]. Gabrielli era diretor da Escola de Economia e trabalhava no *Tribuna* como redator. Naquela época, havia muita gente que encarava o Jornalismo como bico. Era uma atividade muita heterogênea. Quem estava numa Universidade geralmente não estudava apenas o Jornalismo. O Jornalismo era uma profissão paralela a outras, tais como Medicina, Engenharia, Direito e Economia. Entre nós, havia um estudante de Engenharia, chamado Teles que, hoje, está trabalhando na Cetrel, em Camaçari. Ele se formou em Engenharia Ambiental e largou o Jornalismo.

Como era sua relação com Ariovaldo Matos?
José Valverde - Ariovaldo tinha uma empresa, juntamente com o José Gorender [já falecido], que prestava assessoria de imprensa e fazia *press-release*. Quando eu era estudante, fazia uns bicos nesta empresa, que chamava AGATE (Agência de Assessoramento Técnico). Foi a primeira empresa da Bahia a fazer *press-release* para jornais. Todo dia, pela manhã, quando terminavam as

aulas na escola de Economia, eu almoçava e seguia para a AGATE e, lá, redigia os *press-release*. Levava entre duas a três horas trabalhando e aprendendo com Ariovaldo. Ariovaldo foi da equipe de fundação do *Jornal da Bahia*. O filho dele, Jorge Matos, trabalha, atualmente, no ramo da publicidade.

Como era a relação entre os jornalistas nos anos cinzentos da ditadura militar? O senhor mantém contato com alguns deles?
José Valverde - Varia muito. Nós tínhamos muita imaturidade, na época. Éramos muito jovens e levávamos para a redação muita antipatia política. Na redação eram comuns as discordâncias entre nós, por pertencermos a diferentes partidos políticos. Havia o pessoal do PC, da Polope (Organização Política Operária), ao qual eu pertencia. O pessoal do PCdoB, que vivia em constante rivalidade com o PC. Por mais que tentássemos estabelecer um ambiente amistoso, a própria situação da esquerda aguçava a rivalidade e as divergências. Muita gente tentava fazer das redações de jornais prolongamento da política estudantil, com ilusões de influenciar na linha do jornal. Dentre os companheiros de redação, Sérgio Mattos é meu amigo até hoje. Já com Tasso Franco sou mais distante. Não estabelecemos laços de amizade por falta de oportunidades. Com os demais, só encontro raramente. Com poucos mantenho contato mais direto.

Sofreu alguma pressão econômica para não divulgar fatos jornalísticos?
José Valverde - Como jornalista não posso me situar como vítima de pressões. Seria mentira e demagogia minha dizer uma coisa dessas. Agora, havia informações que eu sabia, mas não podia divulgar, mesmo por que meu jornal não divulgaria. Quando fui chefe de redação do *Tribuna da Bahia*, o chefe da Polícia Federal aqui na Bahia, chamado Luís Arthur, sentava em minha frente e dizia: "Não pode dar isso. Você sabe que existe essa informação, mas você não pode divulgar" dizia ele, claramente, e nós obedecíamos.

Em quantos veículos de comunicação já trabalhou?
José Valverde - Mais de vinte. Nunca trabalhei em rádio. Trabalhei em televisão. Fui chefe de Jornalismo da TV Educativa, na época em que Waldir Pires era

o governador. Quando ele saiu, fui demitido, logo em seguida. O pessoal de Nilo Coelho assumiu e mudou tudo. Mas a televisão nunca foi algo que almejasse e foi a única experiência que tive fora de jornal e revista. Nunca trabalhei no *Correio da Bahia*. Fiz colaboração para *A Tarde*. Trabalhei um tempo curto com Sérgio Mattos [na época editor do suplemento *Jornal de Utilidades* de *A Tarde*], com quem tinha trabalhado na *Tribuna*. Naquele tempo, eu não ligava para emprego. Eu saía de um hoje, amanhã já tinha outro à minha disposição. Em qualquer Estado do Brasil, o jornalista era bem recebido. Então, não me preocupava.

Que tipo de Jornalismo você fazia?

José Valverde - Nunca me agradou fazer Jornalismo político, por observar meus colegas pressionados a elogiar e acobertar políticos. Sempre fiz Jornalismo econômico. Trabalhei na editoria de economia no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro. Já trabalhei em editoria de cidade e até na de polícia. O senso político dos jornalistas do Brasil só começou a mudar depois que houve a resistência do MDB. Até hoje, acho que somos muito pobres em jornalismo político no Brasil. Deixa muito a desejar. Vou dar um exemplo: temos um governo interessante, que promoveu uma mudança razoável no país. Eu ainda não vi nenhuma análise brasileira do que significou e possibilitou a eleição de Lula. Todo mundo diz que Lula foi eleito por que mudou o discurso e o povo estava desiludido com Fernando Henrique. Ninguém observou que o presidente Lula foi eleito com o apoio do empresariado paulista, pelo pessoal da FIESP. Por quê? Por que achou que Lula era a possibilidade de barrar a ALCA - Aliança de Livre Comércio das Américas. Os empresários não querem a ALCA, por temerem a concorrência. Querem uma política de proteção do estado, com o BNDES emprestando dinheiro a juros negativos, como faziam na época da ditadura militar. E Lula prometeu isso. O BNDES está querendo até financiar a Rede Globo. O Jornalismo me permitiu desenvolver essa consciência crítica de observar. Não só o Jornalismo, mas a formação política marxista, quando pertenci a grupos de esquerda. Nunca foi realizada uma análise, por exemplo, do vice-presidente de Lula, pelo fato de ele ser o maior empresário de Minas Gerais. Por que a chapa do PT é uma aliança entre a

burguesia paulista e mineira e o PT. As classes empresariais se sentiram traídas por Fernando Henrique Cardoso. Por quê? Pelo processo de desestatização da economia, pela venda das empresas estatais. O governo não deu moleza para os empresários brasileiros comprarem essas empresas. Comprava quem tinha dinheiro. Quem tinha dinheiro era o Fundo de Pensão e Fundo Mútuo, ou seja, os fundos dos funcionários do Banco do Brasil e da Petrobrás. Os grupos paulistas não tinham dinheiro. Achavam que o BNDES iria emprestar dinheiro para eles comprarem estatais, mas o BNDES não emprestou. Esse é um dos fatos que induziram a ruptura entre o governo FHC e as classes empresariais paulistas representadas pela FIESP. Monteiro de Barros, que é presidente do FIESP, é deputado do PTB, que é aliado do governo. José de Alencar, vice-presidente, é um dos grandes empresários do Brasil. Então, eu nunca vi uma análise de um jornalista político do país sobre esse encontro de interesses do PT, buscando o poder, e do empresariado paulista.

Da história da imprensa baiana até hoje, o quê você destacaria?

José Valverde - A fundação dos jornais *Tribuna da Bahia* e *Jornal da Bahia*. Infelizmente, dois excelentes projetos que ficaram no meio do caminho. No tempo que tiveram dinheiro, a ditadura militar não os deixou ganhar alma e, com a crise econômica e do petróleo, em seguida, liquidaram os jornais que não tinham autonomia financeira. Atualmente, os jornais baianos sobrevivem, porque os custos com redação diminuíram muito com o computador, com as agências de notícias e a automação. Hoje, não há mais copidesque. Antes, existia o repórter, que passava a matéria para o copidesque e, depois, para editor e para o diagramador. O custo de manutenção do jornal caiu, a necessidade de pessoal diminuiu e os jornais estão piores.

Qual seria o motivo do surgimento da imprensa alternativa?

José Valverde - As inquietações humanas. A imprensa alternativa surgiu na época da ditadura e representava a necessidade de propor certos posicionamentos, de estabelecer canais de comunicações com a sociedade. Aqui na Bahia, houve até um jornal interessante. Saiu apenas um número, mas derrubou o prefeito. O jornal chamava *Invasão*. O prefeito era Jorge Hage,

que hoje é juiz do trabalho, e o governador, Roberto Santos. O jornal *A Tarde* nunca aceitou a candidatura de Jorge Hage. Então, nós da equipe do *Invasão*, formada por Emiliano José, Oldack Miranda, João Santana, o Patinhas, dentre outros, entrevistamos o prefeito e questionamos a respeito da briga com *A Tarde*. Fizemos a edição do jornal e derrubamos o prefeito. Na entrevista, o prefeito explicava porque brigou com *A Tarde*. O *Invasão* foi o primeiro jornal virtual do Brasil sem computador. Nós nos reuníamos, fazíamos uma pauta, cada um realizava sua matéria, marcava uma reunião e chamávamos o diagramador. Era tudo feito "a facão". Os jornais alternativos não tinham uma seqüência. Fazia-se um jornal em função de um objetivo pontual. Naquela época, o custo gráfico era muito alto, representava um esforço muito grande viabilizar financeiramente um jornal. Já fiz tanto jornal de esquerda contra a ditadura! Mandava pelo correio e ninguém sabia quem fazia. Alguns eram clandestinos e eram impressos na gráfica da Escola de Economia da UFBA, até que a polícia foi lá e tirou tudo. Imprimíamos também na USP. Geralmente, em gráficas universitárias. Quando a ditadura tomou todas as gráficas, fazíamos em mimeógrafos. Nos jornal que fazíamos, escrevíamos em baixo da página: "Esse jornal não é censurado pela ditadura". (risos) Na verdade, alguns queriam fazer política e outros se divertir.

A censura ainda prevalece nos meios de comunicação?

José Valverde – Acho que não há censura política desde a época de Sarney. Não tem sentido e nem a Constituição permite. Não pode haver censura prévia. Nos jornais, prevalecem as posições dos acionistas, dos donos de jornais. Jornal é porta-voz de interesses, sejam eles bons ou maus.

Das inúmeras reportagens feitas, qual o senhor destacaria como importante para sua vida profissional?

José Valverde - Destacaria uma matéria sobre a tempestade que provocou desabamentos e fez inúmeras vítimas em 1971, quando estava sendo construída a Avenida Paralela. Eu era repórter de cidade, no *Tribuna da Bahia*, e resolvi verificar como estava sendo conduzida a construção da avenida. Ao chegar, encontrei uma barreira: o local estava interditado. Procurei saber o motivo,

mas não me deixaram falar com os engenheiros, o que aguçou minha curiosidade. Eu conhecia um atalho que dava acesso ao canteiro da obra. Fui por esse atalho com o carro de reportagem do *Tribuna*, um fusca. Consegui entrar e descobri que o local estava interditado em decorrência da chuva que destruíra toda a obra. Fiz a reportagem sobre o fato e o *Tribuna da Bahia* deu um furo: "Paralela é destruída pela chuva". Então, começou a ser discutido, pela população e pelas autoridades locais, se as especificações da construção eram adequadas ou não. E a avenida foi reconstruída. Fui eu quem deu essa informação sobre a grande avenida que iria mudar a vida da cidade e, hoje, constatamos que realmente mudou. O prefeito era Clériston Andrade e o governador era Antonio Carlos Magalhães. Eles fizeram muitas caras feias sempre que me encontravam. Tenho matérias que ficaram guardadas na minha memória. Por exemplo, na época que trabalhava n'O *Globo*, do Rio de Janeiro, fiz uma matéria com a viúva de Graciliano Ramos, quando completou vinte anos da morte dele, e ela contou coisas pessoais do escritor. Em breve, sairá uma matéria, na Revista da Unimed, sobre Pierre Verger, contando sua vida e experiências profissionais que marcaram épocas. Prefiro trabalhar em revistas, pois adoro fazer esse trabalho de pesquisa.

O que o senhor pensa sobre o aumento do número de instituições de ensino de Jornalismo?

José Valverde - A necessidade de comunicação está se disseminando, em função de todo esse processo chamado de sociedade da informação. É um mercado em expansão. Agora, essa visão não é de quem pensa que emprego de jornalista é só em jornais, que considero atualmente os piores empregos. Há muitas oportunidades para o jornalista empreendedor. Há rádios comunitárias, Internet, assessorias de comunicação, um universo de setores de comunicação em busca de profissionais competentes. Só que há gente que não enxerga isso e está pedindo o fechamento dessas escolas. Temos de abrir mais e mais escolas de Jornalismo. Fechar e impedir o progresso e quantidade de instituições é bobagem. É o lado corporativista de querer restringir o que já tem e impedir que outros tenham também oportunidades de crescer.

O senhor é a favor ou contra a exigência do diploma de Jornalismo?
José Valverde - Não sou a favor da regulamentação da profissão de jornalista, que acho que empobreceu muito. Acho que o jornalista é aquela pessoa que tem uma formação básica indispensável, tem cultura geral, tem bom senso e que aprende as técnicas do Jornalismo. Pode partir de outras escolas. Se fosse assim, o jornalismo deixaria de ser a arte de escrever sobre o que se entende. Quando as pessoas não têm uma visão crítica, dialética da sociedade, da dinâmica, começam a dizer besteira. Creio que todos nós seríamos melhores jornalistas se tivéssemos acrescentado a uma formação básica, uma engenharia, por exemplo, um curso de pós-graduação de técnicas de Jornalismo. Tudo bem que precisasse desse curso para ir para redação – até admito –, mas o Jornalismo seria mais rico.

Que balanço faz do Jornalismo e dos veículos de comunicação na Bahia?
José Valverde - O Jornalismo baiano, hoje, é um Jornalismo pobre e depauperado. O *Tribuna*, há trinta anos, era muito melhor do que é hoje, embora nunca tenha amadurecido um projeto que resultasse num grande jornal. Estamos numa região do mundo, o Nordeste brasileiro, que tem índice de leitura baixo, semelhante ao africano. Diante dessa realidade, a mídia preferencial é a televisão, que chega à população com informações básicas, sem nenhum custo a pagar. Eu acredito nas atividades paralelas, em função do Jornalismo Empresarial. O Jornalismo da Bahia está cada vez mais dependente do Sul. Se pegarmos *A Tarde*, 80% das notícias divulgadas, chegaram primeiro no Sul. O noticiário local é fraco. O *Correio da Bahia* é feito na Agecom (Assessoria Geral de Comunicação do Governo do Estado). O governo tem assessoria de imprensa, que gera informações de seus interesses, e a metade das informações do *Correio da Bahia*, uns 40%, vem de lá, 40% do Sul e o que eles produzem na redação são 10%, entre esporte, polícia e um mínimo de local. Economia quase não existe e, quando há, é *press-release*. Não há uma percepção crítica do significado do fato econômico na cadeia produtiva e o impacto que vai causar. O *Tribuna*, atualmente, é um jornal com pouca possibilidade de sobrevivência. Até admiro o esforço de muita gente que trabalha nesse jornal para tentar mantê-lo em atividade. O *Tribuna da Bahia* vive das migalhas da publicidade do governo do estado. Não há anúncio. Estão fazendo um trabalho de resistência grande, mas o problema é que eles não têm orçamento para ir adiante. O *Bahia Hoje*, que era um jornal de Pedro Irujo, desapareceu, pois era sustentado pelas verbas do governo Collor, que acabou junto com jornal. É difícil manter o jornalismo, na Bahia. O que faz o jornal circular são os anúncios, que são inexistentes nos jornais da Bahia, destacando apenas os classificados do jornal *A Tarde*.

Tem vontade de voltar para jornal?
José Valverde – Trabalho, atualmente, para duas revistas de São Paulo, *Química e derivados* e *Plásticos modernos*. Eram revistas da Editora Abril, que se desinteressou e passou para jornalistas. Eu sou correspondente delas, em Salvador e cubro o Pólo Petroquímico. São dirigidas a técnicos e engenheiros de pólos petroquímicos. Em princípio, eu gostaria de voltar a trabalhar em jornal, mas não acho viável, pelo menos na Bahia. Gostaria de trabalhar na editoria política de um jornal grande, como *O Estado de S. Paulo* ou *O Globo*, mas, a essa altura, não dá para fazer essa volta não. Estou, agora, no Jornalismo empresarial, onde levamos para as publicações toda metodologia aprendida nas redações dos jornais.

Manoel Ferreira Canário

"Eu conseguia me antecipar à proibição da Polícia Federal, divulgava o fato antes que fosse proibido"

Entrevista concedida no dia 23 de outubro de 2002 a Cinthya Brandão e Marina Matos.

Manoel Canário nasceu em Senhor do Bonfim, interior baiano, em 27 de novembro de 1933. Iniciou sua carreira profissional aos 18 anos como locutor no serviço de alto-falante da Rádio Cultural de sua cidade natal. Em 1950 foi para o Estado do Paraná e ali continuou trabalhando em rádio, como locutor da Rádio Norte do Paraná. Trabalhou na Rádio Cultura, em Salvador, redator de notícias e chefe da equipe de radiojornalismo da Rádio Sociedade onde criou o programa Rádio Repórter PRA4. Casou em Salvador, tem seis filhos e sete netos. Em 1971, foi um dos assessores do primeiro governo de Antônio Carlos Magalhães, na época da eleição indireta. Manoel Canário conta a sua trajetória profissional e reafirma a sua paixão pelo rádio nesta entrevista concedida no dia 23 de outubro de 2002.

Como se dava a seleção dos profissionais que atuavam no jornalismo?
Manoel Canário – No caso do rádio, para os que queriam ser locutor como eu, essa seleção era feita analisando a qualidade da voz, o timbre vocal. Depois, a capacidade de leitura, não uma leitura convencional, mas a leitura para o ouvinte. O fundamental para o locutor é que leia junto com o ouvinte. Caso isso não ocorra, dificilmente o ouvinte captará a mensagem, seja ela uma notícia, uma crônica ou uma mensagem comercial. Essa é a razão de ser da atividade profissional de locutor. Esses aspectos eram fundamentais para o profissional ser admitido como locutor.

Quando começou a exercer a profissão de jornalista? Que tipo de trabalho desempenhou?
Manoel Canário – Eu comecei exatamente em rádio fazendo locução, depois

fazendo radiojornalismo. A partir daí ingressei na redação de jornal impresso. Trabalhei em televisão durante algum período simultaneamente com o rádio e me fiz jornalista assim. Não fiz o curso regular até porque, quando iniciei minha carreira, não havia escola para a formação de jornalista. Não havia regulamentação da profissão, enfim qualquer pessoa que tivesse vocação poderia ser jornalista ou radialista. Somente no final da década de 60, a atividade de jornalista teve sua regulamentação.

Como se deu essa escolha pelo jornalismo?
Manoel Canário – Primeiro por causa do dinheiro. Com o tempo na rádio, a Petrobrás me pagou um contrato de exclusividade.

Em quais os veículos o senhor trabalhou?
Manoel Canário – Comecei na radiodifusão em 1950, na rádio ZYR5, Rádio Norte do Paraná, sediada em Cornélio Procópio, cidade do norte do estado. Era na época do café e o Paraná era considerado o El Dourado brasileiro. Fui para lá na esperança de ser cafeicultor para aproveitar aquele surto de valorização do café. Passei quinze dias sem conseguir me integrar à cafeicultura e fui trabalhar numa lanchonete lavando garrafas. Depois de um desentendimento com o proprietário, abandonei o emprego e fiz um teste na Rádio Norte. Li três textos e o gerente da rádio me contratou de imediato. Até então não havia recebido salário, só pequenas remunerações. Trabalhei nessa rádio de 1950 a 1953 quando retornei para Salvador e fiz um teste na Rádio Sociedade. O teste era ao vivo e eu tremia como uma vara verde. O meu irmão trabalhava na Rádio Sociedade como cantor, foi por intermédio dele que consegui me inscrever para o teste. Apesar do nervosismo, fui contratado. Iniciei em fevereiro de 1953 e fui demitido em junho do mesmo ano porque cheguei tarde para abrir o rádio. As emissoras de rádio, naquela época, não ficavam no ar por 24h. O meu programa ia ao ar às 7h da manhã, era o primeiro, por isso eu era o responsável pela abertura da rádio. Ao meio-dia a rádio fechava e retomava a programação às 14h, encerrando, no máximo, à meia-noite. As emissoras baianas só começaram a funcionar por 24h em meados da década de 1970. A Rádio Cultura foi a primeira emissora

a funcionar 24h por dia em Salvador. A Cultura funcionava no Campo Grande. Em 1972, a Rádio Sociedade também estendeu sua programação às 24h, até então encerrava à 1h da manhã. Depois da minha demissão, retornei para Senhor do Bonfim e voltei a trabalhar no serviço de alto-falante. Em março de 1955, retornei para Salvador e fui contratado pela Rádio Cultura.

Além de locutor, que outra atividade o senhor desempenhou no rádio?
Manoel Canário – Posteriormente, eu fui redator de notícias e fui chefe da equipe de radiojornalismo. Nós fazíamos um radiojornalismo de alto nível, cobríamos o dia-a-dia da cidade, cobrimos os fatos marcantes nacionais e internacionais com um trabalho de qualidade comprovada. E eu tenho a glória de ter lançado, em 03 de outubro de 1962, um noticiário que até hoje está no ar: o Rádio Repórter PRA4. Na época, chamava-se "Repórter Petrobrás", patrocinado pela Petrobrás, e foi lançado nacionalmente para combater o "Repórter Esso", do grupo norte-americano. Trabalhei também com rádio-teatro em alguns capítulos, mas não gostei muito. Conclui que me realizava realmente no radiojornalismo.

Havia diferenças entre as rádios do Sul e as da Bahia?
Manoel Canário – Sim, muitas diferenças, a começar pela visão profissional. Primeiro: a remuneração era melhor, depois eu só trabalhava de segunda a sábado. Era proibido trabalhar aos domingos e feriados. Aqui eu trabalhava até em dias santos.

Poderia traçar um paralelo entre o jornalismo que o senhor exercia e o jornalismo da Rádio Metrópole?
Manoel Canário – Não existe paralelo. A Radio Metrópole e as outras não sobreviveriam naquela época. O que eles fazem não é radiojornalismo, além de usar palavras muito chulas, de baixíssimo nível. Por isso não há paralelo, afinal nós fazíamos radiojornalismo e não rádio-fuxico.

Como o senhor vê o papel do jornalista na sociedade hoje?
Manoel Canário – Como extrema responsabilidade. Gostaria que vocês

estudantes de Jornalismo nunca perdessem isso de vista. Primeiro: a seriedade, a dignidade e o respeito à pessoa humana. Fazendo isso vocês sempre terão um amplo e limpo caminho a percorrer.

Como a sociedade encarava o jornalismo quando iniciou a sua carreira?
Manoel Canário – Havia muito preconceito. Tinham a impressão que a rádio era um bordel. De que ninguém era de ninguém. Tanto que as famílias proibiam, principalmente as moças, de andar com os jornalistas.

O que foi o jornalismo boêmio ou romântico na Bahia?
Manoel Canário – O jornalismo que se fazia através das folhas dos jornais principalmente aqueles textos mais bem elaborado, com alguns toques de romantismo. Havia recitais de poesias na rádio, o que, hoje, lamentavelmente, não existe mais.

O que o senhor tem a me dizer sobre o Tabaris? Era freqüentador?
Manoel Canário – Não muito. Deixe-me desmistificar: o Tabaris era uma casa de shows. Havia jovens, jogos e dança. Quem gostava de dançar, dançava na pista. Quem gostava de jogar, jogava. Lá dentro não havia nada de mais. Era um ponto de encontro de jornalistas.

O fato de o senhor não beber o excluiu do jornalismo boêmio?
Manoel Canário – Não. Eu sou boêmio, eu só não bebo, mas adoro a noite. Gosto muito de música, onde tiver boa música eu estou dançando.

Como se dava a competitividade entre profissionais de TV, rádio, e jornal impresso na época?
Manoel Canário – A TV Itapoan, Canal 5, começou tentando manter afastado o pessoal que trabalhava em rádio. Foi uma tentativa frustrada. Não havia alternativa senão absorver o pessoal que trabalhava na rádio, basicamente na Rádio Sociedade, que também integrava o grupo dos Diários Associados. Depois surgiram as pessoas que foram treinadas pela própria emissora, na TV Tupi, no Rio de Janeiro. A competitividade era essa: cada um se preocupava em ser melhor.

O senhor acredita que a tecnologia evoluiu, mas o conteúdo está desgastado?
Manoel Canário – Infelizmente, a tecnologia quando muito avançada, diga-se de passagem, não encontra o mesmo respaldo no material humano. Até para manipular os equipamentos. Naquela época, toda e qualquer rádio tinha um diretor artístico que era a cabeça pensante.

Rádio, TV e jornal. Qual o senhor considera mais importante para a sociedade e por quê?
Manoel Canário – Para a sociedade de qualquer época, que me perdoem os outros, mas eu considero o rádio o grande veículo de comunicação de massa. É o mais popular, o mais abrangente, o mais envolvente, ágil e penetrante. Além de tudo, como diz Chico Anísio: "o rádio é o único veículo que obriga a pessoa a trabalhar a imaginação".

Como foi seu trabalho no jornal impresso?
Manoel Canário – Eu fui convidado a trabalhar para o jornal fazendo exatamente a mesma coisa. Quer dizer, eu passava notícias nacionais e internacionais no rádio. As notícias vinham através de radiotelegrafia, mas isto dependia muito das condições atmosféricas.

É fato que Rádio Sociedade sustentava financeiramente a TV Itapoan, também do grupo Diários Associados na Bahia?
Manoel Canário – Por algum tempo. Foi com recursos oriundos da Rádio Sociedade que se conseguiu instalar, montar e colocar no ar a TV Itapoan. Manter a televisão funcionando era um investimento muito alto, mais alto que o do jornal, e dez vezes mais alto que o da rádio. A Rádio Sociedade sustentou a TV até ela caminhar com as próprias pernas, até conseguir se estabilizar e começar a faturar.

Em que época o senhor foi responsável pela chefia da assessoria do governo do Estado? E no governo de quem?
Manoel Canário – Eu fui um dos assessores de Antonio Carlos Magalhães, no primeiro governo em 1971, na época da eleição indireta, da ditadura. Terminado o mandato dele, fui trabalhar com Roberto Santos que o substituiu. Em 1977, eu recebi um convite para chefiar, aqui na Bahia, a Assessoria de Comunicação Social do BNH – Banco Nacional de Habitação. Em 1986, com a extinção estúpida do BNH, por José Sarney, eu – como todos que trabalhavam no BNH – fui transferido para a Caixa Econômica Federal, onde continuei minhas atividades de assessoria de impressa até 1990 quando eu me aposentei, graças a Deus.

O senhor conviveu com ACM na época em que ele atuou como repórter político. Como era o ACM repórter?
Manoel Canário – O que ele sempre foi. Determinado, rebelde, irreverente, às vezes inconseqüente. Para mim ele nunca mudou e nem vai mudar. Ele foi o único que, como jornalista, contestou um discurso de um deputado no plenário, sem ser deputado.

O senhor entrevistou ACM. O senhor como jornalista e ele como político. Há algum relato que o senhor possa fazer sobre este fato?
Manoel Canário – Nós da rádio fazíamos a cobertura da apuração da eleição de 1971. Instalamos um posto com um repórter que ficava divulgando os resultados. Em um determinado momento, o colega que estava no Fórum, onde era feita a apuração, fez o boletim com os últimos resultados da hora. Terminada a divulgação, o colega anunciou que faria uma entrevista com o Antonio Carlos Magalhães, então governador. Aliás, ele era já governador, mas não tinha tomado posse – naquela época a posse se dava no dia 15 de março. Na entrevista, ACM aproveitou o microfone da rádio para criticar injustamente e injustificadamente o trabalho que nós realizávamos. Eu estava na sala em meio àquela papelada ajudando Eurico, que era o cérebro, quando ouvi a crítica do Sr. Antonio Carlos Magalhães. Liguei o equipamento e chamei Jota Luna e pedi para botar Antonio Carlos no ar por que eu queria fazer uma pergunta a ele. Quando ACM botou o fone, eu disse a ele que, pelo pouco que havia escutado, não tinha gostado da crítica. Disse que a equipe da rádio era muito séria, e se os dados divulgados estavam atrasados era por

culpa do TRE. Por isso, as críticas deveriam ser dirigidas ao TRE. Como é da natureza e do temperamento de ACM, ele não deixou barato. Pouco tempo depois eu recebi um emissário dele dizendo o seguinte:
– Canário, o homem vem aí e disse que quer conversar com você.
– Eu perguntei: que homem?
– O governador, o Cabeça Branca.
– Seja bem vindo. Agora, já que você está trazendo o recado ou aviso, você vai fazer o favor de dizer a ele que por gentileza venha em termos; em tons agressivos não vai encontrar terrenos favoráveis.
Felizmente ele foi educado e eu também. Me propôs uma fonte de informação que tinha no interior e eu respondi que manteríamos nosso propósito de divulgar só as informações do TRE. Acabou tudo bem, graças a Deus.

O senhor exerceu o jornalismo durante o período da ditadura militar. Como se dava o relacionamento dos jornalistas com os censores?
Manoel Canário – A censura foi dura, vou dar um exemplo. Todos os veículos receberam uma comunicação da Polícia Federal proibindo dar notícia sobre ou simplesmente falar nome dom Helder Câmera. Isso dá uma dimensão da ditadura. Era uma situação que, no caso de rádio e de televisão, preocupava bastante. Esses veículos são concessões públicas. Qualquer contrariedade causada ao sistema dominante, a concessão poderia ser suspensa sem prévio aviso. Pela minha experiência, eu conseguia me antecipar à proibição da polícia, divulgava o fato antes que fosse proibido. E certa feita eu disse ao policial federal que só acatava a ordem da Polícia Federal quando por escrito. Era nessa base em que vivíamos.

Nelson Varón Cadena

"A comunicação está melhor em todos os sentidos"

Entrevista concedida a Denise Correia, Muriel Teixeira e Renata Hirsch em novembro de 2003.

Nascido na Colômbia, aos 19 anos Nelson Varón Cadena planejou sair de seu país e ir morar na África, numa comunidade primitiva. Porém seus planos mudaram quando leu que no Brasil tinha comunidade indígena. Resolveu passar um tempo aqui para depois ir pra África. Veio e acabou ficando até hoje na Bahia. Quando Cadena tinha 18 anos teve uma experiência com jornalismo, quando abriram um jornal novo e ele foi contratado por quase um ano. Mas Comunicação nunca passou pela cabeça dele. Aqui na Bahia ele trabalhou no jornal *A Tarde* até 1990. Atualmente ele trabalha com planejamento e consultoria em Comunicação, mantendo seu escritório em Vilas do Atlântico, no município de Lauro de Freitas, na região metropolitana de Salvador, onde conclui o curso de Jornalismo na Unibahia.

Como o senhor descreveria o profissional Nelson Cadena?
Nelson Cadena – Em primeiro lugar eu quero deixar claro que eu não sou profissional no sentido acadêmico. Não sou formado em propaganda, não sou formado em jornalismo, não tenho formação universitária. Eu usufruo de uma atividade profissional para qual eu não me formei. Acho que entrei nessa área de comunicação por que eu sempre condenei a sociedade de consumo. Achava, quando jovem, que a sociedade de consumo era um mal e acabei trabalhando justo numa área que mexe diretamente com isso, marketing e propaganda. O fato de ter passado tanto tempo condenando a sociedade de consumo está sempre presente em minha cabeça. Evito perder essa visão crítica. Para mim um dos problemas do profissional de marketing, do pessoal de propaganda, é se fechar muito na profissão e com isso acaba por não ver uma coisa chamada mundo que é maior que tudo isso. Eu tenho

isso como referência para ter uma postura ética, uma postura crítica em relação à própria profissão. Apesar de não ser diplomado, considero que eu faça parte do grupo da profissão e procuro ter uma postura crítica: nem tudo é como é apresentado pra gente.

O que é ser um bom publicitário para o senhor?

Nelson Cadena – Eu acho que um bom publicitário acima de tudo tem que ser uma pessoa muito bem informada. É um bom ponto de partida. Quando eu falo bem informado, não estou falando de informado apenas de uma coisa seletiva, aquele cara que fala inglês, lê o *Times* e assiste o jornal na TV. Bem informado em todos os sentidos. O publicitário vai falar no futuro, ele não fala somente para um grupo de consumidores, ele não fala somente para a elite, ele vai falar também para o povão. Então eu acho que o publicitário tem que ser bem informado, ler os jornais diários, ler aquelas revistas de fofoca, assistir novela, assistir programas de baixa e alta qualidade. Isso porque, de alguma forma, a sociedade consome esse tipo de mídia e o publicitário tem que estar informado. A segunda questão que eu acho importante é sensibilidade. Para o publicitário ter sensibilidade precisa se relacionar com as pessoas, não pode ficar em um escritório trancado com um computador só escrevendo. Não pode ser um "intelectual da publicidade", tem que ter contato direto com o povo, sentir os anseios do povo. Eu acho que é essa intimidade que faz o sucesso de um grande publicitário.

Como o senhor começou a trabalhar na área de comunicação?

Nelson Cadena – Eu comecei a trabalhar na área de comunicação por acaso. Eu fui hippie por vários anos e depois que eu deixei de ser, quando me mudei para Salvador, passei a ter muito tempo ocioso e comecei a ocupar com pesquisas. Eu tinha curiosidade, então eu ia ao centro histórico, na Biblioteca Central e começava a pesquisar coleções antigas de jornais. A partir disso comecei a me interessar pela parte de propaganda, pelos anúncios. A linguagem e as expressões da época me causavam expectativa e, ao mesmo tempo, curiosidade. Então registrei tudo isso em fichas. Para cada jornal que eu estudava, fazia anotações com relação ao conteúdo editorial do jornal, periodicidade, comentários da

época, e também fazia fichas específicas de propaganda: tipos de anúncios, o conteúdo. Quando me dei conta, tinha mais de mil fichas, que guardo até hoje. Esse farto material me despertou a escrever alguma coisa sobre o assunto. Naquele tempo eu estava escrevendo alguns artigos e matérias para jornal. Comecei fazendo uma matéria sobre a Ilha de Itaparica, porque eu morava lá. Era matéria ecológica denunciando que estavam acabando com a fauna e a partir daí comecei a ter contato com os meios de comunicação, principalmente com os jornais *A Tarde* e *Tribuna da Bahia*. Nessa época eu era visto sob um olhar de curiosidade e admiração também. Curiosidade porque eu andava descalço, bem ao natural, com a barba enorme, mas o pessoal gostava do que eu escrevia e ao mesmo tempo criticava porque eu não tinha conhecimento completo do português. Falava "portunhol". As minhas matérias começaram a sair e se tornaram um meio de sobrevivência para mim. Até então eu sobrevivia vendendo samambaias. Minha produção de matérias durante o mês era muito grande, algumas pessoas se surpreendiam e até achavam que eu estava copiando. A partir disso eu passei a ter um contato mais estreito com os jornais e pedi para fazer um caderno especial sobre propaganda, no jornal *A Tarde*, em 1978. O pessoal achou interessante a idéia, desde que eu viabilizasse financeiramente. Então eu percorri as agências de propaganda, uma a uma, falando sobre a idéia e o pessoal se empolgou muito. Foi quando eu falei com a ABAP – Associação Brasileira de Agências de Propaganda –, com o Fernando Carvalho. Através dele, a ABAP financiou o projeto. O caderno especial saiu no dia 4 de dezembro de 1979 e essa foi minha entrada na publicidade. Esse caderno chegou ao conhecimento do jornal *O Globo* que publicou uma notinha. Depois chegou ao conhecimento do pessoal da revista *Propaganda*, e um dia me chamaram no *A Tarde* para trabalhar no Departamento de Publicidade. Foi assim que eu acabei entrando na área da propaganda.

Nesse período, teve alguma dificuldade com relação a alguma matéria?

Nelson Cadena – Eu não tinha dificuldades. O que encontrei muito foi preconceito. Tinha gente que não gostava de mim. Hoje eu compreendo isso pela forma como eu me apresentava, minha vestimenta... Essas coisas. Mas eu tinha o aval da direção do jornal, tanto que eu entregava minhas matérias

à direção do jornal. Se por um lado isso era positivo porque minhas matérias saíam, por outro lado, os editores não gostavam porque havia certa imposição para publicá-las. Como eu não tinha um diploma, os próprios jornalistas me olhavam com reserva. Procurei não invadir e não invadi o espaço deles nesses vinte e cinco anos escrevendo para jornal.

Por quanto tempo trabalhou no Departamento de Marketing de *A Tarde*?
Nelson Cadena – Na verdade entrei em 1979 e saí em 1990. Criei o Departamento de Marketing. Entrei como assistente de publicidade e com o passar do tempo fui criando habilidades que acabaram gerando um departamento próprio. Inicialmente se chamava Departamento de Promoções, depois mudou para Departamento de Marketing, que chegou a funcionar fora da estrutura do jornal *A Tarde*, em outro prédio. A diretoria do jornal nunca aceitou isso, mas Arthur Luís d'Almeida Couto, um dos diretores, dava respaldo. Os outros eram totalmente contra, achavam um absurdo ter um departamento fora do jornal. O fato de ele ser fora e independente, possibilitou fazer uma série de coisas que seriam impossíveis se o departamento estivesse na mesma estrutura do jornal. Até porque o jornal tinha uma mentalidade um pouco antiga e difícil de ser superada pelos próprios executivos. É como se fosse uma cultura e eu estava fora dessa cultura. Apesar de funcionar num prédio em frente ao da sede do jornal, o departamento era tão mal visto que os três diretores da empresa nunca foram lá.

Quais os pontos positivos e os negativos do Departamento?
Nelson Cadena – A experiência foi boa. Eu tinha uma equipe e também procurava interagir com todos os setores do jornal: com a circulação, com a redação, com a própria publicidade e assim conseguimos fazer um trabalho razoável. O ponto positivo foi justamente ter implantado essa cultura dentro de uma empresa que não tinha estrutura para isso, não tinha histórico. O mérito não é só meu, é também da diretoria que me apoiou, a diretoria administrativa comandada por Arthur Luís Couto, a pessoa que comprou a briga com os outros diretores e respaldava as ações do Departamento de Marketing. E o ponto negativo foi a falta de continuidade das ações. Depois,

criou-se um outro departamento, mas perdeu toda independência.

Na época do Departamento de Marketing, a censura estava presente?
Nelson Cadena – Não, não cheguei a pegar a censura por que a censura afetou mesmo a imprensa no período de 1968 e 1974. Depois dessa época ela não chegou a ter nenhuma incidência que afetasse o conteúdo dos jornais aqui na Bahia.

Como o senhor acha que será o mercado publicitário no futuro?
Nelson Cadena – Eu acho que o mercado publicitário não vai ser diferente de outros segmentos da economia. O emprego formal está fadado a sofrer mudanças devido à quantidade de alunos que estão saindo dos cursos de publicidade o que deverá causar uma perspectiva de trabalho totalmente diferente. Isso por que ninguém vai se formar só pra dizer que tem um diploma. Se for para o mercado convencional de propaganda, os veículos podem ser reduzidos. Então o profissional vai ter que criar seu próprio estilo de trabalho, a sua forma de prestar serviços e ter serviços diferenciados na área de comunicação. Acho que o mercado é grande, muito amplo, e não vai falir pelo excesso de profissionais. Quando se criou a primeira escola de Propaganda do Brasil, em 1950, a imprensa na época criou uma grande polêmica sobre o destino que teriam aquelas 40 pessoas que iriam se formar na primeira turma: iriam ficar desempregadas porque o mercado publicitário era pequeno. Essa polêmica durou. Mesmo não tendo espaço, surgiram a segunda e a terceira Escola de Propaganda. Hoje não são apenas três e sim trezentas ou mais escolas de propaganda espalhadas no Brasil. Porém esse não é o problema da propaganda. O problema é: "poucas produções". Hoje não existe um grande mercado de trabalho esperando quem se forma. Isso é uma grande utopia. O mercado de trabalho vai ser feito pelos próprios profissionais.

Com tantas faculdades, o conteúdo do curso fica prejudicado?
Nelson Cadena – Não. O problema é que o foco da maioria das faculdades não é acadêmico, é financeiro. Esse é um problema da educação no Brasil e não só na universidade. O segundo problema está nos próprios currículos, que estão um pouco defasados em relação ao mercado. Na universidade o

problema não é tão grave, mas no segundo grau é. O aluno não é estimulado a pensar, não é estimulado a refletir. Ainda predomina aquela cultura do "decoreba" que vem de 30 anos atrás e que até hoje não foi superada no Brasil. E acho que vai demorar muito tempo para atingirmos uma cultura diferente em termos de currículo. Na universidade há um pouco mais de abertura, isso é até positivo, mas mesmo assim não está bom, poderiam se adequar mais ao mercado. O problema atual da universidade é que a maioria dos professores não está integrada ao mercado de trabalho. São apenas professores, tem uma referência passada e a área de comunicação é muito dinâmica, principalmente a área de propaganda. Então o professor ensina o que era básico há cinco ou dez anos atrás, mas que não é mais hoje. Esse é um dos grandes problemas, talvez o próprio preparo dos professores.

Na sua opinião, a publicidade na Bahia sofreu alguma mudança?

questão ética começou a ser discutida, e essa foi uma das grandes conquistas. Outra conquista foi a formatação como empresa das Agências de Propaganda, isso também melhorou muito. Antes as agências eram um pouco leigas com relação a isso. Os donos das agências não tinham visão de negócios e passaram a ter. As agências começaram a ser mais bem administradas, e por isso passaram a ter uma duração maior. Um outro ponto positivo foi a forma como as especializações foram se estabelecendo dentro das agências. Há vinte anos as pessoas tinham atividades diferentes, até pelo fato de não serem formadas. Hoje há especialização: mídia está focada na área de mídia, atendimento na área de atendimento. Com relação aos pontos negativos, houve queda de criatividade provocada pela saída de talentos de Salvador. A maioria, para o marketing político, que remunera bem. E essas pessoas acabaram abrindo suas próprias agências. Além disso, o mercado não conseguiu mais pagar, oferecer uma remuneração compatível com o mercado do sul. Com essa queda de remuneração, logicamente houve menos qualidade. Outro fator é que os grandes patrocinadores baianos desapareceram.

O senhor citaria profissionais que trabalharam com o senhor, ou até mesmo os que não trabalharam, que considera como exemplos?

Nelson Cadena – Eu não citaria por que a gente acaba cometendo uma injustiça. Queria ter uma boa memória para lembrar de todas as pessoas que foram importantes, porque muita gente contribuiu para o desenvolvimento da propaganda na Bahia. O importante é que hoje a propaganda é vista como profissão, isso foi uma grande conquista. A propaganda teve uma fase em que era considerada coisa de picareta. Os propagandistas têm culpa por isso, por que no Brasil os primeiros anúncios foram feitos para vender escravos. Então, no início, a propaganda era associada a isso. Depois ficou associada à loteria, por que a maioria dos anunciantes era constituída por lotéricas. Depois veio a propaganda que prevaleceu por mais de 70 anos, a propaganda de remédios, que não eram tão específicos como hoje. Um determinado remédio curava todas as doenças. As pessoas tinham um sentimento de que toda propaganda era enganosa, e esse sentimento perdurou durante muito tempo.

O senhor acha que a comunicação antes era melhor?

Nelson Cadena – Não, hoje é muito melhor em todos os sentidos. Apesar de questionar muito, do ponto de vista de conteúdo jornalístico, a imprensa é um pouco mais imparcial, quem fala mal não conhece como era antes. A comunicação está melhor em todos os sentidos. Hoje a imprensa é muito mais profissional.

A Internet é um desafio para a comunicação nos dias de hoje?

Nelson Cadena – Sem dúvida, a Internet é uma revolução e a gente ainda não consegue lidar com ela corretamente, não sabemos explorar todas as possibilidades que ela tem. É um grande veículo de comunicação, muito ágil. Mais ágil que qualquer outro. A Internet consegue informar mais rápido que o rádio e a televisão, além de ser bem mais democrático. Recentemente, a Inglaterra conseguiu impedir a veiculação nos jornais locais e nos demais da Europa um escândalo envolvendo o príncipe Charles, que teria sido flagrado por um mordomo em prática homossexual. Mas não conseguiu censurar a Internet. Essa é a grande vantagem da Internet, a democratização. E a desvantagem é a questão da responsabilidade pela informação e, em médio prazo, a Internet vai ter que lidar com isso. Muitas informações que circulam na Internet são irresponsáveis. Do ponto de vista de pesquisa, a Internet oferece

mais informações que qualquer biblioteca, mas você não tem garantia da qualidade das informações. São disseminados muitos boatos. Acho que a Internet vai chegar a ter dono. Daqui a 20 ou 30 anos a Internet vai ser dominada por quatro ou cinco proprietários que vão ditar as normas.

Quais são as vantagens e desvantagens de ser um publicitário?
Nelson Cadena – A vantagem é que você lida com uma coisa emocionante que é a comunicação. A desvantagem é que se criou um falso glamour em torno da profissão. Talvez o glamour seja a causa para tantas pessoas quererem fazer o Curso de Propaganda e Publicidade, o de maior demanda no Brasil.

O que o senhor acha da regulamentação, da exigência do diploma?
Nelson Cadena – Eu sempre fui contra a regulamentação de qualquer profissão, inclusive daquelas consideradas de risco como Medicina. Porém, eu sou suspeito para falar, pelo fato de não ser formado. Por um lado, eu acho necessário na medida em que regulamenta o mercado e, por outro lado, o mercado reconhece as pessoas que têm algum talento para uma ou outra coisa. Eu me sinto um pouco frustrado por ter a quantidade de matérias que eu já escrevi, a quantidade de trabalhos publicados e não ser registrado como jornalista e nunca ter ganho um centavo como jornalista.

Pancho Gomes

"As notícias que não interessam a um grupo econômico ou que afetem aos interesses de um jornal, jamais serão publicadas"

Entrevista concedida a Juliana Wândega Cardoso e a Márcia Luiza de Araújo Souza no 2ª semestre de 2003.

"Um jornalista na publicidade". É assim que se intitula Carlos César Franco Lima Gomes, mais conhecido como Pancho Gomes. Segundo o próprio, Pancho é o nome de guerra, que todos conheciam, e que por isso acabou sendo incorporado no seu registro civil. Natural de Salvador, esse virginiano de 56 anos, atualmente trabalha na Propeg. Jornalista por formação, e fumante inveterado como confessou enquanto contava sua história, trabalhou nos jornais *O Globo, Jornal do Brasil, A Tarde, Tribuna da Bahia* e em revistas como *Veja* e *IstoÉ*. Pancho Gomes integrou a equipe fundadora da *Tribuna da Bahia* sob o comando de Quintino Carvalho.

Poderia fazer uma breve retrospectiva sobre lugares onde trabalhou?
Pancho Gomes - Vai ser difícil ser breve! Sempre quis trabalhar com jornalismo. Meu tio-avô foi jornalista, Aristóteles Gomes. Depois veio meu pai, Pedro Gomes. Eu, além de ter afinidade com a leitura, gostava de escrever. E tinha muita facilidade. Desde muito cedo fui "foca" do *Jornal da Bahia*. Trabalhei ainda na *Veja*, no *Globo*, fui correspondente da *IstoÉ*, trabalhei no *A Tarde*. Depois de certo tempo decidi ir para França e, em seguida, para os Estados Unidos como bolsista, num programa que havia na Universidade de Harvard.

Fez alguma especialização fora do país?
Na França. Fiz um curso de Comunicação de Massa em Paris. Meu diretor de estudos era o Edgar Morin e conversamos algumas vezes. Ele não compreendia como os jovens com tantas solicitações de comunicação como havia no Brasil, seja para lidar com a estrutura, para lidar na área social, na área política, na política de militância, como é que alguém se dedicava a fazer

jornal para ser censurado, para ter o trabalho destruído. Achei que ele tinha razão e aí, quando voltei para o Brasil, busquei outro caminho e realmente trabalhei em vários lugares buscando este novo enfoque na comunicação. Na *IstoÉ*, trabalhei numa época como correspondente e em uma outra como contratado. Mais tarde resolvi trabalhar na área de propaganda e é isto que eu faço hoje. Tenho a paixão por agricultura também, e por conta disso e com a finalidade de levar informação técnica, de difundir tecnologia e extensão rural, fiz um jornal na TV Itapoan chamado "Jornal da Terra" e fiz também o "Jornal Rural da Bahia". Eu tenho uma vida tão longa neste sentido, passei por vários lugares.

Como foi sua experiência com na *Escolinha TB*?

Pancho Gomes – Eu ainda estudava no Colégio Central. O estágio era para *foca*. Naquele tempo, o jornalista era formado mesmo nas redações dos jornais. Eu soube que uma figura chamada Quintino Carvalho estava aqui na Bahia com a missão de criar um vespertino, a *Tribuna da Bahia*, e procurava pessoas para formar a redação do jornal. Através de uma amiga minha, fui até ele. Por sorte, fui a primeira pessoa incorporada ao projeto. No início não tínhamos nem mesmo um lugar onde ficar. Mesmo assim, nos reuníamos em qualquer lugar. Saíamos de escola em escola arregimentando jovens universitários que tivessem interesse em trabalhar no jornal. A idéia era que, a partir deste grupo, se fizesse a seleção do pessoal que seria, digamos assim, a base deste jornal. E assim foi feito. Depois de algum tempo, alugou-se uma sala na Rua Portugal, no Comércio. A partir de então, começaram a chegar os primeiros universitários que iam, aos poucos, sendo incorporados ao grupo, depois de uma pequena entrevista que o Quintino fazia e eu acompanhava.

Como se deu a seleção e o treinamento das pessoas?

Pancho Gomes – O pessoal vinha chegando e criamos uma espécie de escola [1968]. Foi aí que começou o processo de escolha, para ver quem é que tinha realmente a tendência para o negócio. Quintino convidava pessoas que tinham um envolvimento com várias áreas da comunidade, tais como segurança pública, saúde, cultura, educação e economia... Estas pessoas falavam

para o grupo de estudantes como fontes e diziam também o que esperavam de um jornalista. Esse treinamento e seleção de pessoal durou algum tempo. Fui para o Rio de Janeiro fazer um estágio no *Jornal do Brasil*. Nesse meio tempo houve um imprevisto. Uma greve no Porto de Nova York atrasou a chegada das máquinas impressoras da *Tribuna*. Então a publicação do jornal demorou mais tempo. Quando isto aconteceu [em 1969], já existia a sede na Djalma Dutra, onde o jornal está até hoje. E lá continuamos este processo de aprendizagem. Começamos a fazer os primeiros jornais e fazíamos como se o jornal fosse sair, embora não pudesse, já que não tinha máquina nem papel. Quando eu voltei do Rio, ainda nesse impasse, fui chamado para trabalhar no *Jornal do Brasil*, onde eu tinha feito estágio. Disse que só aceitava se fosse em Salvador, por ter esse compromisso e também interesse em participar da criação de um jornal, algo que não acontecia todo dia. Seria uma boa experiência para minha formação. Foi possível. Comecei a trabalhar no *Jornal do Brasil* e continuei na *Tribuna da Bahia*, aguardando a montagem da impressora.

Como foi a movimentação no jornal com a chegada das máquinas?

Pancho Gomes – Quando a greve do Porto de Nova York terminou, as máquinas foram liberadas. Houve uma grande movimentação e alegria no grupo. Era o sonho se tornando realidade em meio a todas aquelas peças e parafusos... Mal as máquinas ficaram prontas, Elmano Castro, que era o dono do jornal, achou de enfiar a mão lá na impressora e quase perde a tal da mão. Assim levamos até o mês de outubro de 1969, quando o jornal foi lançado com uma proposta visual inteiramente nova: grandes fotos na primeira página, o primeiro jornal a ser feito em *offset*, com paginação ousada para os padrões da época. E nova linguagem. Isso porque, durante o período de aprendizagem, buscamos uma saída para aquela mesmice dos jornais de até então: evitando aqueles jargões, a linguagem pesada e velha. Aprendemos a trabalhar melhor com as palavras. Criamos, na época, um folhetozinho [um manual de redação], que se chamava *Escolinha TB*, que reunia as principais orientações, as regras básicas da *Tribuna da Bahia*. Mais tarde, muitos anos depois, os jornais fizeram isso de uma forma muito mais ampliada. Aquilo foi legal, fomos pioneiros. Era sucinto, mas tinha conteúdo, tinha o que importava mesmo.

Como foi na época da ditadura? Era muito difícil driblar a censura?
Pancho Gomes – No início do *Tribuna*, vivíamos sob a ditadura militar. Então, além de saber escrever, editar e de saber trabalhar no jornal, a gente tinha que aprender a escrever de uma forma que a censura não cortasse, para a gente não perder o trabalho. Com o tempo aprendemos a escrever nas entrelinhas.

E sua experiência na criação da Jecom, em Camaçari?
Pancho Gomes – Em Camaçari, instalei um negócio chamado Jecom – Junta Executiva de Comunicação –, que criamos, de certa forma, para preparar a cidade para receber o Pólo Petroquímico. Tínhamos que orientar as pessoas que chegavam de todos os lugares atraídos pelo emprego. Havia uma falta de identidade na cidade, que antes era um balneário. De repente Camaçari foi invadida por um coquetel de trabalhadores de todos os lugares e níveis, engenheiros, técnicos e operários... Era aquela barafunda.

E como se viu nessa nova etapa da sua vida?
Pancho Gomes – Foi ótimo. Criamos também um jornal volante, que era fantástico. Um jornal com bocas de alto falante, que fazia uma resenha diária do município, nos lugares que passava. Depois o negócio evoluiu e eu anexei ao carro, um gravador. Nos locais onde o carro chegava, as pessoas diziam suas necessidades e a gente levava para a Jecom. Procurávamos uma solução política e administrativa direta, de uma maneira direta: sem passar pela prancheta dos arquitetos nem pelas máquinas calculadoras dos economistas. Isso teve uma repercussão muito grande. Fora isso, tínhamos uma série de outros meios, outras mídias, um leque muito grande de alternativas.

O senhor atribui o surgimento da imprensa alternativa à ditadura?
Pancho Gomes – Eu não atribuo o surgimento da imprensa alternativa à ditadura porque ela existe em todos os lugares. Na França você encontra vários tipos de jornais alternativos. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, encontra também. Isso aí é um processo de desdobramento da imprensa. Na hora em que a cultura se torna plural, a sociedade cresce e as necessidades de comunicação também se multiplicam, surgem também veículos para

preencher vazios. Eu discordo que os jornais nanicos, como se chamava na época, surgiram em decorrência da ditadura. Eles surgiram em decorrência da necessidade da sociedade. Eles tinham também este trabalho de instigar, mas a necessidade de superar a ditadura é apenas um vetor. Acho que esta imprensa alternativa era uma tendência mundial. Com os nanicos, a censura funcionava diferente, ao invés de colocar censor, ela pegava toda edição e tirava o jornal de circulação. A gente trabalhava com a consciência de tratar as coisas de uma forma mais palatável. Todos os jornalistas da época se acostumaram a este malabarismo: exercer o jornalismo sem confrontar. Fazer de uma maneira subliminar, passar tudo que precisava passar pelas entrelinhas. Você trabalhava assim, mas no caso das sucursais não, porque lá na sede tinham censores. Mas aqui, nos jornais locais não tínhamos censor dentro do jornal, mas recebíamos as proibições por escrito. Inclusive, um colega nosso, Paolo Marconi, que mais tarde veio a ser secretário de comunicação do governo do estado, fez um livro sobre a censura [*A censura política na imprensa brasileira: 1968-1978*] a partir das proibições escritas, enviadas pela Polícia Federal para os jornais. Ele guardou estas proibições e escreveu este livro importante.

Existe censura hoje?
Pancho Gomes – A censura sempre há. Por interesse econômico por interesses culturais. Há sempre censura, e até as coisas que são pagas, como as propagandas, são submetidas à censura, mas é uma censura difusa, não se trata mais de um censor. As notícias que não interessam a um grupo econômico ou que afetam os interesses de um jornal – jamais serão publicadas. Hoje, a Internet é mais difusa, é mais difícil de censurar. Se uma página não dá, a outra dá, e assim se multiplica a cada dia e fica impossível você controlar.

Que mudanças aconteceram nos últimos anos no setor das comunicações?
Pancho Gomes – A mudança foi proporcional aos avanços tecnológicos. Hoje você tem um veículo chamado Internet, com cobertura planetária, instantânea, no qual você encontra o texto, a imagem e o som. Isso foi uma evolução fantástica. Na minha época havia a televisão, mas ainda era uma

coisa incipiente. A Rede Globo mal estava se formando. Não havia ainda esta coisa massiva que é hoje, que pasteuriza a cultura brasileira. Havia o rádio, mas o rádio sempre foi muito fragmentado. Então isso aí, a Internet é uma mudança e uma saída fantástica para o futuro das comunicações. Cabe aos jornais fazer uma análise profunda, porque a Internet está mudando não só os jornais. Está mudando os leitores também. O leitor mudou muito a partir da Internet. Agora ele está mais exigente, porque conheceu uma coisa chamada interatividade, que é possível na Internet.

Qual diferença entre a notícia veiculada no jornal impresso e na Internet?
Pancho Gomes – No jornal, se trata de uma coisa palpável, que você pode pegar e montar. O jornal trás a credibilidade, a porta de entrada é a credibilidade. O jornal deve se espelhar na credibilidade. No jornal você tem a quem cobrar, tem um expediente, tem um diretor, tem um telefone. Esta é a grande vantagem do jornal.

O que mudou na imprensa baiana nos últimos anos?
Pancho Gomes – Infelizmente, nos últimos trinta anos, continua tudo a mesma coisa: tem a *Tribuna da Bahia* que está procurando renascer. Tem o *Correio da Bahia*, que sofre com o pecado original de pertencer a um grupo político. Por mais que o jornal seja bem feito, seja bem formatado, e ele é, a tendência do público é olhar o *Correio* como se fosse um *house-organ*, entendeu? Tem o *A Tarde,* um jornal com mais de 90 anos, que poderia estar à frente de certas mudanças e no entanto não está consolidado. Agora mesmo, recentemente, teve um novo diretor de redação [Ricardo Noblat, em 2002-2003], que fez algumas mudanças, mas as coisas se atropelaram e voltou praticamente ao que era. Fora isso, se você chegar a Pernambuco, você tem vários jornais, se chegar ao Rio Grande do Sul tem vários jornais, várias revistas, várias alternativas. Alagoas tem mais jornal que na Bahia!

E o mercado de trabalho baiano?
Pancho Gomes – Acho que a Bahia não teve muita sorte em relação a isso. O mercado de trabalho é hiper-restrito em termo de jornal, o que não quer

dizer que jornalista só tenha jornal para trabalhar. Se ele souber descobrir, tem um campo muito amplo para o profissional de comunicação. O jornalista hoje deve ser considerado um profissional de comunicação, não apenas escrever para um jornal, até porque se fosse formar este povo todo para ser jornalista, ia morrer todo mundo de fome porque não temos jornais para todos.

Quem foram os grandes jornalistas com os quais o senhor trabalhou?
Pancho Gomes – O próprio Quintino de Carvalho.

Sua experiência mais significativa foi na *Tribuna*?
Pancho Gomes – Existencialmente foi a *Tribuna da Bahia* porque era uma coisa inteiramente nova, era uma experiência. Eu era muito jovem, tudo aquilo acontecia como um turbilhão de novidades para mim. No *Jornal do Brasil,* quando eu entrei, já existia uma estrutura formada há décadas e décadas, e minha participação era muito pequena, enquanto na *Tribuna,* nós estávamos fazendo aquilo ali com as nossas próprias mãos, coragem, interesse e entusiasmo juvenil.

Paolo Marconi

"O jornal existe em função do leitor"

Entrevista concedida a Denise Correia e Renata Hirsch em novembro de 2003.

Paolo Marconi, que é diplomado em Jornalismo pela UFBA – Universidade Federal da Bahia – em 1971, começou a trabalhar no jornal *Tribuna da Bahia* quando ainda estava na faculdade, em 1968. Integrou a primeira equipe de jornalistas do jornal, a chamada *Escolinha TB*. Paolo ficou na *Tribuna da Bahia* até o início de 1970. Ainda aluno de Jornalismo, foi para a sucursal do *Jornal do Brasil*, em Salvador, cujo chefe era seu professor, Florisvaldo Mattos. Em 1972 saiu do *Jornal do Brasil* e foi ser repórter especial na sucursal da revista *Veja*. Em 1974 ganhou uma bolsa de estudos do governo francês e foi estudar na Sorbonne, em Paris, tendo como tema a censura à imprensa brasileira. Um ano e meio depois, ao retornar ao Brasil, voltou a trabalhar na revista *Veja*, e ali permaneceu até 1977, quando pediu demissão para escrever um livro sobre a censura exercida pelos governos militares pós-1964. Publicado o livro *A censura política na Imprensa brasileira: 1968/1978* (Global Editora) ficou difícil para Paolo Marconi retornar ao mercado de trabalho, pois os chamados grandes jornais e revistas não foram poupados em seu livro. O livro revela complacência e conivência com a censura policial. Pouco antes de passar a trabalhar no que ele chama de "Jornalismo Público", em 1981, foi correspondente do jornal diário *A República*, criado por Mino Carta. Hoje Paolo Marconi exerce a função de conselheiro no Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia.

Para o senhor o que é Jornalismo?

Paolo Marconi - Sempre fui uma pessoa muito curiosa, sempre quis saber das coisas, nunca aceitei prato feito, cargo pronto. Acho que o Jornalismo é isso, inconformismo, curiosidade. Curiosidade, mas sabendo que a informação

tem que ser clara. Não tem porque determinada pessoa, determinado grupo deter a informação em detrimento de outros. Jornalismo é você expor, botar para fora, tornar visível tudo aquilo que está guardado. Sem chegar ao extremo a que chegou Lord Northcliffe, figura exponencial na história do tradicional *The Times,* de Londres. Dizia textualmente: "notícia é tudo aquilo que alguém tem em algum lugar e quer manter oculto. O resto não passa de propaganda". Concordo parcialmente com ele. É uma posição um tanto quanto exagerada, mas compreensível. Como repórter, tentei ser o mais isento e "furão" possível dentro da capacidade de cada um, e deixar de lado a parte ideológica que cada um carrega dentro de si. Nunca admiti que alguém tentasse fazer minha cabeça, nem partido político, igreja, ou professor. Nunca tive receio das sempre presentes patrulhas ideológicas. Como jornalista sempre pensei assim: eu apuro e apresento o fato; o leitor que tire sua conclusão. Simples assim.

O senhor poderia nos relatar sua experiência no *Tribuna da Bahia*?

Paolo Marconi – Eu tive a sorte de, em 1968, quando cursava o primeiro ano do curso de Jornalismo da UFBA, um grupo econômico decidiu criar a *Tribuna da Bahia*. O redator-chefe, Quintino de Carvalho, decidiu, corajosamente para a época, convocar jovens estudantes inexperientes dos cursos de Jornalismo, de Filosofia e de Direito. Pessoas que não tinham absolutamente nada com o jornal, a não ser a vocação e o entusiasmo próprio da idade. Eu estava começando o curso de Jornalismo, já lia todos os jornais, quando me chamaram para treinar no que ficou conhecido como a *Escolinha TB*. Escolinha para ensinar a gente a fazer jornal, a aprender na prática a ser jornalista. Uma coisa muito interessante é que Quintino de Carvalho foi impar na sua disposição de nos incutir o lado ético da profissão. Hoje não se discute mais ética. Publica-se qualquer coisa. As associações de imprensa não debatem ética, o sindicato muito menos, as atuais escolas de comunicação – que são muitas – não sei se dão o devido destaque para esta questão básica. Mas na época, para quem estava começando, discutir a ética profissional do jornalista foi muito bom e há, até hoje, evidências de que estes ensinamentos foram bem assimilados. A *Escolinha TB* ensinava que a gente tinha que ser absolutamente honestos na profissão; não podia picaretar nem angariar

anúncios publicitários para o jornal. Você, enquanto jornalista, não pode receber favores ou presentes das fontes, nem acumular a atividade de jornalista com a de assessor de imprensa, senão se compromete, perde a credibilidade etc. Quintino, botou isso na cabeça da gente. Essa *Escolinha TB* começou em 1968 e o jornal só começou a ir às bancas em 21 de outubro de 1969. Foi minha primeira experiência profissional. Foi muito interessante e gratificante, embora ao longo da atividade profissional a gente constata que o discurso nem sempre acompanha a prática.

Por quanto tempo o senhor ficou na *Tribuna da Bahia* e por que saiu?
Paolo Marconi – O jornal começou a circular no dia 21 de outubro de 1969, e eu fiquei até março de 1970. Depois de ter passado pela *Escolinha TB* e outro tempo no jornal, queria um pouco mais. Um dia me mandaram cobrir uma exposição agropecuária em Jequié. Até aí tudo bem, repórter de geral faz tudo. Mas quando disseram que eu iria no carro da Secretaria da Agricultura, questionei dizendo que não era certo aceitar favores da fonte, por sinal um dos ensinamentos do nosso treinamento. "A *Tribuna* não tem dinheiro para mandar você para Jequié, você vai de carro, com o secretário", disseram. Eu disse que não ia e o caso foi levado à instância superior, no caso Quintino de Carvalho, figura fantástica. Ele ponderou comigo não poder desautorizar o então chefe de reportagem, por uma questão de disciplina e hierarquia; disse que eu deveria ir em companhia do secretário da Agricultura. Não aceitei e fui demitido. Ganhava 300 cruzeiros por mês, sendo que só a metade registrada na Carteira de Trabalho. Com a demissão regularizaram esta irregularidade.

De Quintino de Carvalho, qual a maior contribuição para o Jornalismo?
Paolo Marconi – Quintino foi marcante para mim e acredito que para todos que na época trabalharam na *Tribuna da Bahia*. Quintino foi uma figura marcante porque arejou o Jornalismo baiano. E teve a ousadia e a inteligência de pegar gente nova, sem nenhum vício. Nenhum de nós estava contaminado. Pena que morreu cedo.

Como o senhor entrou no *Jornal do Brasil*?
Paolo Marconi – Florisvaldo Mattos, meu professor na Faculdade de

Jornalismo, era chefe da sucursal do *Jornal do Brasil* na época em que as sucursais dos jornais do sul tinham vários repórteres, ao contrário de hoje que sequer tem um solitário correspondente. Naquela época cada sucursal tinha de três a cinco repórteres. Florisvaldo Mattos era meu professor e eu ficava falando para ele, insistentemente: "Professor, eu quero fazer estágio no jornal, eu quero, eu vou até de graça". Eu queria realmente sair um pouco, ampliar o horizonte, até que ele, talvez já cansado da minha insistência, pediu que eu fizesse uma matéria sobre o Mercado Modelo que estava sendo reativado depois de ter incendiado: "Tá, faz uma matéria sobre isso para o Caderno de Turismo do *JB*". A matéria sobre o novo mercado foi publicada e eu virei repórter do *Jornal do Brasil*.

Em sua opinião, como se deu a evolução da imprensa baiana?
Paolo Marconi – Posso falar por experiência somente a partir de 1968. Os jornais investiam mais em gente, pagavam melhor, davam mais condições de trabalho, faziam mais reportagens. Eu mesmo fiz várias viagens, conheci a Bahia quase toda fazendo matérias de página inteira para o *Jornal do Brasil*, como para a revista *Veja*. Estes órgãos bancavam tudo, quando havia um assunto interessante, mandavam a gente viajar. Eu cansei de ficar uma semana viajando. Hoje ninguém investe mais, com raríssimas exceções, sempre em nome da redução de custos e maiores lucros. Depois que implantaram Discagem Direta à Distância (DDD), por exemplo, ninguém mais cobre a seca. Cobrir seca hoje é por telefone. Pegam o telefone daqui, ligam para o prefeito ou qualquer outra pessoa do município e perguntam como está a seca. Naquela época fazia-se reportagem no dia-a-dia. Hoje na imprensa baiana há uma exceção, ainda que pontual, que é o *Correio da Bahia*, com o "Correio Repórter" [um suplemento semanal], que é puro Jornalismo, reportagem pra valer, mas que não é coisa do dia-a-dia. Então a imprensa está mais para involução que para evolução. Por outro lado, o mercado de trabalho hoje está cada vez mais fechado. Os jornais estão investindo menos na formação do profissional, estão muito comodistas, querem pegar o jornalista pronto. É fato que existem as Escolas de Comunicação e espera-se que o profissional já saia pronto, mas isso é difícil. Os jornais não investem mais em cursos, em aprimoramento. Os adeptos da teoria da

conspiração poderiam até achar que se trata de um complô, porque não interessa pra eles [os jornais] ter profissionais bem informados. Quanto mais o profissional for informado e preparado, mais ciente de seus direitos e fatalmente será menos passivo, e mais reivindicador. Os patrões preferem profissionais dóceis, fáceis de manobrar, que aceitam bovinamente todas as ordens repassadas. Não sabem, ou teimam em não saber, que a essência do jornalista é justamente ser crítico, cobrador, a antítese do acomodado. Os jornais hoje pagam uma miséria e o jornalista tem que se virar pra trabalhar fora. Evidentemente não vai trabalhar em outro jornal, que é concorrência, só sobra assessoria de imprensa. E aí eu acho que gera um conflito muito grande, trabalhar em uma assessoria de imprensa e ao mesmo tempo trabalhar em um jornal. Em algum momento, provavelmente, vai entrar em choque, ou o jornalista ou o assessor de imprensa. Alguém vai sair perdendo, e certamente sempre é o leitor, para quem, em tese, o jornal é produzido. Os jornais, na minha visão, deveriam pagar decentemente ao pessoal que contrata. O ideal, e isso já é praticado por grande parte dos jornais no Rio e São Paulo, é ter jornalistas bem remunerados, trabalhando exclusivamente para o jornal. Com isso seguramente o produto oferecido nas bancas será bem melhor. Também vejo hoje uma perigosa promiscuidade entre o que é Jornalismo, o que é entretenimento, o que é descaradamente comercial. A gente detecta bem isso em nossa chamada indústria cultural, com destaque especial para a produção musical. Essa é uma grande involução. Leio todos os jornais todo dia, acompanho e realmente me preocupa muito o fato de nem sempre estar bem caracterizado o que é notícia. É o espaço jornalístico vendido desavergonhadamente. Sem querer ser muito pessimista, eu não gostaria que um filho meu quisesse ser jornalista na Bahia. Primeiro, por que a formação aqui não é boa, segundo, por que o mercado de trabalho é péssimo e só tende a piorar. Muitos de meus colegas de profissão, excelentes jornalistas, sérios, honestos, éticos ainda hoje são obrigados a trabalhar em dois ou três lugares para ganhar apenas o suficiente para viver. Muitos sequer conseguiram comprar a casa própria depois de trabalharem por dezenas de anos. Já os picaretas...

Por que o senhor disse que os jornais hoje são muito acomodados?
Paolo Marconi - Por tudo que já disse antes. Falta aos proprietários de

comunicação um mínimo de preocupação com sua função social. Não há questionamentos nem cobrança. Por isso mesmo é que sua tiragem está em declínio. Em alguns países da Europa quando um jornalista é contratado para trabalhar em órgãos da imprensa, tem o respaldo da cláusula de consciência que preserva seu direito de não ser obrigado a escrever algo que vai contra os seus princípios ou contra o bem comum. Esse aspecto ético me preocupa muito, como também me preocupa a completa inação, o paradeiro total dos órgãos que representam ou deveriam representar os jornalistas. A ABI, o Sindicato e as Escolas de Comunicação não discutem isso. Lamentavelmente, todos os dias, vemos exemplos e mais exemplos de irresponsabilidade.

O senhor escreveu o livro *A censura política na Imprensa brasileira*. Diria que o Jornalismo de hoje é reflexo da censura?
Paolo Marconi – Só se for como desculpa. No meu livro eu provoco, pergunto o que é pior, se a censura policial ou a censura patronal, de classe, aquela exercida na surdina, já banalizada e internalizada. A censura policial é de um determinado momento histórico, pode durar um ano, dois ou quatro anos, mas depois acaba. A discussão tem que ser mais profunda, de raiz, pois ela é praticada no dia-a-dia nas redações pelos mais diversos motivos – nenhum, com certeza, em nome ou benefício do conjunto da sociedade. Essa censura é pior por não causar escândalo nem revolta. É silenciosa, sorrateira, disfarçada. Tudo bem, é uma violência a polícia política da ditadura – não importa qual, se de esquerda ou direita, se é que ainda são válidas estas qualificações – mandar bilhetinhos proibindo determinada notícia ou colocar censores nas redações para garantir o cumprimento das proibições. Mais escandaloso, por que banalizada e rotineira, é publicar notícias inverídicas ou deixar de publicar outras tantas por interesses singulares, econômicos ou políticos.

O que o Golpe de 1964 representou para a imprensa?
Paolo Marconi – Numa perspectiva histórica foi uma repetição ampliada de algo que já ocorreu na história da imprensa brasileira. Antes de 1964, a censura mais duradoura foi a do Estado Novo, a ditadura de Vargas, exercida

pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). A de 64 durou cerca de 10 anos, mas não pode ser usada como desculpa para justificar os defeitos da imprensa atual.

E a censura na Bahia, teve alguma repercussão?

Paolo Marconi – Teve. A censura existiu em todos os Estados. Em alguns, que não a Bahia, jornais se rebelaram, daí sofrerem censura prévia, com a presença de policiais nas redações. Eu até cito no meu livro a posição de quatro diretores de jornais baianos que, em 1972, não demonstraram nenhum desconforto em garantir ao comandante da VI Região Militar que os jornais daqui sempre acataram a censura, sempre em nome dos altos interesses da Segurança Nacional. Houve exemplos, país afora, de grande coragem e dignidade na resistência ao arbítrio. Surgiu, por causa mesmo da censura, a chamada imprensa nanica, ou alternativa, que era um verdadeiro calo no coturno dos generais. A resistência só não foi maior por causa dos proprietários dos meios de comunicação. Sempre que eles deram folga, os jornalistas aproveitaram, e bem, para fazer a notícia circular.

Quando o senhor morou na França, o que observou de mais marcante entre os jornais de lá e os daqui?

Paolo Marconi – Primeiro era a circulação de idéias que era total, não tinha censura. Depois a profundidade dos assuntos. Lá eu não trabalhei em jornal, eu era o leitor de jornal. Então eu lia o jornal *Le Monde*, o meu orientador da tese trabalhava nele. Por sinal ele mesmo, Pierre Viansonn-Ponté, também sofreu com a censura nazista, quando os alemães invadiram a França, durante a Segunda Guerra Mundial. É destacável a seriedade com que eles tratavam os assuntos, diferentemente do que se vê na Bahia: a falta de compromisso com o leitor. O jornal existe em função leitor, entretanto parece que é no leitor que o jornal menos pensa e se preocupa, tantos são os interesses em jogo.

O senhor poderia nos falar um pouco sobre a linha editorial dos jornais daqui da Bahia?

Paolo Marconi – Os jornais aqui nunca tiveram uma linha editorial definida, não existe um manual dos jornais aqui na Bahia como o manual da *Folha de S. Paulo*, que mostra todos os procedimentos para seus repórteres. Na Bahia não tem nenhum jornal que faça isso. O único que tem uma linha editorial claramente definida na parte política é o *Correio da Bahia*. Os outros não têm. Seguem o movimento das marés.

O senhor lembra de algum caso pessoal relacionado à censura?

Paolo Marconi – Matérias que eu fazia e que foram censuradas na revista *Veja*, algumas, mas nada digno de registro, era coisa de rotina mesmo. Então o que a gente fazia: se uma matéria era censurada em tal lugar, vamos ver onde a gente pode divulgar essa matéria. E a gente mandava para jornais alternativos. Para o jornal *Opinião*, o jornal *Movimento*, o *Coojornal*, de Porto Alegre, ou para publicações da própria igreja, como a *Revista do CEAS*, dos jesuítas da Bahia, sempre com a intenção de que a informação proibida pela polícia circulasse. Vale lembrar que ainda não existia a Internet.

O senhor é feliz com o que faz hoje?

Paolo Marconi – Sou, mas com muita saudade da época em que eu trabalhava como jornalista, a profissão que eu escolhi e que até hoje me norteia. Vivi de 1969 até 1980 no Jornalismo, diário ou semanal. Mas seria impossível continuar. Eu nunca quis sair da Bahia para trabalhar em São Paulo, onde o mercado de trabalho é diferente. Aqui, o horizonte da profissão era e hoje é ainda mais limitado. Alguém que queira alçar um vôo mais alto, buscar uma perspectiva e satisfação profissional mais decente, alguém que é um pouco mais inquieto, tem que sair daqui, caso contrário vai ficar frustrado e mal pago.

Dizem que o Jornalismo é o quarto poder. O senhor concorda?

Paolo Marconi – Isso é um mito muito grande. O Jornalismo tem um papel de destaque, acho até que teve mais. A gente vê o quanto a imprensa nacional influencia, eu diria positivamente, em 99% dos casos, quando ela leva a sério o papel de fiscal do governo. Hoje você pega os grandes jornais do país, os três maiores, *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo* e imagina que eles têm bastante poder. Mas é um poder para influenciar apenas

os formadores de opinião, apenas aqueles que se deixam influenciar. E para denunciar, às vezes cometendo excessos terríveis, mas é melhor ter uma imprensa que peque por excesso do que por omissão. O principal é que a informação seja disponibilizada.

Na opinião do senhor, a Internet é um novo desafio para o Jornalismo?
Paolo Marconi – Jornalismo é informação, vale por telefone, por carta, por jornal, TV ou rádio ou pela Internet A Internet, eu acho, é o maior exemplo de democratização da informação que pode haver. Se ela existisse antes, dificilmente a censura da ditadura militar prosperaria. Mas Internet é apenas um meio, tem que ter conteúdo. Não adianta você fazer um jornal todo bonitinho, colorido e sem conteúdo. Vai ser uma coisa falsa, mentirosa. O meio de informação mais conseqüente é aquele que tem mais informação, verdadeira – lógico. A Internet como meio é fantástica, é muito democrática.

O que o senhor acha da obrigatoriedade do diploma?
Paolo Marconi – Eu já fui mais radical. Quando trabalhava em jornal, achava que todo mundo tinha que passar pela faculdade. Hoje acho que pode ter gente de outras profissões. Ser jornalista é ter pique próprio, vocação, gosto, seriedade, cultura, informação. Ter, sobretudo, honestidade. Limitar que o exercício do Jornalismo a quem se formou em Jornalismo, hoje eu acho muito exagerado. Pode ser mais aberto, pode ter gente que se formou em Direito, Ciências Humanas, porque a parte técnica a gente aprende rápido, num curso de seis meses. A *Escolinha TB*, por exemplo, não pegou só jornalista, pegou estudantes de vários cursos da Universidade e saiu gente ótima. Tem que ser bom. Ter cultura, ter uma visão mais geral para saber repassar.

Do seu ponto de vista, o estudante de Jornalismo deve estagiar?
Paolo Marconi – Estagiar é bom, seja na *Tribuna* ou em qualquer outro jornal. Estagiar é importante para que o estudante tenha logo consciência da profissão e contato com a realidade do mercado. Para não haver frustrações futuras, nem se sentir ludibriado por uma imagem enganosa. Aliás, a proliferação de faculdades de Comunicação formando carradas de pessoas para um mercado

de trabalho estagnado, é de uma irresponsabilidade inominável.

O que está faltando no Jornalismo baiano nos dias de hoje?
Paolo Marconi – Acho que investimento, mão-de-obra, informação e falta discussão ética. Falta uma reflexão sobre a profissão. Aqui na Bahia não tem isso, não há esse tipo de discussão. É muito ruim para você estudante estar lá na Faculdade e ensinarem aquela fantasia toda. O certo é ensinar o que vão encontrar e sentir na prática. Muitas vezes a gente entra no mercado de trabalho esperando uma coisa e quebra a cara. E quando entram preocupações éticas, e elas devem estar sempre presentes, sofre-se mais ainda.

Que vantagens e desvantagens tem um estudante de Jornalismo para enfrentar o atual mercado de trabalho?
Paolo Marconi – A vantagem é que vai fazer o que gosta, porque remuneração adequada não vai ter. A satisfação profissional provavelmente não vai ser boa, se você for minimamente exigente. Se o estudante se contenta com pouco, se for acomodado, então tudo bem. Jornalismo é uma profissão muito gostosa e séria para quem tem vocação. É uma profissão muito rica para estar tão pouco valorizada. É uma pena.

Perfilino Neto

"A censura nos meios de comunicação nunca deixou e nem vai deixar de existir"

Entrevista concedida a Vanessa de Assis e Maíra Fixina do Carmo, no dia 27 de outubro de 2003.

Diplomado em Direito, Perfilino Eugênio Ferreira Neto, 62 anos, baiano de Juazeiro, traz uma paixão de adolescente que dura até hoje. A paixão nasceu na década de 1950. Quando entrou para a Rádio Cultura, lá permaneceu aproximadamente 40 anos, começou a reunir um acervo invejável de discos, fitas, gravações, documentos, textos e equipamentos. Em sua bagagem profissional constam vários prêmios e troféus. Trabalhando no resgate de gêneros como o chorinho, acabou conquistando juntamente com a Rádio Educadora, o Prêmio Internacional de Xangai, da Rádio Xangai. Perfilino, que trabalha na Rádio Educadora há 25 anos, já fez de tudo e foi tudo dentro de uma emissora, de rádio-escuta e operador a coordenador da emissora. Pesquisador compulsivo e incansável, é o tipo de pessoa que se não existisse faria falta ao rádio. Ele afirma que "o rádio mexe muito com a imaginação. Tem o poder de sensibilizar e de fazer a cabeça da galera. Então, por causa disso, o radialista tem muita responsabilidade em suas mãos".

Como se deu sua opção por Jornalismo?

Perfilino Neto - Sou formado em Direito e encontrei no Jornalismo a minha realização profissional. Consegui o registro como jornalista profissional e abracei definitivamente o Jornalismo. Minha paixão pelo Jornalismo começou quando tinha apenas 12 anos, quando me interessei por rádio. Tive a felicidade de pertencer a uma época em que o rádio tinha noticiário de hora em hora, na fase do jornal falado, das edições do "Repórter Esso". O período era de opressão no país, com a mudança do governo, conseqüência da morte de Getúlio Vargas. A morte de Getúlio, que ocorreu em agosto de 1954, foi um fato que chamou atenção do País. A nação entrou em comoção e as emissoras de rádio, principalmente a

Rádio Nacional, que tinha o "Repórter Esso", cobriam os principais acontecimentos, tanto antes como depois da morte do então presidente da República. Meu pai escutava muito o rádio, em especial a Rádio Nacional, que teve grande penetração com seus noticiários, adotando posturas éticas com a notícia e os ouvintes, e despertou meu interesse pelo Jornalismo. A televisão, apesar de ter chegado em setembro de 1950, era inexistente para o Norte e Nordeste Brasileiro. O rádio dominava sozinho, principalmente as emissoras do sul, como a Rádio Nacional e a Rádio Tupy, no Rio de Janeiro e, em São Paulo, a Rádio Bandeirantes, a Rádio Tupy de São Paulo e a Rádio Nacional de São Paulo. Aqui na Bahia já existiam emissoras importantes, a exemplo da Excelsior, da Sociedade e da Cultura, mas tinham seus noticiários bastante resumidos em relação aos das emissoras do sul. As emissoras baianas desenvolviam seus trabalhos através da "rádio-escuta", que funcionava da seguinte maneira: escutávamos os noticiários das emissoras do sul e uma hora depois, essas mesmas notícias eram divulgadas pelas emissoras daqui, mescladas com algumas notícias locais ligadas ao governo do estado ou uma nota policial.

Qual o papel do profissional do rádio?

Perfilino Neto - O radialista tem que ter muita responsabilidade antes de abrir a boca no microfone, por que ele é um profissional formador de opinião; tem que pensar no que vai dizer e não aconselho a nenhum radialista usar o microfone sem antes redigir. Acho necessário redigir, mesmo que venha a improvisar em cima do texto; é preciso ter um roteiro e refletir o que vai dizer. O rádio é um veículo que está em todo lugar. Recordo que a televisão usou como marketing a frase: "uma imagem vale mais que mil palavras". Ney Gonçalves Dias, um radialista "doente" como eu, ficou arrasado com essa jogada de marketing da televisão. Em outras palavras, queriam dizer que o rádio como veículo não tinha condições de competir com a televisão. Uma semana depois Ney entrou de férias e na França, encontrou a frase antídoto para valorizar o rádio: "Tudo que entra pelo ouvido vai direto ao coração".

Descreva sua trajetória profissional como jornalista.

Perfilino Neto - Estava cursando o ginásio, quando passei a trabalhar na Rádio

Cultura da Bahia, em 1959. Como gostava da apuração da notícia, do desenvolvimento da notícia no rádio, passei a trabalhar como "rádio-escuta". Escutava as emissoras, tanto do Sul quanto do exterior, para reproduzir as notícias, isso depois de enxugar os textos, dar forma mais elaborada e caráter local. As notícias iam para grande "Jornal Falado Cultura", um noticiário que começava as sete e terminava às oito horas da manhã. Ia ao ar novamente à noite, mais precisamente às 22 horas. Eu chegava a rádio às cinco horas da manhã, para preparar esse jornal e acabei por me envolver totalmente com o Jornalismo. Ao mesmo tempo, trabalhei no *Diário de Notícias* e no *Estado da Bahia*, que me deram mais experiência na construção e organização voltada para o Jornalismo impresso. Eram dois veículos de comunicação ligados aos Diários e Emissoras Associadas que havia na Bahia: o rádio e o jornal. Posteriormente, nos anos 1960, os jornais e emissoras associadas inauguraram, aqui na Bahia, a TV Itapoan. Tenho colunas publicadas no jornal *A Tarde*, *Correio da Bahia, Tribuna da Bahia, Diário de Notícias, Destaque, Jornal da Cidade*, dentre outros. Tenho várias matérias importantes para mim, como *Rádio: 70 anos no ar* e várias sobre Música Popular Brasileira.

Quando iniciou a carreira, como era o Jornalismo?

Perfilino Neto - O Jornalismo praticado no rádio era um Jornalismo muito mais sério do que o dos dias atuais. Venho de uma época em que gerávamos notícia. Por exemplo: o jornal *A Tarde* publicava uma matéria sobre o rompimento de uma adutora da Embasa. Então, tomávamos conhecimento do fato e, através do telefone, entrávamos em contato com os dirigentes da Embasa, para sabermos das providências que haviam sido adotadas, quais as previsões de solução daquele problema, as áreas atingidas, ou seja, fazíamos uma suíte da matéria. Tínhamos como fontes para as pautas os acontecimentos locais, os noticiários do Sul e "A Voz do Brasil". Vamos dizer que "A Voz do Brasil" divulgasse, na sua edição de ontem, por exemplo, que o presidente Luís Inácio Lula da Silva concederia, hoje, um crédito para a Secretaria de Educação. Então, antes que os jornais daqui divulgassem a notícia, o rádio já estava passando todas as informações para a população baiana. Tanto que era muito comum, nas redações de jornal – digo isso porque também trabalhei em jornal – haver um ou dois rádios, inclusive com gravadores. Isso porque o pessoal dos jornais sabia, perfeitamente, que as rádios iriam divulgar

aquela notícia antecipadamente. Na realidade, o rádio é um veículo que, pela sua mobilidade, sempre divulgou o fato em "primeira mão", como se dizia na época. Mas, a partir dos anos 60, começou o declínio do Jornalismo no rádio. Nas emissoras, o número de jornalistas foi diminuindo cada vez mais. No Jornalismo na Rádio Cultura, que chefiei durante 18 anos, tínhamos uma equipe de 14 repórteres, duas unidades volantes cobrindo a cidade e quatro redatores noticiaristas, que divulgavam e redigiam as notícias. O papel do Jornalismo, na época, era tão importante que a Rádio Cultura ficou com o slogan de "Rádio Fuxico", porque tudo que acontecia na cidade era divulgado pela emissora. Os repórteres espalhados, pela cidade, cobriam bairros, repartições públicas, hospitais e aeroporto. Havia um repórter no aeroporto que tinha o conhecimento de todas as pessoas importantes que iriam passar em Salvador. Este repórter transmitia as informações para a redação pelo telefone e, imediatamente, gravávamos e jogávamos no ar. Isso até os anos 60. Com a chegada dos militares ao poder, em 1964, as coisas mudaram. Os departamentos de notícias passaram a ser censurados. Diminuiu o número de funcionários, as empresas começaram a enfrentar crises. Com o aumento do número de empresas de radiodifusão, o Jornalismo diminuiu. As verbas também caíram e o noticiário na rádio acabou por recorrer ao "gilete-press", a leitura de recortes de jornais.

Como era a censura na época?

Perfilino Neto - Na época da ditadura militar, todos sofreram, porque trabalhávamos com medo. Mas, depois que passou a censura militar enfrentamos também a censura democrática, a censura do diretor de órgão de comunicação. A Rádio Cultura pertencia às Irmãs Paulinas e nós não podíamos dar nenhuma nota sobre um padre que, por exemplo, foi encontrado embriagado ou se uma irmã largou o convento para se casar.

Ainda existe censura sobre meios de comunicação?

Perfilino Neto - Essa questão da censura é muito relativa. Acho que a censura sobre meios de comunicação nunca deixou e nem vai deixar de existir. Todo e qualquer veículo de comunicação tem sua autocensura. Eu duvido que o jornal *A Tarde* divulgue determinado tipo de notícia. Por exemplo: você não vai aceitar que sua empregada doméstica faça algo que contrarie as normas

de sua casa, como ficar na casa da vizinha até uma ou duas horas da madrugada contando as particularidades do seu lar. A mesma coisa acontece com a censura que, atualmente, para mim, é pior do que na época dos militares.

O senhor já sofreu censura direta?

Perfilino Neto - Na época dos militares, recordo-me que, durante um programa que eu apresentava, chamado "Patrulha da Cidade", divulguei algumas notícias proibidas e o fato chegou ao conhecimento da Polícia Federal. Existiam alguns termos que, para eles, eram sinônimos de subversão. Então, fui chamado e levado uma vez ao gabinete do coronel Luís Artur com meu gravador, até porque os programas eram gravados. O coronel queria ouvir a notícia e me deixou quase duas horas de castigo, para depois avaliar a notícia e me liberar. Havia uma série de proibições e, de hora em hora, chegava um censor na redação. Também era proibido usar determinadas expressões, falar sobre Fidel Castro, sobre a Guerra do Vietnã ou falar sobre greve de estudante, por exemplo. Havia proibições desse tipo, na época dos militares. Mas, hoje, quando os militares já não estão mais no poder, a censura permanece, porque o rádio, o jornal, a televisão, os diversos meios de comunicação existentes não divulgam nada que venha contrariar os interesses da diretoria. Então, a censura permanece.

Alguma vez foi pressionado para não divulgar um fato?

Perfilino Neto - Bom, eu não sofri, mas a emissora em que trabalhei durante a década de 60, a Rádio Cultura, sofreu sim. Divulgamos que, em um determinado supermercado, um ouvinte comprou uma lata de óleo contendo pedaços de ferro. Esse ouvinte levou o fato para a redação da Rádio e divulgamos. A rede de supermercado suspendeu o comercial e ficamos em desvantagem. Isto é uma espécie de censura econômica para mim.

Que outros grandes radialistas baianos o senhor destacaria?

Perfilino Neto - Manoel Canário, Antônio Roberto Pelegrino, Talma Pimentel, Silva Filho, Valney Palma, Genésio Ramos.

Das inúmeras reportagens feitas pelo senhor, quais as que considera

de importância para sua vida profissional?

Perfilino Neto - Considero como importante para minha carreira a matéria chamada *Rádio: 70 anos no ar*, publicada no jornal *A Tarde*, nos anos 70. No rádio, destacaria o programa "Encontro com o Chorinho", que me deu, inclusive, o Prêmio Internacional de Xangai, em 1993. Concorri com 120 países do mundo e ganhei o primeiro lugar. O prêmio foi tão importante, que o governo chinês comunicou o resultado através do embaixador do Brasil em Pequim, que passou, na época, um telegrama para o então governador Antônio Carlos Magalhães, comunicando que a Bahia tinha sido distinguida com um prêmio no Festival Internacional de Programa de Rádio.

Teve alguma grande decepção na vida profissional?

Perfilino Neto – Decepção? Várias. Mas não considero as decepções. Renato Mussi, no livro "Nos Bastidores do Rádio", diz o seguinte: "Não esperem palavras de elogios de colegas. Deles só virão críticas, palavras de desestímulos. Dos ouvintes vocês terão surpresas, lembranças, estímulos, carinhos, dedicação e sempre palavras de amor". Renato Mussi escreveu isso, depois de atuar 50 anos no rádio. Estou, atualmente, com um programa no ar, chamado "Memórias do Rádio", nele faço uma retrospectiva de tudo que o rádio cobriu nos últimos 80 anos. Falo sobre o Estado Novo de Getúlio Vargas, com depoimentos, sobre a II Grande Guerra Mundial, sobre a cobertura dos jogos da copa do mundo, os programas de auditórios, a publicidade, as novelas... Ou seja, as principais coberturas que o rádio já fez. Citei este programa não como decepção, pelo contrário, é um programa que muito me estimulou em quase 40 anos de atividade. Recebo vários *e-mails* elogiando o programa, de vários países, como a França, Espanha, onde as pessoas escutam a rádio pela Internet e pelo satélite. Recebo muitas cartas e telefonemas também. É um estímulo e por isso a crítica que você recebe dos colegas, que é minoria, não chega a desestimular. Acho que a melhor maneira de aferir uma audiência de um veículo de comunicação como o rádio é o telefone. É a simples ação de um ouvinte que liga da Paraíba, querendo saber como fazer para adquirir o disco que ouviu no programa, que estimula e supera essa questão da decepção. Decepções enfrentamos diariamente. Mas as decepções são sem importância, as palavras de estímulos são maiores.

Qual a diferença entre trabalhar em rádio e em jornal impresso?
Perfilino Neto – O salário é a mesma coisa ou pior. É difícil saber qual o pior salário. Agora, o rádio exige mais de você que o jornal. Nesse último, você faz sua matéria, leva para redação, termina e vai embora. No meu caso, por exemplo, eu chefiei o Departamento de Notícia da Rádio Cultura por 18 anos e me tomava um tempo terrível: sábado, domingo, feriado, sexta-feira santa, carnaval... Estava sempre trabalhando.

No rádio, o senhor fala tudo o que pensa?
Perfilino Neto – Não, porque temos que ter freios e autocensura. Por isso, sempre faço meu texto antes.

O que pensa sobre o número de instituições com o curso de Jornalismo?
Perfilino Neto – Lamento muito o que está acontecendo. É uma quantidade desenfreada de instituições que não estão preocupadas com o mercado de trabalho. No momento em que o mercado diminui aumenta o número de instituições preparando profissionais para lugar nenhum. Não estou querendo persuadir. Acho que o jovem não deve ficar preso apenas em um curso superior, principalmente em Jornalismo. Até porque estão surgindo muitas instituições e o mercado só diminui. Agora, não é por isso que o estudante de Jornalismo deve desistir, até porque existem as assessorias de imprensa, a Internet, os jornais das empresas e uma série de veículos de comunicação que oferecem trabalho para os bons jornalistas.

A criação do curso de Jornalismo contribuiu para profissionalização e melhoria do trabalho?
Perfilino Neto - Sim, porque não é justo pegar um leigo e colocar para trabalhar em um veículo de comunicação. Então, no momento em que houver curso superior, a pessoa estará aperfeiçoada e contribuirá muito mais para o exercício de uma profissão ética e prestadora de serviço para a sociedade.

E sobre a obrigatoriedade do diploma, o senhor é a favor ou contra?
Perfilino Neto - Tenho minhas dúvidas a respeito da obrigatoriedade do

diploma. Também não posso aceitar que uma pessoa que não tem nenhuma formação, senso crítico e embasamento possa ser considerada jornalista. Para ser jornalista é preciso conciliar embasamento e vocação e, no momento em que a pessoa tem tudo isso, o diploma é dispensável, até porque, se não houver isso, não haverá condições de escrever. Afirmo isso por observar e considerar vários personagens importantes que se destacaram, e mesmo não sendo da área escrevem brilhantemente em jornais. Posso citar, como exemplos, Drummond, Jorge Amado, Antonio Maria, Chico Anísio e Sérgio Porto. O que não pode é pegar qualquer um que queira ser jornalista, gente que escreve gato com "j" e saudade com "ç". As faculdades deveriam encontrar uma alternativa para quem estiver na área, que tem vocação e curso superior, se aperfeiçoar e até fazer estágio. Seria uma espécie de pós-graduação e, a partir daí, concluir, então, com o diploma.

A imprensa escrita e radiofônica mudou para melhor ou para pior?
Perfilino Neto – Mudou para pior. A imprensa escrita, por exemplo, só tem, atualmente, dois jornais: *A Tarde* e *Correio da Bahia*. A *Tribuna da Bahia* é um meio jornal, que anda capengando e não deixa nenhuma expectativa. Trabalhei na *Tribuna da Bahia* e lamento muito a decadência deste jornal. Meu filho, que cursa Matemática, falou-me, uma vez: "Meu pai, vou fazer Jornalismo para trabalhar aonde? Vou ser professor de matemática". Acabo dando razão a ele. O rádio está entregue a duas categorias: políticos e Deus. Hoje, o político que se preze tem que possuir uma emissora de rádio. O "produto Deus" é vendido nas rádios como se vende sabonete. Essa é a realidade. À noite, se escutarmos emissoras de rádio, principalmente as emissoras AM, ouviremos o "produto Deus" sendo bastante comercializado. Eu faço o "rádio satânico", por que faço um rádio voltado para a cultura e para a pesquisa. Estou fazendo, por sinal, uma pesquisa com uma figura expressiva da música que é o Manezinho Araújo. Poucas pessoas o conhecem e sei que o trabalho de pesquisa é um trabalho do diabo. Eu prefiro fazer um rádio diabólico, passando cultura, a fazer a cabeça dos irmãos, catequizando as pessoas para irem à igreja dar dízimo e construir enormes templos. Infelizmente, o rádio está sendo utilizado com esse fim. Acho que, com a virada do século, a comunicação no Brasil, particularmente na Bahia, mais precisamente, aqui em

Salvador, faz o pior rádio que temos no país. Eu ouço sempre a Rádio Tapuio, de Mossoró, uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, que tem apenas 5kw de potência. Ela chega até aqui por que eu tenho um rádio que capta com facilidade. É uma emissora com programação superior a todas as rádios daqui de Salvador, que possui 22 emissoras de FM e seis AM. E eu pergunto: quais os profissionais da área que estão trabalhando nela? Os que lá trabalham são coligados a políticos ou os políticos compram horários e se transformam em radialistas. Não tenho nada contra os políticos ou os pastores que estão usando o rádio como meio de arrecadar dinheiro e também como meio de chegar ao poder através da política. A imprensa escrita já teve, em Salvador, um papel muito importante e decisivo, mas, hoje, o poder aquisitivo das pessoas diminuiu e o acesso à leitura custa muito. Se uma pessoa de classe baixa possui R$1,50 para comprar jornal ou pagar o seu transporte coletivo, qual ele vai preferir? É claro que irá pagar o transporte que vai conduzi-lo ao trabalho ou à escola.

Se houvesse uma fórmula para mudar essa situação, qual seria?

Perfilino Neto – Fazer a cabeça dos empresários para mostrar que o melhor e mais barato meio de comunicação é o rádio, veículo em que ele poderá divulgar seu produto, tendo retorno de suas vendas. O que ocorre é preconceito contra o rádio. Aliás, o rádio surgiu predestinado ao envolvimento com político e a ser um veículo mal visto pela sociedade. Isso pela ignorância da força, do poder, e, talvez, até por despeito. Digo isto por ser realista. Fiz uma palestra, recentemente, e comentei que tenho sempre no bolso um rádio bem pequeno que comprei por R$10,00. Não poderia fazer isso com a Internet, nem com a televisão e nem com o jornal. E o que ocorre atualmente é que o comerciante investe no outdoor, na televisão e não investe no rádio. No dia em que ele passar a ter consciência da força que esse veículo possui, o rádio irá retomar o processo de divulgação e proporcionará, inclusive, mercado de trabalho. Na época áurea do rádio, a Rádio Nacional tinha oito maestros; cada um dirigia uma orquestra e cada orquestra tinha entre 45 a 60 músicos. A figura do maestro deixou de existir em decorrência dos tecladistas. Todo baiano, hoje, é um tecladista em potencial. Carlinhos Brown que o diga. Com a grande quantidade de músicos da época da Rádio Nacional, o mercado de trabalho não era escasso. A rádio possuía rádio-teatro e equipe de

Jornalismo. Ao todo, chegava a 800 funcionários. Em Salvador, a Rádio Cultura tinha cerca de 100 funcionários. Quando a televisão chegou, absorveu tudo isso, desempregou todo mundo e não empregou ninguém. O que a televisão empregou, em minha opinião, foi um grupo de abestalhados e virou um verdadeiro jardim zoológico, onde há tipos como Ratinho, Leão e até Faustão. Digo sempre aos meus filhos: "se quiserem me torturar, coloquem-me em frente à televisão por dez minutos". Não tenho inteligência para isso: acham até que eu sou burro (risos). Sou muito burro e, com muito orgulho, porque ouço rádio. Como tenho um rádio que pesa vinte e oito quilos e foi da II Guerra Mundial, tenho a oportunidade de escutar rádios de São Paulo, Minas Gerais, a BBC de Londres, a Voz da América, a Rádio Pequim, Rádio Nacional de Lisboa, dentre outras nacionais e internacionais. Fico atualizado através de rádios que possuem transmissões em português, o que não ocorre no Brasil. Portanto, escuto essas emissoras e não assisto televisão, que é um engodo. Até o Jornalismo da televisão é um engodo. Eles anunciam uma manchete e prendem a atenção do telespectador que fica aguardando. Eles enrolam e, quando chega o final do noticiário, soltam apenas o lide da matéria. Quando Roquette Pinto foi ao presidente Epitácio Pessoa para pedir a concessão de um transmissor para fundar a primeira emissora, o compromisso dele foi de não fazer comercial na rádio e, sim, divulgar notícia, tanto que o slogan da rádio era: "Tudo pela cultura e desenvolvimento do Brasil". De lá pra cá, a situação foi se revertendo, principalmente com a chegada de Ademar Casé, pai da atriz Regina Casé, que chegou no rádio em 1928, bagunçando tudo.

O senhor é considerado por muitos a enciclopédia do rádio na Bahia pelo acervo invejável possui. O que há nesse acervo?

Perfilino Neto - Tenho 50 mil LPs, depoimentos e entrevistas que colecionei. Acho, inclusive, que a maior escola para aprender cultura é o Jornalismo no rádio. Atualmente, isso mudou. Vim de um rádio que me obrigava a consultar, diariamente, o dicionário. Isso me ajudou muito. Aprendi a colecionar depoimentos e entrevistas de tudo que transmitia e era transmitido. Tenho, por exemplo, Ruy Barbosa falando sobre o Dia Internacional da Mulher, o ex-presidente Juscelino Kubitschek cantando seresta, a cobertura da II Guerra Mundial, tudo documentado pelo rádio... São jóias preciosas para mim.

Raimundo Varella

"Eu acho que a notícia tem que ser verdadeira, esclarecida e explicada, não se pode vetar a informação"

Entrevista concedida a Mércia Ribeiro e Rita Rocha no primeiro semestre de 2003.

O polêmico radialista e apresentador de televisão Raimundo Varella, diplomado em Administração, atua nos veículos baianos desde a década de 1960 apresentando programas de grande audiência popular. Revela aqui detalhes de sua carreira, os problemas que enfrentou com a censura, além de destacar o papel de alguns radialistas, como França Teixeira, na valorização do rádio na Bahia. Afirma ser a autenticidade sua maior característica e começou a entrevista questionando os professores de Jornalismo sobre o que vem a ser Jornalismo uma vez que não consideram Jornalismo o que ele faz. Varella defende o seu estilo de fazer Jornalismo, se declara radialista 24 horas por dia, faz críticas a imprensa escrita e valoriza o rádio como principal veículo de comunicação do nosso tempo. Crítica também os jornalistas que querem exercer a profissão e ao mesmo tempo desempenhar funções em assessorias de imprensa. Sobre os programas que faz no rádio e na televisão, foi taxativo: "o Balanço Geral é um programa de rádio na TV, é uma ouvidoria. A televisão põe o visual no que foi falado no rádio". No estilo que lhe é característico, antes de responder, perguntou o motivo da entrevista. Detalhamos o projeto e informamos que os depoimentos colhidos seriam publicados em livro, o que ensejou mais uma pergunta: quem seria responsável pela publicação? Quando soube que era um professor, no caso o professor Sérgio Mattos, a entrevista começou.

Raimundo Varella – Os professores de Jornalismo, de um modo geral, não aprovam os meus métodos, acham que eu não faço Jornalismo. Digo isso porque converso com estudantes de Jornalismo de muitas faculdades onde, freqüentemente, faço palestras. Recentemente, eu fiz palestras na Unyana, na

Jorge Amado e na UFBA. Há sempre esse tipo de comentário, de que não faço Jornalismo por que dou minha opinião, dou cartão verde, cartão vermelho. Opino. Não sei que tipo de Jornalismo vocês aprendem na Universidade. A imparcialidade total não existe. Ninguém é totalmente imparcial. Eu uso o bom senso. Por exemplo, hoje eu dei cartão verde a seis deputados federais. Eles vão doar a uma creche que abriga 220 crianças em Brasília o dinheiro que iriam receber pela convocação no recesso. Quando soube do fato, parabenizei a atitude deles no ar. Coloquei música para o povo aplaudir. Achei muito boa a idéia. Isso tudo é um incentivo, porque a sociedade se constrói através de exemplos.

Qual é a maior característica de Raimundo Varella?

Raimundo Varella – Autenticidade. Eu procuro fazer um Jornalismo verdadeiro. Teve um caso essa semana de um pai de família que foi torturado por policiais civis. Foi preso às cinco horas da tarde e só o levaram para a delegacia à meia-noite, todo quebrado. Antes deram choque nos testículos dele, bateram de palmatória. Foi preso porque a mulher dele o acusou de estuprar a filha de 13 anos. Só que tudo não passava de uma mentira. A perícia não sai logo na hora. E quando saiu, constatou-se que a menina continuava virgem. Mas o pai já havia levado mais de 20 surras na delegacia para confessar um crime que não cometeu. Uma polícia que arranca confissões sob tortura tem que ser denunciada. Esse tipo de Jornalismo me interessa, com isso eu estou alavancando a cidadania e construindo a democracia. A época da tortura já passou. Segundo a Constituição Federal, a tortura é proibida, o banimento, a prisão perpétua, a pena de morte, tudo isso está previsto lá. E aí você vai a uma delegacia de polícia e vê que ainda existe a palmatória e choques. Denunciar isso também é Jornalismo. Agora, se você quiser fazer um Jornalismo festivo, faz como a TV Bahia: festa disso, festa daquilo, o cantor de não sei onde, tudo isso é óbvio.

O senhor começou como radialista. Há quanto tempo é radialista?

Raimundo Varella – Eu sou o inverso. Comecei na TV em 1977 como jurado de um programa de calouros chamado Big Ben, transmitido pela TV

Itapoan. Depois fiz "Papo de bola", um programa esportivo, com Milton Colling. E, em 1978, França Teixeira me levou para a Rádio Clube Salvador, com Fernando José, com quem trabalhei 12 anos, até quando ele foi eleito prefeito da cidade.

O senhor nota alguma diferença entre o Jornalismo praticado na década de 1970 e o que é praticado hoje?
Raimundo Varella – Muitas. Na década de 70 nós vivíamos sob o regime militar. Toda matéria era gravada para depois ser exibida. Havia o Departamento de Censura da Polícia Federal e um censor em cada emissora. Aqui mesmo, na TV Itapoan, havia um censor da Polícia Federal. Nós éramos obrigados a gravar tudo e ele que autorizava se iria ou não ao ar. Foi assim de 1964 até João Figueiredo. Naquela época era muito mais difícil de fazer o Jornalismo.

O que faziam para driblar a censura? Sofreu algum tipo de perseguição?
Raimundo Varella – Certa vez, acabou o programa e o carro da PF estava esperando lá na porta. Eu e o Alexandre Seixas fomos levados para o Primeiro Armazém da Polícia Federal, quase em frente ao Mercado Modelo. Lá funcionava a Polícia Federal e o Departamento de Censura. Ficamos sentados, aproximadamente, por oito horas. Depois nos liberaram. Nos deixaram apenas de castigo. Não disseram uma só palavra, mas foi como se dissessem: "Olha, se vocês repetirem a dose vão parar no xilindró". E tudo não passou de um mal entendido. Eu tinha dito que o presidente Médici estava em Paripe. Na verdade, o presidente estava na Base Naval de Aratu, que fica em Paripe.

Quem eram os grandes nomes do radiojornalismo na Bahia e por quê?
Raimundo Varella – O maior radialista que eu conheci foi França Teixeira, que hoje está no Tribunal de Contas do Estado. França era considerado o menino rebelde da comunicação, o cara que desobedecia. Gostava de ser preso por que chamava atenção. Ele era o Raul Seixas do rádio. Revoltado. Sabia dizer as coisas para o povo entender, driblando a censura. Vez por outra era notificado, ficava fora do ar por 30 dias, sem fazer nada. Antigamente, havia o Dentel – Departamento das Telecomunicações –, que hoje é a Anatel.

O chefe do Dentel, senhor Luís Moreira, hoje deputado federal, deu a mim umas duas suspensões. A França Teixeira deve ter dado umas 30. França Teixeira tinha um protetor, o coronel Lúcio, da Rádio Cultura da Bahia. Sempre que ele se envolvia em alguma bronca, o coronel Lúcio o socorria. Mas nem sempre isso impediu que ele fosse punido e o programa retirado do ar. França Teixeira foi o maior nome da imprensa baiana no rádio.

Tem algum programa que citaria como um dos melhores do rádio?
Raimundo Varella – O programa "Zé Veneno", uma espécie de fuxiquinho do rádio. Hoje, na Internet, já existe um portal chamado "Fuxico". França fazia isso desde aquela época. "Zé Veneno" era um personagem que ele criou para dar as notícias impublicáveis então. Por exemplo: certo coronel foi visto assim e assim em tal lugar. Não dava nome, e nem precisava. Salvador, naquela época, era uma cidade pequena, com 300 ou 400 mil habitantes. Chamávamos Salvador "a cidade de muro baixo", ninguém podia fazer nada escondido. França fez do rádio um veículo fiscal do povo. Um trabalho parecido com o que eu faço hoje, ouvindo a população.

Que contribuições os radialistas de sua época deram para a nova geração?
Raimundo Varella – Na minha época éramos autodidatas na comunicação. Ou seja, França era formado em Direito, eu fiz Administração, até por que não havia escola de rádio. Hoje, a Faculdade Jorge Amado está lançando um curso de RadioJornalismo, em nível superior. Eu sou radialista por decreto. Quando veio a regulamentação da profissão, em outubro de 1978, eu já estava na rádio e fui, inclusive, amparado pela lei. Quem estava, ficou. A contribuição que eu acho mais importante para o rádio é de que o rádio é imortal. Tem gente que acha que o rádio AM é o turboélice da aviação, não é nada disso. As notícias hoje nascem do rádio e a Internet antecipa a notícia. Estava na Internet a demissão do técnico do Vitória há oito dias e ninguém deu importância. Então, às vezes, o internauta sabe mais das coisas do que o próprio radialista, só que a Internet não tem a mesma credibilidade do rádio. Aí as notícias ficam voando na Internet e ninguém dá muita importância. Eu, por exemplo, dou importância por que onde há fumaça, há fogo, como dizia

minha avó. Ninguém planta uma notícia à toa. Às vezes, o internauta houve uma conversa e planta. E o rádio hoje, pela sua velocidade, é quem faz as pautas dos jornais e da televisão. Todo zero-9 que nós acabamos de dar hoje na Rádio Sociedade estará nos jornais de amanhã. O jornal fecha sempre a meia-noite. Por exemplo, uma agência da Caixa Econômica de Salvador foi assaltada hoje às 9 horas da manhã, a rádio deu notícia 15 minutos depois, o jornal deu no dia seguinte. Daí a importância do rádio, ele está lá na Central de Polícia, acompanhando tudo, está no HGE, acompanhando o atendimento médico.

Quais as maiores dificuldades que o senhor enfrentou em sua trajetória como radialista e depois como apresentador de TV?

Raimundo Varella – Primeiro, a censura do capital. Isso é ruim. Os caras anunciam para comprar o silêncio. Isso é nocivo, eu acho que a notícia tem que ser verdadeira, esclarecida e explicada. Não se pode vetar a informação. O Jornalismo tem que ser sempre bilateral. Por exemplo: o Governo anuncia corte, a Prefeitura anuncia corte e querem silêncio. Numa cidade como a nossa, é impossível fazer silêncio. Tem sempre uma confusão, o barulho é diário e, claro, ninguém erra todos os dias, tem dia que acerta também. A gente tem que ter liberdade para aplaudir os acertos e, pelo menos, divulgar os erros. Outro problema envolve os chamados assessores de comunicação social. São nossos colegas, são jornalistas que, ao invés de fazer Jornalismo, vão fazer assessoria. E fazer assessoria na Bahia é defender o patrão, é não dar a notícia. Esse foi um dos meus grandes problemas, inclusive com um amigo meu, a duplicidade de atividades. Jornalista que escreve para jornal e é assessor da Ebal, aí não quer ver nenhuma notícia ruim da Cesta do Povo. Uma vez, tive problemas internos com um outro colega que era assessor do Derba. Sumiu um trator do Derba, e aí? Dou ou não dou a notícia? Ele me disse que se eu desse a notícia ele iria passar fome; disse que o jornal paga mal e os filhos estudavam em escolas boas graças ao Derba. Mandei ouvir o Derba e dei a notícia, mas ganhei um inimigo, o colega deixou de falar comigo. Esse é um problema. Relações Públicas é uma coisa, Jornalismo é outra. Você não pode servir a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo. Dá uma confusão danada.

O senhor sofreu algum tipo de perseguição por não possuir o diploma de Jornalismo?

Raimundo Varella – Pelo contrário, eu sou mais velho do que a lei. Aí é que está o problema. Eu posso a qualquer momento ser, porque posso provar que sou mais antigo que a própria lei que regulamenta a profissão de jornalista. Aliás, radialista eu sou, tenho DRT e, só não tenho o de jornalista porque nunca fui buscar. Só que há uma lei[1] dizendo que jornalista não precisa ser formado. Eu acho isso um absurdo. Cada macaco no seu galho, como diz Riachão.

Tem alguma coisa no rádio que não deveria ter mudado?

Raimundo Varella – Não. O rádio evoluiu na área técnica, de comunicação, de fiscalização, mas a locução é imprescindível. Sempre que dou palestras digo: no rádio, se não tem vocação, desista. Radialista, não é radialista apenas por 6 horas, como quer o Sindicato. Eu sou radialista 24 horas por dia. Acordo às 3h30min da manhã para ler as notícias na Internet, leio os jornais, venho para a rádio, procuro saber mais. Entro no ar às 6 horas, termino às 9 horas. Tomo café e volto para ver as pautas da TV, enfrento o Balanço Geral da TV, vou para casa, mas ligo toda hora para saber como estão as coisas. Assisto a Globo News, vejo todos os jornais... Acho que radialista tem que ser radialista 24 horas. Acho muito importante a presença do ser humano no rádio. Acho que você pode até criar uma locução virtual, mas alguém tem que estar por trás da informação. A informação hoje é o produto do terceiro milênio de maior importância. Quem tiver uma boa informação, terá mais credibilidade, mais audiência e, conseqüentemente, mais prestígio, mais dinheiro e ninguém vive sem essa coisa chamada dinheiro, grana. Não há mais aquela história de furo. Antigamente a pessoa guardava uma notícia por achar que só ela teria aquela informação. Hoje é diferente. Na hora que você sabe de alguma coisa tem que soltar logo senão outro já deu lá e aí você leva um furo. Para mim a comunicação é a profissão do terceiro milênio.

---

1 O entrevistado refere-se a juíza da 16ª Vara Cível Federal em São Paulo, Carla Abrantkoski Rister, que suspendeu a obrigariedade do diploma de Jornalismo para obtenção de registro profissional no Ministério do Trabalho na setença proferida em ação civil pública proposta pelo Ministério Público Federal e pelo Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo.

De que forma a revolução tecnológica influenciou a prática do radiojornalismo?

Raimundo Varella – Influenciou muito. Diminuiu as distâncias. Antigamente, quando, por exemplo, morria o primeiro ministro japonês, nós só sabíamos uma semana depois. Hoje, você sabe na mesma hora em função do avanço tecnológico das comunicações. Nós cultuávamos muito o atraso, a inovação demorava muito de chegar. Do governo Collor para cá as coisas mudaram. As pessoas falam muito mal de Collor, mas ele abriu o mercado e a cabeça das pessoas. Hoje, você pode ter um carro importado. O meu automóvel só falta falar, se eu deixo a porta aberta ele avisa, avisa tudo. Antigamente, andávamos em kombis, fuscas, brasílias, chevetes, carros ruins, mecânicas ruins. Hoje, temos automóveis do mundo inteiro. Nas comunicações foi a mesma coisa. Antes a pessoa não tinha acesso a informática, havia reserva de mercado na área de informática. Portanto, quem fez esse processo de abertura fez bem, abriu o país para mundo, levou o país à globalização, permitiu a velocidade da informação e a tendência natural será essa, de diminuição de distância. Antigamente, quando morria a mãe da gente, ficávamos um ano de luto, vestindo sempre roupa preta. Chegávamos a tinturar todas as roupas do armário. Que coisa triste! Você era obrigado a vestir preto durante o ano todo, depois foram abrindo a cabeça das pessoas e a coisa foi melhorando. Estou dando este exemplo porque assim foi com tudo. Há uma nova era e as pessoas, muitas vezes, não estão nem preparadas. Então, o rádio é um produto imortal, por mais que se avance em tecnologias, ele continuará.

Fala-se que existiam muitos picaretas no rádio. Havia os jabás que eram pagos para os radialistas. Ainda existe esse tipo de prática?

Raimundo Varella – Eu não gosto de acusar sem provas e os comunicadores não falam nesse assunto. Mas, eu soube que as gravadoras pagam R$3.000,00 para tocar uma música de hora em hora. Eu até acredito que isso seja verdade, é tanto lixo musical tocando que não dá para entender. Antigamente, se priorizava o valor artístico da programação, a voz, a afinação do cantor. Você tem agora a programação repleta de lixo musical. Eu sou um ouvinte

chato e exigente. Ouço somente a Rádio Sociedade, porque trabalho nela, e a Rádio Educadora, por causa da programação musical. Lá eu ouço Maria Bethânia, Gal Costa, Gilberto Gil, Djavan, Roberto Carlos, Caetano Veloso. Ninguém canta melhor e mais afinado no mundo do que Caetano Veloso e tem rádios baianas que não tocam Caetano. Será que é porque não pagaram para tocar? Será? É essa a pergunta que eu deixo no ar. A música é um alimento espiritual, a pessoa tem que ouvir música de qualidade. Ontem ouvi uma música, chamei a atenção na rádio e o diretor a tirou do ar. Uma música chamada "Cavalo doido". Música com esse nome? Dessa forma não dá! Se eu ouvir, desligo o rádio na hora, eu não agüento mais. Dizem que o jabá existe até hoje. Na Rádio Sociedade não existe, eu nunca vi. A mim ninguém vai propor isso. Inclusive, já dirigi rádio e ninguém nunca me propôs isso senão colocaria para fora da rádio. Quando eu arrendei a rádio, coloquei todos os discos no chão e fiz a minha programação de todos os sucessos dos últimos 30 anos. Tem gente de 20, 30, 40, 50 e 60 anos que ouve a rádio, então foi sucesso. O sucesso fica na cabeça do povo. *Alegria, alegria*, do Caetano Veloso, é uma música fenomenal, mas ninguém toca e, tenho certeza de que se tocar você não desliga o rádio, nem muda de estação. Agora fica esse lixo musical, essa mercantilização da música que chega a doer em nossos ouvidos. É por isso que eu ouço a Educadora. Eu acho que lá não existe essa história de jabá, lá só tocam música de qualidade.

Quais são as semelhanças e as diferenças entre rádio e a televisão?

Raimundo Varella – Eu digo que o meu programa, primeiro, começa no rádio pela manhã e, ao meio-dia eu dou apenas continuidade na televisão. O "Balanço Geral" é um programa de rádio na TV, por que ele funciona como uma ouvidoria. A televisão põe no visual aquilo que foi falado no rádio. Com isso, alavancamos a audiência da rádio para a TV.

A mídia eletrônica tem fama de influenciar os eleitores. Sabe-se que deputados e vereadores eleitos na Bahia foram radialistas. Um outro foi eleito prefeito e agora dizem que o senhor também sairia candidato nas próximas eleições. Fale um pouco sobre o poder dessa mídia em

processos eleitorais e se o senhor pretende mesmo se candidatar.
Raimundo Varella – É o seguinte, todo mundo tem um radinho em casa, mas não tem dinheiro para comprar jornal todo dia. Se eu fosse comprar os três jornais que circulam na cidade gastaria diariamente R$ 4 reais. 4 x 30 é igual a 120. Gastaria então R$ 120 reais por mês, metade de um salário mínimo para ler os jornais do dia. Aí é que está a questão socioeconômica, o povo não tem dinheiro para comprar jornal. O poder da mídia eletrônica é esse, você pode ter acesso de graça. Com relação a minha candidatura como prefeito, eu não sei e nem faço idéia de onde saiu esse boato. Para eu me candidatar à Prefeitura de Salvador, a primeira coisa que tenho que fazer é me filiar a um partido político, e nem isso eu tenho. Não tenho compromisso com nenhum partido, não me aproveitarei da mídia para me candidatar. Em uma recente pesquisa, fizeram uma análise com os candidatos que teriam maior popularidade entre o povo, e eu saí disparado na frente de todos os companheiros, mas nem partido eu tenho, então não posso me candidatar. E, se tivesse que escolher entre bancar uma candidatura e continuar fazendo o programa, deixaria que o povo decidisse, perguntaria ao povo o que eles acham. E, posso garantir, se eu fosse prefeito muita coisa nessa cidade iria mudar. A primeira coisa que eu iria fazer era acabar com o "rapa".[2] Depois promoveria um programa de cada semana estar em um bairro da cidade, resolvendo todos os problemas daquele bairro e, assim iria resolver primeiro os problemas mais graves da população. O povo precisa de moradia digna, saneamento básico, transporte público e emprego. Essas seriam as minhas prioridades.

2 Tratamento dado pelos vendedores ambulantes (camelôs) aos fiscais (da Prefeitura, da Fazenda estadual ou da Receita Federal) que combatem o comércio informal nas grandes cidades.

Reynivaldo Brito

"O papel do jornalismo impresso é publicar texto. Textos consistentes".

Entrevista concedida a José Otávio M. Badaró Santos em maio de 2003.

Militante de oposição ao regime militar na década de 1960, o jornalista Reynivaldo Brito nos recebeu no escritório da RB Comunicação, sua empresa de Assessoria em Comunicação, para contar um pouco de sua vida profissional, que é também reviver os momentos mais marcantes do jornalismo baiano. Casado há 35 anos, pai de uma única filha e com uma neta de oito anos, Reynivaldo tem projeto para lançar um livro sobre as artes plásticas, resultado de 25 anos como crítico de arte no jornal *A Tarde*. Formado em Jornalismo e em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), se mostra preocupado com a qualidade dos periódicos baianos, com a crise que passam as assessorias de imprensa e com a falta de leitura que não permite que o povo se conscientize politicamente. Além de desabafar sua indignação com a remuneração paga aos profissionais de jornalismo, relata, pelo seu ponto de vista, a formação histórica dos veículos de comunicação da Bahia, os tempos áureos, as crises e as repressões políticas.

Quando e como foi o seu primeiro contato com o Jornalismo?
Reynivaldo Brito – Eu fui educado para fazer Medicina. Cheguei a fazer vestibular, mas depois vi que meu negócio não era Medicina, meu negócio era Jornalismo. Quando eu fiz vestibular, para você ter idéia, Jornalismo era tão desprestigiado que eram apenas sete estudantes na minha turma. Naquela época, no começo da década de 60, o curso de Jornalismo pertencia a Faculdade de Filosofia. Da minha turma, só eu e Agostinho Muniz continuamos na carreira. O restante desistiu pelo caminho – uns foram ser delegados, advogados, médicos etc. Eu estava terminando o curso quando fui trabalhar como assessor de imprensa da Secretaria de Minas e Energia.

Quer dizer, tive um emprego público antes do Jornalismo. Lá eles acharam que eu escrevia bem e tinha talento para Jornalismo, me indicaram para Fernando Rocha, que era, na época, secretário do jornal *A Tarde*. Fernando Rocha me chamou em 1968. Foi quando, efetivamente, comecei minha trajetória jornalística.

Então o senhor entrou no mercado antes de concluir a Universidade?
Reynivaldo Brito – Entrei um pouquinho antes de me formar.

Mas o que o levou a crer que poderia ter sucesso como jornalista?
Reynivaldo Brito – Nessa época eu tinha uma militância política muito forte e achava que através do jornalismo eu poderia dar minha contribuição a causa. Essa militância me custou, inclusive, ser cassado na Universidade. Passei um ano fora da Universidade. Cheguei a ser perseguido e a responder inquérito. Tive que pedir um emprego a um parente, Oliveira Brito, então ministro da Educação. Ele me nomeou escrevente datilógrafo. Funcionário público federal naquele tempo tinha um salário razoável. Eu vivia bem, depois o funcionalismo público foi se degradando. Trabalhava na repartição pública e arranjava tempo para escrever para imprensa alternativa, matérias subversivas. As perseguições continuaram, o que me obrigou a ir embora para o Rio de Janeiro.

Como foi a experiência no Rio de Janeiro?
Reynivaldo Brito – Chegando lá, trabalhei no *Correio da Manhã*, jornal que fazia oposição ao governo militar do presidente Costa e Silva que, tempos depois, acabou fechando o jornal. Era um jornal de intelectuais. Era polêmico e concorria com o *Jornal do Brasil*. Quando o jornal fechou, eu fui trabalhar no jornal *Última Hora*, onde passei uma temporada.

O senhor tinha parentes no Rio?
Reynivaldo Brito – Uma prima distante, mas fui mesmo na aventura. Queria aliviar a barra aqui na Bahia. Para entrar nesses jornais, tive que me submeter a alguns testes, mas em todos me saí bem, resultado da minha experiência com a imprensa alternativa em Salvador. Essa coisa da militância política também me

ajudou muito, foi o que me empurrou para o socialismo e para o comunismo.
O senhor disse que a militância o ajudou muito. Qual foi o partido?
Reynivaldo Brito – Não. Apesar disso tudo não cheguei a participar de nenhum partido político. Eu era muito ligado ao pessoal do PCdoB – Partido Comunista do Brasil –, mas não me tornei membro por ter uma mentalidade mais aberta e partido era, a meu ver, muito dogmático, muito radical. De vez em quando minhas idéias iam de encontro à dos membros do Partido.

Houve influências da família ou de amigos na sua escolha pelo Jornalismo?
Reynivaldo Brito – Não, muito pelo contrário. Meu pai era um lavrador. Apesar de ser ignorante era uma pessoa de muita sabedoria e ele nem sabia desse negócio de Jornalismo. Meu pai, na realidade, nunca leu um jornal. Era uma pessoa rude. Morava no interior e não tinha contato com as coisas que aconteciam aqui na capital. A decisão eu devo a mim mesmo, e tive que enfrentar todas as adversidades. A discriminação, por ser do interior, até isso existia nessa época. Hoje esse tipo de coisa não acontece mais, mas acontecia. Mas, naquela época, o Jornalismo era muito fechado e havia, realmente, um pouco de discriminação.

Como foi a repressão militar aqui em Salvador? Como os veículos de comunicação funcionavam e quais eram as limitações?
Reynivaldo Brito – Bem, nessa época havia o jornal *A Tarde, o Diário de Notícias, Jornal da Bahia* e o *Estado da Bahia*. O *Jornal da Bahia* era o único a fazer oposição ao regime ditatorial; o *A Tarde* sempre foi mais conservador. A censura, no entanto, se processava em todos eles. Aconteceu um episódio comigo. Um dia, quando eu fui pegar minha pauta, eu era repórter, encontrei dois agentes da Policia Federal. Eles traziam meia folha de papel, parecendo um telegrama, e vinha escrito, por exemplo: "Proibido divulgar nota sobre Fulano da Silva". Eu nem sabia quem era esse Fulano da Silva, nem sabia o que esse nome significava. Os dois agentes vieram com um protocolo para eu assinar garantindo ter recebido tal advertência. Eu disse: "não vou assinar, não". Eles responderam: "então você arca com as conseqüências". Eu disse:

"o senhor está me ameaçando, mas eu não vou assinar e nem vou receber". Um deles falou "o senhor me permita usar o telefone para ligar para o coronel". Eu respondi: "olha, o telefone é do jornal, não é meu, o senhor pode pegar". Então eles ligaram para o coronel Luís Artur, que na época era superintendente da Polícia Federal, e era muito temido – hoje ainda está vivo, mas bem velhinho. O coronel então disse para não insistir e ordenou que eles deixassem o papel com qualquer outro funcionário. E foram embora.

Então isso acontecia em todos os jornais de Salvador?
Reynivaldo Brito – Sim, em todos os jornais. Durante os anos mais duros da revolução, um oficial da reserva do Exército entrou no jornal fardado querendo ser o censor do jornal *A Tarde*. Chegamos a ter censura dentro do próprio jornal e Jorge Calmon, na época redator-chefe, resolveu suspender as colunas políticas do jornal.

A repressão aqui tinha a mesma intensidade da que ocorria no Rio?
Reynivaldo Brito – No Rio era bem pior. Certa vez, quando eu cheguei ao *Correio da Manhã* para trabalhar, havia caminhões do Exército em frente à sede do jornal. A edição do jornal só saía vistoriada pelos oficiais que ficavam de plantão na porta do prédio. Eu me lembro que uma vez fui fazer uma entrevista por telefone e quando coloquei o aparelho no ouvido ouvi alguns sons esquisitos, foi então que percebi que o telefone do jornal estava grampeado. Mas não era como os grampos de hoje, que você nem percebe. Naquela época a coisa era muito rudimentar. O telefone ficava cheio de chiados, de ruídos. Na *Última Hora*, aconteceu um caso engraçado. Quando entrei para o *Última Hora* houve um escândalo envolvendo um policial, o Mariel Mariscot, que virou mito. Tinha um bandido chamado Lúcio Flávio, arquiinimigo de Mariscot, esse foi até tema do cinema brasileiro. No entanto, Mariel Mariscot era policial e também era bandido. Mas era um policial que namorava grã-finas e artistas. Lembro que, certa vez, ele alugou um helicóptero para jogar pétalas de rosas sobre o hospital onde uma de suas amantes estava tendo um filho. Freqüentou, aqui, os carnavais do Clube Baiano de Tênis, numa época que os carnavais ali eram para gente de "posses", de poder.

Esse Mariel Mariscot estava sempre nas manchetes da *Última Hora*, o jornal tinha um perfil policial e dava a manchete sobre ele com letras garrafais na primeira página.

O senhor disse que o jornal *Última Hora* tinha um perfil de jornal policial. Naquela época, havia alguma influência político-partidária sobre o periódico?
Reynivaldo Brito – Não sei se partidária. Era um jornal muito "janguista" (favorável a João Goulart). As opiniões eram sutilmente voltadas para o comunismo, para os ideais do socialismo. Depois, se tornou mais popular, mais policial. Pouco a pouco, essa característica ficou mais forte e deu o tom do jornal. Resolvi sair do jornal. Disse a mim mesmo: "se é para ser preso e perseguido aqui no Rio, melhor ser preso e perseguido na Bahia". Como as coisas já estavam mais brandas em Salvador, eu resolvi voltar para cá. Cheguei a responder a dois inquéritos mas, graças a Deus, não fui preso e nem torturado.

Alguma vez viu publicada uma matéria diferente, modificada depois de entregue ao chefe de reportagem ou ao editor? Isso acontecia?
Reynivaldo Brito – Não, não existia esse tipo de coisa. O problema é o seguinte: você tem que se adaptar ao perfil do veículo. Se você está no jornal *A Tarde*, por exemplo, a linha do jornal é uma, se você não anda nessa linha você cai fora na primeira matéria. Mas eu sempre fui consciente com relação a isso. No entanto, muitas vezes, há oportunidade de você passar algumas informações nas entrelinhas, sem necessariamente ser direto no que quer dizer.

Houve algum momento em que o senhor teve decepções com a profissão? Pensou em desistir da carreira?
Reynivaldo Brito – Decepções a gente vai ter durante a vida toda e com tudo. Podemos ter decepções com o casamento, ter decepções com os filhos, com a noiva, com o trabalho, enfim, com tudo. O que acho importante é que me sinto realizado como jornalista. Este é um trabalho que eu gostei a vida toda de fazer, estou fazendo até hoje, apesar de estar em outro campo – o de assessoria de imprensa, mas estou fazendo comunicação.

Como é trabalhar quase a vida toda em veículos e um dia ficar do outro lado, trabalhar numa assessoria de imprensa?
Reynivaldo Brito – Acredito que a assessoria de imprensa vai passar por uma reestruturação. Ela se deteriorou muito aqui na Bahia, mas acho que vai se reerguer e as pessoas vão dar o devido valor a uma assessoria de imprensa.

Houve na Bahia uma época em que circulavam seis jornais diários. Com o tempo, eles desapareceram. A população de Salvador hoje é bem maior do que a de 30 anos atrás, quer dizer que hoje se lê menos?
Reynivaldo Brito – O que acontecia era o seguinte: circulavam seis jornais, mas eles tinham realmente uma tiragem bem pequena em relação à população baiana. A população baiana sempre leu pouco jornal. E hoje em dia, com as dificuldades econômicas, um jornal custando até R$2,00, o pessoal prefere comprar pão em vez de comprar jornal. Isso é uma realidade. O jornal *Estado da Bahia*, por exemplo, tinha uma tiragem de 4 a 5 mil exemplares, o que é uma quantidade muito pequena, e tinha que ser pequena mesmo. Alguns tinham assinatura garantida pelas repartições públicas, faculdades e bibliotecas, mas era uma circulação muito restrita. Mas eu volto a afirmar: sempre se leu pouco na Bahia. E hoje temos um aspecto agravante para tudo isso, com o advento de outras mídias, como a Televisão e a Internet, por exemplo. Temos reportagens veiculadas em tempo real, informações novas a cada segundo. Com isso o impresso perdeu o impacto, a importância da notícia na primeira página, a manchete de impacto. A função do impresso, hoje, é complementar, fundamentar e agregar novas informações à notícia do dia anterior, notícias que as outras mídias divulgaram em primeira mão.

O senhor poderia falar também sobre a mudança recente que aconteceu com o jornal *A Tarde*?
Reynivaldo Brito – A mudança é sempre saudável. Agora, a mudança que *A Tarde* sofreu há aspectos que eu concordo e há outros que não concordo. Por exemplo, existe hoje uma tendência mundial de você dar mais espaço ao seu leitor, ao seu telespectador, enfim, essa coisa da interatividade. Resultado, *A Tarde* em vez de aumentar o espaço do leitor, está diminuindo. *A Tarde* publicava até dez cartas de leitores por dia, hoje publica três ou quatro cartas pequenas. Outra coisa que não concordei: *A Tarde* era conhecido por ser um jornal organizado por assuntos, por editorias. Todas as matérias eram publicadas em sua respectiva seção – Política, Local, Nacional, Esportes, Polícia etc. Hoje está tudo embaralhado, um dia sai num lugar, outro dia sai num outro, então os leitores – pelo menos as pessoas com quem tenho conversado, não estão gostando disso.

E o projeto gráfico do jornal? Mudou para melhor ou pior?
Reynivaldo Brito – Você não pode num jornal, através de imagens, concorrer com outras mídias. A imagem é a televisão, o jornal não pode valorizar a imagem em detrimento do texto, isso não é jornalismo. Muitas vezes você coloca fotos grandes, mas são fotos que não merecem ser grandes, pois são ruins, de mau gosto. Eu lembro, por exemplo, da cobertura da guerra no Iraque. *A Tarde* publicou uma foto de meia página com dois jovens se beijando, escrito "fora à guerra!". Dois jovens se beijando! O que é que aquilo dizia? Enquanto os canhões e os tanques de guerra dos americanos destruíam as cidades e matavam as pessoas, *A Tarde* põe na capa uma foto de dois jovens se beijando. Eu acho que deve se dar espaço adequado para as imagens num impresso, no entanto o papel do jornalismo impresso é publicar texto, e textos consistentes. Ter um bom conteúdo no impresso para concorrer com a instantaneidade do eletrônico.

Segundo Ricardo Noblat, as mudanças que ele fez em *A Tarde*, privilegiando imagens, triplicaram as vendas nos últimos quatro meses.
Reynivaldo Brito – Mentira, isso é mentira. O que ocorreu foi o seguinte: o jornal aumentou um pouco a tiragem dele. Nada de triplicar ou duplicar. Nenhum veículo duplica ou triplica suas vendas num curto espaço de tempo.

Numa palestra que proferiu na Facom/UFBA, o jornalista Ricardo Noblat mostrou estatísticas que comprovam aumento considerável.
Reynivaldo Brito – Isso é mentira dele. Eu digo assim, de boca aberta: é uma mentira deslavada. Nenhum jornal triplica suas vendas dessa forma. O

que houve foi um crescimento de vendas por causa das matérias sobre os grampos de António Carlos Magalhães. Depois do grampo, o jornal voltou a vendagem normal. Não houve crescimento considerável de vendas, isso é uma maneira de justificar a presença de Noblat no jornal. Esses jornalistas do sul vivem muito de marketing pessoal, um falso marketing. Criam e manipulam informações em prol de sua imagem, mostram um perfil que não lhes é característico.

Com relação à vinda de Ricardo Noblat para Salvador, influenciou o jornalismo que é feito pelo jornal *A Tarde*?

Reynivaldo Brito – A vinda de Noblat para cá, a meu ver, foi boa. Eu sou a favor da mudança, eu defendo que tem que haver mudança. Agora, às vezes você muda para melhor e às vezes você muda para pior. Posso afirmar que essa reestruturação do *A Tarde* foi a pior mudança de toda a história do jornal, inclusive eu já assisti e participei de várias mudanças. Mas essa que ocorreu não melhorou em nada o jornal, pelo contrário, só fez piorar.

O senhor, que vivenciou a mudança do sistema de impressão no *A Tarde*, diria que essa mudança afetou o conteúdo ou foi só uma modificação visual, de layout?

Reynivaldo Brito – Mudou o layout sim, mas o conteúdo permaneceu o mesmo, sem alterações. Nós sempre privilegiávamos o conteúdo. E, volto a afirmar, qualquer jornal ou revista deve privilegiar o conteúdo. Depois da chegada da *Tribuna da Bahia, A Tarde* só mudou mesmo o seu sistema de impressão. Quem trouxe a impressão off-set para a Bahia foi a *Tribuna*. *A Tarde* sempre andou atrás dos outros jornais, a vida inteira. O grupo *A Tarde* poderia ter uma televisão. Esteve com a Canal 5 (TV Itapoan) na mão e não comprou. Do ponto de vista empresarial, grupo *A Tarde* não é um grupo que avance, que se preocupe em crescer. É um grupo acomodado e sem visão empreendedora.

Quando o senhor deixou de trabalhar para o Grupo *A Tarde*?

Reynivaldo Brito – Eu saí de lá em fevereiro de 2003. Depois de 34 anos e

sete meses tive uma desavença com alguns dirigentes, o que fez com que eu me desligasse do jornal.

O senhor já trabalhou alguma vez na Agecom – Agência de Comunicação do Estado da Bahia?

Reynivaldo Brito – Durante os quatro anos do governo de Luís Vianna Filho. Na época o secretário de imprensa era Prisco Vianna, e eu era redator.

Como o senhor analisa a atuação da Agecom na produção jornalística dos veículos de comunicação da Bahia?

Reynivaldo Brito – A assessoria de imprensa do governo foi atuante, pelo menos no pouco tempo que passei lá. Naquela época havia um grande aproveitamento do material produzido pelo governo. Não digo na íntegra, mas nos jornais o aproveitamento era acentuado. As notícias que produzíamos eram sempre divulgadas. Atualmente esse aproveitamento é bem menor. Hoje a divulgação se limita ao *Correio da Bahia*. A *Tribuna* publica algumas coisas e o *A Tarde* se recusa a publicar qualquer material oficial. Esse radicalismo do *A Tarde*, a meu ver, é um erro. Muitas vezes há matérias importantes que precisam ser publicadas para que o público tenha conhecimento. E *A Tarde* não dá atenção. *A Tarde*, portanto, está com uma postura caótica em relação a isso. Com o *release* privado acontece a mesma coisa. Às vezes, só por ser um *release* privado, o jornal não divulga o fato e não cobre determinados eventos. Nunca vi um jornal se recusar a cobrir jornalisticamente eventos locais.

Como o senhor classificaria os três jornais que circulam em Salvador?

Reynivaldo Brito – Eu acho que *A Tarde* ainda é o melhor jornal. No entanto, a melhor cobertura local, na divulgação do que acontece na cidade, é a do *Correio da Bahia*. A *Tribuna da Bahia* ficaria em terceiro lugar. A *Tribuna* se aliou ao governo para poder sobreviver e, diga-se de passagem, está sobrevivendo com muita dificuldade. Perdeu aquela característica que tinha de um jornal de oposição, de ser um jornal mais à esquerda. Apesar da decadência que todos estamos presenciando, o *A Tarde* ainda é o melhor jornal. Sobre o *Correio da Bahia* pesa a questão política, que é muito forte.

Quando um jornal possui um ingrediente político muito comprometido, a coisa fica complicada. É por isso que *A Tarde* deve ter cuidado com a sua oposição sistemática e radical para não ficar bitolado. Só divulgar o lado ruim do governo é uma forma de alienação. Nós não podemos negar os benefícios que o senhor Antônio Carlos Magalhães trouxe para Bahia. Eu não sou "carlista", mas você veja o Pólo Petroquímico, a própria Ford. São vitórias que ele conseguiu. Podemos até não concordar com os métodos que ele utiliza. Mas não podemos esconder os benefícios nem os malefícios. Há que se ter firmeza e equilíbrio para enxergar as coisas positivas e negativas. Todo radicalismo é desprezível, inútil.

O senhor já trabalhou no *Correio da Bahia*?
Reynivaldo Brito – Não, nunca. Nunca fui convidado nem nunca tive experiência com o *Correio da Bahia*.

Como surgiu a *RB Comunicação*?
Reynivaldo Brito – A *RB Comunicação* surgiu como decorrência da minha grande luta para viver só de Jornalismo. Os jornais em que trabalhei sempre pagaram mal. De um modo geral, os jornais baianos remuneravam e remuneram mal os seus profissionais. No futuro, acho que vão continuar remunerando mal. O empresariado do jornalismo baiano ainda não atentou para a importância do profissional de jornalismo. *A Tarde* está inventando uma história uma jornada diária de sete horas para pagar ao jornalista mais duas horas extras. Uma coisa insignificante, quase nada, e não vai resolver o problema.[1] O certo era remunerar bem. Ter poucos repórteres, mas remunerar bem para o jornalista dar dedicação exclusiva ao veículo. Eles querem dedicação exclusiva, mas continuam pagando mal. Todos são assim. A *Tribuna*, inclusive, às vezes nem paga. Mas a minha história é interessante, pois quem me arranjou um emprego público foi o próprio jornal *A Tarde*. Fui assessor de Imprensa do Tribunal de Justiça por muitos anos por indicação do doutor Jorge Calmon. O presidente do Tribunal, na ocasião, pediu a ele um jornalista

1 Por lei, a jornada de trabalho do jornalista é de cinco horas diárias, seis dias por semana.

e ele me indicou. Mas nunca na minha vida, eu quero enfatizar isso, deixei de publicar uma matéria negativa do Tribunal de Justiça quando trabalhava no *A Tarde*. E nunca ninguém lá no Tribunal me cobrou isso. Mas não deixa de ser uma situação delicada. O melhor mesmo é você trabalhar só em um veículo de comunicação, mas com uma remuneração que possibilite uma vida digna. Para dar dedicação exclusiva, só recebendo por isso.

O senhor diria que *A Tarde* tem condições de pagar bons salários?
Reynivaldo Brito – Tem sim. *A Tarde* tem condições de pagar salários bons sim. O jornal tem que se reestruturar, pois tem um passivo trabalhista muito grande e precisa resolver essa questão, mas tem condições de remunerar bem. O corpo de trabalho de *A Tarde* está inchado, continua inchado, e tem muita gente ainda para sair de lá com o PDV – Programa de Demissão Voluntária.

Vamos retomar a pergunta sobre a *RB Comunicação.*
Reynivaldo Brito – Certo. Havia uma carência de assessorias de comunicação em Salvador. As pessoas me procuravam para fazer alguns acompanhamentos na área. Foi aí que eu percebi que podia atender a essas pessoas e resolvi me estruturar como pessoa jurídica e dar início ao que é hoje a *RB Comunicação*. A *RB* já completou quinze anos de atuação no mercado de comunicação. Foi uma das primeiras de Salvador. Inicialmente, ela não cresceu muito porque eu ficava nessa dualidade entre o serviço público, no Tribunal, e o *A Tarde*. A *RB* ficava um pouco de lado. Mas quando, finalmente, me aposentei do Tribunal, pude dar uma atenção maior à minha empresa. Agora, com a minha saída do jornal, vou ter mais tempo para investir na empresa, justamente nessa fase de crise das assessorias de imprensa, quando qualquer menino que sai da Universidade abre, em sua própria casa, um escritório e vai concorrer com outras empresas no mercado. Portanto, o mercado para assessoria de comunicação está bastante complicado. Não sei se só na Bahia ou se no resto do Brasil.

Possui algum projeto para o futuro? Algum trabalho que ainda não realizou e que pretende realizar?
Reynivaldo Brito – Eu estou começando um livro sobre arte baiana. Eu fui

crítico de artes plásticas durante 25 anos no jornal *A Tarde*, então eu vou pegar os melhores textos, fazer um apanhado e publicar esse material. Tem outras coisas que escrevo também, de cunho mais literário, que pretendo publicar, também, depois.

Como foi esse seu contato com as artes plásticas?

Reynivaldo Brito – Quando eu era mais jovem, conheci um gravurista alemão, o Hansen Bahia, um dos maiores gravuristas que já vi na minha vida. Eu freqüentava muito o Instituto Cultural Brasil Alemanha – ICBA – que abrigava alguns militantes políticos da época. Lá conheci o Hansen, fiz um curso com ele e fui me envolvendo ainda mais nas artes plásticas.

O senhor disse que possui alguns escritos literários. De que natureza são esses escritos e como foi sua formação literária?

Reynivaldo Brito – São, essencialmente, poesias. Acho que por ser formado em Sociologia, além do Jornalismo, minha base literária foi bastante rica. Tive grandes professores, como Thales de Azevedo e Machado Neto, que influenciaram muito meu gosto pelas Ciências Humanas. Nessa época, logo quando terminei o curso de Jornalismo e comecei a fazer Sociologia, eu lia muito, até mesmo os livros de Fernando Henrique Cardoso. Hoje estou lendo muito menos. Minha mulher lê muito mais do que eu. Ela acabou de escrever um livro, um romance. Li muito Drummond, Bandeira, Pessoa... Enfim, li bastante.

Que mensagem o senhor deixa para aqueles que querem ingressar no jornalismo?

Reynivaldo Brito – Acho o seguinte: se você gosta de Jornalismo vá e faça Jornalismo. Se não gosta de Jornalismo não faça só para ter uma graduação. Melhor fazer outra coisa, vender bananas, advogar, trabalhar em hospitais etc. Eu mesmo fiz de tudo no Jornalismo, coisas que talvez hoje não fizesse. Já fui secretário de *A Tarde* por vários anos, já fui repórter A, repórter B, trabalhei na revista *Manchete*, fiz grandes reportagens, no auge da *Manchete*. Então como você pode verificar, eu me esforcei muito na minha profissão.

Hoje não posso me esforçar tanto quanto antigamente, tenho alguns problemas cardíacos e preciso me cuidar um pouquinho. Por convite nenhum voltaria à redação de um jornal, ao corre-corre de um veículo, por proposta nenhuma faria isso novamente.

E se recebesse um convite do jornal *A Tarde*, o senhor voltaria a trabalhar lá?

Reynivaldo Brito – Não, não voltaria nunca mais. Digo mais, eu não piso no jornal *A Tarde*, nem na porta, mais nunca, eu sou assim. Eu ensinei na Facom/UFBA por 17 anos. Um dia eu cheguei lá e resolvi pedir demissão. A Facom foi um caso interessante. Eu entrei lá por concurso com prova escrita e prova oral. Só tinha uma vaga. Fui aprovado no peito e na raça. Concorreram comigo pessoas que hoje são professores de lá, e um é representante da *Veja,* que eu prefiro não citar o nome. Depois de aprovado, tinha que optar pela carga horária a dar à Universidade, então optei por 20 horas, pois tinha outras atividades. Isso quer dizer que fui o honesto por que outros optaram por 40 horas e nunca deram as 40 horas obrigatórias. Em algumas ocasiões me davam uma carga horária maior, mais de três ou quatro disciplinas para ensinar, todas na área de impresso, e eu cedia para não ter aborrecimentos. Mas um dia que me deram quatro matérias, depois de 17 anos já ensinando. Então eu disse que não tinha condições de ensinar as disciplinas por que eu era professor só de 20 horas. Eu me lembro que teve um coordenador na época que me disse: "se vire e dê as quatro disciplinas". Aí eu fiquei aborrecido, disse umas verdades a ele e nunca mais pisei os pés na Facom. Acabou. Eu sou assim, minha formação de militante político me ensinou a tomar decisões e depois não voltar atrás. Nunca mais coloquei os pés na Universidade. A mesma coisa foi com o jornal *A Tarde*, que morreu para mim.

Samuel Celestino

"O Jornalismo é uma porta para a política"

Entrevista concedida a Fernanda Chagas da Silva e Valeria Ibalo Gomes em 27 de junho de 2003.

Samuel Celestino, nascido no ano de 1943, diplomado em Direito pela UFBA, exerce o Jornalismo desde 1965. Atualmente é um dos principais colunistas político da Bahia, assina coluna no jornal *A Tarde*, onde também foi editor de Política. Desempenha a função de presidente da Associação Bahiana de Imprensa há quase 20 anos. Começou sua vida profissional no *Jornal da Bahia* e passou pelo *Diário de Notícias* antes de ir para o *A Tarde*. Trabalhou com grandes nomes do Jornalismo contemporâneo. Nesta entrevista, Celestino demonstrou seu espírito de jornalista que prima pela objetividade e clareza. Respondeu às perguntas de maneira direta e de forma concisa não deixando de opinar sobre nada do que lhe foi perguntado. Abordou a influência do Jornalismo na política e assinalou que vários jornalistas se transformaram em políticos. Apesar de ter vivido a época da linha dura, quando os governos militares exerceram a censura principalmente nos jornais, declara que nunca nenhum jornal censurou o que escreveu, "naturalmente porque observei e segui a linha editorial do jornal". Mesmo assim, durante a ditadura foi chamado algumas vezes à Polícia Federal para explicar alguma coisa e ouvir sobre o que não podia publicar. A censura draconiana dos anos de chumbo lhe deu uma lição: "Jamais censurar, lutar contra a censura, amar a liberdade de expressão, defender a liberdade de imprensa, detestar os ditadores, os arrogantes, os prepotentes, lutar contra eles e defender a democracia". Se declarou a favor das Escolas de Comunicação que "produziram profissionais conscientes. Antes havia muito diletantismo".

De que forma o Jornalismo influenciou na carreira dos Luiz Viana Filho, Antônio Carlos Magalhães, Prisco Viana, entre outros?

Samuel Celestino – O Jornalismo é uma porta para a política, especialmente o Jornalismo político que, por si só, é apaixonante. O relacionamento se constrói na profissão, que funciona também como uma espécie de traço de união, como uma ligação entre o poder e a sociedade. Às vezes acaba por levar o jornalista a experimentar o mandato eletivo. É preciso que se diga que, no exercício da profissão, o jornalista detém uma espécie de mandato público, diferentemente do mandato eletivo que é renovado, ou não, a cada período de quatro anos. Sem dúvida, o Jornalismo como atividade diária influenciou diversos políticos brasileiros que se destacaram excepcionalmente. A pergunta cita três baianos, Luiz Viana Filho, Luís Prisco Viana e Antonio Carlos Magalhães. Dos três, Luiz Viana – deputado federal, ministro de Estado, governador da Bahia e senador da República – foi o único que também relacionou Jornalismo com a literatura. Foi um excelente biógrafo. Prisco Viana começou como radialista, foi repórter político de *A Tarde*, deputado federal com diversos mandatos e também ministro de Estado. ACM militou pouco na imprensa, mas soube usar a informação para alcançar objetivos políticos. Cresceu à sombra da ditadura. Enfim, a influência é muito grande. Eu mesmo já recebi diversos convites para filiar-me a partidos políticos e tentar a vida pública, candidatando-me. Recusei.

Desde que o senhor começou a exercer o Jornalismo político, que nomes destacaria nessa área? E qual a contribuição?

Samuel Celestino – Seria uma extensa lista citar os grandes nomes do Jornalismo político com os quais cruzei na minha vida profissional e estabeleci bons relacionamentos, não somente profissionais como pessoais. As contribuições são muitas. Uma conversa com um político ético, inteligente, bem formado, sempre deixa substratos que, às vezes, sem que o profissional tenha exata consciência, chegam até a influenciá-lo. Tais convivências – no caso do político bem formado, que fique claro – sempre são benéficas e enriquecem a formação cultural.

No século passado, cite alguma barrigada (erro no jargão do Jornalismo) dos comentaristas políticos?

Samuel Celestino – Inúmeras. A "barrigada" faz parte, está presente no cotidiano da imprensa. Os jornalistas cometem equívocos. Os bons, os éticos, reconhecem para o leitor o erro cometido. Às vezes são levados ao erro, à "barrigada" por uma informação equivocada, de boa fé – quando a fonte é honesta – ou de má fé, quando a fonte é desonesta. Seria impossível referir-me a uma "barrigada" que tenha marcado o século passado. Diria, para não passar em branco, lembro do Orson Welles, grande ator. Como radialista gerou um *frisson* nos Estados Unidos ao divulgar que os marcianos estavam invadindo a Terra. Foi uma brincadeira de mau gosto, mas, tecnicamente, não deixa de ser uma "barrigada", uma notícia errada.

Entre o período em que o senhor começou e os dias atuais, houve mudanças no Jornalismo político?
Samuel Celestino – O Jornalismo, a imprensa de maneira geral, vive a revolução que se observa nas comunicações. Diria mesmo que estamos no epicentro de uma revolução tecnológica na comunicação, e o exemplo é a Internet. Aonde vamos chegar, é impossível dizer. No campo político, as mudanças acompanharam essa revolução na medida em que a notícia é instantaneamente divulgada, reduzindo a dimensão do planeta a um mero pontinho. Hoje posso me comunicar com um parlamentar dentro do plenário da Câmara Federal ou do Senado, o que antes era impossível. E ainda há o aspecto institucional. O Brasil, para me situar na pergunta, experimentou uma ditadura militar que emasculou a imprensa, o Jornalismo e os direitos individuais. Vivi, como profissional, parte daquele período de dificuldades. Com a democracia, o Jornalismo político explodiu, se aperfeiçoou, ganhou adeptos, tornou-se acessível. Com a queda da ditadura surgiu o Jornalismo investigativo que, antes, era absolutamente impossível de se praticar.

A direção de algum jornal influenciou ou interferiu direta ou indiretamente em seus comentários? Já sofreu algum tipo de censura?
Samuel Celestino – Não, nenhum jornal estabeleceu censura sobre o que escrevo. Natural que observo a linha editorial do jornal e sei perfeitamente os limites do possível, já que a imprensa escrita, que é privada, tem proprietários

e esses, naturalmente, possuem os seus interesses. Jornalismo, como se sabe, é negócio. Mas não sofri censura. Na ditadura, sim. E muitas.

Muitos jornalistas ocupam cargos políticos. Isso pode interferir na opinião deles?
Samuel Celestino – Pode. Daí porque um jornalista não pode ser, ao mesmo tempo, um profissional da imprensa e ocupar cargos políticos. Cargo público é uma outra coisa. Nada tem a ver e, neste caso, é possível sim, guardados os limites éticos. Em cargo político um jornalista pode ser, no máximo, colaborador de um jornal e tem a obrigação de esclarecer a sua condição de político.

O Direito contribuiu para o senhor ser um bom jornalista político?
Samuel Celestino – De forma acentuada. A formação em Ciências Jurídicas e Sociais oferece uma visão ampliada das ciências humanas. Entendo que se, numa extensão, fossem incluídos no curso de Direito especialidades da formação em comunicação, como técnica redacional e coisas que tais, teríamos um conjunto que daria maior base ao profissional das mídias impressa e eletrônica. O curso de Direito foi importante para o entendimento de fatos e do dia-a-dia do Jornalismo. Trata-se de uma grande janela cultural aberta à compreensão do Homem e do seu mundo. Não sei, referindo-me à pergunta, se sou um "bom jornalista". Mas se assim for considerado, com certeza muito devo ao que aprendi na velha Faculdade de Direito.

Qual o valor das escolas de Comunicação?
Samuel Celestino – O meu tempo coincide com a criação das escolas de Comunicação. Portanto, o meu Jornalismo acompanhou a evolução dessas escolas. Diria que os cursos de Comunicação produziram profissionais conscientes. Antes havia muito diletantismo. Fazia-se Jornalismo como complemento ou para realizar vocações. Hoje, saem bons e maus profissionais das escolas e assim acontece em todos os ramos do conhecimento. Mas, é claro que a contribuição das escolas de Comunicação foi e é básica e importantíssima.

Concorda com a juíza que quer extinguir o diploma?

Samuel Celestino – Acredito nos conhecimentos que são assimilados nas escolas de Comunicação. Sou favorável à exigência da formação em comunicação, da reserva de mercado. É um fator que impele à ética na profissão e o cuidado no trato com uma carreira tão bela.

O senhor trabalhou com João Carlos Teixeira Gomes, o Joca. Fale um sobre ele.
Samuel Celestino – Joca foi o meu primeiro redator-chefe no velho e saudoso *Jornal da Bahia*, uma grande escola de Jornalismo que havia na Bahia. Jornalismo sério, preocupado com os avanços e com o aprimoramento. Joca escreveu sobre Glauber, considerando-o "um vulcão". Deve ter-se visto ao espelho. Joca é um vulcão. Escreve magnificamente, é sério e, como poucos, é um jornalista valente, destemido. Foi um dos grandes que conheci.

Sofreu censura econômica ou política no *Jornal da Bahia*?
Samuel Celestino – O *Jornal da Bahia* tinha lá as suas idiossincrasias embora fosse uma escola. Lá, costumava-se dizer que "notícia é um espaço entre duas publicidades". Claro, tratava-se de uma reação da redação contra a administração que vivia do faturamento. Não me lembro de censura, nunca fui censurado como profissional. Mas havia vetos a textos que não correspondiam à linha editorial do jornal. Aliás, saí do *Jornal da Bahia* demitido. Foi minha única demissão. Era repórter especial do jornal, tinha cerca de 22 anos de idade e fazia política universitária. Acusaram-me – triste ironia – de pertencer a uma célula do Partido Comunista, o que não era verdade. O dono, que fora comunista, não queria problemas com a ditadura. E observe que o jornal sofreu intensa censura. Um censor ficava diariamente na redação.

Como foi o embate político entre o *Jornal da Bahia* e ACM?
Samuel Celestino – Foi duro e covarde. O jornal foi garroteado publicitariamente. ACM decretou o bloqueio da publicidade e, naquele tempo, não só a Bahia era economicamente pequena, como havia, ainda por cima, a ditadura militar. ACM foi prefeito nomeado e governador duas vezes também nomeado pela ditadura. Essa história João Carlos Teixeira Gomes, me parece, esgotou no seu livro *Memórias das Trevas*.

Como descreveria os jornais de quando começou no jornalismo?
Samuel Celestino – Entrei no Jornalismo numa época em que as redações estavam mudando para ganhar um aspecto mais profissional, menos amadorístico. Era gostosíssimo. Os jornalistas eram muito unidos, as dificuldades para fazer jornal eram muitas. Recebiam-se notícias pelo telex ou por telegramas, que eram decodificados na redação. Muitas vezes esperávamos os jornais do Sul chegarem para fazer o que chamávamos de "giletepress", ou seja, recortar as notícias importantes e "cozinhá-las" (reescrevê-las) para publicar. Como poucos liam os jornais do Sul na época, a coisa dava certo. De resto, não havia os telejornais nacionais.

O que considerava mais importante no Jornalismo? E o que mudou?
Samuel Celestino – O profissionalismo, a ética, o compromisso com o leitor, a independência acima de tudo e o avanço tecnológico. Mudou muito. Antes, os jornais eram partidários e diziam isso no cabeçalho. Hoje muitos estão decadentes, se vinculam a grupos políticos, mas passam a imagem de independência. Com o tempo isso acaba. O leitor é mais exigente. Vai à banca comprar um produto, comprar notícias, comentários, análises, enfim, a realidade é bem outra.

Como eram os jornais de sua época?
Samuel Celestino – Minha época é a que vivo. Comecei no Jornalismo em 1965, quando fazia o segundo ano de Direito. De lá para cá, muito mudou. A cidade, o Estado, o País e o mundo. Acompanho as mudanças de tal maneira que nem as sinto, dada a velocidade com que acontecem. Quando paro para pensar é que vejo o passado que, na verdade, é a única certeza. O futuro vai acontecer, mas não é a minha certeza.

Que linhas seguiam?
Samuel Celestino – Assim como hoje, diversificadas. Convém, no entanto, salientar que os jornais de antes eram mais engajados politicamente. Defendiam abertamente posições. Hoje, os jornais se profissionalizaram. São empresas de comunicações. Aqueles que permanecerem vinculados a uma linha política,

a serviço de um grupo político, não têm espaço para crescer. Em outras palavras, não têm futuro.

Fale sobre o Jornalismo boêmio. O senhor também era um boêmio?
Samuel Celestino – O Jornalismo boêmio foi próprio de uma época e foi exatamente reflexo da falta de profissionalização. A imprensa pagava mal, como continua pagando. Ser jornalista era apenas uma entre outras atividades. Assim, havia uma preocupação intelectual maior, uma discussão em tempo integral sobre política, literatura, as artes, enfim. Em conseqüência, os jornalistas costumavam se reunir em torno de mesas de bares para intermináveis discussões que varavam as madrugadas. Foi uma boa época. As madrugadas eram silenciosas e festivas, com as casas noturnas que acolhiam os jornalistas como príncipes da noite. Não havia violência. Os jornalistas eram amigos das figuras da noite, algumas riquíssimas em conhecimento de vida. Conviviam com os boêmios profissionais, os artistas, os bêbados, as putas, figuras que só apareciam quando o sol caia. E ficavam até o amanhecer. Falava-se em "exercício de diletantismo jornalístico", ou seja, não era a principal atividade de quem exercia a profissão com amor, idéias, preocupações intelectuais e sempre pensando na noite e na cerveja companheira.

Conte a sua experiência com a Polícia Federal e o Exército.
Samuel Celestino – Na Bahia, os jornais foram submetidos à censura. Os censores ficavam nos jornais e repassavam todas as matérias que deveriam sair no dia seguinte. Vetavam algumas, liberavam outras. Alguns censores realizavam o trabalho com má vontade e acabavam amigos dos jornalistas por que passavam a admirá-los. Fui chamado algumas vezes à Polícia Federal e ao quartel do Exército na Moraria. Diziam o que eu não podia escrever. Ameaçavam. Minha experiência ficou por aí.

Aprendeu algo com a censura?
Samuel Celestino – Sim. Jamais censurar, lutar contra a censura, amar a liberdade de expressão, defender a liberdade de imprensa, detestar os ditadores, os arrogantes, os prepotentes, lutar contra eles e defender a democracia.

Quem o senhor indicaria como o melhor jornalista do seu tempo?
Samuel Celestino – Jorge Calmon, disparadamente. Pela sua cultura, sua dignidade, sua honradez e pela sua ética.

O que o fez enveredar pela área de Comunicação Social?
Samuel Celestino – Na faculdade, eu e um grupo de colegas fundamos um jornalzinho, *O Debate*. Sem pretensões. Depois, o *Jornal da Bahia* estava recrutando universitários para *focar*. Os que tivessem vocação seriam contratados à medida que houvesse vaga. Apresentei-me. Queria fazer Jornalismo e ganhar algum dinheiro para uma cerveja, essas coisas. Deu certo. Fui aprovado, contratado e, apaixonado pelo Jornalismo, estou aqui até hoje.

Foi a escolha certa? Afinal, o senhor tem o diploma de advogado.
Samuel Celestino – Foi. Poderia não ser. Apostei no que gostava. O Jornalismo fez o que o Direito não conseguiu: arrebatou-me. É uma profissão dura, difícil, não realiza financeiramente. Mas vale a pena. Não me arrependi. Sinto que não tenha vivido num período de maior civilidade política. Principalmente na Bahia.

Sente-se realizado com o que pratica atualmente?
Samuel Celestino – Intelectualmente, sim. Financeiramente, não. Gosto do que faço. Não vivo sem escrever. Sou viciado em notícias. Me realizo e me gratifico quando o meu trabalho é reconhecido pelos leitores. Claro, faço Jornalismo político e sou, por temperamento, polêmico. Há quem não goste do que faço, nem de mim. Mas eu gosto também desse lado, do não gostar. Detestaria a unanimidade. Ela é só para os gênios e olhe lá!

Sérgio Mattos

"O profissional do Jornalismo deve ter a ética como guia e a verdade como objetivo"

Entrevista concedida a Eva Campos e Lívia Cabral no primeiro semestre de 2003.

O jornalista e professor Sérgio Mattos é disciplinado e costuma trabalhar duro. É viciado em trabalho. Gosta de produzir, de realizar e só faz o que gosta. Adotou como lema de sua vida um provérbio oriental que diz: "Persista em suas loucuras que um dia você será considerado o gênio delas". Profissionalmente, Sérgio Mattos escolheu dois caminhos: jornalista e professor. Como jornalista profissional trabalhou na imprensa local, nos jornais *Tribuna da Bahia* e *A Tarde* e em revistas como *Tribuna Econômica, Liderança e Neon*. Na imprensa nacional prestou serviços *free-lancer* para os jornais *O Globo, Jornal do Brasil, Correio da Manhã*, e para as revistas *Manchete* e *Veja*. Na imprensa local foi responsável pelo desenvolvimento e editor de produtos pioneiros, como os suplementos "Jornal de Utilidades", na década de 70, "A Tarde Municípios", que circulou de 1985 a 2003, e "A Tarde Rural" na década de 80 e que continuou circulando até 2003. Foi também autor do projeto editorial e diretor de redação da revista *Neon*, dedicada à cultura e as artes da Bahia, que circulou de janeiro 1999 a dezembro de 2004. Como professor formou inúmeras gerações de novos profissionais e dedicou-se à pesquisa. É hoje um dos mais ativos estudioso dos meios de comunicação com vários livros publicados, principalmente sobre a televisão, o nosso maior e mais influente meio de comunicação de massa. Aposentou-se da UFBA em 1997 e continuou ensinando em faculdades particulares. Em seu tempo na UFBA, Sérgio Mattos, o primeiro doutor em Comunicação da Facom, contribuiu para a instalação dos cursos de pós-graduação daquela unidade, e foi também o orientador do primeiro doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea formado pelo programa na Bahia.

Quando começou sua trajetória como jornalista?

Sérgio Mattos - Comecei minha aventura como jornalista na década de 60 do século passado, como colaborador, no semanário da Arquidiocese do Salvador, no jornal *A Semana*, onde assinava uma coluna estudantil, publicava artigos, crônicas e poesias, além de fazer reportagens. Minha primeira reportagem publicada naquele jornal foi uma entrevista com dom Helder Câmera, manchete de primeira página. Profissionalmente me iniciei no jornalismo no ano de 1969 na *Tribuna da Bahia*. Fiz parte da "Escolinha TB", sob orientação de Quintino de Carvalho. Depois da *Tribuna*, onde fui repórter de geral, repórter especial e chefe de reportagem, fui para o jornal *A Tarde* na condição de editor. Criei na década de 70 o "Jornal de Utilidades", um suplemento de serviços que foi pioneiro na imprensa diária do país. Em *A Tarde* fui também editor local (de cidade), editor rural e editor de municípios. Estas duas últimas editorias produziram dois suplementos: "A Tarde Rural", semanal, e "A Tarde Municípios" que começou como semanal, passou a bi-semanal e depois a diário até desaparecer em fevereiro de 2003, quando também deixei o jornal. O projeto de "A Tarde Municípios", também de minha autoria, era um projeto avançado e pioneiro e se destinava a cobrir todo o território baiano, assumindo a defesa da causa municipalista. Atuava como verdadeiro porta-voz dos municípios baianos e como veículo de integração municipal. Este projeto foi a primeira experiência da imprensa brasileira no que diz respeito a se trabalhar com jornalismo regional. Após essa experiência, os jornais do sul também passaram a desenvolver cadernos voltados para determinadas regiões de seus respectivos estados. A experiência baiana foi apresentada em reuniões promovidas pela ANJ – Associação Nacional de Jornais – e da SIP – Sociedade Interamericana de Imprensa –, uma das quais realizada em Salvador, quando vários diretores de jornais brasileiros nos visitaram para conhecer os detalhes do projeto.

Relate sua experiência na *Tribuna da Bahia*, principalmente com relação à produção dos números experimentais da *TB*.

Sérgio Mattos - No ano de 1968, sob o comando de Quintino de Carvalho, foi montado o que ficou conhecido como *Escolinha TB*. A escolinha durou de 1968 até o dia do lançamento da *Tribuna da Bahia*, no dia 21 de outubro de

1969. Começou num prédio na Cidade Baixa, ao lado da Associação Comercial enquanto a sede da *TB* estava em construção. Logo depois mudou-se para a rua Djalma Dutra. Durante o período anterior ao lançamento do jornal, Quintino foi selecionando, entre os candidatos, todos jovens universitários, a equipe básica que iria compor o primeiro quadro de repórteres, redatores e editores do jornal. Durante aquele período trabalhávamos diariamente produzindo matérias e fotos que passaram a constituir a base do acervo fotográfico da *TB*, o primeiro jornal a ser impresso no sistema off-set do Norte e Nordeste do país. Trabalhei assim quase um ano em um "jornal fantasma", pois cobríamos todos os eventos, estávamos presentes a tudo como se o jornal estivesse circulando, mas não chegava a ser impresso. Todas as matérias eram trabalhadas. Das mãos dos repórteres passavam para os copidesques – que preparavam os textos, uniformizavam a linguagem e titulavam as matérias. Só então as matérias seguiam para a secretaria onde eram diagramadas. O processo se encerrava aí. As máquinas de composição e impressão estavam sendo instaladas enquanto a equipe era treinada. Depois que o maquinário estava montado e pouco antes da inauguração oficial, tivemos um período de teste. Foram impressos alguns números "zero" com circulação interna, que serviram para os ajustes finais antes do lançamento da primeira edição no dia 21 de outubro de 1969. Muitas matérias especiais que estavam nos números "zero" foram publicadas nas primeiras edições. Na *Escolinha TB*, Quintino de Carvalho desenvolveu, de maneira muito prática e direta, as normas de redação a serem seguidas pela *Tribuna*. O texto resultou numa pequena brochura, cujas regras eram lidas e seguidas por todos como se fosse uma bíblia. Textos de Graciliano Ramos, reproduzidos, eram distribuídos também para que todos entendessem o espírito de "texto simples e direto" que era perseguido. A *TB*, que realmente inovou muito na imprensa baiana, trouxe novos conceitos.

Quais os principais pressupostos jornalísticos adotados pela *TB*?

Sérgio Mattos – A *Tribuna da Bahia* surgiu com projetos gráfico e editorial arrojados para a época, seguindo o exemplo do *Jornal da Tarde*, de São Paulo, que serviu de paradigma para inúmeros jornais brasileiros. Além de trabalhar com fotos grandes, os textos das matérias da *TB* deveriam esgotar o assunto, abordando

todos os aspectos da notícia e ouvindo todas as fontes necessárias. Muitas vezes, alguns repórteres levavam uma semana ou mais levantando os dados para a grande reportagem. Os temas para as reportagens especiais geralmente eram escolhidos pelo próprio Quintino que também escolhia o repórter que iria produzi-la. Era normal encontrar matérias de página inteira ou ocupando duas páginas, a depender da importância do assunto e de como o texto e fotografias haviam sido tratados. Vale destacar que a diagramação da *TB* buscava também valorizar o espaço branco para que o visual não ficasse pesado. Além do lide, primeiro parágrafo do texto introduzido na imprensa baiana pelo *Jornal da Bahia* na década de 1950, a *TB* introduziu o sublide, o segundo parágrafo. Os chamados repórteres e fotógrafos especiais tinham a missão de trabalhar sempre buscando a manchete local e as fotos da primeira página. Perseguíamos também o "furo jornalístico". Publicávamos frequentemente matérias exclusivas ou abordávamos temas com ângulos que nenhum outro jornal de Salvador havia explorado antes. E isto a *TB* conseguiu fazer muito bem sob o comando de Quintino de Carvalho. Para Quintino, jornalista tinha que ser jornalista 24 horas por dia – *full-time*, termo em inglês muito usado por ele. Não deveria exercer outras funções, como assessoria de imprensa, por exemplo. Observe-se que todos nós trabalhávamos cerca de dez horas/dia e com prazer. O próprio Quintino praticamente morava no jornal, dormindo muitas vezes em um pequeno sofá em seu "aquário" (gabinete). Em Salvador, nas décadas de 60 e 70, era comum jornalistas trabalharem em órgãos públicos ou empresas exercendo as funções de assessores de imprensa para completar salário. Os jornais pagavam tão pouco que trabalhar em jornal era um considerado "bico". Na época, a *TB* acabou com essa prática, valorizando o profissional de imprensa, pagando, inicialmente, o dobro que os demais jornais pagavam. Quintino, pelo menos nos primeiros meses, lia, corrigia e até escrevia os textos das chamadas de primeira página. Ele comentava os textos com os repórteres, elogiava ou criticava as principais matérias dando sua orientação pessoal e um toque especial, transmitindo confiança e estímulo a todos. Em minha opinião, Quintino era um líder nato. Durante o regime militar, a *TB* circulou sem o tradicional espaço do editorial – se não podíamos expressar a nossa opinião, era melhor que o editorial do jornal fosse suprimido. Isso não impedia que o jornal expressasse sua opinião por meio da seleção das fontes entrevistadas, dos temas das

matérias selecionadas e da maneira como eram editadas.

Quais os profissionais que formaram a equipe inicial da *Tribuna*?

Sérgio Mattos – Muitos foram os colegas que integravam a primeira equipe fundadora da *Tribuna da Bahia*. Tentarei lembrar todos o nomes, mas é possível que alguns fiquem de fora: Elmano Castro (diretor-proprietário), Milton Cayres de Brito (superintendente), Quintino de Carvalho (editor-chefe), Tácio Feitosa e Paulo Portela (publicidade), professor Luis Henrique Dias Tavares (responsável pela implantação do arquivo). Na redação, além de Quintino, tínhamos Misael Peixoto, jornalista experiente que já havia trabalhado no *Jornal da Bahia* e que exercia o papel de Secretário Gráfico responsável direto pelo projeto gráfico e a diagramação; Sérgio Gomes (subeditor), Osvaldo Gomes (secretário de redação). Eu comecei como repórter especial e, logo depois, assumi a chefia de reportagem. Foram também dessa época Paulo Sérgio Brandão, Antonio Matos, Roberto Pessoa, Pancho Gomes, Cláudio Fonseca, Marcelo Cordeiro, Biza Junqueira Ayres, Edyala Yglesias, Jacinto Prisco, Felipe Jucá, Ruy Espinheira Filho, Alberto Baraúna, Tasso Franco, Pedro Formigli, Paolo Marconi, Rino Marconi, Lazaro Torres, Manuel Bonfim (fotografo ainda em atividade na *TB*), Ivan Carvalho (escreve na *TB* até hoje), Sérgio Amado, Paulo Bicas, professor Saraiva (o nosso rádio-escuta), Marcos Rossini, Irani Rossini, Cláudio Fonseca, João Fontenele, Weliton Cerqueira, Maria Luiza Sá (colunista social), Sérgio Maciel, Edgard Teles, Albino Castro, Cidélia Argolo e outros. Alguns meses depois do lançamento, outras pessoas foram chegando e passando a integrar a equipe, como José Valverde, Almir Fonseca, Vera e Marcos Dantas. Deixei a TB depois da morte de Quintino. Posteriormente ingressei em *A Tarde*.

Como a experiência na *TB* influenciou a sua trajetória profissional?

Sérgio Mattos – A *Tribuna da Bahia* formou uma geração de jornalistas na Bahia: a *Geração TB*, do mesmo modo que o *Jornal da Bahia*, que também inovou em seu tempo, nos anos 50, formou uma geração de jornalistas. A *Geração TB* é uma geração que passou a fazer Jornalismo com ética e como profissão. Coincidiu também com o período em que a profissão foi

reconhecida oficialmente e passou a exigir diploma universitário. O surgimento da *Tribuna da Bahia* aconteceu num período de mudanças significativas para o Jornalismo brasileiro em geral e para o baiano em particular, que passou a ser muito mais profissional do que boêmio. O Jornalismo passou a ter uma postura mais ética, o que limitou a atuação dos chamados "picaretas" que atuavam no mercado. A *Tribuna* surgiu num momento em que o Jornalismo convivia com um regime de exceção durante o qual coexistiam as arbitrariedades e a censura. A censura e o regime militar limitaram fortemente o desenvolvimento dos meios de comunicação, embora não conseguissem impedir que os profissionais sérios buscassem alternativas para desempenhar as suas funções sociais básicas. Foi durante esse período que a imprensa nacional e a da Bahia, e, em especial, a *Tribuna da Bahia*, passou a desenvolver um Jornalismo de prestação de serviços à comunidade. Posso dizer que as orientações de Quintino de Carvalho, quando eu estava dando meus primeiros passos como profissional, e o fato de ter integrado a primeira equipe do jornal *Tribuna da Bahia*, foram marcantes e decisivos para minha formação e para a minha prática profissional. Naturalmente que todos os que passaram pela experiência *TB* evoluíram, buscaram e encontraram novos caminhos que foram determinantes em suas respectivas carreiras profissionais. Some-se a isso a própria evolução dos meios de comunicação em todo o mundo nos últimos quarenta anos, que também contribuiu para uma maturidade profissional de todos os integrantes da chamada Geração *TB*. Entretanto, não podemos negar, a semente foi lançada e germinou sob a orientação de Quintino de Carvalho e na prática jornalística do dia-a-dia dos primeiros tempos da *Tribuna da Bahia*.

Porque escolheu o Jornalismo como profissão?

Sérgio Mattos – Desde os 11 anos de idade que escrevo. A pesquisa e a história sempre me atraíram e o Jornalismo foi surgindo como uma opção de maneira muito natural. No meu tempo de ginasiano* eu já era responsável pelo jornal mural da escola. No bairro onde morei durante minha adolescência,

* Ver N.E. p. 91.

X

o Rio Vermelho, em Salvador, fundei, junto com outros colegas, o que talvez tenha sido o primeiro jornal de bairro da cidade. Tal prática se estendeu a outros bairros, onde grupos de jovens também produziam pequenos jornais para divulgar suas produções literárias e os eventos do bairro. Assim fui me aproximando do Jornalismo e muito antes de começar a exercê-lo profissionalmente, já publicava contribuições nos suplementos dos jornais locais. Jornalismo foi minha primeira opção no vestibular da UFBA, onde me diplomei em 1971. Não me arrependo de ter escolhido esta profissão, que é a mais dinâmica entre todas as que existem. Nem mesmo a rotina, no Jornalismo, é sentida como rotina, pois trabalhamos sempre com novos fatos. A realidade é construída no dia-a-dia.

Há diferença no jornalismo de quando era iniciante e o de agora?
Sérgio Mattos – O Jornalismo da época em que comecei era mais objetivo. O repórter procurava apurar bem todos os fatos e transmiti-los da maneira mais direta possível, procurando sempre ouvir mais de uma fonte, buscando a verdade acima de tudo e tentando ser o mais isento possível. Tentava-se também esgotar o assunto, levantando todas as nuances referentes àquele tema, evitando dar a própria opinião como acontece hoje em dia. Os repórteres atualmente se julgam donos da verdade e conhecedores de todos os assuntos, opinam sobre qualquer assunto como se fossem especialistas, condenam ou aplaudem realizações. Digo ainda que a influência dos telejornais tem sido negativa para o Jornalismo impresso. Todo jornalista de impresso deseja aparecer e ser tão famoso quanto aqueles que aparecem na telinha da TV. No jornalismo impresso o repórter, em princípio, não deveria buscar as mesmas fórmulas usadas na televisão. O repórter deve ter em mente que ele é o responsável pelo fornecimento de todos os detalhes para o leitor, que ele é o elo de ligação entre o leitor e a fonte/acontecimento etc. O profissional do Jornalismo impresso deve ter a ética como guia e a verdade como objetivo.

O que mudou para melhor ou para pior?
Sérgio Mattos – Sem qualquer saudosismo, posso dizer que naquele tempo, nas décadas de 1970 e até meados dos anos de 1980, o Jornalismo era muito

mais rico em informação. Os jornais eram mais densos. A partir do avanço das tecnologias da computação e do uso delas pelas redações, os relatos jornalísticos perderam densidade, ficaram mais superficiais e os jornais, com suas reformas gráficas, passaram a dar ênfase à aparência gráfica, ao design gráfico, com imensas fotografias coloridas e pouco texto. Antes, em uma página de jornal se publicava uma média de 15 a 20 notícias e as reportagens especiais ocupavam uma ou duas páginas, se o assunto merecesse. Atualmente, a imprensa brasileira preenche uma página com duas ou três matérias de no máximo 30 ou 45 linhas, usa fotos grandes, de quase um quarto de página. Dessa forma, sonega informações aos seus leitores, publicando uma quantidade menor de matérias/informações. Dizem os pais das transformações gráficas importadas, que o Jornalismo de hoje tem mais qualidade, mas os leitores querem, além dessa dita "qualidade", uma maior quantidade de informações para que fiquem mais bem informados. O que acontece atualmente nos jornais impressos diários é uma reprodução das notícias veiculadas pelos telejornais na noite anterior. A imprensa está muito pasteurizada, homogeneizada, e cada vez mais se pratica o jornalismo declaratório, sem que o repórter faça o levantamento total dos dados, entrevistando fontes diversas. Também isto é quase impossível. Os jornais publicam notícias com no máximo 30 linhas de texto!

Isso significa que as reformas gráficas prejudicaram o Jornalismo?
Sérgio Mattos – Os jornalistas mais antigos dizem que o moderno design gráfico criou uma camisa de força para o texto jornalístico que, se antes já era tido como superficial, passou a ser mais ainda para atender apenas as questões gráficas em detrimento da informação. É claro que o Jornalismo também foi beneficiado pelos avanços tecnológicos, principalmente no que diz respeito à impressão, cujos avanços permitem jornais mais bem impressos e coloridos, melhor visualização das fotografias e um texto melhor impresso e limpo. A tecnologia também aumentou a velocidade das máquinas impressoras que permitem grandes tiragens com múltiplos cadernos em muito menos tempo. Até a década de 80 existiam ainda no Brasil jornais matutinos, vespertinos e outros cujas edições circulavam à noite, depois das 18 horas. Hoje todos circulam pela manhã e fecham no máximo

às 22 horas. Para dar um exemplo local, *A Tarde* circulava às 16 horas, depois foi baixando para as 11 horas, 8 horas e hoje, a partir das cinco da madrugada você já pode comprar o jornal do dia. Até os anos 80 do século passado, poucos eram os jornais que circulavam todos os dias da semana. Os vespertinos circulavam de segunda a sábado e os matutinos de terça a domingo. Hoje todos circulam de domingo a domingo.

Houve influência do Golpe de 1964 na prática jornalística de um modo geral e na televisão em particular?

Sérgio Mattos – A prática da censura no período pós-64, durante o regime militar, apesar de condenável em todos os seus níveis, propiciou o surgimento da imprensa alternativa e contribuiu significativamente para a maturidade do Jornalismo e do jornalista. A censura contribuiu também, negativamente, para o fechamento de vários veículos de comunicação e é responsabilizada pela criação do chamado "intermediário da notícia", pela disseminação do *press-release*. As pressões políticas e econômicas, em conjunto com a censura, exerceram e continuam a exercer grande influência nos meios de comunicação de massa no Brasil. Alguns veículos, que adotaram uma postura amigável e de sustentação às ações governamentais, têm se beneficiado com empréstimos, subsídios, isenções de impostos, além de receberem publicidade oficial. Outros, com postura mais crítica diante das políticas governamentais, não têm recebido o mesmo tratamento. Exatamente por isso, não podemos esquecer que a censura também pode ser exercida indiretamente. As pressões políticas e econômicas podem induzir a autocensura, estimulando um sentimento de compromisso político ou econômico que gera o medo de contar a verdade. Por ser um veículo de massa e de maior penetração junto ao público, a televisão brasileira, durante o regime, foi quem mais sofreu com a censura.

Como era feito o trabalho jornalístico em tempos de censura? O senhor foi censurado? Conte como aconteceu.

Sérgio Mattos – O trabalho era feito da mesma forma. Não podíamos nos curvar ao peso da censura. Nos jornais onde existia a censura prévia, com a presença de censores no jornal, deixávamos a tarefa de cortar os textos para

os censores, pois não nos competia exercer a autocensura. Mas, diante da presença dos censores, os jornalistas acabavam evitando determinados assuntos, pois sabiam que estavam perdendo tempo. Ou seja, a presença do censor nas redações, por si só, era ameaçadora e levava os profissionais ou as empresas a adotar a autocensura. Eu particularmente nunca tive nenhum texto censurado diretamente, mas a Polícia Federal, aqui em Salvador, tentou apreender uma edição do jornal *A Semana* com uma reportagem minha, uma entrevista com dom Helder Câmera. Falar no nome do arcebispo de Olinda era proibido, imagine publicar uma entrevista com ele! Mas liberaram o jornal, que circulou normalmente. Outras experiências que tive pessoalmente estão limitadas a receber, na condição de chefe de reportagem da *Tribuna da Bahia*, os comunicados da Polícia Federal indicando os assuntos que o jornal não deveria publicar. Como disse, os jornais, no período da censura, passaram a evitar os assuntos proibidos para evitar a censura prévia ou o corte e apreensão das edições, o que seria um grande prejuízo. Em termos nacionais, os jornais *O Estado de S. Paulo,* o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, além da *Tribuna da Imprensa* e a revista *Veja*, foram os que mais sofreram com a censura prévia. *O Estado de S. Paulo* publicava trechos de poemas de Camões ou receitas de bolo no local dos textos cortados/proibidos. Esta foi a forma que o *Estadão* encontrou e achou adequada para denunciar aos seus leitores que estava sob censura prévia e como os censores não tinham porque cortar poemas e receitas de bolo, os textos saíam nos lugares mais estranhos possíveis.

O senhor acredita que existe realmente liberdade de imprensa atualmente ou a censura ainda sobrevive em função de interesses políticos e econômicos dos veículos?

Sérgio Mattos – A partir de 5 de outubro de 1988, quando foi promulgada a Constituição Nacional, passamos a ter, assegurado por lei, a total liberdade de imprensa no país, pelo menos no que diz respeito à censura policial. Salvo raros casos isolados de uso do poder arbitrário praticado contra a imprensa ou jornalistas por políticos ou juízes, a imprensa brasileira teoricamente está livre da censura policial. Entretanto, a total liberdade de imprensa ainda não existe, pois a censura passou a ser mais sutil. Não conta mais com a repressão

policial, mas é exercida através de todo tipo de pressão e constrangimento, inclusive econômico. O desenvolvimento tecnológico e o fortalecimento das estruturas burocráticas governamentais podem contribuir para o surgimento de novos métodos de controle dos meios de comunicação de massa. Métodos muito mais eficazes, pois a tendência que se pode observar é a censura se tornar cada vez mais sutil e complexa. Observe-se que a indiferença é um meio de censura e muitos jornais a praticam em relação a algumas pessoas, políticos e artistas, ou governos. Exercem uma censura ao contrário. Aliás, Bernard Shaw diz que a indiferença é uma forma de censura tão eficaz quanto o assassinato que, em sua visão, "é a forma extrema de censura".

O senhor vivenciou os tempos da boêmia? Conte-nos alguns casos sobre jornalistas boêmios.

Sérgio Mattos – Infelizmente não vivenciei o Jornalismo boêmio, apesar de conhecer vários profissionais que viveram e/ou continuam vivendo e praticando a boêmia, que não tem mais espaço dentro das redações burocráticas dos jornais de hoje. Observe-se que o jornalista boêmio é um estado de espírito, você é ou não é boêmio. Sei, entretanto que o jornalista e poeta Jeová de Carvalho foi o maior representante do jornalismo boêmio da Bahia. Vale dizer também que as redações dos jornais da época estavam situadas no hoje Centro Histórico: o *Jornal da Bahia* funcionava na Barroquinha; o *Diário de Notícias* e o *Estado da Bahia*, na rua Carlos Gomes; e o jornal *A Tarde*, na Praça Castro Alves. Todos fechavam mais ou menos na mesma hora e seus redatores e editores acabavam se reunindo em bares próximos, como o Tabaris, que funcionava na Praça Castro Alves, onde bebericavam, comentavam e trocavam informações sobre a vida soteropolitana.

Além dos profissionais já citados, com que outros trabalhou?

Sérgio Mattos – Além de Quintino de Carvalho e colegas da *TB*, que já escreveram seus nomes na história do jornalismo baiano, trabalhei em *A Tarde* com Jorge Calmon, Cruz Rios, Adroaldo Ribeiro Costa, Junot Silveira, Fernando Rocha, Jeová de Carvalho, Álvaro Henrique, José Olimpio da Rocha, Otacílio Fonseca, Silva Filho, Florisvaldo Mattos. Trabalhei também com outros

profissionais de grande quilate, mais jovens, de minha geração, como Sóstrates Gentil, Samuel Celestino, Reynivaldo Brito, Eliezer Varjão (meu colega de turma na UFBA), Vitor Hugo Soares, Helô Sampaio, Chico Ribeiro Neto, Francisco Carvalho e muitos outros. Um profissional que não posso esquecer, apesar do fato de nunca ter trabalhado com ele diretamente, é Ariovaldo Matos, que foi um grande jornalista e intelectual baiano com o qual eu conversava muito, tanto em seu escritório na rua Chile, onde funcionava a Agate – Agência de Assessoramento Técnico – como na casa dele, na Pituba. Com seus comentários críticos e irônicos, Ariovaldo influenciou, direta e indiretamente, na formação de muitos jornalistas de minha geração, apesar dele já não atuar no Jornalismo diário.

O senhor, como estudioso do tema, como analisa a evolução da TV brasileira? O que melhorou e o que piorou?

Sérgio Mattos – Nos estudos que realizei sobre a televisão brasileira ao longo de sua existência (desde 1950), tentei identificar a coerência e semelhança do desenvolvimento desse meio de comunicação de massa com o próprio desenvolvimento do país, considerando as incoerências dos modelos político-econômico e social adotados pelos governos, desde Getulio Vargas (1950) até Fernando Henrique Cardoso (2002). Em síntese, a história de nossa televisão reflete as fases de desenvolvimento e as políticas oficiais adotadas e por isso esse veículo não pode ser analisado como objeto independente do contexto no qual está inserido. Procurei identificar, na perspectiva da realidade cronológica do país, os aspectos que mais marcaram cada período, não deixando de considerar, principalmente, o período da ditadura iniciada em 1964, quando a televisão foi usada como poderosa ferramenta política, tanto de mobilização social como de formação de opinião pública. A televisão brasileira começou com uma prática improvisada em 1950 e chega a 2003 em plena maturidade, alicerçada em alto nível de qualidade técnica que lhe permite competir no mercado internacional, exportando programas para dezenas de países, participando de um mercado cada vez mais globalizado. Numa breve entrevista é difícil resumir o que melhorou e o que piorou ao longo dos anos. Entretanto, tecnicamente, a televisão evoluiu muito e com

relação à qualidade do conteúdo da programação, apesar de apresentar altos e baixos de acordo com a tendência: saindo de situações onde praticamente toda a sua grade de programação era importada para um processo de nacionalização do conteúdo e depois voltando a apresentar uma grande percentagem de importados. Nesse vai-e-vem, nesses altos e baixos, acredito que o resultado é positivo para a televisão aberta brasileira que agora enfrenta, no terceiro milênio, a concorrência da televisão paga, cada vez mais sedimentada, e da Internet. É possível afirmar também que o telejornalismo melhorou muito com as opções técnicas. Passou a oferecer uma cobertura razoável dos assuntos locais, nacionais e internacionais em reduzido espaço de tempo no horário nobre. O telejornalismo, contando aqui também a produção de documentários, cresceu muito na televisão brasileira que tem produzido programas de excelente qualidade. O que piorou nos últimos anos foi o retorno de programas de baixo nível voltados para atrair as classes C e D, com temas apelativos como os usados por Ratinho, Leãozinho etc.

O senhor estudou na Facom/UFBA, ensinou lá também e atualmente é coordenador e professor numa faculdade particular. Quais as diferenças entre o ensino praticado nessas instituições?

Sérgio Mattos – Sim. Estudei, me formei, e comecei a ensinar na então Escola de Biblioteconomia e Comunicação da UFBA, no curso de Jornalismo. Primeiro como professor colaborador e depois como professor efetivo do quadro, pois prestei concurso. Contribuí para a formação de inúmeros profissionais que hoje desfrutam de prestígio e fama, tanto na mídia local como na nacional. Muitos deles enveredaram também pela área da educação e passaram a ensinar nos cursos de comunicação. Quanto ao ensino superior público e privado, diria que o que diferencia é apenas a qualidade e/ou capacitação do corpo docente. A matriz curricular é definida e aprovada pelo MEC. Quanto ao aspecto técnico diria que as faculdades privadas são muito mais fiscalizadas e exigidas do que as públicas. As faculdades particulares devem oferecer todos os laboratórios como manda o figurino sob pena de não terem seus cursos reconhecidos. Na época em que comecei a ensinar os professores não tinham nem mestrado nem doutorado. Pouco tempo depois,

Florisvaldo Mattos e Othon Jambeiro foram os primeiros a concluírem seus respectivos cursos de mestrado. Eu, por exemplo, para vocês terem uma idéia, fui o primeiro doutor em Comunicação da Facom, no ano de 1982. Hoje, praticamente todos os professores possuem mestrado e ou doutorado. Nas escolas privadas, encontramos também muitos professores que possuem pós-graduação e isto se reflete diretamente na qualidade do ensino oferecido atualmente, com mais embasamento teórico e prática, devido ao suporte tecnológico dos laboratórios. É bom frisar que o MEC/INEP exige que as faculdades tenham pelo menos 40% do quadro docente formado por mestres e doutores, mas nem todas atenderem ainda a esta exigência da lei.

Por que decidiu atuar na área educacional?

Sérgio Mattos – Na época que comecei a ensinar, no início dos anos 70, poucos eram os professores diplomados em Jornalismo que exerciam a profissão. Como professor concursado, galguei todas as etapas da carreira, ou seja, de professor auxiliar do nível I ao IV, professor assistente do nível I ao IV, professor adjunto do nível I ao IV. Permaneci só neste último nível cerca de 15 anos. Só não fui professor titular porque até a época de minha aposentadoria em 1997, o MEC não havia aberto vagas para professor titular na minha área. Comecei, portanto, com um convite, depois tomei gosto pelo ensino e pelos métodos de ensino. Sempre fui muito didático e sempre soube transferir conhecimento para terceiros. Quem me convidou para ser professor colaborador foi um ex-professor e colega no jornal *A Tarde*, meu amigo Fernando Rocha, que era chefe do Departamento de Jornalismo, na época.

O senhor poderia citar alguns de seus ex-alunos hoje consagrados como bons profissionais?

Sérgio Mattos – São tantos que poderia esquecer o nome de vários deles, mas posso destacar um grupo, constituído de profissionais que já atuavam na imprensa e que ingressaram na faculdade em busca do diploma. Entre outros, deste grupo, foram meus alunos, por exemplo, Emiliano José, Oldack Miranda e José Carlos Teixeira. Muitos outros, fora desse grupo, também foram meus alunos e se destacaram, a exemplo de Demóstenes Teixeira (redator-chefe

do *Correio da Bahia*), Paulo Roberto Sampaio (redator-chefe da *Tribuna da Bahia*), Gonçalo Junior (que virou escritor festejado), Raimundo Lima (que foi presidente do Sinjorba e hoje está em Angola), vários publicitários de valor tanto nas agências locais como nacionais, a exemplo de Liane Sena (da Layout Publicidade), Vera Rocha (da Rocha Marketing), Edinho Barbosa (da Link Publicidade), Chico Sales, João Santana e muitos e muitos outros. São tantos fazendo sucesso na profissão que, com certeza, muitos estarão ausentes desta lista. Ensinando nos cursos de Comunicação e que foram meus alunos na graduação também existe uma grande quantidade de bons profissionais: Luis Guilherme Pontes Tavares, Itania Gomes, Fernando Conceição, Rita de Cássia Aragão, Sonia Serra, José Mamede e Emiliano José (hoje professores doutores), Edson Miranda Borges, Flávia Garcia Rosa, Cândida Maiffre, Matilde Schnitman, Vera Martins, Weliton Aragão (hoje professores com mestrado) e muitos outros. Além destes e outros não lembrados aqui, os jornais e emissoras de rádio e televisão estão repletos de profissionais que foram meus alunos em pelo menos uma ou duas disciplinas do curso: Levi Vasconcelos, Arievaldo Teixeira Donato, Adilson Fonseca, Adelmo Borges, Luis Lasserie, Suzana Varjão, Alberto Freitas, Ivana Braga, Ivana Souto, Vera Matos, Márcia Rodrigues, André Curvelo, Ipojucã Cabral, César Rasec, Licio Ferreira, Geraldo Teixeira, Ângela Dantas, Ângela Guimarães, Ângela Barreto, Póla Ribeiro, Luis Cláudio Garrido, Raimundo Marinho, Sonia Araújo, Mônica Bandeira, Malu Fontes, João Paulo (atual secretário de comunicação de Paulo Souto), Kardé Mourão (presidente do Sinjorba), Josalto Alves... Enfim, é muita gente. Impossível citar todos. Muitos trabalharam comigo nas redações dos jornais ou como colegas nas faculdades, outros estão atuando em outros setores, em assessorias de comunicação social. Posso dizer, com segurança, que muitos profissionais formados pela Facom/UFBA que estão completando 30 anos ou mais de diplomado em Jornalismo devem ter sido meus alunos em alguma disciplina.

Acha que os cursos superiores de Jornalismo na Bahia têm qualidade?
Sérgio Mattos – Qualidade é uma palavra difícil, pois o que pode ser qualidade para mim, não é para você. Portanto, em vez de falarmos de qualidade

deveríamos saber se os cursos são eficientes e eficazes na formação dos futuros profissionais. Quanto a isto não tenho dúvidas, mas é importante que todo aluno saiba que ele não pode ficar dependendo apenas do que se ensina em sala de aula. Ele precisa ler muito, além de ler tudo o que o professor indicar como leitura complementar para poder ter uma boa base cultural e conhecimento teórico e prático da área para atuar no mercado em condições de disputar vagas. Lembre-se que quem tem competência se estabelece. Quando se pergunta se os cursos daqui da Bahia têm qualidade, basta dizer que todos os profissionais formados na Bahia que foram trabalhar no sul do país, nos grandes jornais, sempre se destacaram e continuam a se destacar independente da infra-estrutura que os cursos daqui ofereciam. Com a chegada dos cursos das faculdades particulares, acredito que esta tendência vai continuar por causa da tradição e da eficiência dos profissionais que estão se dedicando ao ensino do jornalismo. Na condição de professor avaliador do INEP (órgão do Ministério da Educação), posso esclarecer que para que um curso seja aberto é necessário que o Ministério da Educação dê autorização para o seu funcionamento. A matriz curricular implantada é a recomendada e exigida pela comissão de avaliadores do Ministério da Educação. Após quatro anos, quando da formatura da primeira turma, uma nova comissão do Ministério retorna e faz outra avaliação do curso, a Avaliação de Reconhecimento, verificando se ele cumpriu as metas autorizadas e implantou todos os laboratórios exigidos, se a biblioteca e os professores do curso atendem aos requisitos básicos etc. Feito isto, o curso é reconhecido pelo Ministério da Educação. Mas o acompanhamento oficial não acaba aqui. Depois de um período de dois a quatro anos após o reconhecimento de um curso, uma nova comissão de verificação visita a instituição de ensino superior para verificar se as sugestões, apontadas anteriormente pelas comissões para sanar deficiências, foram aplicadas ou não. Desta forma o Ministério da Educação tem mantido um controle sobre a qualidade da matriz curricular, das instalações e competência do corpo docente das faculdades.

O senhor concorda com a não exigência do diploma para o exercício do Jornalismo? Se concorda, qual o valor da universidade para a formação do jornalista?

Sérgio Mattos – Sou um defensor do diploma de Jornalismo. Aliás, sempre fui e tenho escrito defendendo o diploma para a prática do Jornalismo. Acredito que a formação universitária é um diferencial uma vez que na faculdade não se aprende apenas as técnicas de redação, mas e principalmente a ética jornalística. A discussão do jornalismo, tanto sua prática como teoria, é tema constante nas disciplinas, formando um profissional que não seja ingênuo com relação à realidade na qual está inserido, ensinando o futuro profissional a questionar e defender os interesses da comunidade e do público, defendendo e procurando a verdade acima de tudo como meta prioritária. O profissional do Jornalismo precisa ter uma formação humanista, de caráter mais amplo do que apenas saber escrever bem e dominar as técnicas. Ele tem que se aprofundar no conhecimento e na análise de casos éticos para saber que o Jornalismo deve contribuir para a construção da realidade e lutar em defesa da cidadania. O compromisso do jornalista é com a verdade e com seu público.

Numa de suas entrevistas sobre o Jornalismo e publicada em *A Tarde* em 1989, o senhor diz que a imprensa, na época, passava por uma crise de identidade e qualidade. Acredita que a crise ainda permanece?

Sérgio Mattos – Sim, a crise de identidade e qualidade permanece. Acrescentem-se agora a crise financeira e a crise de credibilidade também. Em meados da década de 1990, a mídia festejava, com lucros, o Plano Real e o aumento da circulação média dos jornais. A mídia festejava também a televisão paga, os avanços tecnológicos, a abertura do mercado de telecomunicações, o surgimento de novos serviços e o fim do monopólio estatal da telefonia. O faturamento publicitário estava em franco crescimento, o que incentivou a nossa mídia, tanto impressa como eletrônica, a investir e se modernizar tanto tecnologicamente como editorialmente. Novos parques gráficos e novos provedores de acesso a Internet foram instalados. No final do século, as empresas de comunicação já amargavam alguns prejuízos e o novo século começou registrando queda na circulação da mídia impressa, retração do bolo publicitário e uma dívida acumulada de 10 bilhões de Reais. A crise financeira que atingiu o país entre os anos 2000 e 2002 resvalou também para a mídia. As alternativas de sobrevivência da mídia impressa foram

parcerias e fusões com outros grupos de comunicação, redução do quadro de pessoal (demissão de jornalistas). E ainda a tendência a aceitar participação acionária do capital estrangeiro na mídia impressa. Acredito que nos próximos dois a cinco anos a mídia impressa continuará a buscar redução de custos através da adoção de novas tecnologias que permitam reduzir ou desmontar equipes, o que já vem acontecendo nos principais jornais do país, inclusive aqui na Bahia. Desta forma, os jornais deverão se reestruturar para refletir o modelo de negócio adaptado à nova realidade de mercado. Como conseqüência direta e negativa destas mudanças, posso apontar a qualidade do noticiário oferecido ao público – que caiu muito, tanto em qualidade como em quantidade.

Os jornais oferecem melhor qualidade de impressão, valorizando fotografias e infográficos em detrimento do texto e da quantidade de informações. Passaram, em outras palavras, a sonegar informações aos seus leitores.

Fale um pouco sobre o mito da imparcialidade jornalística.

Sérgio Mattos - Na imprensa, a imparcialidade é um mito. Os jornalistas já começam a se posicionar a partir da escolha da pauta e das fontes que vão entrevistar, beneficiando este ou aquele tema, esta ou aquela fonte, desde que suas opiniões casem ou com os interesses imediatos da empresa, do editor ou do próprio repórter que ao redigir a notícia pode, por meio da omissão de certas informações, beneficiar uma fonte em detrimento da outra apesar de ouvir os dois lados como manda o figurino.

O senhor foi editor do caderno de Municípios do jornal *A Tarde* por muito tempo. Por que saiu do jornal? Sabemos que atualmente o jornal está passando por algumas reestruturações. O que mudou? Acredita que as mudanças são positivas ou negativas? Por quê?

Sérgio Mattos – Em 1985 fui o responsável pelo projeto e implantação do suplemento "A Tarde Municípios" que abriu novos caminhos para a empresa que desejava interiorizar suas ações. A meta foi alcançada, gerando inclusive novos leitores e anunciantes para o jornal, constituindo-se como um forte elemento de marketing para o crescimento e expansão do jornal dentro do

próprio Estado. Mais recentemente, a partir da saída de doutor Jorge Calmon do jornal e com a chegada dos herdeiros, da terceira geração dos Simões, a empresa adotou uma nova concepção de jornal, que culminou com a adoção de um modelo que dava ênfase ao visual em detrimento da informação. Nessa reestruturação há também o que passaram a chamar de "rejuvenescimento da média de idade do pessoal da redação", a saída dos profissionais com mais de 20 ou 25 anos de casa, seja por demissão direta ou por acordo, através de um Plano de Demissão Voluntária. A empresa também está buscando ter uma equipe com dedicação exclusiva, outro fator que tem levado vários profissionais a saírem do jornal. Assim sendo, por não concordar com uma série de mudanças que estão sendo implementadas, inclusive com o término do suplemento "A Tarde Municípios", e por não poder nem querer dar dedicação exclusiva ao jornal, acabei sendo afastado do quadro juntamente com outros editores a fim de que as mudanças projetadas pelos novos administradores fossem implantadas. Emitir opinião, neste momento, sobre as mudanças, se são positivas ou negativas, seria precipitado. Posso adiantar que, do meu ponto de vista, algumas medidas me parecem positivas e outras negativas, mas teremos que dar tempo ao tempo para melhor avaliar. Um dos aspectos que chama minha atenção é o fato de um jornal que se caracterizou como uma instituição da Bahia, que sempre esteve associado à identidade baiana, à baianidade, hoje está igual a qualquer jornal. Com muitas notícias de agências nacionais e internacionais e oferecendo pouca informação sobre o que está acontecendo na cidade.

Atualmente quais são os campos de trabalho mais promissores para jornalista?

Sérgio Mattos – Se você escolheu ser jornalista para trabalhar no jornalismo impresso ou na TV, por exemplo, você vai encontrar um mercado extremamente limitado e altamente competitivo. Poucos serão aproveitados e ainda terão que disputar com os que têm alguma indicação. O que se espera é que todos venham a ser formados nas mesmas condições, para competir em pé de igualdade. Como a sociedade, a economia e o mercado de trabalho estão em constante processo de mudanças, o jornalista de hoje tem que ser antes de tudo um empreendedor. Construir seu espaço, abrir o seu próprio negócio. A instalação de indústrias de grande porte no nosso Estado e o próprio crescimento econômico da Bahia geram necessidade de maior diálogo entre empresas públicas e privadas, e exigem maior digulgação das ações dos órgãos governamentais (municipais, estaduais e federais). Nesse sentido, acredito que as assessorias de imprensa são promissoras como mercado de trabalho para os recém-formados. Esse nicho de mercado está crescendo em função também do número de políticos e de artistas. Raro é o artista, o político ou a empresa que não possui um jornalzinho, um boletim ou um sítio noticioso na Internet atualizado e alimentado por jornalistas. O aproveitamento de jornalistas para executar trabalhos na Internet também está se caracterizando como um mercado promissor. As matrizes curriculares dos cursos de jornalismo contemplam disciplinas específicas sobre Jornalismo on-line. Entretanto, é importante que os futuros jornalistas tenham em mente que é necessário estar preparado, técnica e culturalmente, para obter um lugar ao sol. Só os competentes se estabelecem.

Com tantos anos de profissão que mensagem ou conselho o senhor daria a nós, estudantes prestes a ingressar no mercado de trabalho?

Sérgio Mattos – Quem deseja ser jornalista deve ler muito e escrever muito. Ter humildade, disciplina, ter uma postura ética e sempre buscar a verdade acima de qualquer coisa. O maior compromisso do jornalista é com a verdade e com seus leitores. É necessário também ser paciente e saber ouvir.

Tasso Franco

"A Internet é um complemento extraordinário para a profissão"

Entrevista concedida a Andréa Mazza e Wilma Nascimento durante o segundo semestre de 2003.

"Estou pronto para enfrentar qualquer parada". A afirmação é do jornalista Tasso Franco, no final dessa entrevista, realizada via Internet. Entrevistar Tasso foi driblar muitos obstáculos. É um homem muito ocupado. Com freqüência, ele pensa mais rápido do que consegue escrever, engolindo pedaços das palavras, principalmente no momento em que contextualiza algum fato. São tantas as coisas que lhe passam pela cabeça que nem sempre cabem na frase. Como secretário de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Salvador, seu tempo livre era muito limitado e precioso. A solução encontrada para entrevistá-lo foi enviar as perguntas via e-mail. Como resultado, uma entrevista extremamente objetiva, clara e concisa. Diplomado em Jornalismo pela UFBA em 1971, trabalhou em vários jornais, exercendo funções de repórter, editor e secretário, além de ter passado por assessorias de imprensa de empresas privadas, estatais e no serviço público. Tudo o que faz é realizado com muita dedicação e persistência. Com muita experiência e competência em sua área, Tasso Franco é um jornalista que tem o que dizer.

Porque a escolha por Jornalismo?
Tasso Franco – De tradição, de raiz. Meu pai era jornalista autodidata do interior e nasci convivendo com os equipamentos de uma tipografia. O velho editava *O Serrinhense*, em Serrinha, e tudo aquilo era fascinante na minha infância. Na época, ninguém falava em comunicação. O termo prático era Jornalismo e só vim ter uma idéia mais precisa do poder da comunicação nos anos 70, após as teorias globais de McLuhan.

Quando e como o senhor começou no Jornalismo?
Tasso Franco – Fazia Jornalismo amador em Serrinha nos anos 60. Entrei para o Jornalismo profissional em Salvador depois que prestei vestibular para o Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da UFBA, em 1967. Em 1968, ingressei na revista *Liderança*, com Sérgio Mattos, Ivan Carvalho e outros, uma publicação de Hélio Teixeira de Freitas. Ainda em 68, ano que praticamente não houve aulas na Escola devido à movimentação estudantil e à repressão, ingressei como "foca" no *Jornal da Bahia* e não parei mais.

Fale um pouco sobre o Jornalismo de sua época?
Tasso Franco – No final dos anos 60 e anos 70, em Salvador, o Jornalismo era muito mais dinâmico do que o praticado hoje. As empresas investiam mais, as sucursais dos jornais do Sul eram bem equipadas e predominava o Jornalismo das rádios e o impresso. O centro da cidade era o palco das atenções, pois todas as redações ficavam entre as ruas Chile e Carlos Gomes. Quem primeiro quebrou essa tradição foi a *Tribuna da Bahia*, em 1969, que se instalou na Djalma Dutra. Havia uma disputa acirrada pelos leitores entre *A Tarde,* o *Diário de Notícias* e o *Jornal da Bahia*.

O que o golpe de 1964 representou aqui na Bahia?
Tasso Franco – Representou retrocesso. Fazia o segundo ano científico* no João Florêncio Gomes, colégio estadual situado na Ribeira, quando estourou o golpe. Não fazia parte do movimento estudantil e acompanhei o golpe como espectador de uma mudança sobre a qual não tínhamos noção das conseqüências.

Como funcionava a política e a economia no Jornalismo baiano na década de 1970? Era muito diferente de hoje?
Tasso Franco – O Jornalismo baiano tem evoluído pouco. As coberturas que se faziam na década de 70 e as atuais são muito parecidas. As fontes se diversificaram um pouco na área da economia. Nos anos 70, muita coisa girava em torno da economia do cacau; a Bahia era exportadora de produtos primários – fumo, sisal etc. Depois veio o Pólo de Camaçari, as novas tecnologias etc e o enfoque

---

* Ver N.E. p. 91

modificou. Mas os métodos continuam os mesmos. Nossa economia é pobre e não produz grandes notícias. Tanto que todas as publicações, as revistas que se tentou fazer, faliram. Na política, houve também uma mudança no enfoque nacional. Os políticos baianos ganharam posições invejáveis na mídia nacional. O eixo deslocou-se um pouco para Brasília. Na Bahia, a mesmice de sempre: cobrir Assembléia Legislativa e Câmara. Os colunistas de hoje – Samuel Celestino e Ivan Carvalho – são os mesmos da década de 70.

Como o senhor analisa a questão política dentro e fora dos jornais na década de 70 e 80?
Tasso Franco – Mais retrocesso. Hoje, o Grupo TV Bahia/Correio/etc é político. Tem conotações políticas. A TV Record/Rádio Sociedade etc é político. Tem conotações políticas sob a orientação da Igreja Universal. São os dois maiores grupos da cidade e isso é péssimo.

Faça um paralelo entre o Jornalismo daquela época e o atual.
Tasso Franco – O Jornalismo em sua essência continua o mesmo. O problema está nas empresas de comunicação que decaíram. Nos anos 70, você tinha grupos que disputavam o mercado – Diários Associados [com dois jornais: *Diário de Notícias* e *Estado da Bahia*], *A Tarde*, *Jornal da Bahia, Jornal do Brasil, Estadão, Globo, Rádio Excelsior, Rádio Cruzeiro, Rádio Sociedade* – e isso hoje se transformou, quase não há competitividade. Então, nesse aspecto houve retrocesso. O mercado cresceu em outra direção – de assessorias, consultorias, empresas de Internet, marketing político. Foi o caminho da sobrevivência.

Pelas suas observações, o que o senhor diria sobre o envolvimento dos profissionais nos veículos de comunicação daquela época?
Tasso Franco – O profissional de comunicação deve ter bem claro na mente que não é o dono do negócio. Todos aqueles que confundiram as bolas se deram mal.

Existia violência contra os jornalistas naquela época? Cite exemplos.
Tasso Franco – Na época do movimento estudantil pós 64 havia repressão

generalizada e os profissionais da comunicação também caíam no pau. São também notórios alguns casos que ocorreram (e ainda acontecem) no interior.
A questão da impunidade ao longo dos anos aumentou ou estagnou?
Tasso Franco – Aumentou. Ninguém conhece casos que tenham sido plenamente resolvidos e pessoas condenadas pelos crimes que cometeram.

Existia assédio moral aos jornalistas naquela época aqui na Bahia? E hoje, o senhor acha que muitas coisas mudaram?
Tasso Franco – Desconheço esses casos de assédio moral. O que há, e sempre houve, são os jabaculês que correm solto na imprensa, ontem e hoje e amanhã.

O senhor concorda com a exigência do diploma para exercer o jornalismo?
Tasso Franco – Acho que deve existir a exigência. Quando comecei na *Tribuna da Bahia*, a metade da redação era constituída por estudantes de Direito. Hoje, todos são advogados. E, nós, jornalistas. Então porque não acabam com o diploma de Direito?

Poderia fazer um panorama das escolas de Comunicação da Bahia e dizer a contribuição que deram para o desenvolvimento dos profissionais da área?
Tasso Franco – Houve mudança para melhor. Na minha época, no início [1968], havia um curso de Jornalismo na UFBA e depois passou a ser Escola de Biblioteconomia e Comunicação e depois Escola de Comunicação. O curso era teórico, com professores, na maioria dos casos, sem preparo para ensinar. Hoje, pelo menos na UFBA, a situação melhorou bastante. Há mais prática, mais discussão, mais laboratórios e isso é importante. De toda forma, como em qualquer outra profissão, aprende-se mesmo é nas redações, na prática do dia-a-dia.

A atuação de alguns profissionais no período da ditadura interferiu de alguma forma no Jornalismo?

Tasso Franco – Sem dúvida. Havia gente infiltrada nas redações. Mas foi uma situação localizada, periódica. Os fundamentos do Jornalismo, da ética, de apuração da notícia, da verdade, prevaleceram.

O senhor participou de algum evento na época da ditadura?
Tasso Franco – Vários eventos. Era secretário de redação da *Tribuna da Bahia* nos anos 70. O censor ia diariamente ao jornal cortar matérias. Passou a ser uma rotina. Os jornais da Bahia não tinham a importância dos veículos do sul. A ditadura durou muitos anos e participei de várias manifestações, passeatas, comícios pelas Diretas etc. Sempre como participante e não como liderança.

As décadas de 1960 e 1970 são muito identificadas como o Jornalismo boêmio. Você fez parte desse Jornalismo? Conheceu alguém dessa época?
Tasso Franco – A boêmia estava associada ao Jornalismo, às redações. Saíamos diretamente da redação do *Jornal da Bahia*, na Barroquinha, para os bares e boates da noite. Havia o Varandá, de Sandoval do Bandolim, no Pau da Bandeira, com a presença do violonista João da Matança, todas as noites. Havia o Tabaris, a boate de Jaime, o Meia Três (a casa de número 63 na Ladeira da Montanha). A vida mundana estava associada à prostituição, às casas noturnas que faziam sucesso na época – Melancia, Maria da Vovó, entre outras. Saí muitas noites com Rafael Pastore – já falecido – e Raimundo Machado. Não havia interferência na vida profissional. As coisas aconteciam normalmente após o fechamento das edições. As aventuras se limitavam às madrugadas e naquela época podia-se parar os carros, com tranqüilidade, no centro da cidade, na Ladeira da Montanha, nos becos adjacentes à rua da Ajuda e na Ladeira da Praça. Não havia assaltos à mão-armada nem coisas do gênero. E a vida noturna era barata, além de conceder a "pendura", o fiado para pagar no final do mês. Tudo isso acabou.

Quais foram os grandes jornalistas da época em que você iniciou?
Tasso Franco – Os grandes jornalistas da época foram Jorge Calmon, João Carlos Teixeira Gomes (Joca), Florisvaldo Matos, entre outros. Eram experientes, orientavam bem os *focas*, conheciam a história da Bahia, dirigiam bem seus jornais.

Como você descreveria o profissional Tasso Franco?
Tasso Franco – Um profissional dedicado, persistente, pronto para enfrentar qualquer parada. Nunca fui um jornalista de grandes reportagens, furos etc até porque nosso mercado é bastante limitado.

Na sua opinião, o que falta para o Jornalismo nos dias de hoje?
Tasso Franco – Faltam empresas na Bahia dispostas a investir no Jornalismo. Os profissionais existem, mas as empresas são carentes.

O senhor acredita que a Internet é um novo desafio para a comunicação?
Tasso Franco – A Internet é um complemento extraordinário para a profissão, especialmente para a pesquisa. Não significa novo desafio. Aliás, quando inventaram a TV disseram que o rádio estaria com os dias contados – e não foi isso que aconteceu; o mesmo se falou do computador que traria o fim do papel – e o consumo de papel aumentou. A Internet veio para ampliar os negócios, melhorar as relações do mercado etc. E não para desafiar nada.

Quais as empresas em que você já trabalhou?
Tasso Franco – *Jornal da Bahia, Jornal do Brasil, Tribuna da Bahia, A Tarde, Diário de Notícias*, Bahiatursa, Telebahia, Prefeitura de Salvador, e numa dezena de outras como repórter *free-lancer* – *Estadão, Veja, Globo*, Governo do Estado, e nas agências de publicidade Propeg, DS-2000 etc.

Impressão de acabamento
Empresa Gráfica da Bahia
Inaugurada em 1915